



As Crônicas de Lisboa: Amor e Guerra no Nascimento de Portugal

Daniel Huang

Table of Contents

1	O nascimento de um reino	4
	Apresentação de D. Afonso Henriques	5
	Origem aristocrática de D. Afonso Henriques	7
	Contexto histórico das invasões mouros	10
	A busca por unificar as terras portuguesas	11
	A liderança de D. Afonso Henriques nas batalhas	13
	Apresentação de Isabel de Trastâmara	14
	A vida de Isabel em meio aos conflitos	16
	Objetivo de D. Afonso Henriques em se tornar o primeiro rei de Portugal	18
	Conquistas territoriais iniciais e a resistência das forças mouros .	20
	O papel de Alfonso de Azevedo, conselheiro de D. Afonso Henriques	22
2	Um encontro inesperado	24
	Preparativos para negociações de paz	26
	O primeiro encontro de Isabel e Amir	28
	A conexão imediata entre dois mundos opostos	29
	Compartilhando segredos e sonhos	31
	A relutância de Isabel em confiar em Amir	33
	A admiração e fascínio de Amir por Isabel	35
	O perigo crescente da guerra ao redor	37
	A possibilidade de um amor impossível	38
	A primeira despedida entre Isabel e Amir	39
	Decisão de manter contato às escondidas	41
	O despertar de sentimentos entre Isabel e Amir	43
3	A paixão proibida	46
	Primeiro encontro de Isabel e Amir	47
	A atração crescente entre os protagonistas	49
	Encontros secretos no castelo de Torres de Almourol	51
	Conflitos internos de Isabel e Amir	53
	A descoberta do relacionamento por Beatriz	56
	O amor proibido ameaçando lealdades políticas	58

A conexão emocional entre Isabel e Amir, fortalecendo a aliança entre Portugal e os mouros	60
4 Conquistando territórios	63
Expansão militar	65
Estratégia dos castelos	67
Batalhas marcantes	69
O papel das alianças	71
A captura de cidades estratégicas	72
Conquistando a lealdade dos senhores locais	74
Adaptação às táticas mouras	76
D. Afonso Henriques como líder nas batalhas	79
O crescente poder e reconhecimento do Reino de Portugal	81
A influência de Isabel e Amir na guerra	82
5 Alianças e traições	85
Pacto secreto entre Isabel e Amir	87
Diplomacia arriscada de D. Afonso Henriques	88
A traição do nobre Estêvão de Sousa	90
Acordo de paz entre cristãos e mouros	92
Conspiração inesperada: Hassan al - Fadil e Alfonso de Azevedo	93
Perigo e suspeitas na Fortaleza de Torres de Almourol	95
Dilema de lealdade: Fernando, o Bravo e Beatriz de Lara	97
Revelação e consequências do segredo de Isabel e Amir	99
6 O peso da coroa	102
As responsabilidades reais	104
A lealdade questionada	105
O desafio da liderança	107
A expectativa do povo	109
A batalha interna de D. Afonso	111
A influência de Isabel e Amir	112
A busca por aliados internacionais	114
O prelúdio à promessa de paz	116
7 A promessa de paz	119
Tentativa de trégua	121
Negociações diplomáticas secretas	123
D. Afonso Henriques e Hassan al - Fadil se encontram	125
Isabel e Amir são escolhidos como diplomatas	128
Missão de paz arriscada	130
Desconfianças de ambos os lados	132
Diálogos intensos e emocionantes	134
Cresce a esperança de paz	136
Impasse e decisões difíceis	138
Compromisso alcançado, ainda que temporário	140

8	Desafios políticos e dilemas morais	143
	Conspiração no castelo	145
	Diplomacia com os mouros	147
	Casamentos para alianças políticas	149
	Escalada da guerra religiosa	151
	Lealdade questionada de Isabel	153
	Revelação do amor proibido	154
	D. Afonso enfrentando um dilema	156
	Aliança inesperada entre Portugal e mouros	158
	O peso das decisões difíceis	160
9	O cerco de Lisboa	163
	Preparativos para o cerco	165
	Desafios e estratégias de D. Afonso Henriques	167
	A vida em Lisboa sob o cerco	169
	O dilema de Isabel e Amir	171
	A descoberta de seu segredo por D. Afonso Henriques	173
	Usando a relação de Isabel e Amir para vantagem de Portugal	174
	A lealdade à prova no campo de batalha	176
	Decisões difíceis e sacrifícios	178
	O resultado do cerco e o destino de Isabel e Amir	180
10	Decisões difíceis	183
	A intensificação do cerco de Lisboa	185
	Confronto com as crescentes dúvidas morais	187
	D. Afonso Henriques questiona a lealdade de Isabel	190
	A hesitação de Amir na luta contra seu coração e seu povo	192
	Revelações de traições e manobras políticas	194
	A difícil decisão de Fernando, o Bravo, em manter ou trair seu amigo	195
	O dilema de Beatriz entre revelar o segredo de Isabel ou proteger sua amiga	197
	O enfrentamento de Estêvão de Sousa quanto a desafiar D. Afonso Henriques	200
	A confrontação de Hassan al - Fadil com as realidades da guerra e suas consequências	201
	A escolha dolorosa de Madalena da Silva entre salvar a vida de um inimigo ou deixá - lo perecer	203
	Isabel e Amir confrontam seus sentimentos um pelo outro e a necessidade de sacrificar seu amor	205
	As decisões finais que moldam o destino de Portugal e seus personagens principais	207

11 Enfrentando as consequências	210
Revelação Perigosa	212
Sentimentos Divididos	214
A Prova de Lealdade	216
O Sacrifício de Isabel	217
A Desconfiança de Amir	219
O Ultimato de D. Afonso Henriques	221
O Confronto entre Rivalidades	223
A União Secreta	226
A Esperança na Reconciliação	227
A Traição Inesperada	229
Decepções e Reflexões	231
12 A batalha final	234
Preparação para o confronto decisivo	236
Alianças inesperadas	238
Estratégias de batalha de D. Afonso Henriques	240
Amir e Isabel apoiando secretamente ambos os lados	242
A chegada da batalha decisiva	244
Momentos heroicos e perdas devastadoras	246
Confronto entre D. Afonso Henriques e Hassan al - Fadil	248
A revelação do segredo de Isabel e Amir	250
Dificuldades enfrentadas por Isabel e Amir na batalha	252
A vitória portuguesa e o destino dos mouros	254
Sacrifícios feitos em nome da paz e do amor	257
Um futuro promissor para Portugal e a lembrança dos verdadeiros heróis	259
13 As verdadeiras lealdades	261
Momento de reflexão de D. Afonso Henriques	264
Isabel e Amir enfrentam as consequências de seu amor	265
O dilema de Alfonso de Azevedo	267
Beatriz de Lara e sua fidelidade a Isabel	269
A redenção de Estêvão de Sousa	272
A sabedoria de Madalena da Silva em ação	274
Hassan al - Fadil e os ideais de coexistência pacífica	275
O sacrifício final de Isabel e Amir	277
A demonstração de lealdade nacional de cada personagem	279
O reconhecimento das verdadeiras lealdades nas relações entre Portugal e os mouros	281
14 O legado do Leão de Portugal	284
O futuro do Reino de Portugal	286
D. Afonso Henriques como símbolo de unificação e independência	288
O destino de Isabel e Amir após os sacrifícios	290

Reflexões sobre o conflito entre mouros e cristãos	292
O impacto dos dilemas morais nos personagens	293
Crescimento e desenvolvimento de Portugal	295
Legado político, cultural e pessoal de D. Afonso Henriques	297
A busca contínua por paz e coexistência	299
O reconhecimento de Isabel e Amir como heróis improváveis . . .	300
A importância do amor e lealdade na formação da identidade nacional	302

Chapter 1

O nascimento de um reino

Após longos anos de luta e incerteza, o príncipe Afonso Henriques finalmente conquistara a tão almejada independência para as terras que, desde então, passariam a compor o Reino de Portugal. A notícia de sua conquista espalhara-se como fogo pelo pequeno e recém-formado reino, acendendo o orgulho e a devoção de seu povo. Mas embora a vitória tivesse sido grandiosa, as batalhas e as dificuldades não estavam ainda completamente no passado. Divergentes interesses e inimizades históricas continuavam a testar a liderança do jovem e perspicaz rei.

Em um momento de aparente tranquilidade, D. Afonso Henriques encontrava-se no grande salão do castelo de Guimarães, repousando e esperando seus conselheiros aparecerem para debater sobre os rumos a serem traçados para o novo país. Diferentemente do que esperava, contudo, os conselheiros não foram os primeiros a entrar pelos portões majestosos do salão. Enfrentando uma força desconhecida ao abrir as portas, era uma jovem nobre que agora se apresentava a ele: Isabel de Trastâmara.

Isabel era uma mulher de beleza encantadora, porém, seu olhar intenso revelava um espírito forte e corajoso. Em seu peito, o coração pesava pela sombra das batalhas que presenciara e dos sacrifícios que fizera. Determinada e confiante, ela caminhou até o rei, disposta a mostrar sua lealdade às terras portuguesas e dar a ele seu conselho mais sincero.

A voz suave de Isabel ecoou pelo salão, quebrando o silêncio austero do recinto: "Meu senhor, peço-lhe que me escute. Vejo em nosso reino uma nova luz, um futuro próspero, onde podemos viver em paz e harmonia. No entanto, sei que não podemos permanecer inertes sob o medo da guerra e

da invasão. Proponho a Vossa Majestade que firmemos frente aos nossos inimigos, firmando alianças e unindo nosso povo sob o estandarte da fé e da coragem”, concluiu ela, olhando para D. Afonso Henriques com a certeza serena de alguém que pressentia uma verdade urgente.

O rei, impressionado com a perspicácia e franqueza da jovem, demorou alguns instantes para responder. No entanto, a pergunta que lhe pesava não era outra senão a que escapava das profundezas de seu coração. “Minha querida Isabel, vejo em teus olhos o resplendor de glórias futuras e a bravura das batalhas passadas. Diga-me, em toda a tua sabedoria, se crês que a paz pode ser uma realidade tangível? Creio que nossa luta foi justa e necessária, mas será que é possível viver sem a sombra da morte pairando sobre nossas cabeças?”

A pergunta pegou Isabel desprevenida. Selava-se no impulso de lhe responder que a paz era apenas uma ilusão, que a vulnerabilidade era uma inevitabilidade. Mas ela sabia que o reino precisava de algo mais do que somente a mera resistência, precisava de esperança. Engolindo o temor, ela respondeu assim mesmo: “Paz é como a luz que brilha nas trevas; torna-se mais clara e intensa à medida que a escuridão se afasta. Acredito, meu senhor, que a paz é possível, mas somente se continuarmos a lutar por ela, superando o medo e o ódio que nos dividem.”

Os olhos de D. Afonso Henriques encontraram os de Isabel com uma mistura de admiração e inquietação. Isabel, por sua vez, manteve seu olhar firme e desafiador, mostrando-se pronta para enfrentar com coragem, todos os desafios que o destino lhe colocasse. Fosse na proteção de seu povo, no enfrentamento dos inimigos antigos ou na busca pela paz, a chama de Isabel queimava com uma força que ninguém poderia apagar. E ali, naquela sala abismada pelo silêncio, D. Afonso Henriques soube que encontrara em Isabel de Trastâmara uma aliada inestimável, uma companheira que compartilharia com ele um sonho em comum: o nascimento de um grande reino.

Apresentação de D. Afonso Henriques

O crepúsculo hesitava, como se a liberdade não devesse ainda repousar nos ombros do recém-coroadado rei. Era como um silêncio sussurrante carregado pelos ventos entre os altivos pinheiros e videiras que vigiavam serenamente

as colinas verdejantes dos campos lusitanos; estendendo-se desde o norte, onde turbilhões cinzentos e frios de nuvens morgadas abraçavam o monte Penha e desciam pelos vales verdejantes de Amarante, até os espinhosos contrafortes de Évora. A meio caminho desta matéria, D. Afonso Henriques cavalgava entre dois mundos, entre dois sonhos.

Embora sua mãe, a rainha Teresa, fosse filha do célebre Afonso VI de Leão e Castela, e seu pai o duque da Borgonha, seu rosto denunciava um traço nobre além do sangue que corria em suas veias. Os olhos castanhos de D. Afonso possuíam o vigor e a determinação das águas de um rio indomável, enquanto sua barba crescia feito o emaranhado de um bosque selvagem e inexplorado, um reduto de mistérios e enigmas que desafiavam a coragem dos homens e o fascínio das mulheres.

E à medida que o sol declinava no horizonte, recolhendo-se entre os montes e os vales como um animal exausto, a figura de D. Afonso que emergia do poente desprendia-se do berço da natureza em obediência ao imperativo da guerra. Representava ele o cume de um antigo propósito, do qual emanavam sombras temíveis que medravam e conspiravam nas regiões sombrias da Terra, como os amaldiçoados mouros que manchavam as mãos de sangue e fomentavam o caos em nome da fé e da glória.

Todavia, no peito de D. Afonso Henriques batia um coração que a despeito dos rigores bélicos, dos fragores e dos combates, continuava a pulsar em sintonia com as lamúrias e os clamores de seu povo. A luta pela coroa não apenas unificava as terras de um reino fraturado, como desse seu legado solitário erguia-se a promessa de um futuro livre e soberano. O ímpeto do primeiro rei de Portugal ia então além do poder e da majestade, pois na raiz de sua ambição jazia o sofrimento e a angústia de suas gentes, que por sua vez o aclamavam como redentor, guia e protetor.

Em meio ao crepúsculo e à névoa que se cerrava suave sobre o caminho acidentado, o cortejo que acompanhava o rei nas últimas horas daquele dia sombrio trazia em seu silêncio um peso como o de um hálito de morte. Sabiam que, embora a liberdade e a paz fossem objetivos nobres e justos, o caminho que percorriam na busca por essa nova aurora enlaçava-se em espirais de ira e ruína. Contudo, eram leais e determinados a dar suas vidas pela coroa, pela honra e pela prosperidade de um país que nem mesmo existia ainda, mas que lhe sorria no horizonte como uma miragem encantadora e sedenta de verdade.

A noite se arrimava na extensão do céu, espreitando a faina dos homens indiferente à gradação e à condição de cada um, às vitórias e às derrotas, às esperanças e aos temores que pesavam e levitavam em suas almas. Entre tantos rostos célebres e anônimos, heróicos e desprezíveis, somente os olhos do rei permaneciam fitos nas trevas em busca da paz e da redenção que só a solidão e a meditação permitiam vislumbrar.

E enquanto um coro de cigarras compartilhava o silêncio noturno e as estrelas despiam - se de sua timidez para enfeitar a abóbada celestial, D. Afonso Henriques contemplava a imensidão do futuro que se desenrolava sob o manto cintilante da noite. Era como se através daquele amontoado de pontos luminosos e remotos brilhassem não apenas o passado glacial de um cosmos em eterna luta, mas também o fecundo legado da vida e do reinado de um líder à procura de um destino justo, misericordioso e redentor.

O sol já se havia recolhido ao repouso quando, enfim, o portão de Guimarães se abriu com um rangido solene e retumbante, denunciando um convite ao mistério e à revelação. Os olhos de D. Afonso brilhavam refletindo o luar, como se preparassem o rei para enxergar através das camadas obscuras que encobriam seu coração e seu espírito. Havia um início e um fim, um começo e um retorno, um encantamento e uma profecia que faziam o peito do primeiro rei de Portugal arder e palpitar como um farol no oceano, desvendando e atraindo todos os navegantes da Terra em seu destino inexorável.

Com a estreia da noite e a promessa do descanso, D. Afonso Henriques reencontrava - se com as dores e os sonhos que formavam seu reino, com seus aliados e seus inimigos, com suas convicções e contradições que, juntas, eram o combustível e a chama que mantinham vivo o fogo da coragem, da conquista e da ambição. Mas afinal, por quanto tempo teria ele, guerreiro e estrategista, a resistência e a sabedoria necessárias para conduzir seu povo ao alvorecer de um tempo de paz, honra e prosperidade?

Origem aristocrática de D. Afonso Henriques

D. Afonso Henriques cavalgou lentamente pela colina, o vento sussurrando em seus ouvidos como se quisesse dividir com ele os segredos que ele ansiava conhecer. Ele olhava para o horizonte, onde as colinas verdejantes estendiam - se até onde os olhos podiam alcançar, e não pôde deixar de sentir um

arrepio atravessar sua espinha ao pensar no fardo hercúleo que residia sobre seus ombros.

Era o filho do Conde Henrique da Borgonha e da infanta Teresa de Leão, e em seu sangue corria a herança de um legado que muitos acreditavam ser destinado a grandeza. Seu pai havia sido um guerreiro formidável, um homem de ferro e aço que havia lutado bravamente contra os mouros em várias batalhas, incluindo aquela em que morreria em combate, deixando para trás seu único filho, o jovem Afonso.

Afonso Henriques havia crescido ouvindo as histórias de heroísmo e bravura de seu pai e dos antigos reis da península ibérica, homens cujos destinos pareciam se cruzar em um intrincado tapete de ambições e conflitos. E, enquanto escutava essas narrativas, sentia crescer dentro de si o desejo ardente de emular os feitos de seu pai e de seus ancestrais e, quem sabe, superá-los.

A crescente turbulência do mundo ao seu redor, no entanto, só lhe trazia mais dúvidas e incertezas. Seria ele capaz de assumir a responsabilidade que seu nome exigia? Será que conseguiria fazer jus à memória de seu pai e às esperanças de seu povo?

Foi nesse momento em que Alfonso de Azevedo, seu fiel conselheiro, se aproximou silenciosamente, interrompendo os pensamentos do jovem nobre.

"Perdoe-me por interrompê-lo, meu senhor", disse Alfonso, tentando inspirar confiança com sua voz séria e compassiva. "Mas não pude deixar de notar que algo o perturba. Tem a ver com o peso de sua origem?"

D. Afonso Henriques suspirou e desviou o olhar das colinas, fixando-o no rosto enrugado de seu interlocutor.

"Não posso negar", admitiu ele, "que o peso de minha herança às vezes é avassalador. A sombra de meu pai é longa e, enquanto seu sangue corre em minhas veias, sei que terei dificuldade em encontrar meu próprio caminho."

Alfonso de Azevedo, que servira tanto a D. Afonso Henriques quanto a seu pai, entendeu a angústia do jovem e compartilhava de seu sofrimento. Ele estudou o semblante atribulado do herdeiro borgonhês e depois respondeu com firmeza.

"Meu senhor, permita que eu lhe diga algo que talvez ajude a aliviar o fardo que carrega", começou Alfonso, olhando fixamente nos olhos castanhos do futuro rei. "Seu pai, o conde Henrique, não se tornou grande apenas por causa de seu sangue. Ele era, sem dúvida, um guerreiro poderoso, um líder

nato, mas seu verdadeiro legado, a herança que agora recai sobre vós, não está em sua origem aristocrática, mas, sim, na força e na coragem que ele demonstrou ao longo de sua vida.”

Alfonso fez uma pausa, permitindo que suas palavras ecoassem no coração de D. Afonso Henriques. Depois continuou.

”Veja, D. Afonso, que nem os nobres mais reverenciados carregam em si as promessas de um futuro grandioso apenas por terem nascido com o sangue dos reis e dos heróis. Todos têm de trilhar seus próprios caminhos, com seus próprios pés, e lutar por aquilo que acreditam ser justo e correto. Não é o sangue que vale, mas a firmeza de caráter, o amor ao seu povo e a justiça.”

D. Afonso Henriques absorveu as palavras de seu sábio conselheiro, e uma nova convicção cresceu em seu peito, alimentada pela energia e determinação que sempre o acompanharam. Ele endireitou seus ombros e ergueu o queixo, olhando novamente para o horizonte, onde o sol começava a se pôr, tingindo os campos de uma luz dourada.

”Sabe, Alfonso”, disse ele, o fogo da paixão e da determinação reacendendo-se em seus olhos, ”talvez você esteja certo. Talvez eu devesse parar de me preocupar com minha origem e, ao invés disso, me concentrar no que posso fazer por meu povo e minha terra.

”Talvez”, ele continuou, a voz carregada de esperança e propósito, ”eu possa realmente criar um reino forte e unificado, onde a paz e a prosperidade sejam mais importantes do que o sangue nobre. E, quem sabe, talvez eu possa vir a ser lembrado, não como aquele que carregou o estigma de sua origem aristocrática, mas como o fundador e guia de um reino próspero e justo.”

Alfonso de Azevedo sorriu, satisfeito ao ver o brilho nos olhos de D. Afonso Henriques e a determinação que emanava de sua postura e de suas palavras. Ele sabia que esse jovem nobre tinha o potencial de se tornar um grande rei, e se encheu de esperança ao perceber que, por mais que os desafios fossem muitos e as dificuldades imensas, o coração valente do futuro monarca estava determinado a enfrentá-los e vencê-los.

E, assim, enquanto o sol mergulhava lentamente no horizonte, tingindo os céus de dourado e carmim, D. Afonso Henriques começou a alimentar a chama da coragem e da ambição que lhe permitiria entrar para a história como o primeiro e insuperável rei de Portugal.

Contexto histórico das invasões mouros

No coração do século XII, o sol poente inundava os campos de uma luz dourada e ensanguentada, como se as planícies estivessem gritando seu desespero sob o peso das intermináveis invasões mouros. Por séculos, a Península Ibérica fora o palco de uma sangrenta e incessante batalha entre cristãos e mouros, que lutavam incansavelmente pelo controle das terras ricas e pela primazia de suas culturas e religiões.

Tal era o terror das invasões que o nome mouro havia se tornado sinônimo de um pesadelo ancestral, o espectro que apavorava os vilarejos e as cidades à noite, o joio que ameaçava a seara alheia. E, embora houvesse sempre uma continuidade nas mudanças históricas, as invasões mouros pareciam não conhecer nenhuma fronteira, nenhum limite, nenhuma pausa.

”Temos de reforçar nossas muralhas e vigiar nossas fronteiras com mais atenção”, disse Alfonso de Azevedo enquanto ele e D. Afonso Henriques observavam, do alto das ameias, a destruição causada por um recente cerco mouro. As marcas da guerra estavam por toda parte, desde o fogo que consumira os campos até os corpos mutilados de homens, mulheres e crianças, vítimas da brutalidade dos invasores.

”Concordo”, respondeu D. Afonso Henriques, sua expressão sombria e determinada. ”E não só reforçar as defesas, mas dar exemplo aos outros condados e reinos nesta península. Devemos nos apresentar como um baluarte contra os mouros, uma nova potência herdeira das tradições de Leão e Castela. Se fizermos isso, meu amigo, poderemos vislumbrar a esperança de construir um reino novo e forte.”

Alfonso de Azevedo sorriu. ”Estou certo de que, sob sua liderança, isso será possível.”

Nesse instante, um estafeta apressado aproximou-se dos dois homens, interrompendo os planos em gestação. ”Perdoe-me, meu senhor”, exclamou o jovem mensageiro, sua voz ofegante ecoando na lua que agora se erguia no firmamento. ”Temos notícias recentes do sul: os mouros capturaram outra cidade importante nas proximidades.”

O semblante de D. Afonso Henriques endureceu, mas sua voz era firme e decidida. ”Então devemos agir sem demora, meu caro Alfonso. Vamos reunir nossos aliados e convocar nossas tropas. A luta está apenas começando, e cada novo desafio nos trará mais perto da vitória.”

Com isso, os homens se retiraram das ameias e se dirigiram à sala de planejamento do castelo, onde decidiriam o curso de ação a seguir.

Enquanto isso, a alguns quilômetros dali, no Mosteiro de Santa Clara, Isabel de Trastâmara encontrava-se em seu pequeno quarto, admirando a paisagem ensanguentada através das estreitas frestas de pedra que lhe serviam de janela. Embora a notícia das invasões mouros a afligisse, ela também sentia em seu coração um estranho fascínio pela batalha e pelos homens que a travavam.

Ela pensou em D. Afonso Henriques e, apesar de não o ter conhecido pessoalmente, imaginava-o como um líder nobre, corajoso e honrado, alguém a quem poderia seguir e se dedicar.

“Minha amiga”, sussurrou Beatriz de Lara, plumas rubras deslizando como lágrimas entre seus dedos, “já não podemos mais ignorar o que se passa lá fora. É nossa responsabilidade, como cristãos e nobres desta terra, fazer todo o possível para garantir a deter as invasões e defender nosso legado.”

Isabel assentiu lentamente, uma nova chama de determinação acesa em seus olhos. “Você está certa, Beatriz. O momento de ficarmos em silêncio e escondidas já passou.”

E, enquanto o crepúsculo se transformava em noite, os corações e as mentes do povo da península ibérica se uniam no combate aos mouros e na perseguição de um futuro em que, finalmente, a paz e a justiça poderiam triunfar sobre a guerra e a opressão.

A busca por unificar as terras portuguesas

O sol poente do século XII tingia os campos e planícies lusitanos com um fulgor melancólico, como se as ricas e verdejantes colinas entendessem o desespero que se vivia naquelas tainhas terras. Para o jovem rei D. Afonso Henriques, aquele crepúsculo melancólico era tanto externo, coroado pelas chamas das terras ocupada pelos mouros, quanto interno, marcando seu coração com chagas de dúvida e dor. Sabia que em sua cruzada pela libertação do reino português, cada batalha sangrenta travada contra Mouros, cada cerco ganho ou perdido, e cada aldeia resgatada ou abandonada, era uma espada de dois gumes que cortava seu já fragilizado coração.

Naquele entardecer sombrio, Afonso Henriques encontrava-se parando a

poderosa montaria à margem de uma colina, da qual podia avistar guerreiros e trabalhadores das terras aráveis a perder de vista, todos juntos em um esforço para fortificação e prosperidade de seu reino. No entanto, uma pergunta atormentava o soberano; será que seu objetivo era unificar Portugal somente para libertar o país do jugo dos mouros e restaurar a ordem e a justiça ou havia algo mais profundo em seu coração que guerreava contra seus ideais de unificação?

Foi nesse momento que Alfonso de Azevedo, seu leal conselheiro, surgiu por trás de uma moita próxima, seu rosto enrugado pela idade, mas sempre atento e preocupado com seu rei e amigo. Aproximou - se de D. Afonso Henriques e, com uma reverência, disse:

”Meu senhor, vejo em vosso semblante uma tempestade que assola vossa alma. Conte - me, o que aflige vosso coração?”

O rei, sem se virar, fitando o horizonte banhado pela luz do sol poente e das labaredas projetadas do que um dia foram florestas verdejantes, respondeu reservado:

”Meu grande amigo Alfonso, embora meu desejo seja o da unificação de nossas terras portuguesas, temo que a vontade suprema de meu coração seja outra. Desejo, sim, arrancar o jugo mouro que há tanto tempo nos oprime, mas também anseio em mostrar ao mundo que Portugal é uma nação a ser sempre lembrada, uma nação cujo passado resplandecerá por todo o futuro.”

Silencioso por alguns instantes, Alfonso ponderou a confissão de seu rei e, tão sábio quanto compassivo, respondeu:

”Entendo vossa hesitação e talvez saiba guiar - vos, meu senhor. O que deveis saber é que um reino, tal qual como uma pessoa, não pode ser formado unicamente por sangue e ferro. Há algo mais, algo mais profundo e indestrutível que dá a verdadeira essência de seu ser: a união de seus povos. Será esta união que libertará Portugal e erguerá o reino grandioso que tanto anseias. Não será apenas pela espada que fareis história, mas também elevando sua gente através da compaixão e do amor.”

Ao ouvir as palavras sábias de seu conselheiro, D. Afonso Henriques sentiu seu coração leve, como se toda a angústia que o afligia tivesse sido lavada pelas palavras de Alfonso de Azevedo. Naquele instante, compreendeu que a verdadeira razão para a unificação das terras portuguesas não deveria ser baseada apenas na conquista e no poder, mas na construção de um país onde os povos viveriam unidos sob a bandeira da fraternidade.

D. Afonso Henriques então respirou profundamente e, com os olhos firmes no horizonte encharcado de dourado e sangue, disse:

”Agradeço - vos, amigo Alfonso, por me guiar em meu caminho. Daqui em diante, juro que, junto com a liberdade alcançada com minha espada, dedicar - me - ei a fortalecer a união entre nossos povos. Seremos uma nação que, mesmo cercada - pelas tempestades da guerra, terá sua chama inabalável acesa pela fraternidade entre nossos irmãos, queimando por toda a eternidade.”

E com esse juramento em seu coração ardente, D. Afonso Henriques, o Leão de Portugal, estava pronto para enfrentar os sangrentos desafios que o aguardavam, não apenas como um líder, mas como o farol de esperança e força para seu povo, unindo as terras portuguesas em uma nação que se elevaria da escuridão da guerra e triunfaria, banhada pela luz da liberdade e da fraternidade.

A liderança de D. Afonso Henriques nas batalhas

D. Afonso Henriques desceu de seu cavalo, os olhos fixos no campo de batalha ainda fumegante. Os gritos, o metal contra metal e o som das armas já haviam cessado, dando lugar a um silêncio angustiante. Ele não se permitia abalar pela devastação a sua volta e pela perda de seus homens, mas sim pela urgente necessidade de vingar o sangue derramado de seus companheiros e pela vontade imperturbável de conquistar a liberdade e a independência de seu povo.

Meses atrás, quando a batalha de São Mamede havia ocorrido, D. Afonso Henriques consolidou sua posição como o grande líder português que desafiava os imponentes e opressivos mouros. Agora, uma decisão ainda mais crucial pairava sobre sua cabeça - a decisão de liderar seu exército para enfrentar um inimigo que apenas aumentava em poder e violência, em território hostil e repleto de riscos.

Seus homens o observavam em silêncio, a tensão em seus rostos marcados pelo cansaço e pela tristeza. Mas, em meio a esse desespero, um brilho renascia em seus olhos. O brilho da luta, da coragem e do sonho compartilhado de aclamar seu legítimo rei e de suas terras. Porque D. Afonso Henriques não apenas liderava com a espada e o escudo, mas também com seu coração indomável, pulsando por justiça e por liberdade.

O arcoíris de emoções pintava o rosto de cada soldado conforme eles se ajoelhavam perante seu líder. Eram homens de todas as idades, desde os mais jovens até os mais experientes, na linha de batalha, mas todos com uma missão única: lutar pela libertação de Portugal.

D. Afonso Henriques ergueu a voz, confiante e autoritária, enchendo o ar com sua determinação e convicção.

”Meus irmãos! Hoje, estivemos frente a frente com a morte! Hoje, lutamos bravamente nas asas do destino! Enfrentamos um inimigo cruel e implacável, mas jamais nos renderemos à tirania! Hoje, unidos por nossa causa, por nosso sangue e por nossa terra, vamos pelo caminho da vitória! Precisamos mostrar ao mundo que somos uma nação a ser reconhecida. Pela fé e pela glória!”

Os soldados ergueram seus arcos e espadas, seus escudos e lanças, respondendo ao chamado de seu líder, com um unísono retumbante que ecoava pela colina e além.

Vendo a reação de seu exército, D. Afonso Henriques soube, naquele momento, que seu dever ia além de sua própria vida e de seu título de nobreza. Ele carregava o peso de um reino nas costas, a esperança de um povo que acreditava nele - que confiava nele. E essa terrível responsabilidade se convertia em bravura e em amor, um reflexo assombroso da entrega à causa que unia cada homem e mulher sob a bandeira da cruz de Cristo e das quinas portuguesas.

”Avante, soldados! Sigamos para tomar os castelos e cidades que nos pertencem! Mostremos a esses mouros que Portugal não se curva diante da opressão! Com a benção de Deus, venceremos! Com a benção de Deus, conquistaremos! Com a benção de Deus, seremos livres!”

E, assim, D. Afonso Henriques, o leão de Portugal, liderou sua legião de guerreiros rumo ao raiar de uma nova era - uma era em que meu país dividido se uniria sob a coroa de um homem que amava seu povo como se fossem sua própria vida e se tornaria forjado em sangue, suor e honra.

Apresentação de Isabel de Trastâmara

A poesia da vida delimitada pelas muralhas do Mosteiro de Santa Clara era repleta de nuances, de silêncios e de ansiedades amainadas, comprimidas sob a superfície de um cotidiano refreado. Isabel de Trastâmara, filha da

nobre linhagem, cresceu entre beatas e piedade, aprendendo respostas para perguntas que nunca havia feito. Tinha aquele olhar penetrante que busca desesperadamente uma saída, um horizonte maior do que a paz resignada que se estendia como um manto árido sobre os campos interiores dos mosteiros.

O sol que banhava os arredores do convento pincelava cores vivas nas lajes do jardim, raios frios e brilhantes se refletiam sobre as pedras, e as sombras das rosas tremiam ali com o vento. Os corredores, as enfermarias, as salas em que as beatas compartilhavam com respeito circunspecto a rotina comunitária, tudo compunha um retrato sereno, idílico. Era num desses espaços do Mosteiro, repleto de silêncios, que Isabel escapava das leituras feitas em voz alta, das preces murmuradas, das aulas de costura e tapeçaria, para alimentar a sombria chama que ardia em seu coração.

No austero jardim do Mosteiro, formigas trabalhavam incansavelmente transportando as migalhas de seu almoço. A cada passo, pequenas criaturas eram esmagadas, avaliadas por aquele olhar que exigia justificativas para a existência humana. Isabel se deitava no gramado e sua respiração se mesclava aos ritmos dos corpos miúdos que a cercavam. Ali, a sua alma inquieta encontrava alguma forma de consolo na natureza turbulenta e indiferente. Seu pensamento vagava por mundos e cenários que jamais poderia vislumbrar, tocava a saudade de terras e épocas aos quais nunca pertenceu, fugia dos vastos salões de oração e suplício onde a fé logo assimilava em todos os músculos do corpo uma rigidez dolorosa, paralisante.

”Isabel!”, chamou Madre Brígida, sua voz operando milagres ao ressuscitar fantasmas que o dia conseguia adormecer mas não aniquilar. As freiras estavam reunidas no refeitório, ouvindo outra carta do rei D. Afonso Henriques. A missiva contava as façanhas em Guimarães e exprimia uma gratidão sincera por suas muitas preces. ”Venha, ouça as notícias que o irmão Gualdim trouxe.”

As palavras da carta pareciam crescer e tomar vida à medida que eram lidas em voz pausada; a voz da senhora das sacristias, que falava do coração dos homens e de um amor maior. Embora tivesse convivido alguma parte de sua vida nesse convento, as letras ornadas nelas pareciam tão distantes do mundo que habitava e da mulher misteriosa que o escrevera, que era como se fizessem parte de uma triste comédia, uma longa história rimada sobre a futilidade das angústias humanas. Madre Brígida estava ressonando na cama quando Isabel tocou o pergaminho na penumbra das velas vermelhas.

Parecia ter alguma vida, como se aquelas palavras fossem se avermelhar no chão cor de sangue coagulado, espalhando a violência e a morte que reinava lá fora, nos campos onde os corpos dos guerreiros de ambos os lados estavam amontoados e despojados de seu sangue, seu alento, sua alma. Sua quente testa descansava sobre o pergaminho e lhe dava a afeição que nunca recebera das rosas que via borradas em luz e escuridão na parede da sua cela.

Imaginação é um predicado perigoso, e o fruto proibido da fantasia ainda mais. Criam escarpas e abismos, produzem revoadas de pássaros a travar uma batalha sanguinolenta no céu repleto de nuvens negras, rasgam sonhos e esperanças, destino, poesia e mágoa. A cela de Isabel estava repleta de sombras e de silêncios que se acorrentavam em angústia e revolta, e o passeio ecoa alguma emoção que presumia - se extinta nas horas sofridas dedilhando trevas e risos fugidios.

Talvez a correlação implacável entre o terror das batalhas e a serenidade submissa das preces fosse o peso que a impossibilidade de sua plena compreensão carregava sobre os corações dos humanos. Isabel já não tinha mais idade para as travessuras impulsivas e de alcance limitado de uma criança desobediente, mas ainda guardava trancados na sombra recessiva de uma alma dividida, o anseio por aquele mundo em que o medo ainda não havia usurpado o trono dos sonhos.

A vida de Isabel em meio aos conflitos

A vida em meio aos conflitos, entre ciladas e batalhas e poderosos inimigos, temperava o espírito e testava a fé nessas horas do véu que divide os que resistem e os que tombam. As forças tenebrosas e poderosas afiavam suas espadas, esgueiravam - se furtivas da tranca das contendidas e alçavam danças funerárias, enlaçando seus guerreiros em serenos prantos e desordenados lamentos de dor e desespero.

Em um dos raros momentos de paz, durante as tréguas que permitiam que os exércitos recuperassem suas forças e lickssem suas feridas, Isabel aproveitou seu tempo na biblioteca do mosteiro, imersa em pergaminhos e iluminuras, que lhe permitiam escapar de sua realidade e mergulhar nos mundos distantes e desconhecidos. Lá, buscava encontrar algum sentido na destruição que assolava sua terra e seu povo.

As horas se estendiam, eternidades fora do tempo, sem um eco, e quando Isabel levantou - se para partir, o crepúsculo tingia o céu com desespero e lutas sufocadas, e as sombras colidiam abruptas, como numa batalha amaldiçoada. Sem perceber, se viu a caminho dos limites da segurança que o mosteiro proporcionava.

Uma escuridão absoluta envolvia - a como um manto, um abraço furtivo e maternal que emudecia as vozes sussurrantes da dúvida e da razão. Um sopro frio roçou o corpo trêmulo que se adiantava, a passos vagarosos, ao encontro dos fragmentos de uma realidade que lhe parecia perdida.

Ao fitar o horizonte, cor de bueiro e de ruelas sinistras, extraordinária era a sensação de caminhar através dos umbrais de um pesadelo, um mundo de medo e de angústia em que o reflexo pulsante da vida coexiste com a visão atravessada de fatalidade e destruição. Uma voz obscura a chamava para a escuridão.

Isabel sentiu o ranger das tábuas sob seus pés, o contato áspero das cordas de um antigo barco naufragado na areia, e próximo, o cheiro do mar gélido enfrentando o vento que soprava ferozmente da tempestade vindoura. Nesse extremo limite entre a terra e o céu, entre a dor e o silêncio, seus olhos encontraram os de um homem manto das sombras.

"Pax Domini sit semper vobiscum," ele murmurou em uma voz morna e cheia de súplica, como um náufrago que se agarra ao único vestígio de esperança na imensidão impiedosa do mar.

Isabel aproximou - se hesitante, seus olhos estreitados em desconforto e suspeita, desafiando a si mesma a descobrir a verdade por trás daquela figura enigmática. As vagas memórias dos relatos do mosteiro sobre anjos e demonios, sobre guerreiros celestiais encarregados de proteger suas almas perdidas dos horrores da guerra, assaltaram seus sentidos e questionaram a realidade em que se encontrava.

"Qual é o seu nome?", perguntou ela, em tom débil, mas com olhar fixo nos olhos escuros do homem.

"Sou Mateus, guerreiro português e anjo caído entre os homens, Isabel," ele confessou com um sorriso amargo. "Venho em busca de paz para minha alma e respostas para o inevitável destino que partilhamos neste mar de lutas e traições."

Isabel fixou seu olhar nas sombras que dançavam ao redor de Mateus e sentiu um calafrio lhe percorrer a coluna. Algumas dúvidas se dissipavam

enquanto outras nasciam em seu coração; talvez fosse o momento de enfrentar seus demônios, seus anjos, suas verdades e suas ilusões.

Juntos, caminharam pela praia, entrelaçando destinos e lembranças, desvendando os segredos de suas almas e dissipando os pensamentos sombrios que os assombravam. O abismo entre o mosteiro e o campo de batalha parecia uma eternidade, mas diante daquele homem que compartilhava seu sofrimento e suas esperanças, Isabel sabia que havia encontrado sua verdade, mesmo que fosse apenas um vislumbre passageiro.

Objetivo de D. Afonso Henriques em se tornar o primeiro rei de Portugal

D. Afonso Henriques mirou as estrelas, o olhar distante obcecado pela visão de um reino unificado. Ao seu redor, o acampamento dormia em silêncio inquieto, como se cada soldado pudesse sentir o peso das ambições de seu líder, a brevidade de seu sono prenunciando a violência do despertar. A noite vestia seu manto de sombras e sussurros inaudíveis, e naquele instante, o cheiro do medo, da esperança e do desejo em sua pele penetrava a escuridão que o envolvia.

“Não podemos permitir que a causa se perca”, murmurou Alfonso de Azevedo em tons de admiração e desespero, o olhar espingarda à chama da fogueira. “Os sussurros malignos da dúvida semeiam discórdia em meus pensamentos, como se o próprio demônio envolvesse nossos corações em teias de engano.”

O guerreiro de Boa Memória, como alguns o apelidavam às escondidas, soava áspero e curvado pela idade e experiência. Firme como uma rocha, comandava a sua voz uma autoridade que nascera de anos de lealdade e sabedoria. Ouvir uma tal dúvida nas palavras de Alfonso era algo que perturbava D. Afonso Henriques de sobremaneira.

Afonso Henriques levantou-se, sua presença titânica impondo-se sobre aquela atmosfera crepuscular. “Alfonso”, falou em um tom ríspido, porém com um sorriso compreensivo nos lábios, “como sempre, sua franqueza é um sinal verde na névoa das incertezas. Eu sei que nos deparamos com batalhas inacreditáveis e caminhos tortuosos para chegar aonde estamos, e ainda assim, estamos tão longe de nosso objetivo supremo. Estou determinado a reivindicar o trono que é por direito meu, unindo os magnânimos lordes dos

solares e os valentes guerreiros das montanhas sob um único estandarte.”

Alfonso, com olhos reverentes, mas hesitantes, ousou perguntar, ”Mas, meu senhor, como sabe que poderá alcançar tal façanha, sabendo dos perigos e armadilhas em seu caminho? Como pode ter certeza de que não estamos lutando uma batalha fadada ao fracasso?”

D. Afonso Henriques cruzou os braços junto ao peito, parecendo carregar o peso da coroa sobre os ombros robustos. ”Dúvidas e temores frequentemente rondam nossos pensamentos, Alfonso, e estaria mentindo se dissesse que nunca senti tais sentimentos. Mas, permita-me contar-lhe uma história que reforça minha determinação em unificar Portugal e garantir nossa independência.”

Alfonso acenou com um gesto cheio de ansiedade, compelido a escutar as palavras de seu líder.

D. Afonso Henriques começou, ”Há alguns anos, durante uma das inúmeras batalhas que travável contra os mouros, me encontrei à beira do desespero. As forças inimigas haviam nos cercado e eu me via só entre os mortos e os moribundos. A morte, creio eu, jamais esteve tão próxima como naquele momento.”

”Enquanto arrastava meu corpo ensanguentado pela terra manchada de dor e perda, me deparei com uma estranha flor que crescia entre os cadáveres e a destruição. Entre as ruínas, a vida teimava em continuar. Ao olhar aquela delicada flor, um pensamento iluminou-se em minha mente: se meu reino ainda não era pleno, ao menos devia oferecer ao meu povo um país em que a paz pudesse florescer.”

”Essa visão me deu a força para continuar lutando e, junto aos meus homens valentes, encontrar um caminho a seguir, mesmo quando parecíamos condenados à derrota. E desde então, cada vez que a dúvida e o desespero surgem em minha mente, retorno à imagem daquela flor erguendo - se bravamente no campo de batalha, símbolo da esperança e da determinação que ofereço a meu povo. Acredito que somente com tamanha força de vontade e fé inabalável seremos capazes de construir nosso reino e garantir nossa independência.”

No rosto de Alfonso, a sombra da incerteza cedeu, dando lugar à admiração reverente. ”Perdoe-me por minha hesitação, meu senhor. O poço de sua ambição é tão profundo quanto o oceano e tão alto quanto as montanhas, e o brilho de seu destino cega até mesmo os mais devotos.”

Elevado pelo poder daquela confissão, D. Afonso Henriques clamou para o céu estrelado, "Com o favor dos santos e a coragem de nossos corações, levaremos nosso povo ao umbral do amanhã e faremos ecoar pela eternidade o nome de Portugal!"

As palavras atravessaram o silêncio noturno, rasgando os véus da escuridão e alimentando cada fogueira com raios de esperança e verdade. A voz de D. Afonso Henriques soava de gritos, remorsos, vitórias e fracassos passados, novamente ecoando no frio e, no entanto, abrasador terreno onde tantos haviam tombado em nome da liberdade e da unificação.

E nesse momento, a profecia ressoava no coração de cada homem e mulher que se ergueria em nome de Portugal: o destino de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, seria triunfante e imperecível como as estrelas que coroavam a noite com sua celebração silenciosa.

Conquistas territoriais iniciais e a resistência das forças mouros

As estrelas ocultavam seu brilho enquanto as sombras envolviam a noite. Sob o manto indistinto e implacável, a vida rastejava com risos de ironia e medo. D. Afonso Henriques ajustou o elmo, seus olhos acostumando-se à escuridão, como uma fera na iminência de uma caçada, pronto para irromper na batalha fervilhante.

Era um pouco antes do amanhecer, o momento em que os portões de um castelo mouro se abriam lentamente, permitindo a entrada dos comerciantes e dos mensageiros. D. Afonso Henriques esperava que a mudança da guarda oferecesse a eles a oportunidade perfeita para lançar seu ataque.

"Dispersar! Em silêncio!", sussurrou Afonso Henriques para seus companheiros de armas. A ata crueldade do mouro tinha despertado a fúria ardente de seus homens, mas sabiam que precisavam de astúcia acima da força pura se quisessem vencê-los.

Fernando, o Bravo, inclinou - se ligeiramente, sentindo - os prestes a avançar. Cerrar as fileiras era imperativo em momentos como esse, sem brechas que permitissem tropeços, hesitações ou arrependimentos revelarem-se diante do real inimigo.

Os dedos de Alfonso de Azevedo apertaram o cabo de sua espada, mas em seu olhar havia uma expressão inquisitiva, que indagava os olhos de

Isabel. Ela o encarou de volta, confirmação silenciosa de que acreditava que triunfariam nessa empreitada.

Ninguém sabia ao certo que destino os esperava hoje, mas a certeza era de que não havia outra saída. Portugal: um reino incipiente entre as vicissitudes da história. E agora, nesse momento mais crucial da batalha, a pergunta pendia sem resposta no olhar de cada guerreiro: viveríamos para ver a vitória?

Subitamente, o ar tornou-se mais pesado, o vento cessou, e a orquestra de grilos acomodados no penhasco silenciou. O olhar de Afonso Henriques um alerta: o momento decisivo. Expirou, e o mundo prendeu sua respiração.

Torres de pedra despontavam na paisagem de penhascos e desfiladeiros: a Fortaleza de Alcácer do Sal se estendia diante dos invasores, como um titã ameaçador e implacável. D. Afonso Henriques sentiu todo o peso do futuro em seus ombros. Sentimento que, desde o campo de São Mamede, só tinha crescido.

D. Afonso Henriques levantou-se, seu orgulho aquecendo-se no estremecer da alvorada. "Pelo reino!", rugiu com raiva palpável, um clamor crescente que elevou-se da disputa fervilhante, como garras ansiosas para provar o gosto do triunfo e da glória.

O som de espadas se chocavam e respirações ofegantes ampliava-se no espaço entre o oceano e o céu, como se a própria terra chorasse com a violência e o desespero de cada guerreiro enfrentando seu pior pesadelo.

Isabel encontrou-se com os olhos de Amir através da névoa densa, um brilho de desespero por trás da necessária hostilidade. As diferenças entre eles nunca estiveram tão presentes como naquele momento, as realidades da guerra sufocando qualquer ilusão de amor que pudessem ter guardado.

Beatriz segurava firmemente sua espada, expelindo grunhidos e súplicas roucas enquanto se chocava com os mouros. Madalena, a curandeira, rezava às margens. Com perseverança e tempestuosidade, cada guerreiro enfrentava seu destino sabendo que suas vidas eram a chave para a independência e liberdade.

Finalmente, a Fortaleza de Alcácer do Sal vergou-se diante deles. Uma derrota que traria fama e esperança. D. Afonso Henriques enfrentou o olhar do mouro, retido nos braços de seus homens, e declarou: "Nossa causa não será perdida, ainda que nossas armas caiam e nossos corações sejam silenciados. Por Portugal, prevalecemos!"

O papel de Afonso de Azevedo, conselheiro de D. Afonso Henriques

As sombras da noite, companheiras da lua, se apagavam à medida em que rubros klares acenavam para o sol a anunciar o dia. O castelo de Guimarães, por ora adormecido, estampava em si a história de coragem, de lutas inglórias, e a esperança incandescente de glória e independência.

Em um pequeno quarto da fortificação, a vela ardia em seus últimos suspiros, como a lânguida existência de um tempo já marcado para partir. D. Afonso Henriques e Afonso de Azevedo, o fiel conselheiro e figura paterna ao jovem rei, encontravam-se absortos na análise de pergaminhos e mapas estendidos sobre a rústica mesa. As guerras, os confrontos, e as réstias de esperança no brilho dos olhos de seus súditos; um peso que somente o futuro rei de Portugal podia mensurar.

As palavras do conselheiro Afonso de Azevedo acercaram-se de D. Afonso Henriques num sussurro. "Meu senhor, precisamos agir com prudência", aconselhou. "A área no lado noroeste ainda não está sob nosso domínio, devemos enfrentar os rebeldes ali."

"Não podemos nos permitir distrações, Afonso", respondeu o jovem rei. "Os mouros estão avançando em nosso território no sul. É lá onde o coração de nossa nação está sendo esmagado. Se permitirmos que eles continuem a expansão, tudo o que fizemos terá sido em vão. Precisamos defender Lisboa de uma vez por todas."

Afonso de Azevedo nesse momento tomou as mãos de D. Afonso Henriques entre as suas. O calor dos dedos velhos era uma réplica da chama que se extinguia da vela. "Meu senhor, meu querido filho", implorou, "sei que ansias por imprimir teu nome na história, e desejas que Portugal seja um farol de liberdade e glória. Mas devemos ser sensatos. Sacrificar nossas forças em uma só batalha sem eliminar as ameaças imediatas seria arriscar o progresso que conquistamos até aqui."

Os olhos de D. Afonso Henriques encontraram os de seu conselheiro. Neles via o amor que um pai teria com um filho. E no entanto, brotavam também as dúvidas que temia enfrentar: dúvidas de um homem de fé e sabedoria, preocupado com a volúpia da vitória e a juventude de um rei inexperiente.

Como se antecipasse o conflito que se instalava do coração de D. Afonso

Henriques, Alfonso de Azevedo continuou. "Perdoe-me por teu ousadia, meu senhor, mas é minha obrigação zelar por tua vida e a sobrevivência de teu reinado. Entenda que precisamos escolher nossas batalhas com cautela, especialmente quando a integridade do reino estiver em jogo."

Os ombros do jovem rei caíram sob o peso daquelas palavras. O sorriso que esboçou parecia emigrar de uma alma temporariamente tragada pelo descrédito. A vela, agora quase extinta, tremeluzia febrilmente, como um último sopro de vento antes do amanhecer.

"Não me culpo por haver depositado tua confiança em mim, Alfonso, porque não o farei em vão. Mas não posso ignorar os clamores de meu povo, os despojos que os mouros deixaram ao levar nossas terras." Fez uma pausa, e seus olhos faiscavam com a determinação de alguém que não se renderia, não importando quão duras fossem as vicissitudes. "Se me queres ao lado, vá ao meu, com sangue nas veias e confiança no coração."

Duas lágrimas resbalavam o rosto enrugado do conselheiro, atravessando as crescentes linhas dos anos vividos e dos segredos confidenciais aos deuses. "Meu senhor, jamais te abandonaria, ainda nos piores momentos." Com imensa emoção, continuou: "Se permitirem, lutarei a teu lado e enfrentarei os mouros contigo."

O jovem rei contemplava seu conselheiro com um olhar afetuosamente, como a brisa que apazigua um fogo devastador. Endireitou-se em sua cadeira e assentiu com a solenidade que caracterizava um rei.

No instante em que o sol começou a surgir, elevando-se no horizonte como um presságio de sucesso e prosperidade, a vela morreu, cedendo às sombras que são exterminadas pela luz. Ali, em um pequeno quarto de um castelo do século XII, o destino de Portugal havia tomado forma, consolidando-se nas mãos de D. Afonso Henriques, o primeiro rei do reino emergente, com a ajuda inestimável de seu conselheiro e amigo, Alfonso de Azevedo.

Chapter 2

Um encontro inesperado

Viena em chamas se alastrava no céu de Lisboa. Como se pudessem oferecer alguma previsão do apocalipse eminente, estrelas cadentes desenhavam, com trilhas brilhantes e fugazes, um panorama de destruição iminente. Sob a luz espectral da lua, a bagunça rangente e cintilante do rio Tejo seguia seu curso em direção ao desconhecido.

Era tarde da noite quando a figura encapuzada de Isabel de Trastâmara surgiu, solitária e indefesa, na margem do rio. Com cautela, ela olhava ao redor, seu coração pulsando selvagememente em seus ouvidos como o bater de tambores. A lua cheia, fatídica e sinistra, lançava sombras ameaçadoras que pareciam espreitar os recessos mais profundos de sua alma.

Através da névoa que pairava nas águas do Tejo, uma barcaça solitária emergiu das trevas. Do seu convés humilde, uma mão estendida oferecia ajuda, segurança e a possibilidade de um encontro inesperado. Isabel hesitou, os nós dos dedos brancos de tensão, mas recolheu a coragem e embarcou naquele navio incerto rumo ao desconhecido.

À medida que a barcaça deslizava rio acima, como um fantasma sobre a superfície espelhada, repousando em silêncio atrás de uma cortina de juncos estava Amir ibn Malik al-Andalusi, o cavaleiro mouro cuja lealdade a seu povo nunca estremecia, mas cujo coração albergava um clamor ardoroso de amor e admiração por uma mulher que apenas uma vez passara perante seus olhos.

Os olhos de Amir se fixaram na misteriosa visitante quando a barcaça parou à sua frente. Seus olhos se encontraram e, por um breve momento, viram um eco do seu próprio medo refletido um no outro. Como se orientados

pelos próprios ventos do destino, Amir surgiu das sombras e estendeu a mão para Isabel, em um gesto simultaneamente de desespero e de esperança.

- Este é um encontro perigoso, senhora - sussurrou o cavaleiro mouro, a cautela e o encantamento emaranhados na voz. - Pode percorrer grandes distâncias, mas jamais poderá escapar da verdadeira luta que ocorre dentro de seu próprio coração.

Isabel o encarou, os olhos castanhos - claros brilhando na lua como uma tempestade outrora pacífica. - Não sou uma fugitiva das próprias emoções, - retrucou em voz baixa, o sorriso afiado cortando o silêncio como uma lâmina. - Apenas busco a paz que a guerra não me pode oferecer.

Amir olhou para ela, com pesar se delineando em seu rosto. - A paz é uma ilusão em tempos como estes, senhora - ponderou. - Entretanto, em meio a essas trevas, talvez ambos possamos encontrar algum consolo no abraço das palavras e dos olhos que clamam por compreensão.

Isabel engoliu em seco e assentiu, os olhos úmidos em antecipação e temor. Passaram a noite sob a mesma exuberância do universo que, por vezes, incendiava-se e, noutras, reluzia em serenidade, ignorando as restrições e demandas da vida e do dever. Enquanto as estrelas entravam em colapso e a névoa dançava na lua, os dois trocaram histórias, segredos e anseios, construindo com cuidado uma ponte frágil sobre um abismo de diferenças e desconfiança.

Ao amanhecer, com o sol pairando sobre o horizonte como uma previsão de um futuro incerto e complicado, Amir e Isabel fitaram-se pela última vez. Olhos de lobo e de falcão, buscando ardentemente o conforto das afetuosas chamas que repousavam, por ora, na alma um do outro.

Com as primeiras fagulhas celestes, provavelmente trigadas pelo primeiro raiar do Sol, Amir abordou sua embarcação e partiu em direção às trevas que o rodeavam. Nenhum adeus foi proferido, pois ambos sabiam que o próprio fôlego do universo havia selado aquele momento eternamente em seus corações. E, enquanto a luz da manhã se estendia por Lisboa, a figura solitária de Isabel se misturou às sombras e não mais se revelou ao olhar alheio.

Preparativos para negociações de paz

Os ecos sombrios da guerra haviam se calado por um momento tangível e incerto, como se a tempestade emana-do coração do mundo interrompesse o seu rugido para observar aqueles mortais que ousavam desafiar sua onipresença cósmica. Silenciosa e ansiosa, a Corte portuguesa reunira - se como corvos prestes a banquetear - se nas migalhas do destino e do infortúnio, extasiando - se com a possibilidade de paz temporária, embora assombra da pelos espectros das traições e das conspirações secretas.

Era o local de um encontro marcante: as negociações de paz. D. Afonso Henriques, ladeado por Alfonso de Azevedo, era a imagem da autoridade e determinação, enquanto os olhos investigavam incessantemente a sala repleta de beligerantes e aristocratas ressentidos, divórcios forçados e anciãos relutantes, todos com suas próprias parcelas de lealdades e de traições. Neste jogo de estratégia e de astúcia, cada olhar, cada gesto, cada palavra se tornava uma jogada cuidadosamente planejada, destinada a desentraçar as redes emaranhadas de poder e de aliança que se multiplicavam como sombras nos crepúsculos da história.

Isabel de Trastâmara estava entre eles, discreta e silenciosa como uma mariposa esquivo, evitando os olhares investigadores de uns e as laçadas envenenadas de outros. Estava ocupada, rememorando mentalmente as lições de diplomacia que sua mãe lhe havia ensinado, aquelas doces fórmulas de sedução e de persuasão que reduziam os conflitos a cinzas e as inimizades ao pó, como os vapores das poções milagrosas de um alquimista.

Alfonso de Azevedo aproximou - se do jovem rei, o rosto enrugado e cansado revelando uma mistura de inquietação e esperança, como se as mesmas marés de emoção lutassem para obter o domínio sobre o seu coração. Depositou a mão no ombro de D. Afonso Henriques e sussurrou as palavras com seriedade e paixão:

- Meu senhor, o momento se aproxima e nossa nação está à beira desta encruzilhada amaldiçoada. Não podemos permitir que a sombra da vingança e do ódio assale o julgamento de Vossa Majestade, nem permitir que as sereias do engano errem os nossos corações e rou quem a chama esperançosa que ainda arde nestes tempos de escuridão.

D. Afonso inclinou a cabeça em assentimento, sua testa franzida em concentração, enquanto uma voz fortita batia,me sussurros no vento:

- Estou ciente, Alfonso, de que este breve momento de paz pode ser mais perigoso do que qualquer aventura empreendida pelo nosso povo.

Deu - se algumas batidas no peito, como se as chamas da resolução pudessem ser acesas pelo simples toque das palavras:

- Não permitirei que Portugal caia nas garras da traição e do arrogamento. Lutaremos contra os mouros e nos ergueremos como nação livre e unida às forças dos confins do mundo.

Enquanto D. Afonso falava, seus olhos oscilavam pela sala, até finalmente pousarem, por um momento infinitesimal, no rosto delicado de Isabel. Assim como o sol que se demorava no crepúsculo, ele sentiu o calor das paixões renegadas se inflamarem dentro dele, da ambição, da fidelidade, da própria natureza humana que se banqueteara e perecia na fogueira ardente da guerra.

Isabel, dolorosamente ciente do olhar do jovem rei, abaixou os olhos obedientemente, aterrorizada pela espada de danos que pendia sobre seu coração. A voz calma de Amir ecoou em suas lembranças, pois os sussurros furtivos que haviam compartilhado uma vez sob a áurea pálida da lua agora pareciam uma canção de cisnes distante e moribunda, regida pelos acordes dos ventos fatídicos e pelos cânticos das estrelascelestes.

Uma onda de silêncio varreu o salão de reuniões quando a delegação moura adentrou o espaço com postura altiva e passos firmes. Hassan al-Fadil era o líder, um homem cuja reputação o precedera como o brilho do sol precede o som fremente das auroras. Imponente e com aura de autoridade, sua presença parecia fazer a própria sala de reuniões inclinar-se em respeito.

O breve momento de tensão foi estilizado quando um trovador entoou os acordes do lado de fora da sala, invocando a intervenção dos santos e o poder dos anjos, como se uma simples canção pudesse acalmar a ferocidade dos conflitos e revelar a essência da paz eterna.

E enquanto as delegações se instalavam no ambiente austero e sob a sombra dos desafios futuros, o olhar de Isabel encontrou-se com o de Amir pelo breve espaço de um batimento cardíaco. Eles se reconheceram como dois oponentes do campo de batalha, com a triste consciência de que, por mais próximos que estivessem, jamais poderiam abraçar-se como iguais, mas apenas como inimigos condenados pelo destino a se enfrentarem em um conflito imortal e desconhecido.

O primeiro encontro de Isabel e Amir

As órbitas infinitamente negras de Amir cruzaram com as lâmpadas castanhas de Isabel não como supernovas colidindo no vazio, mas como a imersão silenciosa de luas no fundo do oceano de uma noite de verão. Os olhos de lobo e falcão se enlaçaram e se mantiveram cautelundos à luz do crepúsculo oculto e límpido dos céus portugueses. Nenhum som ousou alcançar a música das esferas que ecoava naquele olhar secreto e profundo, cada sussurro suspensa, cada respiração presa no âmago das almas que enfrentavam uma tormenta de paixão e convicção.

O momento durou apenas o espaço de uma batida cardíaca, mas a ardência em suas veias, a lacerante pulsação que parecia retomar o curso em seus membros mortificados - essas sensações ansiavam para serem liberadas como o fogo nas asas do lendário pájaro phoenix. De sua posição na escuridão do pequeno copado, Amir arriscava um último vislumbre de Isabel antes que retornasse para a poeira e nevoa de suas vidas virtuais e das encruzilhadas da trama.

Isabel, percebendo o drama obscuro e pesaroso que se desdobrava em seus olhos antes que roubasse um olhar indiscernível e perfurante, inclinou - se rapidamente em sua direção, a interação deles tão rápida que quase parecia casual e fortuita. A pulsação em suas mãos enluvadas, as pressentiu em sua pele, como o aquecimento subcutâneo das reservas profundas das águas da Terra.

- Cavaleiro! - exclamou ela sem ar, o fôlego vagando imperceptivelmente sobre os lábios trêmulos. - Oro por sua presença esta noite, para afastar de mim a agrura do mundo e a amargura dos homens, como uma bênção dos céus diante do desespero que somente a noite pode conjurar.

Amir olhou para os olhos líquidos e tempestuosos de Isabel e, acenando com a cabeça, seus longos cílios sombreando o fulgor de seus olhos prateados, soltou um suspiro cansado e resignado.

- É, senhora, minha sina e meu destino erguer as bandeiras negras da guerra e o estandarte vermelho do ódio e da desunião que se multiplicam como abutres e chacais na vastidão das seriedades terrestres. Onde iria eu para buscar o objeto de minha devoção e os laços de amizade que tão diligentemente são negados a nós todos, enquanto vivemos entre as sombras?

Isabel o encarou, a face pálida refletindo as tormentas amargas e lumi-

nosas que se forjaram nas lembranças das guerras e batalhas perdidas que a dignidade tinha escorrido, como a umidade do orvalho, deram lugar ao turbilhão de paixões e desesperos que sua existência havia se tornado.

- Enquanto o vento soprar, Amir, e o sol brilhar acima, saberás que há um coração e uma alma que clamam por tua presença e se torturam com sua ausência. Jure por tua espada e por tua fé que, não importa o quão longínquo e distante possas encontrar - te do restante do mundo e dos olhos ameaçadores de nossos inimigos, jamais haverás de abandonar a luz e a esperança que brota dos olhos dos que fielmente amas.

Amir assentiu com a cabeça, um aceno solene e dolorido, pois sabia muito bem o preço da promessa e o perigo das palavras que baniam o silêncio implacável e abstrato de incertezas e de anseios simbolizados pelo escuro e pálido véu que haviam lançado estes dois estranhos um contra o outro naquele momento assombrado e imortal.

Então, num gesto que era tão clássico quanto eterno, Isabel removeu uma pequena relíquia de seda branca do corpete e a estendeu para Amir, cujas mãos calejadas e treinadas para a destruição estavam agora tão delicadas e frágeis quanto as pétalas de uma flor arremessada pelas águas mortas das tragédias e dos infortúnios secretos.

- É teu símbolo e teu lembrete, cavaleiro - murmurou, os olhos fixos no destino ilusório e distante como os sonhos de milhares de soldados antes e depois deles, como os segredos que se banham na tênue linha do horizonte e dos juramentos infalivelmente cumpridos. - Olha para essa relíquia e profira com cuidado os votos que proferirias ao lado do leito e da porta, à sombra do altar e do túmulo, aos pés de deuses e de quimeras, e jamais te esqueças daqueles que lutaram e morreram com honra e que sussurram teu nome nas asas do ocaso e do tempo.

E com estas palavras, Isabel e Amir trocaram um último olhar de atormentada resolução e paixão contida antes que se separassem em suas sombras por mais uma fatídica e solitária eternidade.

A conexão imediata entre dois mundos opostos

A noite parecia ter adormecido sob o manto de mil estrelas e uma lua que só observava, impassível, como se quisesse lembrar aos viventes que a sua presença era apenas testemunha da própria existência. Não era

uma noite fria, mas a brisa trazia consigo ecos ressonantes de batalhas pretéritas e, mesmo quem não acreditasse em destino, deveria compreender a poesia sinistra daquelas ruínas onde as almas desgarradas ainda procuravam encontrar um abrigo, uma réstia de esperança em meio à escuridão.

Isabel de Trastâmara, filha de Pedro, o Cruel, na linhagem que assombrava a história de Portugal e da Espanha, esposa de Afonso, o Sábio, que a tinha assumido como um escudo e um anel de compromisso com os turbulentos poderes que vinham à tona nas planícies ibéricas, encontrava-se oculta por um véu que só brilhava sob a luz lunar. Suas lâmpadas castanhas contemplavam a solidão e o silêncio como espectros de lembranças que se desvaneciam no turbilhão dos ventos solenes, que sussurravam como almas penadas em busca de uma paz que nunca encontrariam.

Improvável e paradoxal como um fruto proibido que trazia consigo o sabor ardente e doloroso da verdade e o aroma intoxicante dos desejos inconfessáveis, Amir ibn Malik al-Andalusi, guerreiro mouro e cavaleiro da honra e da lealdade, se aproximou dela como uma sombra que sempre tinha estado ali, mas que só agora se revelava aos olhos de quem jamais poderia compreender o paradoxo e o mistério de sua existência.

O som suave das folhas douradas e da areia molhada pelos orvalhos celestiais parecia a única música que a Natureza queria compor naquela noite amaldiçoada e abençoada pelos deuses que um dia sussurraram os sonhos e os desejos de quem tinha o sangue e o coração ocultos entre as brumas das guerras e das conquistas.

- Acreditas? - perguntou Amir em um sussurro que mal arrepiava o silêncio, como se esperasse que a própria terra e os ventos fossem o seu árbitro e júri naquele julgamento. - Acreditas que somos apenas dois errantes na solidão dos campos de batalha e nas abóbadas celestiais, dois seres condenados pela sina das estrelas a jamais serem tocados pela graça e pela compaixão dos deuses?

Isabel olhou para Amir como quem contempla a própria morte ou o próprio destino encarnado em uma figura que defia as leis e as promessas da criação, sem conseguir aprofundar a verdade nem mesmo na poeira cósmica que separava um mundo do outro.

- Ter poder, Amir, é como ter um punhado de água que escorre pelas mãos quentes e ferve no frio das promessas. Um de nós nasceu em marés distintas e em mares revoltos, onde a violência e a injustiça nos rasgaram a

pele e o espírito, não nos permitiram entrelaçar as mãos como irmãos e irmãs que compartilham o mesmo solo e a mesma vontade de paz e harmonia.

Os olhos líquidos e tempestuosos de Isabel e as órbitas infinitamente negras de Amir se encontraram em uma espiral luminosa e infinita, como se quisessem apagar os demônios e os fantasmas que os mantinham cativos.

- Então por que persistes, senhora avérnica do sangue solar e lunar? Por que o lampejo de um sonho tão tênue e voluntarioso quanto o vento me faz regozijar e estremecer como se fosse a própria batida do coração ou o soluço de um corcel ferido na batalha que ainda não terminou?

Isabel permaneceu imóvel e silenciosa, atenta ao que haviam de contar. À medida que as palavras desapareciam no pálido abismo dos beijos e dos lamentos, soube que não havia escolhido apenas um caminho entre montanhas e oceanos, mas também um destino imortal e indomável, como a foice da lua que se curvava na imensidão do infinito celestial e no eterno canto noturno.

A paixão e o amor que ardia em dois corações silenciados pelas adversidades da guerra e da intolerância, tornava-se puro anseio de ternura e de compaixão. Aqueles que se encontraram naquela encruzilhada dos deuses e dos homens entenderam, quase simultaneamente, que era impossível negar a sua humanidade sem trair a verdade e a justiça que cintilam no fundo dos olhos amargurados e castigados pelos espectros do desterro e do exílio.

Então, sem uma palavra e como se seus espíritos fossem apenas quimeras e brumas, dois seres humanos e deidade abandonaram as encruzilhadas de seus destinos, resignados e resolutos na batalha que só poderia ser vencida através do sacrifício e da renúncia, da convicção e da abnegação. Eles sabiam que, quando o sol se pusesse, apenas uma noite amarga e tenebrosa os aguardava, mas também um sonho imortal e uma luz pulsante e comovida que os conduziria através das trevas e das tempestades até encontrar a paz e a esperança que tinham sempre sido seu destino desde o início dos tempos e da memória humana.

Compartilhando segredos e sonhos

A cada vez que a lua fulgurava no firmamento azulado, derramando-se sobre as ruelas empedradas e calmas do entardecer, Isabel de Trastâmara e Amir ibn Malik al-Andalusi, dois seres marcados pela sina do martírio, se

encontravam às escondidas na torre abandonada, que parecia comungar das mesmas dores e angústias que os uniam, como se fosse a própria sombra do passado e da dor materializada em pedra e luz.

Havia algo de cortante e cortês nas palavras que trocavam, como se quisessem penetrar na alma com a delicadeza de um punhal afiado e uma lamina de seda, procurando respostas e revelações que apenas os deuses e os demônios poderiam conceder - lhes em momentos de desespero e de clarividência súbita.

- Dizem que, em tempos remotos, nosso povo, os árabes, conhecia todos os segredos do céu e da terra, e que bastava murmurar o nome de Alá para que o próprio vento se curvasse diante da sabedoria dos sábios - murmurou Amir, os olhos atentos à sinuosidade da lua que se erguia, discreta e orgulhosa, sobre a montanha e sobre o abismo que os cercava como um manto e um desafio. - Talvez eu haja nascido demasiado tarde, ou talvez seja apenas um homem dividido entre duas tradições que me perfuram a alma e o sangue.

Isabel o observava com uma ternura e uma impotência indefiníveis, como se fosse capaz de intuir as dúvidas e as contradições intangíveis e abrasadoras que o separavam do coração e da vida que havia sonhado nos momentos mais íntimos e dolorosos da sua breve e marcada jornada.

- Dizem também que Deus, em sua infinita sabedoria e misericórdia, inscreveu nos astros e nas estrelas todos os enigmas e as respostas da humanidade - prosseguiu ela, fitando o cavaleiro com uma esperança pueril e ferina, como se quisesse arrancar de seus lábios as decisões que os haviam jogado um contra o outro, como adversários e amantes. - Talvez estejamos destinados a buscar nossa verdade no silêncio e no deserto, numa eternidade onde não existem as barreiras das guerras e dos preconceitos, das pobreza e das riquezas, dos nomes e dos rostos que comandam e comandam nossos passos.

Amir não pôde evitar um sorriso amargo, como se os ventos frios que sopravam do norte houvessem alcançado o fundo de sua alma, trazendo consigo a inquietação e as lutas áridas de suas memórias e das suas tribulações.

- Seria, então, uma eternidade de tristezas e de solidão perpétua, onde almas perdidas como as minhas e as tuas cruzar - se - iam apenas para recordar - se dos pecados e dos despojos que nos fizeram escravos de nossos sonhos e de nossos desejos? Talvez o suplício de Sísifo seja menos terrível, pois ao menos ele conserva em suas mãos os vestígios marcados pela força e

pelo obstáculo que o convidam a provar sua capacidade e sua paciência.

Isabel lançou-lhe um olhar de compaixão e de consolação, como quem oferece uma poção de água fresca e um pano branco macio para remediar as feridas e as chagas expostas à volúpia das voracidades cotidianas.

- Serás sempre e eternamente Amir, o valente e o sábio, cujo nome será pronunciado pelos poetas e pelos historiadores com o mesmo fervor e a mesma admiração que se devota aos heróis do passado e do futuro - assegurou, num tom solene e profético, como um raio de sol que furta a névoa e a escuridão do crepúsculo. - Deixai que teu coração seja teu cálice e tua alquimia, onde cada gota de sangue seja transformada num elixir de fé e de esperança.

Amir tomou as mãos de Isabel, aquelas mãos delicadas e cristalinas como a lua minguante, e as beijou com a ternura e a veneração de um peregrino que busca em cada pedra e em cada grão de areia o sinal de sua redenção e de sua humildade.

- Meu coração e meu destino estão em teu nome e em teus olhos, minha dama e rainha celestial - murmurou, antes de selar seus lábios aos dela num beijo tão efêmero quanto eterno, como se quisesse perpetuar a lembrança daquela noite no coração e na carne de sua memória.

Era o último encontro que golpeava o prelúdio das convulsões e dos dilemas que haveriam de moldar o destino de toda uma nação e de duas almas perdidas entre as trevas e as estrelas.

A relutância de Isabel em confiar em Amir

A chuva caía insistentemente sobre as muralhas da fortaleza de Torres de Almourol, onde Isabel e Amir haviam se refugiado, como duas estrelas perdidas na solidão do espaço celeste. O som dos pingos no chão tumultuado e laboreiro parecia ecoar a ansiedade e a confusão que comprimiam o peito da jovem nobre portuguesa, dividida entre a fidelidade a seu povo e o amor que começava a sentir pelo intrépido e enigmático cavaleiro mouro.

- Achas possível que um dia possamos esquecer de onde viemos e de que lado somos? - indagou Isabel, com um leve tremor na voz, enquanto observava através do vidro, uma figura solitária e ensopada que buscava abrigo sob a cortina de água que se estendia até o estrondoso limite das cascatas.

Amir fez uma pausa, como se refletisse sobre a pergunta intrigante e profunda, antes de se juntar a Isabel na janela iluminada e imortalizar a cena pacífica e dramática que se desenrolava além das sombras e dos segredos que os preservavam de olhos indesejados.

- Talvez estejamos condenados a procurar essa resposta no eco do silêncio e nas margens do infinito, minha doce e valente Isabel - respondeu, o olhar perdido na penumbra e na paisagem turbulenta que unia o céu e a terra em uma só cor - uma imensa negrume de dúvidas e solidão. - Se as muralhas destas cidades pudessem falar, elas contariam as histórias de milhares de homens e mulheres que souberam desprezar o choro da dor e das mágoas e seguiram adiante, atados apenas aos compromissos do amor e da esperança.

Isabel sentiu seu coração apertar - se, sufocado pelas palavras e pelo vazio que se acumulava no limiar do precipício que os separava um do outro, como nuvens negras e teimosas que se entrechocavam em meio à tormenta rasgada pelos ventos invisíveis e irreconciliáveis.

- E seriam capazes esses homens e mulheres de traírem suas memórias e seus valores em nome de uma paixão tão frágil quanto um cristal moldado em fogo e loucura? - perguntou hesitante, temerosa pela resposta que se daria a conhecer através de um olhar, de um gesto ou de uma palavra incauta e hesitante, como um barco que se perde nos meandros dos rios traiçoeiros e selvagens.

Amir sabia que, por mais que tentasse ocultar o dilema lacerante que o dilacerava, seu próprio corpo e seu espírito denunciavam as verdades ocultas nas sombras e nas profundezas insondáveis dos abismos que se abriam diante deles, como a boca de um lobo faminto.

- Existirá nalgum lugar, além das janelas embaçadas pelo temor e pelo desespero, uma areia tão branca e pura quanto a mais tênue das ilusões e das promessas que carrego comigo? - continuou, a voz embargada e sibilante, como o uivo de um vento solitário e atormentado. - Seremos nós às vezes prisioneiros de nossas próprias paixões e de nossas ânsias, como seres alados que fogem das noites e das névoas que buscam devorá-los?

Isabel sentiu o afeto e a ternura que quebravam as barreiras dos seus medos e das suas inseguranças, como uma colina verdejante e luminosa que se ergue das cinzas e das torrentes. Ao mesmo tempo em que desejava penetrar a armadura e as defesas que mantinham Amir oculto em um labirinto desesperador e impenetrável, buscava a coragem e a audácia para

enfrentar o mundo e os homens que juraram a morte aos sonhadores e aos enamorados.

- Somos como as rosas e as espadas, minha senhora, nascidos sob a carroça dos astros fugitivos e marcados pelo selo e pela sombra das águias e dos leões que desbravam o espaço azulado e secreto onde os deuses tecem as teias das guerras e das façanhas dos heróis e dos aventureiros - as palavras de Amir soavam como poemas suspenso no ventre da eternidade. - E se, talvez, nossas lágrimas e nossos soluços sejam a verdadeira essência daqueles que trilham os caminhos da renúncia e da libertação, então somos apenas duas almas desgarradas e perdidas nas brumas dos destinos e das crenças que dançam à luz das fogueiras e dos relâmpagos,

A admiração e fascínio de Amir por Isabel

Resignado a desatar - se daquelas fascinantes correntes de ânsias e desvarios que haviam se insinuado em seu coração e em seu espírito desde seu primeiro encontro com Isabel, Amir se afastara das muralhas da fortaleza, buscando refúgio na contemplação da órbita celeste e da sinfonia silenciosa do crepúsculo que lhe confienciava memórias e sombras de um tempo já sepultado nas solitudes do pensamento e do desejo.

Guiado pelas estrelas e pelos sussurros das criaturas noturnas que se esgueiravam pelo hálito embriagador das madrugadas e dos devaneios, o cavaleiro mouro pôs-se a evocar imagens e gestos de Isabel como um profeta e um místico que adivinha as tramas e os mistérios das ervas e dos venenos através do fundo inviolável das paixões e dos tormentos que fustigam o peito e a consciência de seres atormentados e perseguidos pela maldição e pela sina das vozes e das almas errantes.

Através dos olhos e dos lábios de Isabel, Amir vislumbrava a mesma doçura, o mesmo enigma e a mesma insensatez que se aninham nos corações e nos semblantes daqueles que costumava venerar nos contos e nas lendas de seu país e de sua tradição: a beleza e a coragem de Layla adornada e imortalizada pelos versos e pelos gestos de Majnun; a sabedoria e a abnegação de Fátima e de suas filhas, sacrificadas no altar das convicções e da fé; a nobreza exaltada e sublime de Tariq, regedor e conquistador dos destinos suspenso no limiar do Mediterrâneo e do Atlântico.

As veias e os músculos de seu corpo vibravam com as mesmas trepidações

e fúrias incoercíveis que pareciam se alojar no cerne e no íntimo de um vulcão, cujas chamas e fumarolas batem e ardem em sinistro e temível eco com os passos e as ousadias que desafiam o silêncio e a escuridão do abismo inescrutável e infinito.

Todavia, junto ao furor e à vertigem que pulsavam em seu sangue e em sua memória, uma serenidade e uma reflexão indecifráveis se entrelaçavam e se revezavam como neblina e luz que se abraçam e se dissolvem no horizonte alaranjado e luminoso das manhãs e dos deslumbramentos. Quando abarcava o olhar e a sombra de Isabel, Amir sentia que as ondas e os ventos de um oceano inteiro se aquietavam e se cevavam em seu coração, despertando compassos e harmonias ignoradas e inexprimíveis, como um rastro de néctar e de pétalas deixado em um ermo trilho de cinzas e desolação.

- Quem és tu, Isabel de Trastâmara, que empunhas teu nome e teu escudo como uma espada flamejante e inclemente?- começou a perguntar Amir, em um murmúrio inaudível e vacilante que se fundia e se contorcia com a voz e o perfume do vento que passava, fugaz e abrasador, como um espectro de mil rostos e mil máscaras que vagueia e sabe beber o néctar e a memória dos reinos sepultados sob o signo e a garra das corujas e dos esquecimentos. - Por acaso pertences ao mesmo coro e à mesma constelação que guiam e embalam os passos e os sonhos dos homens e mulheres marcados pela ironia e pelo desafio dos deuses e dos destinos que medram à tona das vísceras e das sombras que repousam sob o teto e a cortina das romãs e dos zéfiros?

E enquanto as palavras e as interrogações escapavam de seus lábios e se desfaziam com o sopra e o viço dos anjos e dos serafins condenados a prever e a averiguar as penas e os azulejos da sedução e do pecado, Amir já sentia, através dos músculos e dos ossos de seu corpo, a vertigem e a desconfiança lançadas pelos olhos e pelos dedos de Isabel, que pareciam deslizar e se apertar pela carícia e pelo abraço insensíveis e implacáveis das águas e daquilo que mora no vasto e oculto domínio das certezas e das convicções que dormem à sombra das árvores e das pálpebras que acarinhos e vigiam o esplendor e a fugacidade das auroras e dos véus navegantes que vogam e se diluem além da face e do esplendor que buscam mimar e remir o clamor e o vácuo da solidão mais íntima e mais distante.

O perigo crescente da guerra ao redor

A manhã estava nesse interstício sagrado e intocado em que o silvo da água se mistura aos primeiros cantos das aves, prestes a anunciar sua presença e seu legado. De pé na sacada, Isabel contemplava as ondas reverberantes e incandescentes que se desprendiam da margem e se lançavam em direção ao infinito, como um rio de suspiros e murmúrios arrebatados pelo ventre e pela carícia da esperança.

”Vejo no seu olhar,” lhe disse Amir, posicionando-se ao seu lado, ”uma tristeza que não pode ser medida pelo simples voo das andorinhas, nem pelo frêmito das folhas deslizando no colo das gaivotas. Sabes, minha senhora, que tremor é esse que habita o teu coração, e que mistério oculta essa sombra sussurrante que me persegue e me tortura como um espectro sedutor e incessante?”

As palavras do cavaleiro mouro penetraram com o alívio de um bálsamo e a agonia de um silêncio em Isabel, cuja alma e cujos pensamentos se aprisionavam entre os abismos e as torrentes dos dilemas e dos deveres que se interpunham amargurados diante da consumação e da esperança de um sentimento impossível e fugidio.

”Não sei, senhor”, respondeu colérica e ansiosa, ”se a dor do destino e da renúncia se aprofunda e se irradia mais intensamente do que a do amor e da ânsia que nos devoram e nos separam como predadores insaciáveis e vingativos. É possível que sejamos apenas dois sonho aventureiros e imprudentes, vagando além dos muros e das trincheiras que delimitam os territórios impolutos e indomáveis do coração e do espírito?”

Amir, o olhar perdido nas dobras e nas curvas dos montes e das colinas, sacudiu-se de incertezas e de nostalgia, aquelas mesmas cicatrizes e atribulações que se escondiam detrás dos olhos de Isabel e que o convocavam e o impeliam às regiões e às profundezas onde as águas e os ventos depositam seus mistérios e seus enigmas.

”Aprisionados e subjugados por um amor que transcende as fronteiras e as barreiras que nos impedem de viver nossa paixão em toda sua plenitude - disse o jovem cavaleiro - somos, talvez, como as árvores que se inclinam e se vergam sob o peso da inclemência e do desespero das tempestades e dos vendavais, quando não encontramos em nossas raízes e em nossos troncos a força e a vitalidade que nos redimem e nos amparam.”

Isabel, com um suspiro carregado de desalento, afastou-se do olhar de Amir e voltou os olhos para o céu que, melancólico, adensava-se sobre o castelo e as muralhas à sua volta, como um manto de dor e de desejo regado pelos vinhos e pelos venenos que escorrem e se infiltram pelas brechas e pelos orifícios da carne e do espírito.

”Que faríamos nós, senhor, nossos corações e nossos sentidos aguilhoados e atormentados pelo fogo e pelo fogo cruzado das paixões que nos consumiriam como chamas famintas e impenitentes? Acaso a fé e a promessa que lhe devo aos céus e à tranquilidade da minha vida me são suficientes para renunciar ao que foi, ao que é e ao que será essa urgência e essa melodia que me inflama e atravessa meus nervos e meus músculos, lançando-me ao precipício e ao vazio onde se confundem a glória e a ruína das lendas e dos sacrifícios que nos precederam?”

Instalado entre eles, o abismo que dividia e ao mesmo tempo unia as almas e os desejos de Amir e de Isabel parecia tornar-se mais vasto e mais profundo a cada instante, a cada inspiração que abandonava os pulmões e as visões desse éden perdido e distante, sepultado sob as lágrimas e os uivos dos que souberam enfrentar e vencer a adversidade e o destino, como pássaros solenes e audaciosos que desafiam e se inebriam com o fulgor dos astros e das chamas.

A possibilidade de um amor impossível

O vento quente do sul espalhava o aroma das urzes em flor, enquanto as nuvens fugidias teciam sombras ligeiras sobre o verde intenso dos montados. Em redor do singelo mosteiro de Santa Clara, um silêncio místico povoava os campos e os trigais, que se encurvavam em saudação ao compasso lento das brisas estivais.

Isabel de Trastâmara caminhava envolta em pensamentos e nos véus delicados da saudade, alheia aos murmúrios e às pausas das enxadas e das gadanhas empunhadas pelas freiras e pelos servos, sem saber que dentro do seu próprio peito brotava e reverberava o eco e o clamor de uma angústia assombrada e indescritível.

Desde que conheceu Amir ibn Malik, a jovem donzela viu os verdugos e os demônios da incerteza e da inquietude atarem-se e esgarçarem-se diante da chama crepuscular e trêmula que se ascendeu em sua alma, com a mesma

força e a mesma premência que costumava empunhar e arrebatara o espírito e a resistência dos que vagavam e se enovelavam no bosque e no sussurro irresistível dos pássaros e dos riachos.

- Oh, doçura e amargura do amor impossível! - murmurava Isabel, entre suspiros e soluços reprimidos e escondidos entre a prece e a confissão da própria fragilidade ressoante e impetuosa. - Por que esconjuras, ó destino, tão poderosa e tão inalcançável alegria e vênua sob os olhos e o sorriso de um mouro altivo e sincero que aperta e faz sangrar meu coração no jugo e no rubor de suas frases e de seus beijos?

Vencida e vergada pelo peso e pelo sofrimento da pergunta insolúvel, Isabel ajoelhou-se aos pés de uma oliveira, cujos braços e galhos retorcidos e sombrios trajavam a imagem de um abismo e de um abraço, na encruzilhada e no cimo dos degraus da negação e da redenção.

Amir, o cavaleiro mouro que se prendia e se desprendia, a cada amanhecer e a cada ocaso, do espírito e das lágrimas de Isabel, ali se deixava perder e encontrar, com urgências e alarmes que o afogavam e o aqueciam como os primeiros clarões da aurora liberta no leito dos pântanos e dos degelos.

Debruçado no peitoril da janela, enclausurado na fortaleza de Torres de Almourol, cuja presença e cuja força se estendiam e se amparavam na fronteira inebriada e inquieta das águas e das margens, Amir

A primeira despedida entre Isabel e Amir

A noite havia lançado seu manto estrelado sobre o céu e a lua iluminava sombras encantadas na terra. Como uma cortina silenciosa e suave, o som das ondas acariciavam as areias preenchendo o ar com fragrância de sal e mistérios. Os muros do castelo se erguiam imponentes, testemunhas mudas do encontro que estava prestes a ocorrer.

Isabel, com a capa negra a envolver seu corpo como um abraço tépido, ocultava-se sob uma oliveira cujas folhas sussurravam segredos ancestrais. A noite era confidente e cúmplice, e sob seu manto protetor, um coração ansiava e tremia, esperando por um momento que por muito tempo pareceu impossível de ser vivido.

Ao longe, a silhueta de Amir se aproximava, caminhando com passos cautelosos, como quem teme despertar um demônio de sono intranquilo. Seus olhos buscavam a amada entre as sombras, até encontrar os olhos de

Isabel, que brilhavam como jóias imersas em emanação lunar.

”Isabel, minha estrela errante”, Amir sussurrou, sua voz como um abraço insuflado. ”Vim como prometido, ainda que os demônios desta terra profanada conspirassem para nos afastar.”

”Ah, senhor!”, replicou Isabel, seu coração acelerando - se mesmo no encontro doloroso e fugaz que então se delineava. ”A noite verteu seu manto e todas as estrelas parecem abrir - se em sorrisos, mas em meu relutante coração re florada uma angústia que a escuridão abraça e transpõe em lágrimas e luas.”

Amir estendeu a mão, e como um pássaro ferido que busca refúgio nos ramos de um carvalho, Isabel permitiu que se aninhasse junto à sua. O silêncio preencheu o espaço entre suas pulsações, apenas para ser quebrado pelo murmúrio da noite, e pelos soluços das sombras que os cercavam.

”Foi a noite, Isabel, que confessou - me teu gemido aguçado. Na hora do crepúsculo que precede a alvorada, meus olhos prenderam - se em teu olhar, e desde então, entendi que a luta para viver adiante sem ti me seria incomensurável”, confessou Amir com olhos empedernidos pela emoção, enquanto Isabel se sentia prisioneira das mais profundas e sombrias correntes que amarram a alma e a liberdade.

Era uma teia de seda quebradiça e fulminante que os enredava e os envolvia na sombra temível das renúncias, da amargura de saber que o desejo e a paixão que os uniam desabrochavam como rosas sob a ira e a condenação dos que jamais poderiam compreender ou aceitar sua história de amor.

”Amir, o destino espalhou cinzas e vozes em nosso caminho, e mesmo assim, não consigo deixar de sonhar com um universo e um tempo em que nossos corações e nossas mãos possam finalmente se encontrar, como as águas das fontes que serpenteiam e se misturam, sem obstáculos nem tormentos, e banham nossos rostos e nossas almas com o bálsamo que a verdadeira reciprocidade e sinceridade sempre anelamos.”

A respiração compassada, os corpos nutrindo a energia que irradiava de cada fibra de seus seres, Isabel e Amir ergueram os olhos para o céu, que se desnudava diante deles como um poema e uma promessa.

Tomando uma decisão impregnada pela dor e pelo arrependimento, Amir apertou com força a mão de Isabel, seus olhos presos aos dela, como um farol que buscava orientação nas ondas revoltas da tempestade.

”Isabel, minha infundável riqueza, é chegada a hora de nos separarmos, ainda que nosso amor grite e esgoele em protesto. Separados como contrários, vivendo distantes como inimigos, mas unidos em alma, mesmo que por uma fração de tempo que podemos chamar de nosso.”

Erguendo seu rosto, Isabel o beijou com lábios trêmulos, cujo sabor anunciou o primeiro capítulo de uma despedida. Um arrebatador adeus que deixava suas almas mais próximas, porém suas vidas forçadas a se separarem.

”Oíça, minha amante e silêncio. Que os murmúrios da noite ecoem em teus ouvidos e seus sussurros sejam a companhia que minh’alma necessita. Darei - te um último beijo, abençoado pelas sombras que nos protegem, para depositar minha promessa de que um dia, quando as colinas reverberam no ritmo do amor pacificado, nossos caminhos voltarão a cruzar - se.”

E assim, entre beijos e súplicas, Isabel e Amir separaram-se, caminhando cada qual rumo às escuridões que convergiam implacáveis, tentando extinguir o amor, como a bruma que desvanece as últimas chamas de um sol poente.

Decisão de manter contato às escondidas

Foi durante os breves momentos em que o sol parecia suspender - se sobre o horizonte, os raios tecendo riscos dourados no céu azul, que as mãos de Isabel e Amir encontraram a fonte de seu destino e prometeram, um ao outro, um encontro que os alicerces e os véus da própria morte não poderiam afastar ou recusar.

Palavras e votos sussurrados na penumbra do coração, interpretados e pronunciados pelo silêncio das lágrimas e dos olhares, consagrados e fossilizados na imagem única e inigualável de um sorriso e de um gemido, tal como o infinito e o intangível da brisa e da inquietude.

No enlevo de suas almas e de seus sonhos fugidios, Isabel e Amir sentiam o tempo limitar-se e dilatar-se, afundar-se e erguer-se, na chave e na cadência do dia e da noite, compassados e conjugados pelo hino de seus batimentos e pela melodia de seus desejos, que os sustentavam e os alimentavam como ninhos inebriantes e avassaladores de esperança e transcender.

Nos esconderijos de suas paixões, nas fendas e nas dobras em que os astros e os demônios ainda se perseguiram e se afoitavam nos tabuleiros e nos desertos do puro e do impuro, do sacrifício e da sublimação, dois amantes

preparavam - se e afinavam - se na corrida e no êxtase do abraço efêmero e infundável.

Tão - logo a penumbra suave da noite espreitava sob as últimas bordas e afluentes do sol, Isabel vestia suas túnicas pesadas e sombrias, cobria seu rosto com os véus, entrava em seus delírios de solidão e de desespero, e marchava furtivamente através das velas mal iluminadas pelas tochas que se debatiam na chuva e no sopro das brisas revoltosas.

Não muito distante, Amir reunia resto de coragem, rasgava suas ansiedades e seus fantasmas, despedia - se da sabedoria e da prudência de seus companheiros, avançava e se ocultava pelos becos abertos e misteriosos de seus pensamentos e de suas dúvidas, onde a sombra e a luz da razão ainda lutavam pelo domínio e pela imortalidade do olhar e da voz de Isabel.

“Ó, Senhor”, disse Amir a si mesmo, enquanto perdia - se no labirinto das ruas estreitas e das muralhas que pareciam conspirar e desabar sobre seus ombros e sua consciência, “por que insisto em buscar a eternidade num momento tão fugaz, numa paixão e numa desgraça tão palpitante, tão sublime, como aquele que se encerra e se estremece nos lábios e nos abraços daquela que nunca poderá amar - me na claridade da vida e do dia?”

A pergunta ecoava e estremecia nos canteiros e nas arcadas, onde o vento e a escuridão teciam e devoravam em banquete e fogo a esperança e o abandono de corações enlaçados e angustiados, nas profundezas e nas alturas das gaiolas e dos tormentos que os aprisionavam e os marcavam como corvos silenciados e mutilados.

Era debaixo de um mural de hera, um quadrante e uma fonte de líquenes e de relâmpagos encarnados e luminescentes, que os dois amantes costumavam encontrar - se e ocultar - se, na mistura e no alquímia do desejo e da renúncia, da adoração e do sacrifício, onde o verbo e o veredito da paixão e do martírio esculpia e consumia seus olhos e suas veias.

“Amir, oh, meu querido amor”, sussurrava Isabel, a palma da mão crispada e repousada sobre o peito do mouro, ao mesmo tempo, porém, como a reincidência e a premonição de lágrimas e sofrimentos incomensuráveis, “por que o destino tece e nos condena à miséria de uma paixão ilícita e invisível, como a sombra e o eclipse de um mundo e de um sonho impossíveis?”

A resposta do mouro florescia e se revelava na linguagem e no mistério dos dedos, dos olhos e do silêncio indiscreto e quase mudo de seus espíritos

partilhando o gostar e o tremer de um amor irredimível, que profanava e sagrava a distância e a fusão dos universos e das vozes que os separavam e os enlaçavam sob a órbita e a sinfonia do tempo e de suas alamedas insondáveis.

Ali, entre versos e segredos, a areia que compunha os grãos do destino parecia deslizar entre os dedos de Isabel e Amir. Quando o sol lançava uma vez mais seus raios sobre a terra, os amantes despediam - se chorando e com promessas de encontros secretos e obscuros. Deixavam - se enheartados, como o sol que desaparece no horizonte, na esperança do reencontro que se dissolvia nas névoas do destino.

O despertar de sentimentos entre Isabel e Amir

As sombras do anoitecer se enovelavam através da relva, aos pés das muralhas e das paliçadas, como espectros e fantasmas abençoavam e amaldiçoavam as preces e os juramentos dos solitários e dos amantes. Isabel, protegida pelo véu da noite e pelas cores estioladas e silenciosas do tempo, atravessava secretamente o limiar e a barreira do espaço que separava seus corredores e alcovas, das mil fontes e labirintos que a esperavam nos braços e nos murmúrios de Amir.

Longe dos olhares indiscretos e dos ouvidos alheios, Isabel e Amir se encontravam, como duas estrelas errantes e distantes, perdidas e enleadas nas órbitas e nos fascínios do abismo e do infinito que se incrustavam e se expandiam na retina e na memória, nas mãos e nos sorrisos que os procurava em cada silêncio e melodia secreta.

”Isabel ”, suspirava Amir, o desejo e o temor se mesclando na penumbra e no recato de seus olhares, ”Como posso eu, um guerreiro mouro condenado à amargura da luta e da intriga, desejar bebê - la aos poucos como o orvalho que repousa nas folhas em cada amanhecer? Se fôssemos roedores de livros, nos perderíamos nas palavras uns dos outros, e nossos sentimentos se entrelaçariam como rosas à uma antiga treliça.”

Suspirando como um pássaro ferido que busca refúgio nos ramos de um carvalho, Isabel permitiu que se aninhasse junto à sua. O silêncio preencheu o espaço entre suas pulsações, apenas para ser quebrado pelo murmúrio da noite, e pelos soluços das sombras que os cercavam.

”Foi a noite, Isabel, que confessou - me teu gemido aguçado. Na hora do crepúsculo que precede a alvorada, meus olhos prenderam - se em teu

olhar, e desde então, entendi que a luta para viver adiante sem ti me seria incomensurável”, confessou Amir com olhos empedernidos pela emoção, enquanto Isabel se sentia prisioneira das mais profundas e sombrias correntes que amarram a alma e a liberdade.

Era uma teia de seda quebradiça e fulminante que os enredava e os envolvia na sombra temível das renúncias, da amargura de saber que o desejo e a paixão que os uniam desabrochavam como rosas sob a ira e a condenação dos que jamais poderiam compreender ou aceitar sua história de amor.

”Amir, o destino espalhou cinzas e vozes em nosso caminho, e mesmo assim, não consigo deixar de sonhar com um universo e um tempo em que nossos corações e nossas mãos possam finalmente se encontrar, como as águas das fontes que serpenteiam e se misturam, sem obstáculos nem tormentos, e banham nossos rostos e nossas almas com o bálsamo que a verdadeira reciprocidade e sinceridade sempre anelamos.”

A respiração compassada, os corpos nutrindo a energia que irradiava de cada fibra de seus seres, Isabel e Amir ergueram os olhos para o céu, que se desnudava diante deles como um poema e uma promessa.

Tomando uma decisão impregnada pela dor e pelo arrependimento, Amir apertou com força a mão de Isabel, seus olhos presos aos dela, como um farol que buscava orientação nas ondas revoltas da tempestade.

”Isabel, minha infundável riqueza, é chegada a hora de nos separarmos, ainda que nosso amor grite e esgoele em protesto. Separados como contrários, vivendo distantes como inimigos, mas unidos em alma, mesmo que por uma fração de tempo que podemos chamar de nosso.”

Erguendo seu rosto, Isabel o beijou com lábios trêmulos, cujo sabor anunciou o primeiro capítulo de uma despedida. Um arrebatador adeus que deixava suas almas mais próximas, porém suas vidas forçadas a se separarem.

”Oíça, minha amante e silêncio. Que os murmúrios da noite ecoem em teus ouvidos e seus sussurros sejam a companhia que minh’alma necessita. Darei-te um último beijo, abençoado pelas sombras que nos protegem, para depositar minha promessa de que um dia, quando as colinas reverberam no ritmo do amor pacificado, nossos caminhos voltarão a cruzar-se.”

E assim, entre beijos e súplicas, Isabel e Amir separaram-se, caminhando cada qual rumo às escuridões que convergiam implacáveis, tentando extinguir

o amor, como a bruma que desvanece as últimas chamas de um sol poente.

Chapter 3

A paixão proibida

A noite de abril caía suave e terna, como um véu de cetim sobre as pedras das muralhas de Torres de Almourol, onde nem o rumor do vento, nem o gemido das águas do Tejo, nem o chiar das portas das ameias pareciam querer perturbar o silêncio quase inaudível que encerrava e envolvia as memórias e as esperanças, as angústias e os lamentos dos amantes que, nas sombras misteriosas dos aposentos e das passagens que se perdiam e se ocultavam por entre arcos e baluartes, ousavam trocar e oferecer o polegar e os olhos, o alento e o tormento das carícias proibidas e secretas, das juras e das renúncias que os conduziam e assombravam pelos caminhos tortuosos e estreitos de um amor clandestino, maldito e maravilhoso, como o perfume e a beleza de uma flor que se desabrocha e se desfalece nas sombras úmidas e frescas de um vale esquecido e misterioso.

Invisível e insondável como essa paixão e como essa desventura, Isabel deslizava e se insinuava pelas sendas e corredores que envolviam e se prolongavam desde os baluartes onde Diaz, o felino fiel e silencioso que a acompanhava desde sua infância, se enrodilhava e arquejava em sonhos efêmeros e arrependidos, até às presilhas onde a escuridão e o rumor apagado das palavras amorosas e dos suspiros entrecortados de anseios e de ilusões se emaranhavam e se insinuavam em brumas e anseios, na ânsia e na quimera de esquecer e abafar o clamor e a tragédia que circundavam e que se abatia sobre a alma e o pesar de dois seres que buscavam, na carne e no espírito, na sombra e na revelação, o enlace e a fusão que os transportasse e os libertasse das amarras e dos precipícios invisíveis, dos olhos e da mão que os dividia e os oprimia como espadas e mordanças levantadas pela inveja e

pela impotência dos homens e das nações.

Era no escasso e relutante abraço e refúgio das muralhas e dos mares que pareciam espreitar e roer os derradeiros suspiros e esperanças de um amor malogrado e despedaçado por um destino inexorável e cruel, que Isabel, parecia enfim encontrar e palpar, no olhar e no pulsar da alma e do coração de Amir, a ressonância e a plenitude dos desejos e das renúncias que lhe travavam e crucificavam os sorrisos e os gestos no abismo e na desolação de uma vida clandestina e desonrada, sem horizonte nem aurora, mas ao mesmo tempo exaltante e sublime como um sacrifício e um resgate infundável que lhe conferiam e lhe devolviam a liberdade e a dignidade de ser amada e de poder amar, ainda que na ira e na maldição das sombras e da solidão que lhe servia de cobertor e de cela.

Era assim - e não de outra maneira - como os dedos de Amir se entrelaçavam e se possuíam, discretos e ousados, pelos cabelos e pelos lábios onde, na penumbra que estremecia e devorava a claridade cada vez mais incerta e distante dos archotes e das poucas estrelas que ainda ousavam cintilar e respirar no céu enevoado e tumultuado pelas torres e castelos sombrios e ameaçadores que emergiam das trevas e da fria neblina das margens do rio e das florestas onde os homens e as aves de rapina esconjuravam e enfeitiçavam seus instintos e sua crueldade, evocando os espectros e os corpos insepultos das batalhas e das ciladas que se consumiam e se apagavam em silêncio e temor, como num calvário e num batismo em que os rebentos e os quadrantes arrancados e retalhados pelas ventas e pelos cascos da desgraça e da morte eram lentamente lapidados e abrandados pelo beijo e pelo alarido das ondas.

Primeiro encontro de Isabel e Amir

Era noite estrelada, um véu de prata cintilando sobre o universo, quando Isabel, a lua em sua face lívida e amargurada, assomou ao balcão do castelo de Torres de Almourol. O vento açoitava e praguejava em sussurros, como se soubesse da missão que a jovem senhora naquele momento empreendia - uma missão que assinalaria um dos pontos mais decisivos e perigosos na história instável e dolorosa do jovem reino. Nos olhos de Isabel, um ar ameaçador e brilhante; e no coração, um punhal e uma chama que a queimavam e a transfiguravam na própria encarnação de um incêndio e de uma glória em

ebulição.

”É neste momento, neste instante tão sombrio e temeroso, que não posso mais fugir nem me ocultar da realidade e da paixão imminente que me espreitam e me assolam como um espectro de vento e sangue”, murmurou Isabel, os cabelos esvoaçando em torno do rosto como véus de ouro e de auroras. ”E o ar que respirei e que agora me beija e me golpeia em rajadas inquietas e frias, serei capaz de enfrentá-lo e sufocar os temores e as incertezas que me escravizam e me distanciam da frágil e misteriosa chama de um amor que, por maior que seja sua força e sua beleza, jamais conseguirei arrancar do abismo e do silêncio?”

Logo fez sua entrada o elemento que completa essa cena de desencontros e umbrais - Amir, o cavaleiro mouro cujo caminho se entrelaçara com o de Isabel de forma tão contraditória e intensa; como um par de árvores cujos ramos crescem em direção um do outro acima de um precipício cruel. Ele não sabia o que esperar do encontro clandestino com sua amada; percebia-se a tempestade de emoções em seus olhos cor de azeviche, pensamentos acorrentados por um futuro incerto.

Com passos lânguidos e hesitantes, Amir aproximou-se de Isabel, enquanto a lua plácida e envolvente lhes observava com atenção e ternura.

”Isabel, guardiã secreta de minhas noites insones e de minhas batalhas de estilhaços e chamas”, murmurou com ternura e amargura, permitindo-se ao mesmo tempo sentir um leve rubor envolvê-lo como um brasão e uma estigma de um amor que não sabia se seria possível. ”Diga-me o que o sol e as estrelas não me disseram, ainda que a crueldade e a angústia possam me golpear com fúria e desespero.”

Percebendo a angústia em suas palavras, Isabel sussurrou suavemente: ”Amir, neste encontro desponta o início de uma prova suprema, um teste que nos revelará as profundezas de nossa coragem e nossos corações. Sabendo do risco que corremos ao estarmos juntos nesta hora sombria, não me atrevo a pedir-lhe coragem perante um futuro incerto. Mas posso pedir que guarde conosco as nossas memórias e sonhos compartilhados no umbigo deste amor proibido, como uma centelha de esperança a ser acariciada nas noites mais frias e solitárias.”

Um silêncio brando e tempestuoso se apossou do balcão, unicamente interrompido pelo canto de um pássaro noturno. Acariciando o rosto de Isabel com mãos tremulas, Amir permitiu que seus olhos mergulhassem no

poço profundo do olhar de sua amada. "Não me atrevo a questionar os desígnios do destino e o caminho sinuoso que nos conduz ao precipício do impossível. Mas nesta noite, eu vos ofereço não apenas a minha lealdade e a minha devoção, mas também o meu espírito e o meu coração, que em sua lassidão e em sua ilusão, desfraldam o estandarte e o pavilhão do nosso amor, como o oráculo e a promessa de um renascer."

Enfim, sob o olhar complacente das estrelas, entregaram-se ao abraço. Unidos, sentiam a força magnética que os fazia sofrer com o desejo de um futuro inalcançável. Sabiam que a batalha viria, era iminente, mas naquele momento, estavam absortos na sensação de pertencer um ao outro, resistindo como amantes em um mundo onde a separação era inevitável.

E assim, como se suspensa pelo fio da lua, cada palavra e juramento foi costurado na tapeçaria daquela noite. Seu amor seria eternizado - entrelaçado nos anais do tempo e no coração do nascente Reino de Portugal.

A atração crescente entre os protagonistas

A brisa que se elevava sobre o rio Tejo carregava consigo o sussurro das águas e dos segredos que jaziam dentro das profundezas de milênios de silêncio, guiando os olhos e os passos de Isabel até à sombra da torre de Torres de Almourol, o remanso e altar proibido e sagrado onde, desde o primeiro encontro e evasão daquela floresta de espadas e rochedos que sustentara e abrigara o fogo tímido e indomável de um amor clandestino como o grito e o murchar de uma flor plantada e amordaçada nos desfiladeiros e nas lágrimas de um destino entrevado e insondável, sua atração por Amir crescera e consumira o ar e o pulso de seus olhos e de seu coração, trançados e trêmulos na tormenta e na memória fugidia da última vez que os lábios e as preces selvagens e compassivas do cavaleiro mouro tinham visitado e suplicado o perdão e a bênção da amada que via e que desenhava seu destino em cada gesto e em cada nota daquela canção misteriosa e trágica que embalava e envolvia, como um leque e um berço, os passos e os sonhos dos enamorados que, mal sabiam, tinham o coração e o fio do tempo e do destino entre os dedos e os pensamentos furtivos.

Era também o silêncio e a percussão da esperança e do desencanto que levavam e perseguiram Amir, pelos labirintos e obstáculos da festa e das celebrações que lhe devoravam o sono e o descanso, a entregar-se e a

procurar, em cada rosto e em cada lugar recôndito e sombrio, a presença e o sopro fugidio e enlevado de Isabel, a flor cristã que, sem saber ou compreender a tormenta e o raio que despertara dentro de suas vísceras e de seu peito desde o primeiro e o último encontro no sacramento e na confissão de um amor inesperado e impossível, se apagara e se escondera no canto e na sombra de um medo e de uma penumbra tão tétricas e desconhecidas como os vapores e degredos que lhe eram impostos e lhe dilaceravam o riso e a vontade de viver e de sonhar.

Não eram as palavras ou os discursos fugidios e augúrios das comemorações da conquista de Leiria - ó Sebastos alvor que se despojava e se apagava aos olhos e à soberba dos mouros e portugueses, como as véstes e quimeras que D. Afonso Henriques deixava cair e enrolavam-se em torno de suas espáduas e de suas lâminas, fadadas e consagradas, desde o primeiro alvor do cosmos e da humanidade, ao sonho e à glória da independência e da conquista eterna das terras e dos estilhaços que ligavam e partiam o coração de um povo e de um amor investido e mergulhado nas chamas e nas veias de um enlace e de um dilúvio que ameaçavam afogar e enlouquecer as esperanças e as horas vêmeseres e trágicas - que atraíram e fizeram pulsar, no olhar e no pensamento do cavaleiro mouro, ressentido e desprendido dos festejos que o oprimiam e afligiam como um lodo e um irmão perdido, a esperança e o desejo ardente de encontrar, ainda que por um momento e um abraço fugidio e ávido das mãos e do aconchego do amanhã e da luz, o amparo e a ternura de Isabel.

E assim, como que guiados e arrastados pelo vento e pelo clamor invisível e sombrio das estrelas e dos sonhos que lhes tinham escapado e consumido o ímpeto e o rubor de seus desejos e de seus pesadelos, os dois amantes encontraram-se, no limiar e no desvão do castelo, onde a luz e o silêncio pareciam lutar e confundir-se entre a escuridão e as muralhas, como os beijos e os suspiros que se procuravam e se enlaçavam na penumbra e na agonia de um abismo que lhes parecia cada vez mais distante e irreal, como o fantasma e a miragem de um amor e de um sacrifício que não podiam deixar de consumir e se entregar nos olhos e na carícia dos amantes.

”Meu amor, quanto tempo e quanta lágrima e lamento se esconderam e habitaram nossa alma e nosso olhar, desde o último abraço e a última prece que nos nutriram como medrosas e soberbas crianças, percorrendo os labirintos e os caminhos de um sonho e de uma penitência cruel e sublime,

como o rasgar e o gemer das ondas e das provisões que nos alimentam e nos obrigam a seguir em frente?”, murmurou Amir, com uma voz tímida e ousada ao mesmo tempo, como se desafiasse e agradecesse o sopro e a corrente de emoções e de dúvidas que o aprisionavam e o torturavam com a lembrança de Isabel e com a paixão e a incerteza que ameaçavam transformar e purificar o caminho e a razão que jurara e se destinara a percorrer desde o primeiro suspiro e as sombras do Al-Andalus às portas e aos brandões que despontavam e crepitavam aos olhos e ao coração de D. Afonso Henriques.

”Sabeis, meu cavaleiro, quantas noites e quantas vigílias cruéis e anônimas acompanhei e sufoquei em minhas preces e em meu lamento, como uma sequestrada e indesejável rosa que, na fragilidade e no silêncio, deixa murchar e lacrimejar as pétalas e a lembrança de um jardim e de uma quimera inalcançada?”, respondeu Isabel, na ternura e na turbulência de uma voz que parecia embalar e amaldiçoar a paixão e o desejo alheio e proibido que se acendia e brilhava, como a fogueira e a chama sublime que perpassava e dilacerava o coração e a solidão daquela noite de março e de trégua onde, como uma guarida e um abismo, cruzava e se deixava devorar e desnudar pela sombra e pela ternura de Amir.

E de repente, como se desvendasse e se rendesse ao mistério e ao enlace que os ligava e aos unia num abraço e num beijo invisíveis, Amir tomou o rosto de Isabel em suas mãos, com a timidez e a ousadia de quem se abandona ao precipício e compreende a paixão e a coragem dos amantes que deixam-se encantar e vencer pelo reflexo e pela realidade de um amor proibido e oculto entre as sombras e as muralhas daquele castelo e daqueles olhos que se entregaram, pela primeira e última vez, aos juramentos e às provações que os aguardavam e os perseguiriam, como as estrelas e os pesadelos que rompem e que se perdem na noite e na solidão que lhes serve de abrigo e de eternidade.

Encontros secretos no castelo de Torres de Almourol

Subindo os caminhos sinuosos que levavam à torre de Torres de Almourol pairava uma aura de inquietação a cada passo que as sombras de Isabel e Amir se aproximavam mais de seu refúgio secreto. Os olhos da amada pareciam hesitar por um momento, buscando entre o silêncio e o murmúrio da noite uma resposta para as perguntas e os segredos que a atormentavam

como almas perdidas em meio à neblina e aos abismos. Mas antes que a jovem pudesse se entregar ao torpor e às sombras que lhe devoravam a alegria e a coragem, Amir tomou sua mão, guiando-a através das trevas e oferecendo o conforto de seu toque, como um farol brilhando sua luz sobre as tormentas e as aflições daquele amor proibido e sagrado.

Ao chegarem à antecâmara iluminada apenas pela lua que se projetava através das frestas da parede de pedra, Isabel sentiu um arrepio percorrer sua espinha diante da inadequação e tensão do que estava prestes a acontecer. Aquele lugar, outrora um bastião de defesa contra invasores e conquistadores, agora era testemunha de um encontro secreto entre dois amantes que desafiavam as regras e as lealdades de seus próprios reinos.

Deslizando seu corpo juntamente ao de Amir, Isabel aninhava seu rosto pálido e inseguro no ombro do cavaleiro mouro, permitindo-se descobrir, nas notas oscilantes de sua respiração e em sua dor e tormento, a coesão e a comunhão que alimentavam e iluminavam o vazio e o silêncio que os separava e que os atraía, como um redemoinho e uma fogueira eterna que dançavam e se consumiam na fronteira entre a vida e a morte, o prazer e a dor, a verdade e o mistério que flutuavam e se engoliam no batismo e no sacrifício que ambos se consagravam e se doavam, como penhores e árbitros de um destino e de uma tessitura inquebrantáveis e indestrutíveis.

”Meu amor, em todos os momentos que o sol nasce e se põe, não deixo de pensar em ti e no nosso amor que desafia a compreensão deste mundo. Quando posso encontrar, ainda que brevemente, a paz e a esperança em teus braços, sinto como se nossos corações se unissem em uma só canção de amor transcendental. Porém, a cada passo que dou ao teu encontro, sinto o fardo de nossa paixão proibida pesar em meu coração como chumbo”, murmurou Isabel, suas palavras evangelizando o silêncio noturno que rondava as paredes de Torres de Almourol.

”Oh, minha amada, sei que nosso amor representa a transgressão de lealdades e fronteiras que não ousamos questionar, mas que tortura indiferente é essa que lança nossos corações em tal luta?”, respondeu Amir, as palavras brotando de seus lábios como as correntes de um rio em um deserto de incertezas.

Ela deixou escapar um suspiro pesaroso, os olhos travados na escuridão. ”Com o passar de nossos encontros, questiono se devo viver com esse peso em meu peito ou libertar-me da corrente que me prende a esse amor proibido.”

”Ah, Isabel! Se pudéssemos romper as correntes que nos encerram e viver livremente nosso amor, a força de nossos corações arrebataria qualquer barreira que ousasse se impor”, confessou Amir com ardor em sua voz.

E assim, ali, naquele esconderijo secreto, vivendo um perigoso limiar entre o dever e o amor, e as ameaças da lealdade e da traição, Isabel e Amir buscavam o consolo e a redenção um do outro. Embriagados pela paixão que compartilhavam, deixavam-se arrebatados pela doçura e pela ferocidade do amor que os consumia como fogo abraça a madeira.

Naquela noite, entregaram-se ao êxtase de um abraço, ousando sonhar com um futuro juntos, livre das amarras da lealdade aos seus povos. Embora conscientes dos perigos e das tempestades iminentes que os aguardavam, na clandestinidade sombria daquela torre de Torres de Almourol, seus corações se despiram de dúvidas e medos, e juntos, como um só corpo e uma só alma, enfrentaram o precipício do impossível.

Nas profundezas dessa indescritível conexão, naquelas horas roubadas, no santuário oculto dentro das muralhas da fortaleza, teceram a tapeçaria de um momento que viveria na eternidade de suas memórias, mesmo quando as lâminas das batalhas iminentes ameaçassem separá-los para sempre.

Conflitos internos de Isabel e Amir

A escuridão da noite era o único véu que encobria a crescente inquietude que consumia os corações de Isabel e Amir - amantes secretos separados por uma divisa invisível que lhes demarcava o terreno proibido de seu amor ilícito.

O encontro na sombria torre de Torres de Almourol ainda parecia um desvario ou uma invocação do destino que os arrastara em seu turbilhão de paixão e sacrifício, impelidos pelo sussurro e pelo gemido das promessas e das tormentas que, como insondáveis e insaciáveis abismos, engolfavam e torturavam seus espíritos e suas esperanças com a sombra e o fantasma de um passado e de um futuro que já não lhes pertencia, mas que, como eternos e instigantes emissários de um poder e de um impulso desconhecido e irresistível, perseguiram e assomavam seus sonhos e sua realidade, como se, num último e desesperado esforço, procurassem forjar e redimir a tapeçaria e a fatalidade que os unia e os separava, como as estrelas e os aquilões perdidos entre os olhos e as mãos que, na doçura e na precipitação de seus beijos e

de suas lágrimas, desafiavam e entrelaçavam o desvario e a sublimidade de seus votos e de suas traições.

Era no crepúsculo daquele refúgio secreto que eles encontravam o alento e a chama de que necessitavam para aquecer e acalantar suas almas e seus corações, despedaçados e oscilantes entre as sombras e os estilhaços da guerra e das traições que os cercavam e os desafiavam a questionar e a redefinir sua própria essência e lealdade, como um desfile e um cortejo de miragens e de espectros que os impeliam e os lançavam na dança e na balbúrdia das paixões e das lealdades inconfessadas e insequenteadas, que os atormentavam e os redimiam, como assombradas e inabaláveis testemunhas e profecias do tempo e do belveder que se escancaravam e se desmoronavam diante de suas angústias e de suas provações.

”Amir ”, sussurrou Isabel, sua voz trêmula e alquebrada ecoando entre os muros e os segredos daquele suntuoso e inescrutável recanto onde se misturavam e se perdiam os rumores e os gemidos dos corpos e das almas que, entre as dobras e as cores abissais da penumbra e do crepúsculo, buscavam unir e dissolver as cinzas e as lembranças de um jardim e de um calvário que já não lhes cabiam entre as alegrias e as tragédias do passado e do porvir.

”Sim, minha amada Isabel?” respondeu Amir, enxugando e acariciando as lágrimas e os temores que pareciam verter e arder em seus olhos e em seu rosto, como a sombra e a lembrança das areias e das labaredas que o tinham trazido e envolvido naquele encarceramento e naquela dança solitária e sublime que só os amantes e os traidores conhecem e consomem como o cálice e o anel que os separa e os entretece, como um abismo e um redemoinho que lhes arrebatava e fulmina as lágrimas e as juras que os prendem e os amordaçam aos pés e aos suplícios dos homens e das idades que os cercam e os condenam.

O silêncio e o alento da noite pareciam penetrar e invadir o âmbito de seus corações e de seus espíritos, como aquele amor e aquele abismo que os impelia e os devolvia, indefinidamente e inseparavelmente, ao clamor e à solidão dos véus e das muralhas que os protegiam e os intimavam a desvendar o mistério e o sortilégio que os ligava e os erguia, como um sacrifício e um emblema, aos corações e aos olhos daqueles que, perdidos e em fuga, contemplavam o amanhecer e o crepúsculo que se esvaeciam e se corporificavam, com a selvagem e a desdenhosa ternura das sombras e das

noites que los e os aconchegavam e os alimentavam, como um bálsamo e um manuscrito jamais escrito ou pronunciado entre os lábios e as carícias dos amantes e dos traidores que, na doçura e na insensatez de suas decepções e de suas traições, ansiavam e abdicavam, com a convicção e o arrependimento de um último e indolente suspiro, da paz e da memória que só a perda e a ausência lhes poderiam proporcionar e devastar, como o gemido e o resplendor desvendados e chamuscados dos corpos e das vozes que se entregam e se perdem, no deslumbramento e na saudade do crepúsculo imortal e despedaçado que só o amor e a desventura podem acariciar e celebrar com a imperecível e indomável ardência e lembrança das promessas e das censuras que, a despeito e a pretexto dos juramentos e das dádivas betuminosas e incoerentes que os soltam e os debandam, como gigantes e pigmeus lançados e devorados na convulsão e no abandono das orgias e dos letargos, acendem e racham, entre as sombras e os murmúrios quebradiços e impostergáveis do terreno e do fantasma que há tanto e há pouco tempo se vislumbravam e se inauguravam à luz e às sombras que sua união e sua traição lhes anteviam e lhes fadavam, como inomináveis bruxedos e delírios daqueles que, ao desferir e ao contemplar o gume e o rubor que as horas e os deveres lhes cobriam e lhes devolviam, quedavam - se e apoquentavam - se com o eco e a serpe que os assaltava e os alienava, como o remorso e o abandono dos viajantes e dos naufragos que, inseguros e desorientados pelos desígnios e pelas provações que lhes eram lançados e impingidos, procuravam e renunciavam à alvorada e ao mistério que, como um sacrifício e um hino jamais concebido ou devotado, eram a única e irremediável força e bem-aventurança que os mantinha e os dividia, como uma promessa e um destino silenciados e presenteados com a artificialidade e antecipação do amanhecer e do jardim que os aprisionava e os enleava, como só os amantes e os traidores são capazes de entender e de sofrer, na cumplicidade e no desespero de seus segredos e de suas dores esquecidos e immortalizados como um arauto e um devaneio insondáveis e prazenteiros, que, por entre as frestas e os delírios de um entrelaçamento e de uma recordação que jamais se extinguiriam ou se perverteriam em seus corações e em sua imaginária, delimitavam e demarcavam as sombras e os extravios da aurora e da penumbra que, inextricavelmente, os exortavam e os fulminavam, em um abraço e em um clamor imperecíveis e eternos como o sopro e a passagem que os enlaçava e os consumia, com a trégua e o vôo das estrelas e dos pesadelos que, a

cada lágrima e suspiro, alimentavam e espargiam a incômoda e extasiante cortina e muralha que os agarrava e os soltava, como a aurora e a memória esmaecida e reascendida das pegadas e dos desastres que, como tochas e sibilas erigidas e alumiadas pelos olhos e pelos cânticos alados e tementes das sereias e dos condutores que esvoaçavam

A descoberta do relacionamento por Beatriz

Os suspiros da noite abraçavam o castelo de Torres de Almourol, cúmplices silenciosos das horas secretas que nutriam e alimentavam com seus murmurinhos e suas sombras a doçura e a angústia da paixão e da traição que, envoltas e feridas nas palavras e nos beijos que Isabel e Amir trocavam, bordejavam e punham em xeque, como as estrelas e o cansaço que os espreitavam, o remorso e a esperança de seus votos e de suas mentiras que se avolumavam e se uniam naquelas horas roubadas, no santuário oculto dentro das muralhas da fortaleza.

No entanto, aquelas sombras desgarradas e fugidias não ocultavam mais todos os olhos atentos e vigilantes que rondavam e atalhavam os caminhos e os recantos do castelo. Beatriz, a amiga e confidente de Isabel, sentia cada vez mais uma crescente e ardente desconfiança quanto ao relacionamento entre a amiga e o cavaleiro mouro. Como uma sombra invasiva e cautelosa, ela observava sua amiga, sentindo o arrebato e a confusão que nublavam seus pensamentos e borravam a lealdade aos limites do perigo e do arrependimento.

Naquela noite, uma inquietação súbita levou Beatriz a esgueirar-se pelos corredores em busca de alguma resposta, algum indício que aliviasse ou confirmasse as dúvidas que a corroíam e a intranquilizavam. Foi então que, ao passar pelo corredor que levava ao aposento secreto, ela ouviu o murmúrio dos amantes e, aproximando-se cautelosamente, conseguiu entrever, através de uma fresta da porta, o enlace proibido e doce de Isabel e Amir.

O chão do castelo parecia abrir-se sob seus pés, como se a terra fosse engolfar todas as crenças e certezas que ela tinha e transformá-las em cacos e fragmentos de traição e desventura. Sem proferir um som, Beatriz recuou e afastou-se dali, seu coração descompassado e turbulento como um vendaval prestes a se desenfrear e varrer tudo que a amarrava e a fazia fiel a Isabel em suas ilusões e delírios.

Nas horas e nos dias que se seguiram, Beatriz lutava consigo mesma, tentando decidir entre o amor e a lealdade que lhe eram devidos à sua amiga e a necessidade de protegê-la e de confrontá-la com a verdade e com a tempestade que se avizinhava e ameaçava consumi-las e arrastá-las no vendaval e nos desígnios das paixões e das indiferenças que, como eco e resplendor do olhar e do silêncio que as assustavam e desfaziam, prendiam e atormentavam suas almas e seus destinos como um espelho e um veleiro desatados e adormecidos no regaço e nas lágrimas dos amantes e dos traidores.

Ao ver Isabel novamente, Beatriz não conseguiu conter por mais tempo a tempestade que lhe rugia dentro da alma. Confrontando a amiga, questionou-a, com voz embargada pela tristeza e indignação: "Como pudeste traicionar-nos, traicionar toda a confiança que depositávamos em ti? Como pôde teu coração escolher a ti mesmo e a esse cavaleiro cego e ingrato que, a despeito e a pretexto das juras e das carícias que lhe dedicas, não poderá nunca te amar e te honrar como mereces e como nós, que te acompanhamos e te abrigamos em nosso afeto e em nosso respeito, podemos conceder e oferecer-lhe?"

Isabel, atônita e desesperada com a descoberta de Beatriz, esforçou-se para conter as lágrimas que lhe roíam a alma, enquanto implorava pelo perdão e pela compreensão de uma amiga cujo amor e cuja lealdade eram-lhe tão preciosos e tão imprescindíveis como a própria vida e a própria dignidade que, naquele instante, pareciam fugir-lhe e esvaír-se como as promessas e as lembranças dos amantes e dos traidores que, entre os laços e as espadas que se desdobram e se retesam no vazio e na solidão das horas e dos abismos passados e futuros, buscam e desenham a face e a prece da eternidade e da verdade que só o coração e as sombras podem crer e conceber.

As palavras ficaram ecoando nos corações das duas, como um farol perdido em meio a uma tempestade, ou talvez como uma prévia de todos os conflitos e traições que ainda as esperavam na história singular das lutas e transformações do reino de Portugal, dos mouros e dos cristãos, e dos amantes inexprimíveis e indomáveis que, em seus segredos e em suas almas misteriosas e atormentadas, forjariam e solapariam o destino e a esperança de todos aqueles que, como elas, eram tragados e naufragavam nas águas turbilentas e indomáveis do amor e da lealdade que só o coração e as sombras,

no berço e no sepulcro das horas que passam e que voltam entre os suspiros e as mãos que se buscam, poderiam e saberiam reatar e entregar, como uma prece e uma lembrança eternas e vindouras como o tempo e o amor que só os amantes e os traidores podem rogar e lembrar, na solidão e no perdão de suas lágrimas e de suas traições desvendadas e silenciadas como a sombra e a tempestade que as devoraram e as amaram, no deserto e no jardim que se incendiaram e se perderam em seus olhos e em suas mãos, como um arauto e um devaneio insondáveis e irrefutáveis, que, como estrelas e vendavais, clamavam e fulguravam os limites e as marchas dos corações e dos olhos que se separavam e se uniam, como se, num último e imperecível suspiro e vôo, pudessem e quisessem redimir e conjurar os juramentos e as lembranças dos tempos e dos espíritos que, em suas asas e em suas preces, buscavam e entregavam o amor e a lealdade.

O amor proibido ameaçando lealdades políticas

Na sombra das muralhas de Torres de Almourol, Isabel e Amir se encontraram novamente. As estrelas tinham sido suas cúmplices até então, mas mesmo elas pareciam conspirar, tendo sua luz abafada pelas nuvens escuras que começavam a se formar no céu noturno. Sufocada pela angústia e pelo medo, a jovem estremeceu quando sentiu o toque suave e firme das mãos de Amir a envolver sua cintura.

- Não deveríamos estar nos encontrando assim - murmurou Isabel, o olhar perdido no horizonte cinza e inquieto. - Eu sei dos perigos, dos riscos que corremos ao desafiar as lealdades políticas e religiosas que cercam nossos laços

Amir a puxou para mais perto, seus olhos buscando nos dela aquele brilho de paixão e força que atraía e conquistava a todos que se aproximavam. A tristeza que agora vislumbrava no fundo daqueles olhos o apunhalava como se fosse uma espada enferrujada, arrancando pedaços de seu coração inchado de gentileza e fervor. Com um suspiro que soou como um lamento, sussurrou - lhe ao ouvido:

- Eu preferiria enfrentar mil soldados em batalha a ver as lágrimas brotarem em teus olhos, minha doce Isabel. Mas eu também sei das penumbras que nos espreitam, dos segredos e das mentiras que são necessários para manter nossa paixão viva. E mesmo assim, eu não posso abandoná-la,

entregá-la aos ventos que, mais cedo ou mais tarde, levarão nossos mundos para longe um do outro.

Isabel sentiu, então, que essa separação já começava a acontecer. Quantas vezes, nas horas secretas passadas nos braços de Amir, ela não ansiara por um milagre, por um sinal que lhes permitisse caminhar juntos no mesmo chão, sob um céu claro e calmo e sobre olhares que não os ameaçavam com suas sombras e desconfianças. Contudo, ela sabia que cada dia, a cada beijo e a cada promessa sussurrada em seus ouvidos, arrastava-se e consumia-se na inevitável tormenta que acabaria por revelá-los e destruí-los.

- Não - protestou ela, o rosto banhado por lágrimas, apertado contra o peito de Amir. - Eu não quero perder-te, Amir. Mas, mais do que isso, eu não quero que te percas por minha causa, que o teu povo, a tua fé e a tua vida sejam reduzidos a cinzas e pedaços de tormento e amargura por causa de nosso amor proibido.

Ela o encarou, os olhos cheios da dor e do medo que os separava e os dilacerava, e implorou, numa voz que parecia pertencer ao vento ou à própria sombra que os envolvia:

- Prometa-me, Amir. Prometa-me que, quando chegarmos a essa encruzilhada maldita, onde devem tombar e fenecer os sonhos e os desejos dos amantes e dos traidores, nós saberemos escolher o que nos resta de amor e lealdade para com nossas nações e para com nosso próprio coração.

Isabel sentiu o ódio e a tristeza que sempre acompanhavam as batalhas entre seus povos, ressoando em seu coração que começava a pulsar em uníssono com o de Amir - um coração dividido entre a honra e a paixão, a lealdade e a traição.

Amir, com um olhar infinitamente triste, prometeu à mulher que amava:

- Eu juro, Isabel, que nosso amor jamais será ofuscado pelo peso dos corações partido e das lealdades trincadas, mesmo que nossas súplicas de paz nunca sejam ouvidas e nossas lágrimas sejam perdidas no vendaval das guerras.

Entrelaçados pelo vento que cantava histórias de amor e traição, e pelos murmúrios do rio Tejo que os conduzia em direção ao desconhecido, eles se abraçaram como se, naquela simples manifestação, pudessem encontrar a resposta a todos os dilemas e sacrifícios que lhes seriam atribuídos.

Com as lágrimas de Isabel se misturando às de Amir, eles selaram com um último beijo desesperado os votos que juravam, sabendo que, em algum

momento no futuro, o destino e suas lealdades políticas poderiam voltar a atormentá-los. Mas ainda assim, o amor que pulsava entre eles, o amor de dois corações divididos e perdidos na vastidão do tempo e das guerras que os assombravam, transbordava com força e esperança, como se fosse capaz de vencer a tempestade que se aproximava.

A conexão emocional entre Isabel e Amir, fortalecendo a aliança entre Portugal e os mouros

A leve brisa soprava ao longo do Tejo, acariciando os cabelos e as faces de Isabel e Amir, que caminhavam juntos pelos jardins do castelo de Torres de Almourol, onde o rio tinha a coloração mais escura e suas águas agitadas adormeciam a noção de paz. O sol banhava-os com seus últimos raios, teimoso em seu afastamento, tentando segurar um dia que já estava se despedindo. A lua já espiava, timidamente, por entre os ramos das árvores que protegiam como sentinelas o mistério daquele amor que se fortalecia em desafio às circunstâncias.

Como numa dança em silêncio, os olhos de Isabel e Amir deslizavam um para o outro, os corações pulsando em uníssono, como dois acordes de um tântalo cujas notas se combinavam na perfeição da sintonia maior do amor e da vida, simbolizando a aliança tão delicada que unia Portugal e os mouros. Naquela confluência de correntes, não apenas das águas, mas das histórias e dos afetos que ali perfaziam suas rotas e seus destinos, os amantes buscavam um consolo e um alento para a tempestade que assolava a cada onda contra as pedras do castelo e de seus próprios corações.

- Isabel - murmurou Amir, a voz sufocada pela emoção que lhe arrebatava a razão, esvaindo-se na brisa enquanto tentava dar forma e sentido ao caos e ao furor que abraçavam e consumiam suas almas. - Quem diria que, em meio a todo o ódio e a todo o sangue que unem e apartam nossos povos, encontrar-nos-íamos aqui, desafiando os preconceitos e as lealdades que nos rodeiam e nos sufocam, para escrever esta história de amor que, apesar de nossos erros e sacrifícios, irá fortalecer e transformar a aliança entre Portugal e os mouros?

Isabel acariciou o rosto de Amir com as mãos trêmulas e aveludadas, o calor de seu corpo e de seu coração derretendo a bruma e a neblina que se infiltravam na penumbra e no silêncio onde tudo parecia desvanecer-se e

sepultar - se, como se o único tesouro que restasse ou pertencesse ao mundo e à eternidade fossem os olhos e as lágrimas que murmuravam e cantavam, em uníssono com o rio que os testemunhava, o milagre e a quimera que se teciam e perfaziem em cada suspiro e em cada espasmo.

- O ódio e a guerra, meu amor, embora possam destruir nossos corpos e separar nossas nações, não podem, porém, impedir nossas almas e nossas mãos de erguer bridões e vistillas de paz e de conciliação - respondeu Isabel com a sabedoria e o encanto que somente as palavras e as lágrimas impossíveis dos amantes e dos traidores podem ouvir e subjugar. - Se alguma lição há a se colher e a se semear no arado e na colheita da dor e das glórias que se imiscuem e se engrandecem no vale e na aurora dos nossos destinos e dos nossos beijos, é que nenhum povo ou batalha pode determinar ou desmerecer o amor e a poesia que Deus e a vida sopram e semeiam em nossos corações.

Um sorriso tímido e melancólico brincava nos lábios de Amir, pois sabia que, mesmo em meio aos mais sombrios de seus precipícios de guerra, aquele amor proibido e singular, que nascera e se entrelaçava em torno das cicatrizes e das chagas dos séculos de sofrimento e de luta que as gerações de seus ancestrais e de seus inimigos tinham legado, oferecia, talvez, o único refúgio e consolo, assim como a única aliança e redenção, que seus povos, aquém e além dos muros e dos rios que os separavam, poderiam almejar ou encontrar.

Jamais poderiam imaginar, naquele momento de paz e amor em torno do Tejo, que o futuro traria mais batalhas sangrentas, dificuldades e dilemas morais aos protagonistas mais nobres de seu tempo. Contudo, sabiam que o que fora forjado naqueles encontros secretos entre dois corações leais e bondosos de um homem e uma mulher que representavam duas culturas tão diferentes, seria de imensurável valor para perpetuar o vínculo emocional que os fortaleceria em face dos perigos que teriam de atravessar e das difíceis decisões que seriam forçados a tomar.

E um sentimento de esperança nasceria, cresceria e frutificaria nos ramos do amor que os enlaçava e envolvia, como a sombra e a utopia que os protegiam e os inspiravam naqueles instantes fugazes e fulgurantes, quando os mistérios e os tesouros do amor e das lealdades escondidos e revelados nas almas e nas sombras de seus destinos e de suas lágrimas se erguiam e se mesclavam, como a luz e o eco de um amanhecer e de um ocaso ímpares e inesperados, soltos e livres como a corrente e o destino das águas e das almas

que os uniam e os entregavam ao presente e à eternidade, como um farol e um prenúncio daquilo que só os amantes e os traidores poderiam desvendar e abraçar em sua passagem pelo tempo e pela vastidão da imortalidade e da verdade onde, como dois cometas e dois veleiros cruzando e desfazendo-se no céu e no mar, amavam-se e venciam-se, como só os verdadeiros e imortalizados amantes e traidores são capazes de amar e de vencer, no jardim e no abismo das horas e dos séculos que passam e que rodam através dos muros e das correntes que os dividem e os orostam, como os pássaros e as palavras dos juramentos e dos beijos que se silenciam e se despedem como um adeus e como uma vontade que se reconhecem, nos lábios e nos olhos dos amantes e dos traidores que as pressentem e que as sepultam, no leito e no limiar de seus amores e de suas lealdades.

Chapter 4

Conquistando territórios

A neblina da manhã erguia-se como um véu sobre o Rio Tejo, escondendo a cidade de Santarém do olhar vigilante de D. Afonso Henriques. Montado sobre seu fiel corcel, o jovem e determinado líder português observava os arredores, ponderando a série de estratégias e alianças necessárias para garantir a futura vitória neste campo de batalha, onde tantos outros haviam caído antes dele. Em seu coração, pulsavam as memórias dos heróis e mártires que, lutando por Portugal e pelos sonhos de liberdade e unificação, tinham entregue a vida e a esperança.

”Meu senhor.” A voz de Alfonso de Azevedo, seu conselheiro mais confiável, interrompeu o fluxo de pensamentos de D. Afonso. ”As tropas estão prontas, e nos preparamos para o cerco a Santarém, desta vez, com a ajuda dos nossos novos aliados, os cavaleiros templários e seus poderosos aríetes.”

D. Afonso Henriques assentiu, agradecido pelo apoio inabalável de seu conselheiro. ”Que Deus proteja nossos homens e nos ajude a derrubar as muralhas que protegem nossos inimigos,” disse o jovem líder, selando o destino deste dia fatídico.

Enquanto as tropas portuguesas e templários avançavam em direção à primeira linha de muralhas, Isabel e Amir, ocultos nas sombras das ameias e baluartes da fortaleza mourisca, ouviam o rufar dos tambores e o brado dos guerreiros prestes a desafiar a tese e o martírio de um destino traçado nas linhas e nas brasas do diálogo e do fio das espadas.

Isabel se virou para Amir, o semblante repleto de preocupação e angústia. ”Nossos povos se enfrentam outra vez, e desejo tanto que seus olhos en-

contrem a luz e a verdade nas minhas lágrimas quanto a esperança que serpenteia e esconde-se nos interstícios e nos alicerces dos muros e das rotas que escolhemos.”

Amir abraçou-a, com a fortaleza e a ternura dos amantes que pressentem a perdição e o abismo que os espera. ”A cada batalha, o ódio e a dor se multiplicam, mas a cada sorriso e cada beijo, meu amor por você, Isabel, cresce mais forte do que qualquer muralha que possa nos separar,” murmurou, o olhar fixo no horizonte onde, em breve, o sangue e as lágrimas se semeariam e ceifariam os sonhos e os corações.

O som de trombetas e flautas assinalavam o caminho, e as palavras de Fernando, o Bravo, encharcavam o coração dos homens que marchavam intrépidos em direção ao destino que as estrelas e o céu esculpiriam em suas almas e nas velas das auroras que haveriam de se aproximar. ”Avancem, irmãos e camaradas, e provai a metáfora e o sacrifício de cada brado e de cada martelo que se levanta para estirpar a divisão e a discórdia que matizam e cerceiam a verdadeira aliança que nossa terra e nosso destino hão de reconhecer e consagrar.”

A batalha eclodiu como um vulcão adormecido, sem aviso e violência sufocante. As muralhas da cidade tremiam sob o peso dos aríetes dos templários, ao mesmo tempo em que mouros e cristãos chocavam-se em vagas e vagas de sangue e aço.

Dentro das muralhas, Amir lutava ferozmente, destinado ao eterno dilema entre proteger seu povo e manter a lealdade a sua nação ou abandonar o campo de batalha e correr para o abraço enérgico de seu inesperado e proibido amor, Isabel.

Enquanto isso, Isabel observava a batalha de uma janela estreita no castelo, apertando o crucifixo que pendia de seu pescoço como se a própria salvação de seu coração e seus temores residisse naquela joia. E em cada salmo e cada oração que desfilavam por seus lábios trêmulos, a certeza e o receio ganhavam corpo e matiz, como um juramento lançado e renunciado na corrente e na enxurrada do desespero e dos desafios que lhes eram imputados.

Conforme as horas passavam, a batalha se tornava mais feroz e brutal, com cada ataque mouro sendo respondido por um contra-ataque cristão, infiltrado de uma determinação inabalável arrebatada da resiliência de seu líder, D. Afonso Henriques. Nas linhas e nas vozes que se confundiam e se entrelaçavam, o perigo e os abismos que cercavam a vida e o destino

de Isabel e Amir, a exemplo dos muros que guarneciam e desmoronavam perante a cólera e a bravura dos homens e mulheres que acalentavam e esmiuçavam a essência e os martírios medulares e fulguerosos das estrelas e das névoas.

Por fim, as muralhas cederam sob o peso dos aríetes e da fé cristã. E, com um sonoro estrondo e um tremor, o caminho para a vitória estava selado. D. Afonso Henriques liderou seu exército através do golpe fatal na batalha, empunhando sua espada como uma foice colhendo a dignidade e a esperança de ambos os lados, roubadas pelos grilhões da violência e do martírio.

Enquanto a batalha arrefecia e o estandarte de Portugal se erguia no topo das muralhas, Isabel e Amir se encontraram no silêncio já deserto da noite, penetrados pelo alívio e pela amargura que os envolviam e transpassavam, como uma dádiva e uma maldição que sempre revisitariam e rondariam seus amores e lealdades, máxime naqueles turbilhões e campos onde a guerra e a memória se entregavam e se renunciavam aos mistérios e às lágrimas consagradas e almejadas pelo tempo e pela eternidade.

Expansão militar

O resplandecente sol vespertino lançava raios de luz sobre o campo de batalha, como se almejasse abraçar com força os corpos caídos e perfurados do desastre, arrancando-lhes do crepúsculo da morte uma última parcela de luz e vida, numa tentativa fútil de sanar as feridas e as traições que jaziam nos rostos e nos abismos dos corações de todos aqueles que lutavam por um horizonte de paz e de justiça, um horizonte que, a cada rugido de ferro e prata, a cada grito de dor e desespero, parecia se afastar ainda mais dos olhos dos guerreiros e amantes que seguiam e buscavam, na tempestade da guerra e nas lágrimas de figueira, a luz e o caminho que pudesse trazer o verdadeiro e necessário encontro das almas e dos destinos.

As muralhas do castelo de Guarda esbravejavam, tão rígidas e intimidantes quanto o próprio D. Afonso Henriques de Borgonha, buscando sustentar e resistir aos avanços dos mouros, tal como uma armadura protegendo o coração do reino emergente. O som dos gritos e o cheiro de sangue e medo percorriam o ar como cordeiros ao abate, enquanto as sombras da noite se avizinhavam, espreitando um fim poético para aqueloutro dia de calamidades

e desassossegos, levando consigo a vida e os segredos de guerreiros cansados da violência e do infelicitado destino que os rondava.

Lá, em meio à batalha, com o sangue tingindo sua pele alva, Isabel de Trastâmara golpeava, ferindo o inimigo com uma força surpreendente que destoava de sua delicada fisionomia. Enveredara pelo caminho árduo da luta armada, guiada pela paixão que nutria pelas terras portuguesas e pelo fogo avassalador de seu relacionamento com o mouro Amir ibn Malik al-Andalusi.

"Isabel!", gritou Amir no fragor da batalha, a voz carregada de dor e preocupação, esquecendo-se por um instante das armaduras e dos terrores que o cercavam. "Cuidado com sua vida!"

A advertência chegou tarde demais, porém, pois um cavaleiro armado já vinha em seu encalço, enfrentando a jovem guerreira numa fúria de gritos e aço. Sua espada golpeou Isabel, arremessando-a contra uma parede e deixando-a dolorida e sem fôlego.

Amir não pôde conter o alarido que brotou de suas profundezas enquanto tentava abrir caminho até sua amada. Fitou os olhos do guerreiro que se postara diante de Isabel e, com a voz embargada por raiva e dor, desafiou-o: "Renda-se agora, ou poderá se arrepender."

O cavaleiro rangeu os dentes, fechou os olhos por um instante e logo baixou sua arma, resignado à derrota. Amir correu até Isabel, ajudando-a a se levantar. Seus olhos encontraram os dela, numa súplica muda por perdão e por um futuro melhor, onde não seriam forçados a lutar uns contra os outros em nome de territórios e soberanias.

Ao longe, D. Afonso Henriques, empunhando sua espada negra como o corvo símile da própria Morte, cavalgava com seus guerreiros em aproveitamento da vantagem obtida. Soldados mouros rendiam-se, na esperança de que a misericórdia se fizesse presente em meio ao caos e à desolação.

Em uma breve trégua acometida pelo clamor da guerra, como o vácuo que precede a tormenta, Isabel e Amir fundiram-se em um terno abraço que parecia transcendental em relação à terrível realidade. Foi quando Estêvão de Sousa, em um último ato de traição, investiu contra D. Afonso Henriques, tentando obter a glória e o domínio que ansiava.

Afonso de Azevedo, conselheiro leal do jovem rei, reconhecendo o perigo, arremeteu com seu cavalo e interceptou o traidor com sua lâmina, pondo fim a uma ambição letal. "Levantai, D. Afonso Henriques! A vitória é nossa!",

bradou o conselheiro, enquanto a batalha se acalmava, e as bandeiras de Portugal balançavam triunfantes por sobre as muralhas do castelo.

Em meio ao penumbroso final do confronto, Isabel e Amir, ainda embrenhados nos laços de amor e compaixão, almejaram um último grito, não de guerra ou dor, mas de esperança. E ali, com as sombras da noite engolindo a luz do dia, prometeram um ao outro que a paz que tanto desejavam para sua pátria e seus povos sempre encontraria morada nos corações dos homens e mulheres que, corajosamente, ousassem amar além das fronteiras, pois o verdadeiro caminho para a expansão além das terras e mares não era encontrado através do fio das espadas, mas sim nas profundidades das almas entrelaçadas.

Estratégia dos castelos

À medida que o sol abrasador se punha para além do horizonte, as majestosas muralhas do castelo de Santarém, arriscavam-se a se tingir de um vermelho carmesim, tal o sangue derramado naquele dia fatídico. Em meio ao incessante fragor das batalhas que assolavam seu reino, D. Afonso Henriques contemplava o panorama áspero e sombrio do coração da Lusitânia, onde as sombras das fortalezas e dos campos de batalha se alongavam como os dedos do tempo, apontando-lhe, inextricável e inexorável, o caminho a seguir.

Levantar-se nas esporas, Afonso contemplou o mapa estendido sobre a mesa de pedra iluminada pelas débeis chamas das tochas. Com as pontas dos dedos, tocou as representações das muralhas e das torres, como se suas mãos pudessem ordenar o caos que reinava em seu reino à mercê das disputas com os mouros. Ao seu lado, Alfonso de Azevedo, seu conselheiro e braço direito, expunha-lhe planos e contraplacnos meticulosas e astutas:

”Vedes, meu senhor, as fortalezas mouro que ainda precisamos capturar. Estabeleci um padrão ” - apontou o experiente conselheiro.

D. Afonso interrompeu-o com um ar pensativo: ”A única coisa que vejo, caro Azevedo, é o sangue e o suor de nosso exército traçados sobre este mapa como uma teia de aranha, um sacrifício que nossos filhos e netos hão de carregar em seu legado.”

Silenciado, Alfonso observou o rei com um olho experiente enquanto seus dedos traçavam pelos pontos estratégicos no mapa. A essência do castelo ao

seu redor se impregnava e se condensava, expressando a dor e o pesar nas vozes dos guerreiros e no suor e na resiliência de suas almas.

Após uma pausa que se delongava, estirando-se feito uma sombra na mente de Afonso Henriques, Azevedo retomou sua explanação, com a voz grave o suficiente para abalar até a própria pedra sob seus pés: "Perdoai-me por minha ousadia, meu senhor, mas discordo. Vejo um reino unificado, onde o improvável amor entre ocidente e oriente irá prevalecer, mesmo que à custa desse sacrifício."

A resolução de Azevedo provocou um soluço na amargura que assaltava o coração de D. Afonso. Todos estavam a par do amor impossível que se cevava nas sombras do castelo, e o rei permitia a si mesmo acreditar, por alguns momentos fugazes, que aquele romance entre Isabel e Amir era um símbolo de tregua e reconciliação entre as nações. Ele sabia melhor, no entanto. Sabia que o amor deles não era forte o bastante para impedir que as espadas dos cruzados cortassem o ar e o sangue jorrasse pelos campos floridos de sua amada terra.

"Estais certo, meu amigo." - suspirou o rei - "Esta união tão impossível e bela entre Isabel e Amir pode ser um farol para o nosso objetivo. A tragédia e a paixão de amar além das fronteiras prefiguram como o delineamento de um reino que está a nascer de um parto pungente e caudaloso."

Com um assentimento convicto, Azevedo pousou a mão sobre o mapa de Portugal. "Ao falarmos, meu senhor, das muralhas e das torres que ainda restam a ser conquistadas, permiti-me dizer que vossa tenacidade e vossa paixão como líder amarram-se como um aliado fiel em cada pedra e cada portão que guarnecem e magoam nossas terras e nossos homens. Precisamos confiar na maré fervorosa e vibrante do tempo e na sabedoria e na sorte que se espraiam e se imbricam naquelas almas que afagam e desposam nosso amor e nossa imaginação."

Afonso acenou em concordância, permitindo que o fogo irrefreável de seu conselheiro inflamasse seu coração, onde esperança e desespero se engalinhavam em uma dança desenfreada.

"Antes que as águas do Tejo desaguem no mar das incertezas e das vitórias espirradas e esvoadas, precisamos reforçar as muralhas e as amarras que cercam nosso legado e nossa ambição." - continuou Azevedo - "E enredar e consagrar os pensamentos e as ações, máxime no que tange a vértice e a miragem que une Isabel e Amir."

D. Afonso lançou um último olhar ao mapa, como se seu coração despedisse-se das enormes muralhas de rocha e das árvores carcomidas que lhe haviam servido como lar por incontáveis anos. Estava decidido a trazer paz e prosperidade para Portugal, ainda que isso lhe custasse sacrificar tudo o que amava e respeitava.

Tocando o mapa com a deliberada solenidade de um rei e guerreiro, Afonso proferiu as palavras que marcariam o começo de um novo capítulo na história lusófona, palavras que ressoariam nas trincheiras e ondulariam nas fitas e nos ensejos que lhes eram endereçados: "Avançemos, então. Em nome do povo de Portugal e de todos aqueles que derramaram seu sangue em nome de nossa causa. Eles jamais serão esquecidos."

E assim, as muralhas de rochedo e as raízes da terra se uniram e se fundiram, criando um laço inquebrantável que se estenderia como uma promessa secreta palpável e efêmera através do sombrio firmamento.

Batalhas marcantes

A batalha se precipitava como um vendaval mordaz e impiedoso perante as muralhas sombrias e suntuosas da fortaleza mourisca em Alcácer do Sal, onde D. Afonso Henriques e seus guerreiros se punham num almejo febril que lhe fulgurava seus corpos e seus espíritos. Afonso, como um Astarte flamejante ou um Hefesto em cólera, brandia sua espada negra e as sombras dançavam ao sabor de seu sopro, delineando uma faísca de morte e destruição no coração do desespero que ancorava entre os homens.

Amir ibn Malik al-Andalusi, perdido em seu próprio dilema cáustico e sufocante, avançava como um lobo faminto rumo ao final de sua corda fiada por formosura e paixão. Em suas mãos, uma lâmina dourada, mais afiada e intrincada do que os pêlos da barba de um ancião, refulgia tal um farol ardente que pontilhava seu caminho em meio aos homens à sua volta.

Isabel de Trastâmara, armada com a luz de uma estrela em seus olhos esverdeados e uma prece silente em seus lábios trêmulos, tesou e despiu as sombras junto de seu coração retorcido, a cada passo, a cada passada de lâmina que escoava e escarnava a poeira como uma mão irada moldando o destino. Desesperadamente enamorada e encurralada por suas lealdades fraturadas, Isabel guerreava consigo mesma frente ao peso do amor e da história, e as derrotas e vitórias enchiam a terra e o ar de um hálito sombrio

e assustador.

Afonso de Azevedo, leal conselheiro e estrategista sábio, mirava o campo de batalha como um tabuleiro de xadrez macabro e sinistro, suas mãos nervosas e vacilantes amparadas pelas rugas e cicatrizes de um turbilhão de lutas e diálogos infindos que atormentavam seu pensamento.

A batalha em Alcácer do Sal em chamas e em desespero, com seus fossos dramaticamente tingidos de laranja-vermelho e trevas esfumaçadas, assaltava os olhos e os corações de cada guerreiro cristão e mourisco, indiferente à sua condição ou à cor de suas almas.

"Isabel!", bradou Amir, deixando-se levar por um momento de pânico ao vê-la ser golpeada por uma lâmina inimiga, arrancando-a do abrigo de uma parede e deixando-a dolorida e sem fôlego.

Amir não pôde conter o alarido que brotou de suas profundezas enquanto tentava abrir caminho até sua amada. Fitou os olhos do guerreiro que se postara diante de Isabel e, com a voz embargada por raiva e dor, desafiou-o: "Renda-se agora, ou poderá se arrepender."

O cavaleiro rangeu os dentes, fechou os olhos por um instante e logo baixou sua arma, resignado à derrota. Amir correu até Isabel, ajudando-a a se levantar. Seus olhos encontraram os dela, numa súplica muda por perdão e por um futuro melhor, onde não seria forçados a lutar uns contra os outros em nome de territórios e soberanias.

Ao longe, D. Afonso Henriques, empunhando sua espada negra como o corvo símile da própria Morte, cavalgava com seus guerreiros em aproveitamento da vantagem obtida. Soldados mouros rendiam-se, na esperança de que a misericórdia se fizesse presente em meio ao caos e à desolação.

Em uma breve trégua acometida pelo clamor da guerra, como o vácuo que precede a tormenta, Isabel e Amir fundiram-se em um terno abraço que parecia transcendental em relação à terrível realidade. Foi quando Estêvão de Sousa, em um último ato de traição, investiu contra D. Afonso Henriques, tentando obter a glória e o domínio que ansiava.

Afonso de Azevedo, conselheiro leal do jovem rei, reconhecendo o perigo, arremeteu com seu cavalo e interceptou o traidor com sua lâmina, pondo fim a uma ambição letal. "Levantai, D. Afonso Henriques! A vitória é nossa!", bradou o conselheiro, enquanto a batalha se acalmava, e as bandeiras de Portugal balançavam triunfantes por sobre as muralhas do castelo.

Em meio ao penumbroso final do confronto, Isabel e Amir, ainda embren-

hados nos laços de amor e compaixão, almejavam um último grito, não de guerra ou dor, mas de esperança. E ali, com as sombras da noite engolindo a luz do dia, prometeram um ao outro que a paz que tanto desejavam para sua pátria e seus povos sempre encontraria morada nos corações dos homens e mulheres que, corajosamente, ousassem amar além das fronteiras, pois o verdadeiro caminho para a expansão além das terras e mares não era encontrado através do fio das espadas, mas sim nas profundidades das almas entrelaçadas.

O papel das alianças

O odor de fogueiras acalentadas e de sangue rasgante tingia o ar daquela noite frígida, enquanto as sombras se espalhavam sinuosamente sobre os campos montanhosos e os pátios arrepiantes do castelo. D. Afonso, empenhado em obter novas alianças, calcorreava com um olhar céptico e indeciso os diferentes caminhos que surgiam esmaecidos pelos emaranhados dos sentires humanos que lhes eram afiançados como elos de um tesouro enlutado. À sua volta, poeria de murmúrios e segredos, como se o próprio vento tivesse se aninhado em cada pedra e greta, sussurrando um presságio somente perceptível por almas crentes no impossível e no destino.

“Meu senhor... a noite avança e o tempo esvai - se rápido por entre os nossos dedos. Atentai - vos que uma aliança com os bourguignons nos fortalecerá à mais não ser. Rogo - vos, ponderai mais criticamente.” - implorou Azevedo, o olhar arqueado por um peso imenso, implorativo e quase premonitório. Mas Afonso sabia, como sabem os lobos e os raios e o céu e o inferno que se misturam em noites de penumbras e de vendavais - sabia que nem todas as alianças se fazem de espadas e punhos fortes como muralhas de pedra austera e vertical.

Havia outra aliança, uma que ele apenas ousava reconhecer em ocasiões como a presente, rodeado por muralhas e lembranças soldadas com amor e angústia - a singela e profunda conexão que jazia suturada nos corações de Amir e sua amada filha, Isabel. Ambos navegavam por águas turbulentas e desconhecidas, arrastados por um redemoinho gigantesco que os puxava constantemente de volta uns aos outros, independentemente da distância que os guerreiros zelosos e as fronteiras impotentes tentavam impor. Um amor que desafiava as barreiras da razão integral, mas desvendava a verdade

oculta de que para haver paz duradoura entre as nações, a barreira das almas intrincadas por sentimentos e paixões deveria ser rompida em pedaços irreparáveis.

“Uma aliança entre o meu povo e os bourguignons seria, de fato, uma decisão sábia e uma grande vitória para Portugal. Mas -” aqui, Afonso hesitou por um breve instante, seu olhar procurando nas sombras alguma resposta que se fazia invisível, “- nem sempre as alianças mais fortes são aquelas que nos garantem as maiores vitórias.”

Azevedo limitou - se a arquear as sobrancelhas em surpresa, como se ponderasse sobre o verdadeiro significado das palavras do rei. “O que intentais dizer, meu senhor?”

“Entre linhas invisíveis e correntes de sangue, veneração à terra e lealdades salvílicas, aquilo que temos de prezar neste momento é uma aliança que se apresenta tênue e impalpável. O amor entre Amir e minha filha Isabel... talvez seja a chave para um acordo duradouro com os mouros. Se eles são capazes de deixar de lado os temores e as convicções furiosas que os impedem, então talvez possamos tecer mais do que um futuro de batalhas e cidades desoladas. Podemos formar uma paz que se espalhará sobre a terra como um pano bordado com estrelas gloriosas e corações inquebráveis.”

A impossibilidade dessa ideia, no entanto, só fez o rosto de Azevedo tornar-se mais franzido e preocupado, seus olhos exprimindo uma ansiedade crescente e inobstruída. “Alto é o preço de um amor assim, e perigosa é a faca que o coração crava nas lealdades. Porém -” contemplou Azevedo, o olhar se tornando mais suave e lento, como os últimos raios do sol se afogando no horizonte, “bondade imensa e fidelidade pungentes têm - se enredado na alma atribulada daqueles que convivem com nós forjados numa trinca e numa trégua.”

A captura de cidades estratégicas

O arvoredado ao longo do sinuoso rio Tagus, outrora abrigo e cama para apaixonadas aves e rígidos troncos de pinho e cedro, servia agora de anteparo ao avanço sigiloso dos guerreiros portugueses, comandados por seu dono e líder, D. Afonso Henriques. Cada lâmina aventada denunciava a luz da lua quebrada no capim e umedeceu o solo pela chuva madrugadora de um verão rubro, parecendo um sem - fim de presas a brilhar emparedadas à sombra.

Aqueles guerreiros de tão dura têmpera avançavam, encarcerados pelo medo e pela esperança, rumo à cidade de Lisboa, onde em seus muros espessos e de anguloso escarpamento, revelava-se o almejo de D. Afonso Henriques em conquistar para si uma pérola que lhe garantisse a entrada para um domínio mais rico e próspero de um oceano vasto como as lágrimas acumuladas das fusões e despedidas.

”Ora silêncio e cautela irrompam!”, bradou D. Afonso Henriques, sua voz saída baixa e colérica como o sopro do inferno amordaçado. ”Querm tirar de nós o céu da boca e olvidar a amargura deste brejo! Querm ver sangue jorrar como torrente desta forja do diabo que asfixia nossas terras! Querm saber até onde a valentia nos leva, avante a cobiça inquieta do berço de um reino! Se fordes homens de honra e poeira, então erguei as espadas e os corações, e precipitem-se como ousados leões a enfrentar sua presa!”

Aqueles homens, forjados em batalhas e devastação, tremiam de uma febril confluência de pavor e coragem, pois sabiam que a ruptura da aurora daquele dia poderia selar o seu destino como o de uma terra que procurava a sua fortaleza em um rio que banhava as amarguras dos tempos e as esperanças de uma nova geografia povoada de sangue, suor e lágrimas.

Em terras áridas, Isabel contemplava de sua torre solitária os lívidos horizontes, ansiando por um sinal de Amir. Sabia, por entre as névoas e os ventos, que a sorte de Lisboa pendia do fio de sua incógnita união com ele e das decisões de seu pai em relação ao caminho adornado de ambarinos laços de amizade e fúria aos quais ela, impotente, norou até agora. Ansiava por garantir que o sofrimento e a violência que cada alvorada trazia a ambos os lados do conflito transformassem-se em algo mais tênue e límpido, que a verdadeira força e coragem estavam em abrir mão do esperado e abraçar o improvável: uma aliança construída sobre o amor de duas pessoas, ela mesma e Amir al-Aziz, que entendiam que o verdadeiro poder jaz no coração daqueles que souberem cultivar algo mais do que a força bruta, mas sim a compreensão e a abnegação.

Suas almas vibraram com a energia de um antigo sonho, de um amor inesperado que possuía o poder de transmutar essa guerra interminável em algo mais profundo e sagrado. Ansiava por fazer com que seu amor fosse, também, a razão para aqueles homens lutarem um contra o outro e então unirem-se em prol de um propósito maior, de um futuro onde a raça e a fé se revelassem como circunstâncias superficiais em relação ao verdadeiro

propósito que os unia: viver juntos nesta terra donde um rio os guiava rumo a uma realidade mais livre e sábia.

No entanto, um vago pressentimento arqueava-se em seu peito, como uma maré negra a inundar seus olhos de alguma desesperada desolação ainda por vir. Manteve-se silenciosa em sua vigília, escondendo-se atrás das cortinas que emolduravam a paisagem, permitindo que as lágrimas corressem furtivamente por suas faces, temendo que também naquela cidade, os braços sanguinários da guerra arrebatassem a última réstia de seu coração, deixando-a pávida e amordaçada à sombra dos seus próprios temores e ambiguidades.

Passados momentos que pareciam horas, um brilho tênue e breve chamou a atenção de suas lágrimas desviadas, açoitando, de forma instigante, a mulher espreira e o rio brandíssimo e contrito. Prontamente julgou ser Amir e aqueles guerreiros comandados pelo próprio pai, em marcha silenciosa em favor de fornecer um pávido passo à combalida história daquele reino que queriam ver florescer desde os gritos sangrentos da guerra e do desespero humano.

Entre a ansiedade e a dor que favoreciam seu peito, Isabel lançou um último olhar ao céu estrelado e surrupiado por nuvens sombrias e ao rio que debranchava o horizonte longínquo, antes que seus lábios, agora elevados à fé e à crença de que um futuro melhor seria possível, comesçassem a entoar, baixinho e ao ritmo das águas flutuantes, uma prece de esperança entrelaçada com gemidos e suspiros, como a cor do ocaso que se funde com a noite imensa e abraça o último raio de sol que ainda se consola por entre as trevas e a resignação.

Conquistando a lealdade dos senhores locais

D. Afonso Henriques sabia que queria Lisboa como pérola de seu reino, e com fome de uma vitória invicta, lançou-se à frente de seus guerreiros decisivamente. Mas para que as muralhas da cidade caíssem e seus estandartes tremulassem vitoriosos, algo haveria de ser cumprido dentro do próprio coração desta terra pressurosamente sangrada.

Não bastava que os mouros perecessem na sombra dos pés de cavaleiros cristãos, crivados pela metálica chuva que desceria como manto negro sobre o rio amargurado pelos corpos derrotados.

Porque o coração de Portugal nunca pulsaria em terras onde brados de vitória se confundissem aos estertores de morte.

Era assim que ele, D. Afonso Henriques, vultoso em seu ímpeto de conquista, arquitetava para si um sábio plano onde a estratégia de apaziguar os ânimos raivosos dos habitantes locais encontraria respaldo na aliança auspiciosa entabulada entre os senhores destas terras e a promessa de um futuro mais promissor e civilizado a seus filhos e netos.

"A força não será suficiente para conquistar esta cidade e os corações de seu povo," exclamou D. Afonso Henriques, surpreendendo a todos.

"Tem razão, meu senhor", Azevedo concordou. "Se quisermos reinar neste reino, precisamos conquistar a confiança e a lealdade destas almas atribuladas. Somente assim, poderemos garantir um futuro duradouro à nossa terra."

Tendo lançado os fundamentos para seu propósito renovado, D. Afonso Henriques partiu ao encontro de seus guerreiros e lançou-se à ideia de visitar os senhores locais, aqueles homens cujas terras brindavam fronteiras com as suas e cujos filhos e esposas atravessavam, em romarias peregrinas, as cercanias do próprio fogo cruzado que ardia tempestuoso.

Mas não foi apenas com as palavras do rei que sua armadura se vestiu refulgente e persuasiva. Por trás de cada gesto cuidadosamente planejado e de cada olhar hipnotizante que lançava às donzelas encantadas e aos mancebos impressionáveis, jazia uma verve primorosa e astuta, meticulosamente arquitetada por Alfonso de Azevedo, o homem sempre ao lado do rei.

Juntos, como inusitada dupla carismática e imponente, homens serviriam aos propósitos de D. Afonso Henriques e padrões de lealdade inquebrável e juras de fidelidade feitas ao testemunho do zimbório de estrelas cintilantes começaram a bordar-se entre os fios de destino e sucesso do jovem rei.

Em um desses encontros noturnos, com um padrasto solenemente silencioso e velhaco como sombrio tutor, a figura de um garoto surgiu, ora iluminada, ora sobrajada aos olhos de D. Afonso. Os olhos curiosos e repletos de ânsia de aventura investigavam os guerreiros robustos e os escudos e espadas empilhados à espera de serem alçados e brandidos em nome da pátria e de seus filhos bastos e germinados.

"Tens vontade de guerrear, meu rapaz?", indagou D. Afonso Henriques, seus olhos rebrilando como bolhas brancas e sábias.

"Sim", restituiu a criança sem debruçar pestanejos ou hesitações. "Os

mouros levaram minha mãe, e meu pai os seguiu no intento de salvá-la.”

”Teu pai, um homem corajoso e honrado qual o nome de seu orgulho?”, questionou novamente, curioso, D. Afonso Henriques.

”Martim Pires, senhor”, respondeu o menino.

A contemplação profunda por parte do rei e do menino levou-os pouco uma noite inteira de confidências e planos conjurados em silêncio, que culminaram no dia seguinte, quando a aliança com o senhor local e os familiares dos guerreiros ausentes deu-se com vida e corrente, tal qual enxertos e raízes penetrantes e prolongadas.

E D. Afonso Henriques, ao olhar as terras almádena, enxergou nelas Lisboa e o coração pulsante que nelas depositaria o bem de sua lealdade e de seu desejo mais intrincado.

A aliança fora feita com Lourenço Colimenes, senhor da região. Conquistados os senhores locais, Afonso sentia-se mais empoderado. E, olhando para cima, viu o olhar do menino e do astuto conselheiro que sempre estivera ao seu lado.

”Sabemos agora que qualquer conquista terá um vigor maior do que apenas a luta armada. Poderemos fortificar nosso reino com estes laços recém-feitos”, suspirou D. Afonso Henriques, sentindo o peso das responsabilidades que agora lhe caíam nos ombros, como um manto protetor que a tudo conseguiria abraçar.

Lisboa seria como uma rosa ainda por desabrochar, cujas pétalas revolucionas dobrariam-se e recuar-se-iam na medida em que o estratagema, como um beijo do sol, fosse tecido com perfeição e mansidão por mãos invisíveis e ágeis.

Adaptação às táticas mouras

A veemência da guerra ia-se tornando tanto mais venal quanto a clausura da vida contornava os desejos mais intrínsecos e próprios das almas dos homens brandos e temerários que arriscavam, não apenas nas muralhas lançadas à distância, mas também em campos intramuros e intrincados nos corações e mentes alheios. E, nestas sendas perigosas e divisórias, delineavam-se diálogos e silêncios acesos como vestais chamas encarceradas por descaminhos e outeiros colossais.

Em uma dessas canículas de verão, Pedro de Azevedo, sequioso por

desvendar os segredos da arte de guerra, percorria os pergaminhos, mapas e instruções estratégicas de Amir al - Aziz, seu desacreditado amigo, e cautelosamente ocultados nas arcas e aposentos do Castelo de Alvito. Eram segredos que Pedro, como cavaleiro português fiel, sabia serem valiosos no embate contra os próprios mouros que os conceberam e treinaram qual soldados de uma poderosa falange de vida e morte entrelaçadas.

Em um quarto revestido de tapeçarias cobrindo pedras frias de granito, Pedro, o coração golpeado por temores e receios, tentava compreender o que acontecia além daquelas altas muralhas - o labirinto árabe de Lisboa, onde a complexidade urbanística e cultural escondia uma aritmética bélica igualmente engenhosa e elaborada.

Merecia mais que um simples reconhecimento acanhado das tropas inimigas que se mesclavam à multidão afluyente como água evaporando - se nos cronômetros alcandorados e distraídos dos senhores da guerra e dos comandantes locais. Merecia uma aproximação planejada e desenhada não pelas mãos e olhos cegos de um ser mutilado pela própria parcialidade e vaidade, mas, de fato, pelas mãos de alguém vivenciador da verdade moura, por intermédio das veias e do leito deste oceano encantador de potro selvagem e nervoso.

- Encontrei algo que nos possa ser útil? - questionou D. Afonso Henriques, entrando de súbito no aposento, surpreendendo Pedro.

- Sim - confirmou o jovem cavaleiro a custo, esforçando - se por não parecer emocionado - Eu acredito que encontrei uma brecha nas muralhas da cidade, quase indetectável aos olhos desprevenidos, mas evidente para os mouros. Se pudermos controlar esse acesso e aproveitar táticas semelhantes às mouriscas

D. Afonso Henriques interrompeu seu discurso intrigado: - E consegues reinterpretar o que lêς nessas páginas? Seremos capazes de adotar uma estratégia moura contra seus próprios guerreiros?

Pedro hesitou um momento antes de responder, temeroso de suas próprias palavras e do peso que carregavam. Ao fim, disse com renovada convicção: - Sim, creio que podemos fazer isso. Eu eu posso conhecer alguns desses segredos.

D. Afonso Henriques estudou o jovem guerreiro com um olhar penetrante. - E por que, pergunto - te, devíamos confiar em ti e em tais táticas despertadas do coração de nossos inimigos?

Pedro levantou-se impávido. - Porque esta é a única maneira de garantir que possamos vencer de uma vez por todas os mouros e terminar com este conflito interminável. Devemos apropriar-nos de suas táticas e estratégias para que possamos eliminar a ameaça que eles representam, mas também para demonstrar nosso respeito e compreensão das complexidades culturais que enriquecem nossa própria nação. Não se trata apenas de conquista e dominação, meu senhor, trata-se de encontrar uma forma de coexistência pacífica e harmoniosa em uma terra que tem sido por demasiado tempo sufocada pela guerra.

D. Afonso Henriques assentiu, pensativo e custoso do peso da empreitada. Olhou nos olhos de Pedro e vislumbrou além da pele do mancebo, uma chama que, crepitante e tênue, parecia o embalar no voo leviano das almas humanas que, juntas, se fragmentavam em miríades de saberes e declinações.

- Tuas palavras carregam uma sabedoria insólita para aqueles de tua idade. Pretendes adentrar o âmago do que desconhecemos e mostrar-nos o caminho para a compreensão assim, tão destemido? Que outras tápias levantas de teu próprio espírito e nunca te adulavaste os olhos com tais imagens?

Com um suspiro enrouquecido, Pedro tomou coragem e enfrentou as dúvidas e os medos que açoitavam sua alma trêmula. - Eu pretendo servir a Portugal e, em particular, a ti, meu rei, no que diz respeito a este desafio ímpar. Se logarmos entender os mouros e adaptar nossas próprias ações e estratégias àquelas que os fizeram tão preeminentes na arte da guerra, é possível, não apenas conquistar, mas também criar uma nação que valorize tanto a força quanto a sabedoria e a capacidade de convivência pacífica entre culturas.

E ao delinear no ar trêmulas, mas impolutas palavras e desígnios raros, Pedro lançava a D. Afonso Henriques não apenas pedaços turvos e embotados de uma realidade futura e desconhecida, mas também lampejos de esperança e certezas fatigadas pelo abismo instaurado entre tribos e heróis nem tal sempre tão veladamente cavalgados por sinais e espigas na terra semeadas.

D. Afonso Henriques cerrou os olhos e, por um segundo que durou uma eternidade, deixou-se arrebanhar pelos sonhos profundos e encapelados desta visão repleta de primorosas chamas, até que, despertando das sombras e dos lumes, sentiu o coração a trelevar-se em pura renovada crença e esperança em um futuro por muitas almas já relegado a uma condição de

perpétua e dramática agonia.

D. Afonso Henriques como líder nas batalhas

As muralhas da cidade de Santarém erguiam - se diante de D. Afonso Henriques como um desafio imposto pelos deuses. A sombra da fortaleza mouro invadia os campos portugueses como um ladrão. Aquele inimigo indomável, que impedia um Portugal livre e unido, havia de ser vencido custasse o que custasse.

No flanco norte do exército, Fernando, o Bravo, aguardava impaciente a ordem para avançar.

”Cândido é este muro ante nossas armas!”, bradava, sendo silenciado em seguida por D. Afonso Henriques.

”Disciplina, Fernando! Antes que se faça tarde demais. Estratégia sempre vale mais que impulso”, frisava o rei português, ciente de que o ardor da batalha às vezes queimava a razão e o bom senso daqueles que o acompanhavam, ali, naquele campo escorregadio de sangue e esperança.

Dentro das muralhas, Amir ibn Malik al - Andalusi, carcomido pelos conflitos eternos que se travavam entre o leito de sua íris e o coração inquieto, abria - se em ansiedade e apreensão perante à ameaça iminente. Em seu íntimo, desejava encontrar uma resposta, uma solução que fosse capaz de trazer paz para si e para o seu povo, mesmo enquanto se encontrava num impasse provocado pelo amor impossível e irremediável por Isabel de Trastâmara.

Do cimo das ameias, Amir avistava as tropas portuguesas se aproximando, com D. Afonso Henriques à frente, montado em seu belíssimo cavalo negro como a escuridão que trazia na alma. E em cada batida do coração, soava um clamor de batalha que a todos sotopunha.

”Vamos, rapazes!”, bradou D. Afonso, puxando sua espada reluzente até o céu acinzentado por tempestades de angústia e terror. ”Adiante pelo vosso rei e pátria!”

E assim, qual uma falange de anjos de bronze, avançaram em direção ao alvo, cada homem com um sorriso de temeridade no rosto e com a fé inabalável bem instalada no fundo do peito. Eles pediam por liberdade e, para isso, estavam dispostos a matar e morrer em igual proporção, pois somente assim a justiça e o destino afiançariam novas glórias.

D. Afonso Henriques não se continha na veloz investida contra as muralhas e a resistência desesperada dos mouros.

”Tomem o castelo! Fazê-lo de nosso!”, gritava o rei, em êxtase, irradiando por todos os lados coragem e sede de vitória.

Todavia, no meio da turbamulta de batalha fervente e diligência do conflito, Amir, absorto na dor que se expandia por seu peito, não conseguiu deixar de contemplar o vigor e a paixão que se desprendiam de D. Afonso Henriques enquanto este liderava o avanço português.

E, naquele momento de explosão carnal e visceral, encontrou-se com a lampejava luz esfuziante que tremeluzia nas cordas de aço da espada de seu inimigo, rei e rival - D. Afonso Henriques.

”Ah, meu amor, minhas mãos”, murmurou em árabe, fitando de longe as muralhas onde Isabel, trêmula e apreensiva, ocultava-se num esconderijo longínquo e turvo.

Dirigindo-se então a Hassan al-Fadil, aflito e preocupado, Amir indagou com tonalidade hesitante: ”General, nosso povo se encontra em perigo; como podemos defender - nos, se também nos encontramos desprotegidos pelo nosso próprio coração e infortúnio?”

Irritado, al-Fadil o contestou: ”Tu, porventura, te esqueceste de tuas responsabilidades, cavaleiro? Nossas vidas dependem das muralhas e dos nossos guerreiros. Não somos enfeites e fúteis naufragos. Somos escudos e imponentes protomas destas muralhas alpuárdas, cuja estrutura nos protege tão bem quanto o sangue esquentado dos heróicos combatentes que por nós tombam no torpor da vida e da morte.”

Silenciosa e ferida, a admiração e o temor de Amir por D. Afonso Henriques cederam lugar a uma torrente de amargura e desespero, que o fizeram duvidar de sua própria capacidade como guerreiro e arquiteto da paz.

O confronto durou horas. As espadas dançavam como fogo crepitante, abraçadas, num balé de destruição e aproximação, entre mouros e cristãos. Afonso Henriques tinha plena consciência de que as táticas mouras, em parte aprendidas por Pedro de Azevedo, haviam sido fundamentais para que sua força alcançasse as muralhas inimigas. Assim, joelhando-se junto ao estandarte com as quinas de seu reino, D. Afonso arfou pesadamente e agradeceu, mesmo com a amargura corroendo suas veias, o legado de seu inimigo e amante da mulher a quem poderia amar - o astuto Amir ibn Malik

al- Andalusi.

”Tudo isso”, pensou em voz alta, ”dever - se - ia a ti, nosso inimigo. Portugal vai se erguer sobre teus ombros, tão suportados quanto as muralhas que hoje desabam.”

O crescente poder e reconhecimento do Reino de Portugal

O majestoso sol de verão pousava lenta e inescrupulosamente sobre as rugas e torções das cordilheiras lusitanas, num crepúsculo esfervescente de sangue obtido, angústias amealhadas e esperança reposta à prova das amareladas chamas imperdíveis que corriam ao céu e à terra para tornarem-se névoa envolta e imbicta em tantos pensamentos, visões e memórias polvidas pelo tempo. D. Afonso, o Leão, qual animal mítico gerado dos lamaçais cor de carmim, olhava seu cetro e, em seu íntimo, partilhava as glórias e as chagas que a sina de seu povo lhe impusera a herdar.

Numa mandíbula flácida e sem raiva, o veneno azedo das palavras emudecidas, naquela tarde de sol e trevas, era o estandarte reluzente de um monarca que, em seu silêncio, crescia afiançado pelos homens que, de rapina, acompanhou ouvidos e foras todas as luzes e certezas abraçadas, tremulantes e sedentas.

Fazia - se o sol sumir entre astros sombrios e desvairados quando o capitão e estrategista, Alfonso de Azevedo, deixando o que pensava mordaz e taciturno, se aproximou do rei português, a quem curvou-se e cumprimentou com a circunspeção que sua posição requeria.

- Meu senhor, vejo em seus olhos o peso das batalhas e dos infortúnios que d'outrora nos acometiam. Os vândices da guerra, porém, me sussurram aos ouvidos uma lira entoada por vozes dispersas de lealdade, garbo e coragem. Vencemos, senhor. Portugal cresce, assim como o poder e a glória de teu reino.

D. Afonso virou-se para Alfonso, trepidante e crivado por uma sanha branda e levemente confusa. - Estás certo, Alfonso. A vitória nos sorriu, e o som do retumbar dos tambores portugueses ecoará pelos campos do infinito. E que bom que assim seja, pois nossas lutas foram árduas, nossos sacrifícios, incalculáveis. E em certos momentos, quase entregamo-nos à desesperança, convencidos de que nosso sonho tão distante estava quanto a

luz das estrelas que repousam no céu.

- Sim, Vossa Majestade - Alfonso assentiu. - Mas é o próprio fogo das estrelas que nos sugere a nunca abandonar a esperança, mesmo que nos deparamos com abismos insuperáveis. Pois foi assim que o cosmos nasceu, e será eternizado como a majestosa coroa que agora repousa em teu coração e em tua mente.

”Ainda que esta coroa me preceda e me coadune em igual forma ao sangue que, entrelaçado e uníssono, brota de minhas cicatrizes mais recursas e fundas ” - D. Afonso, de súbito e rasteiramente, murmurou em súplica dolorida.

As palavras de Alfonso o suscitaram uma nova força, e seu olhar firme e ardente buscou abraçar as almas dos homens que o cercavam, cada um laborando como eternos filhos de uma causa escrita nas pedras e nas veias do próprio universo. As lágrimas, quentes e imperceptíveis, que marulhariam em seus olhos, eram o mais precioso dos elixires que mui gentilmente inundavam os mars agravados e distantes de um futuro que se ergueria salubre e incontestado sobre os montes e as terras lusitanas.

Erguendo sua taça de vinho tinto, espumante e vibrante como o próprio coração de um herói, D. Afonso celebrou o triunfo de seu ilustre reino, imortalizado pelos espinhos e as flores partilhados em cada peito que jamais silenciaria a lealdade e a paixão.

A glória, enfim, envolvia - o com uma ternura assombrosa e misteriosa, enquanto a batalha final que os aguardava ascendia em sua alma, coberta pela máscara intransigente e indomável com que o destino o havia agraciado - a máscara Solarii Vivinus num pôr do sol tão violento e incandescente quanto o sopro das estrelas.

E que nenhum império, nem raio, nem infortúnio, suplante o que o coração reflete e o sangue eterniza, qual prenúncio e esquite de tantas potestades e flâmulas de sangue e coragem.

A influência de Isabel e Amir na guerra

Sem que suspeitassem, a influência de Isabel e Amir se infiltrava entre as decisões e estratégias de guerra, como uma serpente a rastejar pelo campo de batalha, suas línguas bífidas sussurravam conselhos aos ouvidos de ambos os lados.

Noite após noite, enquanto o mundo dormia e o embate dos exércitos cessava temporariamente, Isabel e Amir se encontravam às sombras para trocar informações e confidências. Eram amantes tecendo um delicado véu de maracujás e perigos, seu amor costurado pela mesma trama que os embalava na incerteza e conspiração.

Em uma destas noites, enquanto o céu se tingia dos tons púrpura e âmbar de um crepúsculo que arrastava consigo as trevas, Isabel encontrou-se com Amir nas muralhas ocultas do castelo. O vento frio arrancava arrepios de seus corpos em sua dança noturna, mas as chamas do amor aqueciam seus corações.

Isabel ponderou com franqueza: "Não posso mais continuar com isto. Estou dividida entre meu amor por ti e minha lealdade a Portugal, tens alguma ideia do peso que isto tem sobre meu coração?"

Amir não desviou seus olhos dos dela quando respondeu com voz tensa: "Eu compreendo, minha amada. Eu também estou dilacerado. Por ti, moveria montanhas e enfrentaria exércitos. O que devemos fazer para aliviar o vento tempestuoso que nos consome?"

Um brilho surgiu nos olhos de Isabel, ardente como o fogo e impossível de extinguir. "Temos uma influência sobre a guerra como ninguém jamais imaginou; podemos usar essa influência para tentar trazer paz a nossas nações."

A proposta de Isabel ecoou como um trovão no peito de Amir. As palavras eram perigosas, mas traziam consigo um vislumbre de esperança. Uma esperança que só poderia ser alcançada através do sacrifício de ambos. Amir suspirou, admitindo a verdade que residia nas palavras de Isabel: "Tens razão. Devemos agir com sabedoria e cuidado e, desta forma, talvez possamos mudar o curso desta guerra sangrenta."

A partir daquela noite, o casal adotou uma postura nova e ousada. Eles compartilhavam informações sobre as táticas e fraquezas de cada exército e procuravam fazer mudanças sutis que pudessem levar a uma batalha menos violenta e, quem sabe, a um possível acordo entre os líderes.

No entanto, eram como dois navios na mesma tempestade, tentando velejar juntos contra correntes e ventos que os empurravam em todas as direções. Um segredo desse tamanho era colossal demais para ser completamente ocultado, e sua sombra crescia cada vez mais.

Uma tarde em que o trovão trovejava entre nuvens como escudos de

bronze e aço em choque, D. Afonso Henriques reuniu - se com Alfonso de Azevedo em seu gabinete no castelo.

"Alfonso, eu soube que alguns de nossos planos de batalha foram interceptados pelos mouros," D. Afonso começou com voz tensa e um olhar inquisidor. "Teria tu alguma ideia de como isso aconteceu?"

Alfonso hesitou antes de responder, suas palavras tomaram cuidado ao pisar nos cascalhos afiados da incerteza: "Meu senhor, somos permeáveis à traição e à perfídia, como os mouros também são. Só posso imaginar que os conspiradores estejam agindo em ambos os acampamentos."

Mas palavras evasivas não eram o que D. Afonso queria ouvir. Ele impacientou - se e seu olhar fulminante recaiu sobre Alfonso como um relâmpago: "Tens de descobrir quem é o responsável por isto, Alfonso. Temo que possamos estar sendo traídos por pessoas próximas a nós."

Alfonso assentiu em resposta, preocupado. A sombra da suspeita agora pairava sobre todos no castelo e, mesmo que não soubesse ainda da relação de Isabel e Amir, ele sabia, no entanto, que a sombra estava prestes a cair sobre alguns corações.

Desesperadamente buscando evitar um destino funesto e irremediável, Alfonso saiu do gabinete prometendo a si mesmo que descobriria a verdade, mesmo que isso significasse desenterrar segredos enterrados no mais profundo solo da lealdade e do amor.

E assim, enquanto as gotas da tempestade em crescimento manchavam a terra de lama e dor, as almas de todos os envolvidos nessa trama sinuosa sofriam com tormentos e dilemas, que nem mesmo o tempo - sempre voraz e indiferente - seria capaz de curar.

Chapter 5

Alianças e traições

No mais profundo de uma noite nublada, quando nem mesmo a luz da lua conseguia se atravessar pelas nuvens, o vento carregava consigo o murmúrio das árvores, como se a própria terra estivesse a sussurrar um segredo. E na Fortaleza de Torres de Almourol, um segredo terrível pairava silenciosamente sobre o destino de todos os seus habitantes - escondido nas dobras do tempo e envolto na teia invisível da conspiração.

D. Afonso Henriques, cada vez mais atormentado pelos dilemas e decisões que se alternavam em sua mente como um turbilhão incessante de faces e paisagens distorcidas, caminhava pelo corredor escuro do castelo, a luz moribunda de uma tocha tremulando em sua mão. O coração do jovem rei batia pesadamente em seu peito como se quisesse encontrar um caminho para fora, fugir da escuridão sufocante que o cercava cada vez mais. Foi assim que D. Afonso quase tropeçou sobre uma silhueta esguia e inesperada.

- Isabel! - o rei exclamou, alarmado. - Que fazes aqui, a esta hora, a vagar pelos corredores do castelo?

A jovem nobre Isabel de Trastâmara, face iluminada pela luz da tocha, levantou o olhar surpreso e assustado para seu rei. - Vossa Majestade, peço humildemente perdão por minha presença aqui -, palavras embargadas pela hesitação e medo, - Não conseguia dormir e buscava apenas algum silêncio e solidão nestes corredores escuros.

A resposta, no entanto, não pareceu satisfazer D. Afonso. O olhar perscrutador do soberano pesou como uma mão de ferro sobre o coração já tão atribulado de Isabel. - Não acredito que seja o silêncio e a solidão que buscas, minha cara - o rei murmurou, lentamente se aproximando. -

Mas sim a companhia de teu amante, o cavaleiro mouro que enfeitiçou teu coração e corrompeu tua lealdade a Portugal. Amir.

Tudo dentro de Isabel parecia estremecer, como um navio abandonado ao sombrio e implacável abraço do mar tempestuoso. O sangue gelou em suas veias, e sua voz, tão trêmula quanto os ramos de uma árvore ao vento, mal conseguiu sussurrar: - Vossa Majestade está equivocado.

Mas mesmo antes que suas palavras alcançassem o fundo do corredor, um vulto emergiu das sombras atrás do rei, como uma presença fantasmagórica e silenciosa. A figura sombria se revelou ser Alfonso de Azevedo, o fiel conselheiro e aprendiz de estrategista do rei, trazendo em suas mãos um pergaminho enrolado e uma expressão de consternação no rosto.

- Meu senhor - Alfonso interveio, o timbre solene e seguro de sua voz ecoando pelo corredor. - Descobri algo de suma importância que deveis saber. Trata-se de uma correspondência entre o inimigo e uma pessoa muito próxima a nós. Não apenas a mim, mas a todos os que habitam esta fortaleza e partilham a dura realidade do conflito que atravessamos. Trata-se de uma aliança inesperada e perigosa entre Isabel e Amir, que culminou neste vergonhoso pacto de amor.

O vislumbre tênue de desespero no rosto de Isabel tornou-se tão pálido quanto a própria face da lua, que agora finalmente se mostrava por trás das nuvens, tão distante quanto a paz e a inocência que tantos haviam perdido nesta época de guerra e traição. Mesmo nos momentos de maior angústia, a voz de D. Afonso Henriques não perdia sua autoridade ou força, como um relâmpago rasgando a escuridão em sua fúria incontida.

- Quem mais sabe deste nefasto pacto, Alfonso? - o rei questionou a seu conselheiro.

Alfonso fez uma pausa antes de responder, o olhar perturbado por um presságio ominoso. - Eu não sou o único que conhece a verdade, senhor. Beatriz de Lara, amiga de Isabel, também está ciente do relacionamento entre os dois, ciente dessa aliança inescrupulosa e perigosa. E se ela sabe, quantos outros aqui dentro também saberão e nos escondem a verdade?

À medida que as palavras finais de Alfonso ecoavam nos corações de todos os presentes, o destino de cada pessoa nesta fortaleza tornava-se cada vez mais obscuro e incerto - como a sombra crescente da lua desaparecendo por trás das nuvens em sua dança solene e silenciosa com a escuridão.

Pacto secreto entre Isabel e Amir

A escuridão do castelo de Torres de Almourol dissipava - se lentamente, cedendo espaço à aurora que vinha. O primeiro raio de sol deslizou por uma fenda estreita da janela encastelada, iluminando um pequeno vão que guardava dois amantes às escondidas. Naquele lugar, o tempo parecia parado, um estado temporário em que a ameaça iminente da guerra e a extrema fratura das lealdades em conflito não existiam. Apenas Amir e Isabel encontravam - se ali e, naquele breve momento, suas almas entrelaçavam - se com um propósito comum.

"Isabel, minha amada," Amir sussurrou, o brilho em seus olhos reluzindo como estrelas sob o crescente clarão do amanhecer. "Jamais pensei que um dia encontraria alguém que fizesse meu coração pulsar com tamanha paixão e fervor. Temo pelo nosso futuro, por aquilo que esperam de nós e como a força do nosso amor pode ser ferozmente dilacerado."

Isabel calou a voz trêmula de Amir com seus lábios, o gosto doce e suave daquele beijo emanando a promessa de dias melhores. "Temo também," admitiu ela, a voz baixa e frágil como o cristal das taças no castelo. "Mas temos a capacidade de mudar nosso destino e proteger - nos da tempestade. Podemos encontrar uma saída. Juntos."

O beijo profundo que se seguiu parecia unificar as almas de dois corações em conflito, e seus olhos fechados confundiam - se na escuridão com sua intenção de transcender o mundo que os separava. Quando suas bocas se afastaram, Isabel percebeu que algo mudara no olhar de Amir, e ela sabia que deveria contar a ele sua ideia ousada antes que o amanhecer os separasse mais uma vez.

"Amir, antes que parta, preciso dividir contigo algo que me acompanhou ao longo dos últimos dias, um pensamento pungente que martelou meu coração e minha mente," Isabel começou, seu olhar penetrante na essência de Amir. "Sabemos das responsabilidades que recaem sobre nossos ombros, o peso de nossas lealdades às nações que nos criaram e nutriram. Somos testemunhas da dor e do sofrimento que a guerra trouxe, como um falcão amaldiçoado que tira nossa paz e nossa liberdade."

Amir manteve - se em silêncio, confiando na sabedoria de Isabel e em sua capacidade de encontrar esperança nos momentos mais sombrios. "Diga - me, querida, qual é a ideia que confronta teu espírito?"

”Tememos pelo nosso futuro juntos e pela salvação de nossas nações,” ela continuou. ”Então, por que não unir nossas forças e trabalhar juntos para criar um pacto secreto, em que possamos partilhar informações e estratégias que beneficiariam tanto Portugal como os mouros? Seria não apenas uma maneira de garantir nossa sobrevivência, mas também um ato de amor verdadeiro, capaz de transpor o abismo que nos separa.”

Amir observou os olhos de Isabel, a determinação queimando como uma chama indomável. Havia intrigas naquelas palavras, mas também uma fagulha de verdade, um caminho que os conduziria a uma paz tão distante quanto a lua. ”Isabel, debes saber que esta proposta não só é arriscada e audaciosa, mas também pode nos colocar em perigo mortal. Estás preparada para aceitar essas consequências?”

Isabel não hesitou, seu coração aprendendo a linguagem que o amor e o sacrifício compartilhavam. ”Mais do que pronta, sim. Todos os dias, vejo meu povo e Ericeira sofrerem perdas e adversidades, e sei que tenho o poder de fazer a diferença neste grave momento. Mas também sou movida pelo desejo de preservar nosso amor e garantir que, no futuro, homens e mulheres não enfrentem o mesmo tormento que suportamos hoje.”

E como Prometeu roubando a chama dos deuses, Amir e Isabel selaram naquele dia um pacto que arderia eternamente, alimentado pelo amor, pela coragem e pela esperança de mudar o curso da história. Um perigoso segredo compartilhado no amanhecer fugaz.

Diplomacia arriscada de D. Afonso Henriques

A cortina do amanhecer descia lentamente sobre a cidade de Porto, envolvendo suas ruelas e becos sinuosos na penumbra escarlate e dourada que anunciava a chegada de um novo dia. As asas do vento sussurravam mistérios e segredos nas árvores, como carícias fluidas, intangíveis e inescrutáveis. Entretanto, apesar da serenidade aparente que envolvia os sinos de Porto, o restante da cidade pereceria diante da sombra crescente de uma inquietante e iminente negociação.

Na torre mais alta do castelo, uma figura solitária contemplava o horizonte distante, onde o brilho do sol despontava como uma chama tímida no extremo de um mundo em conflito. D. Afonso Henriques, o homem que ousara desafiar um destino imposto e iniciar a construção de um reino,

atravessava um drama íntimo e tortuoso diante das exigências e dilemas que rondavam a cidade.

Toc, toc, toc. O suave e inquietante bater na porta do aposento chamou a atenção do rei. O timbre arrastado e sombrio da voz de Alfonso de Azevedo ressoou no silêncio sepulcral:

- "Majestade, iniciaremos breve a reunião com o emissário de Hassan al-Fadil, líder dos mouros."

Por um momento, o silêncio converteu - se em um oceano infinito e insondável, retendo a respiração do mundo em seu abismo de expectativa e temor. E então a porta se abriu e o rei D. Afonso, como uma fênix renascida das cinzas do tempo e do esquecimento, avançou determinado em direção ao salão de negociações.

O salão apresentava - se como uma arena de conflito silencioso, onde cada gesto e palavra carregava o peso de vidas e almas em jogo. À frente, D. Afonso Henriques sentava - se majestoso no trono, a couraça dourada cintilando sob o lustre como a promessa de uma justiça implacável e imparcial. A seu lado direito, Alfonso de Azevedo observava com a atenção de uma águia, pronto a detectar cada sinal de fraqueza ou intenção encoberta. À esquerda, uma presença inesperada: Isabel de Trastâmara, a jovem nobre cujo destino parecia cravar - se neles como um emaranhado de espinhos entrelaçados. Em seu olhar, uma chama indomável de esperança e dilema.

O emissário mouro adentrou o salão, sua figura esguia e enegrecida como a própria sombra das montanhas que cercavam a cidade. Ao vê - lo, Amir se aproximou de Isabel e sussurrou sua preocupação. "Celso, os olhos e ouvidos do falcão Hassan al - Fadil. Temos que ser extremamente cautelosos nesta negociação, meu amor."

D. Afonso Henriques foi o primeiro a romper o silêncio. "Vamos direto ao assunto, emissário. Desejamos a paz, mas certamente compreenderão que a segurança de nosso reino é nossa maior preocupação."

Celso, o emissário, sorriu com a cautela de uma serpente entre as pedras. "Vossa Majestade, compreendemos vossa preocupação. No entanto, os mouros jamais aceitarão uma rendição completa. Se quereis a paz, deveis estar disposto a conceder algo em troca."

O olhar de D. Afonso se estreitou, perscrutando os abismos insondáveis do emissário. "E quais seriam essas concessões que pedis, emissário?"

Celso sorriu novamente, a sombra de um sorriso ameno, mas que escondia

um abismo de segredos. "Vossa Majestade deve saber que a cidade de Évora está sob nosso controle, e sua terra é rica e fértil. Propomos a cessão de seus domínios como um gesto de compromisso válido de ambas as partes."

A proposta demonstrava-se nefasta, e a resposta de D. Afonso soou tensa. "A cidade de Évora representa um ponto estratégico de grande importância. Abandoná-la seria uma temeridade inaceitável."

Alfonso de Azevedo interveio com tato e elegância. "Nós compreendemos a necessidade de garantir um equilíbrio justo nas negociações, emissário. Mas Évora é fundamental para o sustento de nosso povo e a defesa de nossa terra. O sacrifício é demasiado elevado."

Isabel, sempre atenta e dotada de sagacidade e astúcia, lançou uma proposta surpreendente. "Ofereçamos, em lugar desta cidade, a possibilidade de compartilhar os avanços tecnológicos e culturais entre nossas duas nações. Uma troca justa e igualitária, que permita aproximar povos e ajudar na busca pela paz."

Levantava-se diante de todos um véu de surpresa e indignação, mas logo foi claro que havia ali algo sólido e sensato. O emissário, ainda em silêncio diante de tal proposta, ausentou-se do salão para levar às suas suadas informações ao líder dos mouros.

Naquele dia, D. Afonso Henriques aprendeu a ponderar todo e qualquer preço na busca pela paz, pois todas as almas se tornam, em última instância, moeda de troca nas truculentas barganhas do destino.

A traição do nobre Estêvão de Sousa

Nuvens cinzentas trovejavam nos céus sobre o castelo de Tomar. As tempestades, embora frequentes, sempre traziam consigo um presságio de aflição e tormento, como o grito de lobo de Fafnir antes que o grande dragão se lançasse sobre sua presa. Naquele dia fatídico, momentos antes de a chuva começar a encharcar o solo castanho, um segredo letal agitava-se no coração de Estêvão de Sousa, nobre de olhar calculista e invejoso.

Estêvão deitava-se em seu leito, escondido nas sombras da alcova, enquanto a chama pendular da vela tremia em agonia silente. Seus olhos penetravam a escuridão como agulhas inescrutáveis e raivosas, ansiosos por encontrar o arqui-inimigo que se escondia nas correntezas do tempo e do acaso. Com seus olhos encharcados de ambição, Estêvão vislumbrava, na

penumbra projetada pelas sombras, D. Afonso Henriques assumindo o trono de Portugal, sua coroa cintilando como lágrimas líquidas de poder.

Com raiva fervendo no coração, Estêvão decidiu que o momento chegara para fazer sua jogada perigosa e traiçoeira no jogo do poder e da tormenta. Ansiava, em seu desespero e inveja, pelo trono que, em seu desmedido orgulho, considerava legítimo e digno. "É chegada a hora", murmurou para si mesmo, antes de apagar o brilho tênue da vela e mergulhar no abismo da noite sombria e tempestuosa.

Na fria e implacável penumbra, Estêvão reuniu um punhado de conspiradores em seu covil, sombras famintas e sedentas de riquezas que não questionavam os meios através dos quais seus caprichos e anseios seriam satisfeitos. Com o murmúrio de palavras traiçoeiras cortando a noite feito lâminas afiadas, um plano sinistro começou a tomar forma, despertando o caos latente que aguardava seu momento de desencadeamento.

Longe dali, em outra ala do castelo de Tomar, Isabel rezava silenciosamente diante de seu crucifixo, buscando alívio e conforto naquele que havia sacrificado tanto pelo amor à humanidade. Em sua angústia e tormento, Isabel via em si mesma um reflexo da tristeza e do desespero que acompanhavam a paixão de Cristo, sabendo que também ela deveria carregar o peso de sua lealdade e devoção dividida.

O som das gotas de chuva, batendo monotonamente nas janelas emolduradas de pedra, de alguma forma lembrava a mortal máquina de tortura conhecida como "gota d'água", na qual a água caía ritmicamente sobre a testa, terminando por levar a vítima à loucura. E assim era com as chuvas que caíam sobre o castelo, como se o próprio céu pressagiasse algo terrível, que chegaria como os espectros das trevas que, em seu reluzir único, atraem a destruição em direção às suas presas.

Naquela noite tempestuosa, a traição não propriamente avançava em marcha célere, mas movia-se como um felino de veludo e aço que, com um salto repentino e feroz, visava lançar suas garras sobre sua vítima desprevenida. E como o olhar afiado de um corvo cego e encarnado, Estêvão de Sousa espreitava seu inimigo, o tempo e a sorte como correntezas invisíveis que, em breve, acabariam somindo-o como lodo e sombra.

Acordo de paz entre cristãos e mouros

O sol poente inflamava os céus sobre São Julião da Barra como a última fúria do dia, tingindo o mar revolto de vermelho sangue e dourado profundo como a gema na coroa de um leão. Em uma enseada escondida próxima ao célebre forte que guardava a boca do Tejo, dois pequenos barcos à vela oscilavam languidamente com o ritmo das ondas, suas âncoras traçando linhas sombrias e sinuosas no coração do oceano.

Era uma reunião secreta, cheia de tensão e promessas sombrias, como se os próprios deuses do destino se reunissem para decidir os rumos e acasos imponderáveis do mundo. A bordo de um dos barcos encontravam-se D. Afonso Henriques e seu leal conselheiro, Alfonso de Azevedo. No outro, a figura enigmática e imponente de Hassan al-Fadil, o líder mouro. Entre os dois vasos fluviais, como uma ponte etérea e eternamente frágil, estão Isabel e Amir, trocando olhares significativos e pensamentos velados, o amor e a lealdade que os uniam sendo postos à prova pelo abismo infinito que os separava.

A primeira palavra foi proferida por D. Afonso Henriques, sua voz firme e majestosa como o rugido do trovão. "Hassan al-Fadil", bradou o rei sobre as ondas. "Viemos em busca de paz, não apenas para nosso povo, mas para todas as almas que habitam esta terra."

Hassan, imperturbável como uma estátua de mármore envolvida em sombras, retrucou com a voz suave e melódica do vento entre as árvores. "A paz é um anseio comum a todos os povos, D. Afonso Henriques. Mas como poderemos alcançá-la quando nossas armas continuam a falar mais alto que nossas palavras?"

Isabel, sua voz trêmula como uma borboleta buscando o abrigo das flores durante uma tempestade, tomou a palavra no débil silêncio que se seguiu. "Milord, peço honradamente que ouça o que o rei D. Afonso Henriques tem a dizer. Da mesma forma que ele está disposto a ouvir suas palavras e sentimentos, em busca de uma solução pacífica para nosso conflito."

Amir, que até então permanecia silencioso e cauteloso como uma fera espreitando sua presa, assentiu em um gesto sereno e grave. "Ouçamos as palavras do rei D. Afonso Henriques", ecoou sua voz pelo mar aberto, "e que a sabedoria e o discernimento dos céus seja nosso guia nesta negociação de paz."

Ciente de que as palavras que se seguiam seriam cunhadas no coração dos homens e mulheres que compartilhavam aquele momento solene, D. Afonso Henriques se ergueu com toda sua dignidade e convicção, a chama da verdade e da justiça ardendo em seus olhos. "Hassan al-Fadil, líder dos mouros", começou ele, com a gravidade de um poema fúnebre e o sopro de esperança de um hino de vitória, "como rei de Portugal, ofereço a você e ao seu povo um acordo de paz."

Diante dessas palavras, o olhar de Hassan al-Fadil se estreitou como o crepúsculo no horizonte, sondando as intenções ocultas em seu discurso e as consequências que seriam desencadeadas na sombria teia do destino. Então, Hassan ergueu-se com a majestade de um sacerdote diante de seu altar, estendendo a mão direita em um gesto ritualístico e solene, penetrando o abismo que separava as duas embarcações. "Eu ouço suas palavras, D. Afonso Henriques", murmurou ele sobre as ondas, "e nelas percebo o peso da verdade e da compaixão. Mas diga-me, como pretende entrelaçar os destinos de nossos povos, sem que o sangue continue a fluir como um rio indomável de morte e tormento?"

A resposta do rei D. Afonso Henriques veio como as primeiras gotas de chuva em um campo árido e desesperado, anunciando o alvorecer de um tempo mais próspero. "Prometo, pelo sangue de meus antepassados e pela honra que jurarei defender até o fim de meus dias, que nenhum cristão levantará novamente armas contra o povo mouro que habita nossas terras. Em troca, Hassan al-Fadil, peço que você e suas forças se abstenham de perpetrar atos de violência contra os cristãos que vivem sob sua própria bandeira."

Conspiração inesperada: Hassan al - Fadil e Alfonso de Azevedo

A conjuração iniciou-se como uma simples onda de conversas murmuradas nos cantos das salas até que alcançou, como um barco a fazer água, a presença daqueles próximos ao poder. Hassan al-Fadil, líder do exército mouro que por tanto tempo havia sido o arqui-inimigo de D. Afonso Henriques na implacável dança da guerra, cruzou olhares com Alfonso de Azevedo, o conselheiro sábio e experiente que sempre havia sido o braço-direito do jovem rei português.

As sombras da conspiração envolviam homens que ansiavam em caminhar na luz da razão e do progresso, atraindo para si aqueles de coração nobre e ambicioso, as águas movediças da traição mal perceptível nos confins do subterfúgio e da diplomacia. E Hassan al-Fadil e Alfonso de Azevedo, suas almas atormentadas por um passado doloroso, sabiam que o futuro de seus respectivos povos e nações só poderia ser garantido através da ação decisiva e implacável, mesmo que isso significasse trair aqueles a quem amavam e respeitavam.

Um vento gélido e quase imperceptível, como o sussurro de um amor perdido no tempo e na memória, serpenteava através dos corredores do castelo de Coimbra, onde os conspiradores haviam decidido se encontrar. Havia uma tensão palpável no ar, uma expectativa desesperada pela palavra ou gesto que poderia unir destinos e selar o curso da história.

"Alfonso de Azevedo," falou Hassan al-Fadil, sua voz carregada de sabedoria e de incerteza, "sei que nossas nações têm sido inimigas desde tempos imemoriais, e que muitas cicatrizes foram abertas pelo justo combate de nossos guerreiros. Mas é possível que nossas terras possam coexistir em paz e prosperidade, sem que o sangue de nossos irmãos continue a inundar os campos e rios de nossos reinos?"

Alfonso, com o peso de suas próprias dúvidas e esperanças a lhe oprimir o peito feito uma armadura de chumbo, fixou o olhar nos olhos profundos e perscrutadores de Hassan al-Fadil. "Sim", murmurou, como se a palavra fosse uma chave que pudesse libertar almas aprisionadas no labirinto escuro da tirania e do medo, "isso é possível. Mas para que isso aconteça, nós dois devemos estar dispostos a dar um passo além do abismo e enfrentar aqueles que brandem suas espadas e suas línguas pela divisão e destruição."

O silêncio que se seguiu às palavras de Alfonso de Azevedo era sufocante, povoado pelos ecoantes fantasmas das batalhas passadas, e o lamento lancinante de viúvas e órfãos pelas perdas que, talvez em vão, haviam sofrido. O vento insistente parecia trazer um coro etéreo de vozes desesperadas, cujo desejo de paz e harmonia não podia mais ser ignorado pelos homens que haviam se comprometido com o formidável destino de liderar, e às vezes, trair seus povos em prol de suas convicções e causas.

Hassan al-Fadil, que um dia pensara que suas mãos estavam manchadas para sempre com o sangue dos inimigos de seu povo e sua fé, estendeu a destra a Alfonso de Azevedo como um símbolo de sua lealdade à paz e ao

sonho de um futuro onde cristãos e mouros pudessem viver como irmãos, deixando de lado as desavenças e as ambições que os haviam dividido por séculos intermináveis.

E Alfonso, que havia sido conselheiro e confidente do rei D. Afonso Henriques desde os tempos em que ele era apenas um menino destemido lutando pela honra de sua linhagem e nome, aceitou a mão de Hassan al-Fadil com um olhar tão firme e decidido quanto uma muralha de pedra diante do cerco de um exército imbatível.

Com um aperto de mão que selava o destino de Portugal e de todos aqueles que, destemidos e esperançosos, investiriam seu amor e sua vida na incerta batalha pelos desejos e sonhos mais nobres da humanidade, Alfonso de Azevedo e Hassan al-Fadil deram início à conspiração inesperada que poderia, afinal, derrubar o véu sombrio da guerra e trajedina e conduzir seus amados povos à luz gloriosa da paz.

Perigo e suspeitas na Fortaleza de Torres de Almourol

A noite cerrada e sombria preenchia os espaços entre os muros e as ameias da Fortaleza de Torres de Almourol. Uma quietude oprimia a atmosfera, reforçando o confronto silencioso entre o luar e a escuridão das mazelas humanas. Sob os arcos das passagens e ao redor das salas, guardas vigiavam o silêncio como se encarnassem sentinelas de carne e osso, ciosos de proteger a paz que envolvia a fortificação.

Entretanto, nas profundezas das alcovas e corredores, rumores inquietantes contornavam sombras impalpáveis. Sussurravam-se histórias de traição e medo, de lealdades que se desfaziam e renasciam como vapores diante do fogo, vertendo-se em desconfianças que se avolumavam nas mentes de todos os habitantes do castelo.

O próprio rei D. Afonso Henriques, seu acumen e fiel convicção atormentados pelo encargo visitante da desesperança, percorria incansavelmente as galerias e salões, buscando entre os contornos sombrios indícios das traições e alianças que se faziam e desfaziam à beira da chama vacilante da guerra.

Em seu encaço, como um fantasma incapaz de abandonar o campo de batalha onde seus camaradas tombaram e seu espírito ficou irremediavelmente aprisionado, Alfonso de Azevedo, o conselheiro fiel e decidido, seguia silenciosamente a peregrinação do rei por aqueles espaços sombrios,

carregando em seus olhos melancólicos a responsabilidade do destino que havia ajudado a moldar.

Era uma noite de terríveis suspeitas e explosões de verdade, uma tecitura irremediável e luxuriante de paixões arrebatadoras e dores lancinantes. Foi então, aos pés de uma escadaria estreita e sombria, coberta pela penumbra impenetrável que cobria o castelo com suas garras férreas e ocultas, que D. Afonso Henriques percebeu um ruído quase imperceptível aos ouvidos de um homem comum.

Como um Leão que percebe a presença furtiva de um adversário em seu território, o rei retesou seus músculos e seu olhar, dilacerando o silêncio que o circundava com a ânsia feroz e indomável de seu espírito guerreiro. E, em seu rosto pálido e austero, refletiram-se então as milhares de cicatrizes que, ao longo de sua vida, haviam sido cravadas em seu coração, como as marcas inextinguíveis da eterno conflito entre amor e ódio, honra e traição.

Piscando os olhos como se pudesse assim absorver toda a realidade que o circundava, o rei perguntou em um sussurro, tão baixo quanto um sopro de vento que lutasse para se esgueirar por entre as fendas de pedra. "Se algum de vós ali estiverdes, fazei-vos conhecer."

Não houve resposta, somente um eco de silêncio e um som como o de um coração parando de bater. Então, lentamente, como se despertasse do sono profundo da indiferença, uma figura surgiu das sombras, sua indumentária simples e sua expressão resoluta brutalmente iluminada pelas frias réstias de luar que se adensavam nos interstícios do castelo.

Era Nuno, o escudeiro fiel do rei, um jovem tarimbado nas artes da guerra e fidelidade. E em seu olhar assustado e lacrimoso resumbravam as traições e revelações inconfessáveis que lhe atormentavam a alma e ardiam em seu peito como brasas lançadas ao vento.

Erguendo-se diante do rei e do conselheiro, seu corpo trêmulo como um ferido a se arrastar diante do fogo incessante da batalha e seus olhos roguejando o anseio de ser absolvido e perdoado, Nuno falou. "Perdoai-me, majestade, mas eu vos trouxe terríveis notícias. E essa noite sombria, creio, não vai nos privar de mais surpresas e mágoas."

Sua voz, embora quase abafada sob o peso de amargura e aflição, chegou aos ouvidos de D. Afonso Henriques e Alfonso de Azevedo como um prenúncio da tempestade implacável que se amontoava nas insondáveis alturas do céu e nas profundezas das almas atormentadas. E sonharam com um futuro

onde a dor e o desamparo se mesclassem com a honra e o amor, construindo-se e destruindo-se na eterna roda da esperança e desesperança, entrelaçados como a sombra e sua irmã em um eterno duelo etéreo.

Dilema de lealdade: Fernando, o Bravo e Beatriz de Lara

A vila de Arraiolos despertava, silenciosamente, sob a luz dourada e incandescente do amanhecer. As ruas, estreitas e sinuosas, pareciam serpentes que se entrelaçavam umas nas outras, ocultando os segredos de um povo cansado de lutar por um futuro incerto. As casas rústicas, erguidas com pedras cuidadosamente encaixadas e cobertas de telhados de terracota, testemunhavam tamanha resiliência daqueles que ali lutavam por seus destinos e sonhos.

No centro da vila, um espírito de harmonia e esperança parecia impregnar o ar, remanescente de tempos imemoriais em que a paz e a compreensão pautavam as relações humanas, relegados às profundezas da memória como uma melodia sussurrada por ancestrais desaparecidos no abismo dos séculos. Era aqui, neste oásis de tranquilidade e partilha, que Fernando, o Bravo, e Beatriz de Lara se encontravam, para decidir o rumo de suas vidas em um mundo dilacerado por desavenças e ódios insuperáveis.

Fernando, cuja lealdade a D. Afonso Henriques o havia levado às batalhas mais árduas e traições mais terríveis, carregava em seu peito o peso das escolhas que viera a fazer ao longo de sua jornada de um guerreiro destemido e intrépido. Seus olhos, presa a uma ânsia pantanosa de duvidar, questionar e recalibrar coragem e desespero, sondavam a expressão de Beatriz, uma mulher igualmente valente, também confrontada pelos dilemas que os seres humanos, independentemente de sua origem, são forçados a enfrentar ao longo de sua existência.

”Beatriz,” murmurou Fernando, como se sua voz pudesse romper a harmonia irrevogável que envolvia o espaço em seu redor, ”nós chegamos a uma encruzilhada em nossos caminhos, onde nosso dever para com aqueles que amamos e nossa lealdade a um ideal de paz e justiça se mesclam e confrontam em um turbilhão de emoções e desilusões. É no cerne dessa tormenta que devemos decidir como agir, pois o fio tênue da esperança que tece nosso destino pode se romper a menor vacilação ou ingratidão.”

Beatriz, cuja alma se afogava em um mar de angústia e incertezas,

correndo como a água entre seus dedos e escapando cada vez que tentava agarrá-la, olhou nos olhos de Fernando com uma tristeza que parecia ser a própria essência do caminho que percorriam juntos. "Fernando, cada dia nas batalhas e nos segredos que compartilhamos, eu soube que meu coração pertencia a ti, assim como o teu pertence a mim. Mas agora, com a revelação do amor entre Isabel e Amir e as maquinações políticas que nos envolvem como cordas que apertam e sufocam, sinto que essa nossa lealdade está à prova, ameaçando estilhaçar-se com cada suspiro, sussurro e lágrima vertida em nome do amor e da honra."

"As linhas invisíveis que nos unem são tecidas a fio duplo, Beatriz", disse Fernando. "De um lado, estão a coragem, o amor, o sacrifício que devemos fazer por aqueles a quem amamos e respeitamos. Do outro, nosso próprio desejo de paz e justiça, o sonho de um futuro onde os cristãos e mouros vivam juntos como irmãos, deixando as mágoas do passado e as ambições impiedosas a que nos forçam. Somos prisioneiros em cadeias que forjamos e carregamos em nossos corações, emaranhados em tramas que só poderemos desfazer com nossa coragem e determinação."

"O que faremos então, Fernando?", perguntou Beatriz, enquanto lágrimas brotavam de seus olhos e escorriam pelas suas faces, trilhas de pesar e resignação em um rosto delicado e obstinado. "Como podemos romper estas amarras que nos sufocam e nos arrastam para o abismo, e salvar nossos amados amigos de um destino selado pelo ódio e pela desconfiança?"

"Faremos o que sempre fizemos, Beatriz", disse Fernando, seu rosto endurecendo como aço forjado pelo fogo e pelo martelo, impenetrável e resolutivo frente ao cerco implacável da adversidade. "Enfrentaremos nossos medos, nossos inimigos, nossas dúvidas e incertezas, com a esperança de que, do outro lado do abismo, possamos encontrar a paz e a redenção que almejamos."

Neste momento, Fernando segurou a mão trêmula de Beatriz, com um laço de um amor eterno e uma fidelidade inquebrável se formando entre eles, resplandecente como o mais puro dos diamantes e tão forte como a mais bem forjada das espadas. E, com um simples gesto de confiança e devoção, Fernando, o Bravo, e Beatriz de Lara partilharam uma promessa silenciosa: de que, juntos, atravessariam o campo de batalha traiçoeiro que a vida lhes colocava, lutando pelo amor e a paz que suas almas, atormentadas e aflitas, desejavam desesperadamente encontrar.

E ali, na vila serena e quebradiça do coração de Portugal, dois guerreiros do amor e do sacrifício fizeram seu voto eterno de lutar até o fim por aqueles que amavam e por um futuro de paz e justiça, tão frágil e efêmero como o mais delicado dos sonhos.

Revelação e consequências do segredo de Isabel e Amir

A alvorada se aproximava, enlaçando os últimos fios escuros da noite com suas mãos douradas e inquisidoras, revelando silenciosamente os segredos daqueles que ansiavam pela luz e pelo calor da compreensão e do afeto. No castelo em Torres de Almurol, a luz das tochas dançava nervosamente nas paredes de pedra, projetando sombras distorcidas que pareciam se contorcer com receios inimagináveis e antigos, como relíquias de um passado em disputa de poder entre o amanhecer e a noite.

Naquele santuário sombrio e traiçoeiro, a figura de Isabel de Trastâmara, trêmula como uma vela que luta desesperadamente para manter-se acesa diante do sopro impiedoso do vento, encontrava-se diante de seu destino, suas esperanças e sonhos se chocando em um turbilhão de emoções em seu coração. Seus olhos, vastos e impotentes como o próprio oceano, contemplavam o rosto de Amir ibn Malik al-Andalusi, o homem com quem havia compartilhado segredos inconfidenciais e sonhos indizíveis, e nele se encontrou como se fossem gêmeos separados pelas correntes da vida, escravizados pelo destino e pelos deuses inebriados por suas próprias criações.

Isabel, lutando contra as invisíveis garras do desespero que ansiavam se enrolar em volta de sua mente e prendê-la na armadilha de seus próprios temores e culpas, estendeu a mão para tocar a face do homem que amava, como se pudesse assim transmitir-lhe toda a paixão e coragem que se misturavam e se transfiguravam em seu coração, na estranha alquimia do amor e da lealdade.

”Amir”, murmurou ela, e cada sílaba trazia consigo a palavra não-dita ”te amo” que se enredava como um sussurro incessante, ”temos de encontrar uma maneira de sobreviver a este jogo de conspirações e traições que nos envolve, afundando no caos do desejo humano pela glória e pela vingança.”

Amir, cujo rosto se iluminou como o crepúsculo que se anuncia diante das trevas invencíveis, acariciou a mão de Isabel e, em sua voz que parecia carregar consigo a sabedoria e a força dos desertos ancestrais e místicos,

disse "Sim, minha querida, estamos obrigados, um ao outro e aos nossos povos, em um juramento silencioso e sagrado que nenhum poder na terra ou no céu pode romper. Nós enfrentaremos esta tempestade juntos."

Nesse momento, os olhos de Isabel se iluminaram como estrelas fugazes no vasto abismo da noite, como se um misterioso e indescritível sinal de esperança tivesse atravessado as sombras implacáveis da tristeza e tocado seu coração. "Mas eu devo confessar", disse ela, com a amargura de quem sabe que as palavras libertam e aprisionam, "que temo pelas nossas vidas, e pela promessa de paz e amor que um dia almejamos alcançar. Neste jogo cruel e tortuoso de poder, estamos condenados a ser as peças ao sabor das intenções e ambições de outros, sacrificados como cordeiros no altar do ódio e da paixão."

Apenas segundos se passaram - ou talvez minutos, ou talvez horas, em tal abstração, nenhuma medida poderia conter a agitação do momento - quando o som de passos abafados ecoou pelas paredes de pedra, a indiferença das trevas confrontada pela presença ameaçadora de alguém que se aproximava. Isabel e Amir se separaram cautelosamente, como se pudesses esconder a realidade de um coração do olhar impassível do destino.

"Ouve - me bem, Isabel e Amir. Eu, Alfonso de Azevedo, conselheiro fiel e amigo do Rei D. Afonso Henriques, e preocupado para seus corações unidos apesar das diferenças, testemunhei o singelo feixe de amor que se desdobra entre vocês", disse Alfonso, surgindo das sombras e interrompendo o silêncio com sua voz grave, dolorida e perturbada.

Os olhos de Isabel e Amir se voltaram quase que instantaneamente ao homem diante deles, reconhecendo o perigo inerente àquela presença surpresa. Receio e ameaças, porém, não afigura - se maior que a inabalável transparência entre suas almas.

"Alfonso", pronunciou Amir, sua voz serena como a calma antes da tempestade, "mas o que destinais a fazer com isso que viste?"

Alfonso de Azevedo, conhecendo o campo íngreme que o aguardava, respondeu com um tom imperativo: "Vossos corações, embora iluminados pela chama do mais inextinguível dos amores, encontram - se no cerne de um turbilhão político e moral, cujos perigos enfrentareis cotidianamente enquanto mantiverem - se ocultos e furtivos. Sem revelar estas descobertas a D. Afonso Henriques, meu desejo é orientá - los e aconselhá - los na maneira como devem agir, a despeito das ondas impetuosas de guerra, poder e

fidelidade, cujas correntes vos arrastarão um contra o outro e, porventura, ao desfecho mais sombrio.”

Isabel e Amir, diante das palavras tão tempestuosas e inquietantes de Alfonso de Azevedo, compreenderam o profundo dilema que enfrentavam. E, com um olhar ferido e vacilante, eles agradeceram a aquele que confrontara seus temores e segredos mais insondáveis, reconhecendo que a jornada árdua e incerta que os aguardava poderia ser apenas enfrentada com a coragem e a esperança que haviam compartilhado na penumbra das noites em Torres de Almourol.

Porque, afinal, a revelação do amor proibido de Isabel e Amir era tão profundo e avassalador como os segredos das almas e das paixões, quebrando a paz traiçoeira da noite e tecendo em seu rastro um futuro onde a dor e a redenção, a esperança e a aniquilação caminhariam lado a lado, cientes de sua coexistência efêmera e eterna.

Chapter 6

O peso da coroa

Nos aposentos reais de Torres de Almourol, D. Afonso Henriques, o guerreiro e rei que havia unido seu país e forjado um destino eterno para Portugal, sentava-se à sua escrivaninha, olhos fixos no mapa que se espalhava à sua frente - um retalho de terras e mares, cidades e fronteiras, que pareciam se mover e pulsar como as inúmeras veias e artérias de um corpo vivo, indomável e turbulento.

Os pensamentos de Afonso também eram um turbilhão, uma tempestade de desejos e dúvidas, esperanças e medos, que ameaçava sua mente e seu coração com seus ventos furiosos e suas ondas implacáveis. Como seria possível, questionava ele, governar um reino tão frágil e múltiplo como o que havia conquistado, e garantir-lhe não apenas a sobrevivência, mas também a prosperidade e a paz?

Lá fora, através das janelas de pedra que marcavam as paredes espessas e imperturbáveis do castelo, notava-se a aproximação do crepúsculo, lançando seu manto sombrio sobre as terras de Portugal e tingindo os céus com cores de melancolia e sonhos efêmeros. Neste momento fatídico e crucial, D. Afonso sentia que as sombras se espalhavam não apenas pelo mundo ao redor, mas também em seu próprio coração, enlaçando-se em volta de suas esperanças e até os últimos raios de sua coragem.

Foi então que Isabel entrou, como uma visão do próprio anjo caído, seu rosto transtornado por uma terrível e inflexível angústia, que se apossava de seus olhos e lábios como um feitiço maldito. Os olhos do rei encontraram os dela, e por um momento sentiram-se ligados através do abismo da dor e da tristeza que os envolvia, como duas almas perdidas lançadas ao mar em

noite de tempestade.

”Afonso, meu senhor ” - disse ela, as palavras hesitantes e quase sufocadas pela culpa e pelo medo que lhe oprimiam o peito. ”Venho até vós, não como Isabel de Trastâmara, filha e irmã dos nobres de nossa terra, mas como uma mulher que deseja, mais do que tudo, encontrar a paz e a salvação para seu amado país e seu povo. Mas como podemos alcançar esse objetivo quando somos constantemente assediados por nossos inimigos e por nossos próprios corações, que parecem ter traçado caminhos separados e turbulentos, levando - nos a um abismo insondável e tenebroso?”

A voz de Isabel tremia ao entonar estas palavras tão penosas, e D. Afonso, comovido por sua honestidade e angústia, contemplou - a por um longo momento, como se quisesse penetrar os mistérios e esconderijos de sua alma. Por fim, o rei levantou - se lentamente e aproximou - se de sua confidente, tocando - lhe o rosto com as mãos firmes e esculpidas pelos anos de lutas e batalhas incansáveis.

”Dizei - me, Isabel, a quem devo dirigir minha lealdade e minha devoção quando sinto em meu próprio coração um dilaceramento cruel e impiedoso, uma guerra entre os afetos e deveres que disputam a posse de minha alma e de minha mente? Posso realmente aspirar à grandeza e à paz que desejo tão desesperadamente para minha terra e meu povo se estou aprisionado em meus medos e dúvidas mais profundos, como um prisioneiro acorrentado às paredes da escuridão?”

Houve um silêncio que parecia se estender por toda a eternidade, enquanto ambos contemplavam seu destino e suas escolhas, tão intrincadamente unidas e entrelaçadas como os ramos de uma videira que se abraçam e torcem - se em um padrão complexo e inescrutável. Então, Isabel, com uma determinação e coragem que pareciam ter sido libertadas dos grilhões de sua resignação e desespero, fitou o rosto do rei, seus olhos brilhando com uma chama de esperança e resolução.

”Talvez, meu senhor,” disse ela, suas palavras fluindo como um rio, leve e majestoso, lavando os resquícios de sua angústia e desespero, ”devamos aprender a apreciar e respeitar essas batalhas e temores internos que nos afligem, pois são eles que revelam os caminhos e escolhas que devemos enfrentar, para que possamos finalmente conquistar a paz e a sabedoria que buscamos. Não podemos lutar contra nosso próprio coração e mente, pois são eles que nos guiaram até aqui, mesmo em meio às mais terríveis

tempestades e aos mais sombrios abismos.”

D. Afonso Henriques, ouvindo as palavras de Isabel como um eco distante e poderoso que parecia reverberar nas câmaras do seu coração, sentiu-se inspirado e, ao mesmo tempo, perturbado por sua verdade e perspicácia. Diante dos desafios inimagináveis que o aguardavam - as lutas que travaria, as lealdades e inimizades que forjaria, e o futuro incerto e sombrio que pairava sobre Portugal e seu povo - ele percebeu, finalmente, que não havia um único caminho a seguir, mas uma infinidade de possibilidades, cada uma delas guiada e moldada pelos sentimentos e escolhas que ele e Isabel compartilhavam no coração de seu destino e de seu amor eterno.

As responsabilidades reais

D. Afonso Henriques então se encontrava envolto em um dilema torturante e profundo, como se o próprio coração pulsasse em seu peito com a força de um martelo, esmagando cada pensamento, cada aspiração, e cada esperança que tentava emergir das ruínas de sua mente e de seu espírito. Sentia que as impenetráveis paredes do castelo, que haviam protegido e abrigado tantos guerreiros e sábios antes dele, agora o sufocavam e prendiam em uma gaiola inescapável e cruel, condenando-o à eterna danação e desespero.

As tochas tremeluzentes que iluminavam os corredores frios e sombrios pareciam apenas acentuar a escuridão e o vazio que se apossavam de sua mente e seu coração. Levantou-se com um esforço tremendo, sentindo que a simples ação de caminhar e respirar tornara-se um fardo insustentável e esmagador. Pensou em Isabel e Amir, cujo amor proibido e secreto o haviam lançado neste abismo de desconfiança, medo e incerteza, e questionou se poderia realmente confiar neles, ou em qualquer um, enquanto carregava o peso dos conflitos e provações que pareciam determinar o destino de seu país.

Mas D. Afonso Henriques de Borgonha não era um homem que podia ser derrotado pela angústia e pelo tormento. Em seu íntimo, lá no fundo de sua alma, sabia que ainda restava uma fagulha de coragem e esperança, uma luz bruxuleante e trêmula que resistia aos ventos de desolação e medo que assolavam seu coração. Ergueu-se lentamente, como se tivesse que empurrar todo o peso do mundo para longe de seus ombros, e depois, passo a passo, começou a caminhar pelos corredores escuros e labirínticos do castelo, em

busca de uma resposta, uma verdade, ou talvez apenas um vislumbre de paz.

Nesse momento, encontrou Beatriz de Lara, a amiga e confidente de Isabel, nos corredores do castelo. Ela o encarou com olhar de preocupação e hesitação evidentes.

”Como vai vossa majestade?”, perguntou Beatriz, se curvando diante do rei.

D. Afonso suspirou, antes de responder: ”Minha amiga, acho que o peso da coroa e as responsabilidades que ela carrega estão me sufocando mais do que jamais imaginaria. Descobertas recentes me levam a questionar em quem devo confiar.”

Beatriz, compreendendo que o rei se referia ao amor de Isabel e Amir, disse: ”Majestade, compreendo vossas preocupações. Porém, é importante notar que, apesar do amor que esses dois compartilham desafiar nossa compreensão de lealdade e alianças, Isabel ainda carrega a lealdade a vós e a este reino em seu coração.”

D. Afonso meditou nas palavras de Beatriz, enquanto caminhava com ela pelos vastos corredores, refletindo sobre suas responsabilidades e sobre o futuro de seu reino. Será que o amor de Isabel e Amir, tão perigoso e intenso quanto à chama que consome a madeira que lhe dá abrigo, poderia realmente ser a salvação que o país precisava, ou apenas mais uma lasca da grande tormenta que ameaçava envolver suas almas e nações em uma nuvem de fumaça e cinzas?

A lealdade questionada

Como um dardo envenenado, a suspeita e a desconfiança haviam penetrado no coração de D. Afonso Henriques, corroendo a fé e a esperança que já haviam sido suas companheiras constantes e inabaláveis na tormenta de guerras e traições que constituíam o mundo em que vivia e pelo qual lutava. Agora, com as chamas ferozes do ciúme e do ressentimento queimando vorazmente em seu peito, o rei via seu amor pela bela e enigmática Isabel de Trastâmara se metamorfosear em uma mútua hostilidade silenciosa e, ao mesmo tempo, morna e cruel, como terra pau no estomago.

Em cada olhar e gesto de Isabel, D. Afonso julgava poder enxergar a sombra traiçoeira e trêmula de Amir, como um anel de serpentes que se

entrelaçavam e retorciam ao redor do firme e aveludado tronco da árvore que florescia com as mais belas rosas e os mais deliciosos frutos que se possa imaginar. A visão desse destino e dessa escolha atroz a se apresentar perante ele, coberta de um manto fino e transparente de orgulho e desânimo, reduzia o rei a um charco lívido e mórbido de desespero e melancolia, no qual se afogava como um homem que se debate ansiosamente no mar tumultuado e abissal das emoções.

Foi nesse instante sombrio e atroz, quando D. Afonso sentiu que todo o seu mundo estava prestes a desmoronar e a se esfacelar como uma fortaleza sitiada, que ele encontrou - se com Alfonso de Azevedo, em um canto resguardado do castelo de Guimarães, onde nem as muralhas cientes pudessem descobrir sua inquietude e miséria.

"Vós, majestade", disse Alfonso, com uma gentileza e compreensão que pareciam emanar de seu coração como a luz suave e penetrante de uma vela em um quarto escuro, "não tendes de temer os venenos que destilam dos lábios de vossos inimigos e das línguas traçojeiras que se vergam ao sabor do opróbrio e da calúnia. Tendes forjado vossa coroa com o suor de vossas têmporas e o sangue de vossas mãos, e ninguém, nem mesmo os mais cruéis e perversos homens deste reino, poderá usurpar o trono que vos pertence por direito e por herança."

D. Afonso Martins Henriques ouviu essas palavras, mas em seu peito o remorso e a amargura pareciam formar um véu denso e opaco que impedia a consolação e a esperança de penetrar nos recônditos mais profundos de sua alma. "Contudo", replicou ele, pressionando a palma da mão contra a testa, num gesto de pesar e desespero, "como poderei confiar em meu coração e em minha razão, quando sinto que as amarras que devem me unir aos seres que mais amo e venero ressoam com as vozes de um amor proibido e traçojeiro, que ameaça reduzir a pó as esperanças e promessas de paz e harmonia?"

O conselheiro fitou o monarca por um longo e insondável momento, como se quisesse discernir as águas turbulentas e revoltosas que assolavam sua mente e seu ser, separando - as das ilhas de sabedoria e amor incondicional que ainda residiam em seu coração.

"Vossa majestade", respondeu afinal ele, com uma determinação e impassibilidade que mais pareciam brotar da reflexão e do cálculo do que do destemor cego e descuidado, "deveis lançar vossas âncoras aos portos

que realmente importam, e deixar que as vagas do destino e da paixão se corrompam e dissipem como nevoeiro diante do sol ardente e inquebrável. Porém, quando necessário, deveis ser como a agulha que busca o norte, e voltar - vos para aqueles em quem realmente podeis confiar, e que talvez, despojados do orgulho e do interesse soturno, possam vos guiar através do tormento e da incerteza.”

Deixando D. Afonso Henriques ali sozinho, Alfonso se despediu: ”Isabel e Amir são vossos aliados e vossos inspiradores, mesmo que corram riscos ao alimentar um amor que a sociedade não aprova. Mas ambos também são leais a vós e ao futuro do Reino de Portugal e, apesar das armadilhas e laços que a vida possa oferecer a vós, não deveis jamais esquecer que sois seu rei e seu senhor, e que o destino lhes concederá a força e a graça necessárias para cumprir suas vontades e alcançar vossos sonhos.”

Enquanto o eco dessas palavras desvanecia - se nos corredores de seu castelo, D. Afonso Henriques de Borgonha, o primeiro rei de Portugal, contemplou a penumbra crescente que se estendia sobre o horizonte, e, esquivando - se de sua angústia e desespero, preparou - se para abraçar, uma vez mais, o caminho do dever e da coragem, guiado pela esperança e pela confiança em sua própria vontade e na paixão ardente de seu coração e alma.

Em sua solitária e desconcertante jornada, D. Afonso Henriques compreendia, enfim, que a lealdade não se encontrava nas mãos e nos olhos dos traidores e dos desleais, mas sim no interior do seu próprio coração.

O desafio da liderança

Ao romper da alvorada, D. Afonso Henriques de Borgonha, o primeiro rei de Portugal, contemplava a vastidão do reino que em breve deveria estar sob suas mãos, como o prometido devido a suas conquistas e a sua visão de um país unificado e independente. Apesar do crepúsculo da noite ter - se dissipado, o rei ainda sentia o peso de uma escuridão que envolvia sua alma: a cruel e impiedosa carga de liderança absoluta, que fazia com que suas decisões e ações resultassem na vida ou na morte de inúmeros súditos e aliados, para além de inimigos.

D. Afonso Henriques estava plenamente ciente de seu papel como líder nas batalhas. Sabia que seu povo necessitava de um farol de esperança,

um exemplo a ser seguido e um guia nos momentos de incerteza. Contudo, habitava em seu coração uma angústia que ameaçava consumir a coragem e a determinação que até então o haviam impulsionado em sua missão de unificação das terras portuguesas. Preocupava-se com o que oremar esta angústia enquanto caminhava pelos corredores silenciosos do castelo de Guimarães, onde refletia sobre as batalhas conquistadas e as ainda por vir.

Perdido em seus pensamentos, D. Afonso Henriques foi surpreendido pela chegada de Alfonso de Azevedo, seu conselheiro leal e amigo, que buscava trazer notícias e relatórios sobre o progresso de suas forças militares e os preparativos para os confrontos importantes que se aproximavam.

”Vossa Majestade, as tropas seguem se preparando como o planejado, e nossos espíões trazem relatos de possíveis dissidências internas entre os líderes mouros”, informou Alfonso, observando o semblante carregado do rei.

D. Afonso Henriques apenas balançou a cabeça lentamente, pensativo sobre o peso que cada batalha e decisão carregavam em seu coração. ”Sinto como se cada passo que dou em direção à nossa independência trouxesse também uma sombra mais densa sobre nossos destinos”, admitiu, olhando para as mãos que seguravam a espada de seus antepassados, simbolizando a linhagem de liderança que agora recaía sobre ele.

Alfonso, ciente das preocupações e angústias de seu rei, ponderou suas palavras antes de responder. ”A liderança, majestade, é uma dádiva e um fardo. Vosso povo busca em vós um porto seguro, uma figura capaz de conduzi-los através das tempestades e infortúnios do tempo. Mas lembrai-vos de que sois também humano, passível de dúvidas e temores.”

D. Afonso Henriques levantou os olhos, observando as fortificações do castelo de Guimarães, símbolo de poder e força, e questionou a habilidade de deter a pressão e o medo que lhe apertavam o peito. ”E como poderei governar e liderar com honra, meu conselheiro, se em meu íntimo sinto-me fragilizado pelos dilemas de amor e devoção que ora habitam minh'alma?”

Alfonso de Azevedo aproximou-se do rei e, com um olhar de compreensão, sugeriu: ”Majestade, sois grande guerreiro e detentor de vasta sabedoria. Talvez seja o momento de enxergar a sabedoria de seus próprios anseios. Quando o sol declina e a escuridão anuncia sua chegada no horizonte, é nas estrelas que o homem encontra o consolo e a verdade que o guiarão através da noite que o envolve.”

D. Afonso Henriques, em memória às palavras de seu conselheiro, entendeu que o desafio da liderança não era apenas uma jornada solitária e penosa, mas sim algo moldado também pelos valores e as lealdades que, como estrelas, brilhavam no horizonte de seu coração. No fim das contas, o rei sabia que para enfrentar seus obstáculos e vencer seus dilemas, deveria encontrar em si mesmo a coragem e a determinação para fazê-lo. E, quem sabe, ao encarar as sombras do medo e da dúvida, ainda haveria espaço para redescobrir as luzes e as verdades que até então haviam guiado seu caminho e seu destino.

A expectativa do povo

O crepúsculo se aproximava, tingindo o céu com tonalidades de laranja, rosa e dourado, e levando consigo o estupor dos trovões e o rugido incessante da guerra. Na cidade de Coimbra, os rostos cansados e desolados dos homens, mulheres e crianças que tinham se aglomerado diante dos muros da cidade, contavam histórias de tristeza, morte e desespero. De costas para o sol poente, D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, observava atentamente o mar de gente que parecia se estender até o horizonte, perdido nas profundezas de seus próprios pensamentos.

Havia dias que a cidade de Coimbra estava em tensão e expectativa pelos resultados do cerco à cidade de Lisboa, e Afonso temia pelo que poderia acontecer se suas tropas não conseguissem lançar uma vitória decisiva no conflito contra os mouros. Ele sabia que o povo dependia dele, buscando nele não apenas comida, abrigo e segurança, mas também a esperança e a salvação. No entanto, a despeito das façanhas e das glórias que lhe eram atribuídas, Afonso sentia - se encarcerado pela melancolia e a incerteza, aprisionado pela sua incapacidade de consolar seus súditos sem ser capaz de manipular o curso dos acontecimentos por vir.

Enquanto Afonso contemplava o exército de rostos aflitos que buscava nele uma resposta ou um alívio para suas agonias, ele sentiu a imensa responsabilidade que recaía sobre seus ombros. Por mais que seus conselheiros e guerreiros pudessem providenciar informações e apoio, a dura realidade era que a decisão final, aquela que resultaria na vida ou na morte de inúmeros inocentes e soldados, lhe pertencia e somente a ele.

Um frágil e hesitante senhor de idade, com as pernas trêmulas e o rosto

inundado de lágrimas, aproximou-se do jovem rei, aterrorizado pelo oceano de desespero que o cercava. "Majestade", implorou ele, com uma voz que mais parecia um sussurro ensurdecedor, "por favor, diga-nos que nosso sofrimento não será em vão, que a guerra finalmente chegará ao fim e que o sol voltará a brilhar sobre nossas terras."

O murmúrio crepuscular de vozes inquietas pareceu silenciar-se instantaneamente, como se cada faísca de luz remanescente tivesse sido ofuscada pela angústia e o medo. Afonso sentiu seus olhos encherem-se de lágrimas enquanto escutava o clamor sufocado de seu povo, mas, em um último esforço de coragem, ele impediu sua própria dor de transbordar e ofereceu ao homem idoso, e aos súditos que o seguiam, a única coisa que ainda lhes restava: esperança.

"Meu povo, sei que as sombras da incerteza e do infortúnio parecem envolver nosso reino como uma serpente afiada, e que nossas esperanças, outrora ardentes e flamejantes, agora se assemelham a brasas empalidecidas e frias. Contudo, eu vos peço que não abaixeis vossas cabeças diante do pavor e da escuridão, pois à nossa frente chegamos ao limiar de um novo amanhecer."

Olhando nos olhos do senhor idoso, D. Afonso continuou sua fala. "Eu prometo, sobre o sangue e as lágrimas que foram derramados em nossa luta por liberdade e justiça, que continuarei lutando por uma paz duradoura que restaure a felicidade e a prosperidade a estas terras. Eu imploro que mantenham acesa a chama da esperança que pulsa em seus corações, pois não há noite tão profunda que não possa ser banida pela alvorada."

As palavras de Afonso pareciam pairar pelo ar como folhas secas ao sabor do vento, de certa forma suavizando o cansaço e as preocupações de seu povo, pelo menos temporariamente. O senhor idoso, agradecido, curvou-se profundamente antes de recuar de volta à multidão, mais calmo que antes. E então, em meio ao povo que o fitava com o brilho de um sol dourado e distante de esperança, D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, soube que, mesmo diante dos maiores desafios e adversidades, ele precisava lutar e resistir, não apenas por seu trono e seu país, mas também por sua fé no poder de seu povo e de suas almas indomáveis.

A batalha interna de D. Afonso

As luzes de Lisboa brilhavam como moedas de prata no céu noturno, a lembrança espectral de um futuro magnífico e a promessa de prosperidade sem limites. Porém, D. Afonso Henriques, sentado solitariamente em seu trono improvisado entre os destroços e as ruínas da batalha, sentia como se um manto gelado e sombrio houvesse caído sobre ele, aprisionando-o em um abismo sombrio de dúvidas e medo. Fraqueza, pensava consigo mesmo, como poderia seu povo acreditar em sua liderança se permitisse ser vencido por seus pesadelos e inseguranças?

Em meio à penumbra e aos uivos do vento além das muralhas do castelo, o próprio coração de D. Afonso Henriques parecia clamar por alguma forma de esperança, alguma centelha de luz para iluminar as trevas que ameaçavam subjugar-lo por completo. Ele levantou os olhos para os céus, em busca das estrelas guias que costumava contemplar em seu lar no Castelo de Guimarães, e se perguntou, com inquietação e desassossego, como poderia servir seu povo, guiá-los e inspirá-los quando ele próprio encontrava-se perdido nas profundezas das próprias sombras?

Enquanto as sombras dançavam de forma sinistra e indiferente às suas costas, D. Afonso Henriques esmagou a dúvida e a insegurança que tinha brotado em seu coração e, como um guerreiro valente, tomou a decisão, naquele instante, de enfrentar seu medo e encarar as trevas como seu inimigo final. Aquela noite, em sua batalha solitária, o primeiro rei de Portugal buscou as estrelas douradas no oceano negro e infinito e, em seu brilho silencioso e solene, encontrou a centelha que era a inspiração por trás do amor que queimava intensamente entre Isabel e Amir.

Não havia mais tempo a perder, concluiu D. Afonso Henriques, enquanto as trevas pareciam recuar e mesclar-se com as luzes de Lisboa e das estrelas. Consultaria seus conselheiros mais fiéis e as mentes mais perspicazes ao seu dispor e, juntos, traçariam uma estratégia para alcançar a paz convocada pelo brilho inextinguível das almas em chamas de seu povo.

As primeiras luzes pálidas e cinzentas do amanhecer banhavam o rosto de D. Afonso Henriques quando reuniu-se com seus conselheiros no amanhecer frio e brumoso, a cidade de Lisboa se estendendo como um adormecido gigante diante deles. Junto a Alfonso de Azevedo e à guerreira Madalena da Silva, o rei de Portugal expôs sua estratégia de negociação com os líderes

mouros, buscando um tratado de paz e o fim dos conflitos armados que assolaram a região por tanto tempo.

”Vós três sois de confiança absoluta e sei que vossas lealdades são firmes como as raízes de um carvalho”, disse D. Afonso Henriques, olhando profundamente nos olhos de seus conselheiros, ”Peço-vos que me acompanheis neste caminho traiçoeiro pelo qual devemos transitar, para que juntos possamos tecer a história do nosso amanhã.”

”Juntos, Majestade, formamos um farol para o futuro que há de vir”, respondeu Alfonso de Azevedo, erguendo a espada como um símbolo de sua lealdade imorredoura.

Madalena da Silva uniu-se a eles, com um semblante que exalava uma determinação inabalável. ”Estamos convosco, meu rei, e juntos enfrentaremos qualquer desafio que nos seja apresentado, sempre avançando rumo a um futuro de esperança e prosperidade.”

Com essas palavras, D. Afonso Henriques sentiu que as sombras do medo e das angústias que haviam o assolado começavam a se dissipar, e um fogo lutava para se reacender em seu coração. No fim das contas, ele sabia, os corações de seu povo, encarnados nas chamas que ardem entre Isabel e Amir, seriam sua arma final na batalha que o aguardava.

”Vamos, então, e escrevamos juntos esta história que anseia para ser contada”, invocou D. Afonso Henriques, sentindo-se revigorado por sua equipe de conselheiros e amigos, em meio às vozes sussurrantes do passado e do futuro que se entrelaçavam ao redor deles. ”Pela coroa que carregamos e pela liberdade que nosso povo anseia, marchamos juntos em direção à aurora que há de nascer.”

A influência de Isabel e Amir

No exato instante em que a lâmina da espada de Amir foi desviada pela armadura que cobria o peito de D. Afonso Henriques, os olhos de ambos pareciam portar um fogo que ardia mais intensamente do que o próprio sol dourado que os banhava. Eram olhos que carregavam consigo a essência da vida e da morte, a raiva e o perdão, a guerra e a paz - e em meio a aquele turbilhão de choques e contrastes, eles também viam um no outro um reflexo do amor que ousaram compartilhar com Isabel, a flor silenciosa e destemida que se erguia entre os espinhos da desolação e da esperança.

- Amir! Não! Por quê?! - gritou Isabel, seus olhos marejados de angústia e desespero diante da traição que parecia se materializar à sua frente. Sentiu - se abandonada, como se a últimas faíscas do amor que os unia tivessem sido abruptamente extintas pelas chamas indomáveis que agora ameaçavam devorar tudo a seu redor, transformando seu mundo em cinzas e fumaça.

Amir, por sua vez, hesitava e prendia a respiração, lutando para acalmar o caos que tomava seu coração. Sua mão, firme e ágil como um raio, tremia sobre o punho da espada, enquanto ele lutava contra a onda crescente de descrença e traição que borbulhava dentro dele.

- Isabel, por favor, entenda - implorou ele, buscando em seus olhos a coragem e a compreensão que outrora o guiaram através das sombras e das tormentas. - Eu jamais poderia traí-lo, nem mesmo diante da morte e das profundezas do abismo. Mas não posso trair minha própria família e meu povo os mouros também têm sofrido e derramado sangue por sua terra e sua fé.

D. Afonso Henriques, testemunhando os desentendimentos e os dilemas que se formavam entre Isabel e Amir, cerrava os dentes e segurava as rédeas de seu corcel com uma força que parecia ser capaz de partir a própria terra em pedaços. Lágrimas de raiva e frustração escorriam por seu rosto, como rios selvagens que buscavam encontrar seu caminho de volta ao oceano de onde foram arrancados por forças além de seu controle.

- Então é assim, Amir, que me enfrentarás em batalha e levantarás tua espada contra o teu juramento e o sangue que corre agora em nossas veias? - questionou D. Afonso Henriques, com uma voz que tremia e afogava - se nas sombras de um crepúsculo distante e amargo. Seus olhos, outrora cheios de vida e orgulho, procuravam encontrar alguma forma de resgate ou perdão na lâmina que agora apontava covardemente para seu coração.

Amir, incapaz de conter as lágrimas que agora escorriam como um dilúvio em seu peito e em sua alma, enxugou - as com a palma de sua mão e ergueu a cabeça, encarando o vento selvagem que soprava em sua direção como uma tempestade conjurada pelos deuses enfurecidos e tristes. Com um suspiro que mais parecia um grito de dor abafado e sufocado, ele enfrentou D. Afonso Henriques e murmurou em seu canto desesperado e sombrio:

- Perdoe - me, meu amigo e irmão, pois se há alguma traição em minha mão e em minha espada, é aquela que cometi contra o meu próprio coração e a minha própria alma pelas promessas quebradas e as mentiras que fiz

perante o céu e a todos vocês. Deixe-me lutar ao seu lado nesta batalha pela esperança e pela reconciliação, pois sei agora que os laços que nos unem não são apenas aqueles formados em batalha e traição, mas também aqueles que foram tecidos no etéreo e sublime reino do amor e da compaixão.

Enquanto o vento estilhaçava e transformava-se em sussurros e lamentos, D. Afonso Henriques, Isabel e Amir enlaçaram-se em um abraço que parecia envolver e abraçar o próprio mundo em sua ternura e força. Em meio àquele mar de ternura e tempestades, os três prometeram, em silêncio e com os olhos marejados de lágrimas de júbilo e pesar, que juntos iriam criar um futuro onde a luz e a sombra repousassem lado a lado, e onde o amor e a esperança dissolveriam as correntes e as cicatrizes do ódio e da guerra que por tanto tempo os haviam afastado.

A busca por aliados internacionais

A noite já havia caído quando D. Afonso Henriques adentrou a pequena sala do topo da torre do Castelo de Guimarães, seguido de perto por seus conselheiros de maior confiança, Alfonso de Azevedo e Madalena da Silva. O vento frio penetrava através das janelas que davam vista para o oceano agitado e escuro lá fora, pairando sobre o pequeno grupo enquanto discutiam o rumo que deveriam tomar nos dias sombrios e desafiadores que se desenrolavam diante deles.

D. Afonso Henriques, cuja expressão grave e pensativa estava banhada pelas trevas e pela luz tremeluzente das velas que ardiam ao redor deles, olhou para os homens e mulheres à sua frente e declarou com firmeza:

- Nós não podemos enfrentar sozinhos a tempestade que se avizinha, meus amigos. Precisamos buscar aliados internacionais, nações que compreendam nossa luta e que sejam movidas pela mesma chama de liberdade, justiça e coragem que arde em nossos corações e almas.

Alfonso de Azevedo, o olhar cauteloso e experiente fitando o mapa que se desenrolava sobre a mesa entre eles, assentiu com a cabeça. - Tens razão, Majestade. A guerra se torna a cada dia mais brutal, e nossos inimigos não hesitarão em formar alianças entre si para tentar nos derrubar. Se for verdade o que temos ouvido dizer, que os mouros se fortalecem, não podemos lutar apenas com nossas forças.

Madalena da Silva, com seus olhos serenos e voz firme, concordou. -

Tudo que conquistamos até agora, conquistamos com o povo de Portugal unido sob sua liderança, meu rei, e essa é nossa maior força. Mas para superar o poder combinado dos mouros, precisamos de aliados além das nossas fronteiras.

De pé, olhando fixamente o horizonte através da janela, D. Afonso Henriques pareceu absorver a sabedoria de seus conselheiros e, com um suspiro profundo, voltou-se para eles e disse:

- Pois bem. Precisamos agir rápido e aproveitar a oportunidade enquanto ainda é tempo. Acredito que devemos focar nossos esforços nas cortes de León e Castela, pois são reinos cristãos como o nosso e têm enfrentado um inimigo comum. Além disso, há outros reinos e cidades para além do mar que podem nos fornecer tanto suporte material quanto diplomático.

Alfonso de Azevedo, com um sorriso amargo atrás da barba grisalha, respondeu: - Não será fácil, Majestade, especialmente porque enfrentamos também rivalidades e desconfianças nas cortes estrangeiras. Mas estamos ao seu lado nesta empreitada e faremos todo o possível para garantir o sucesso dessa busca por alianças.

Madalena da Silva cruzou os braços, seu rosto expressando uma mistura de determinação e inquietude, e acrescentou:

- Não devemos esquecer, contudo, que a verdadeira força de Portugal reside em seu povo, e é esse amor por nossa terra e nossa liberdade que nos dará a vantagem em qualquer batalha que possamos enfrentar.

D. Afonso Henriques, com um aceno de cabeça, selou seu acordo com as palavras de seus conselheiros, e juntos traçaram sua estratégia buscando atrair os aliados que fortaleceriam e enriqueceriam o Reino de Portugal. Mal sabiam eles que, enquanto isso, na sala mais escura e secreta do Castelo, Isabel e Amir enfrentavam suas próprias batalhas internas, lutando contra as sombras do amor e da lealdade que ameaçavam engoli-los vivos em seu turbilhão de desespero e esperança.

E assim, enquanto o futuro de Portugal e de seus aliados pendia sobre o precipício das decisões que se tomavam entre as paredes de pedra do Castelo de Guimarães - alianças e traições entrelaçadas como teias de aranha em meio às sombras e às luzes da História -, cada coração que ainda pulsava e se rebelava contra as amarras do destino jurava, em silêncio e solene promessa, que enfrentaria a tempestade que se anunciava no horizonte e que lutaria, até o último sopro de vida e o último clarão de esperança, por aquilo que

acreditava ser a verdadeira essência do que era ser português: amar e ser livre.

E talvez, em meio às tempestades e temores de tantas almas em luta, o verdadeiro caminho para a harmonia e a paz fosse revelado aos olhos daqueles que eram cegados pelo orgulho, pelos preconceitos e pelo ódio - tal como um raio de luz que parte as nuvens escuras do céu e ilumina a terra e o coração daqueles que clamam por salvação e redenção.

O prelúdio à promessa de paz

O sol poente tingia o céu de tons rubros e dourados, lançando raios de luz brilhantes através das frestas das grossas muralhas de pedra que cercavam a cidade de Évora. A tranquilidade do entardecer mal fazia jus ao tumulto e às tensões que se desenvolviam dentro dos imponentes portões da antiga urbe, onde se armava em segredo uma negociação de paz entre os exércitos mouro e cristão.

Àquela hora, os emissários de ambas as nações esperavam ansiosos no salão principal do castelo erguido por D. Afonso Henriques, suas espadas amarradas às cinturas e suas expressões severas escondidas por trás de capas levantadas e mantos escuros. O ar denso e abafado parecia vibrar com a energia e a incerteza de almas que desejavam desesperadamente por uma trégua, ainda que provisória, e um respiro das crueldades e das perdas que a guerra havia trazido a suas terras e a seus corações.

Em um dos cantos do salão, os olhos de Isabel de Trastâmara, brilhando como estrelas em uma noite de tempestade, fitavam nervosamente o rosto de Amir ibn Malik al-Andalusi enquanto este esforçava-se para desfazer o nó apertado de seu turbante. A respiração dela estava rápida e ofegante, como se o peso da traição que carregava em seu peito ameaçasse sufocar sua própria vida e despedaçar seu coração em pedaços indistinguíveis de dor e arrependimento.

- Me perdoe, Amir - sussurrou ela, estendendo-lhe as mãos com um gesto de afeto e compaixão que parecia ser capaz de atravessar o abismo que separava as línguas e as crenças de dois povos irmãos e conflitantes. - Eu jamais quis enganá-lo, mas as circunstâncias e as leis que regem nossas vidas forçaram-me a escolher a lealdade por minha pátria - ainda que isso me custasse o amor que eu verdadeiramente sentiria por você.

Amir, sentindo a frieza gélida da mão de Isabel contra sua pele queimada pelo sol e pelo ódio que o sangue de sua linhagem cobrava como um preço pela honra e pela dignidade, abaixou o olhar e lutou contra a vergonha e a raiva que ameaçavam engoli-lo como uma serpente faminta e insaciável.

- Também a mim me pesa, Isabel, o fardo de manter separadas a minha lealdade e o amor que, como flechas velozes e certeiras, atravessam meu peito e me deixam em mil pedaços. Mas Se é a vontade do Deus que por tanto tempo esquecemos de adorar e de abraçar como nosso único e eterno guia Pois que assim seja, e que os céus nos perdoem por nossos pecados e por nossas escolhas feitas na sombra do medo e do ódio - a voz de Amir se desfez ao contemplar os olhos nublados de Isabel, e o silêncio se instalou no salão imponente como um sudário frio e pesaroso.

Então, a porta que separava o clandestino encontro do resto do mundo rangeu e se abriu, dando passagem a um homem que irradiava a autoridade e a solenidade de um rei recém-coroadado, em cujas mãos e cuja espada jazia a fé e a esperança de um país em ascensão. D. Afonso Henriques adentrou no salão seguido por seus conselheiros, seu olhar penetrante e inabalável fixando-se nos rostos serenos e sombrios que o esperavam em silenciosa e conflituosa expectativa.

- Meus senhores - declarou o rei, com um tom de voz que parecia ecoar e reverberar pelas muralhas e pelos cantos do castelo como um trovão distante e ameaçador -, chegou a hora da verdade e do enfrentamento. Não mais posso permitir que, em secretas traições e sinais de amor, se desgarre a liberdade e a paz de nossas terras e de nosso povo.

Com as palavras de D. Afonso Henriques, as sombras e os murmúrios que envolviam o salão despedaçaram-se como vidro frágil e sem valor, dando lugar a um brilho tênue e oscilante de esperança e de sacrifício que ameaçava extinguir-se a qualquer instante. Isabel e Amir, com os corações cheios de angústia e de tristeza, uniram-se aos seus respectivos comandantes, suas mãos ainda entrelaçadas por um instante fugaz e efêmero que parecia querer acalentar o poder das promessas feitas e das horas compartilhadas sob o véu do amor e do ciúme.

A noite caiu sobre a cidade de Évora como um manto etéreo e solene, encobrendo as lágrimas e os anseios de duas almas unidas pelo amor, mas separadas pelo dever e pela lealdade. Em um suspiro profundo e de partir o coração, a paz que antes vivera apenas nos sonhos e nos desejos dos dois

amantes perdidos e enganados começava agora a ser tecida nas tramas e nas artimanhas de uma batalha que ainda não havia conhecido fim.

E, talvez, em meio àquele prelúdio sombrio e enigmático, a promessa de paz pudesse ganhar forma e sentido nas mãos e nos olhos daqueles que tinham sido forçados a enfrentar a guerra e a dor com a convicção e a coragem de quem buscava, cegamente, pelos rastros da verdade e da reconciliação fugitivas e traiçoeiras, e que hoje se enlaçavam em um abraço que parecia ser o começo e o fim de um novo amanhã.

Chapter 7

A promessa de paz

A lua escondia - se atrás das nuvens, lançando sombras lúgubres sobre a cidade de Évora, onde as muralhas ancestrais serviam de mureto às tensões e aos medos de seus habitantes. O vento frio uivava através das frestas das janelas e dos portões, como se quisesse sussurrar segredos e advertências aos ouvidos de todos aqueles que sonhavam e sofriam nas sombras da antiga urbe.

Havia um silêncio tenso no calor do salão, onde D. Afonso Henriques, com a barba grisalha e o semblante grave, traçava a próxima etapa da luta pela independência de Portugal. Seus conselheiros, leais e temerosos, se mantinham em pé em volta da mesa, onde os mapas e os relatos dos espíões enchiam as mãos calejadas e os olhos treinados dos homens e mulheres que haviam jurado suas vidas à causa e à coroa.

Madalena da Silva, com suas vestes escuras e os cabelos grisalhos presos com uma fita de cetim, pegou apressadamente uma mensagem que mostrava a localização de tropas mouro no sul de Portugal. Ela observava os olhos de D. Afonso, tentando identificar os sinais de preocupação e dúvida que submergiam a face refinada do rei.

D. Afonso suspirou profundamente, e sua mão hesitou sobre o mapa, como se ele temesse ver o futuro nebuloso e sanguinolento que aguardava seu povo e suas terras. Sua voz, no entanto, continuava firme quando ele falou:

- Há uma possibilidade de paz, meus amigos, ainda que fugaz e traiçoeira como a sombra da lua ao engolir o sol de nossos prados e campos. Nós devemos agarrá-la, como um homem aéreo enfrenta o abismo com confiança

e desespero.

Seus conselheiros, temendo a profecia silenciosa que o vento parecia levar consigo, fizeram o sinal da cruz e inclinaram suas cabeças, rezando para que a esperança e a coragem de seu rei fossem suficientes para vencer as forças ocultas que os cercavam como uma névoa letal e invisível.

Naquele momento, um mensageiro, coberto de suor e poeira, irrompeu pelo portão do salão, estendendo uma carta amassada e manchada de tinta negra, um grito sufocado em sua garganta e os olhos arregalados de terror e perdição.

- Majestade - ofegou, lutando para manter o equilíbrio e o respeito que a presença do rei exigia mesmo em tempos de desastre e calamidade - recebemos notícias dos espões que permanecem no sul!

D. Afonso agarrou a carta e leu as palavras manuscritas por um homem que havia enfrentado o olhar sedutor e ameaçador da morte e da traição - e que, no final, havia sucumbido à fúria da guerra e do ódio.

A sala ficou silenciosa enquanto cada coração presente sentia o peso daquelas palavras terríveis, como se, no brilho trêmulo das chamas dos lampiões que iluminavam o espaço, eles pudessem vislumbrar a escuridão que se aproximava velozmente, derrubando todos os sonhos e esperanças com a frieza e a crueldade de uma espada afiada.

O silêncio foi quebrado pela voz estrondosa e exigente de Hassan al - Fadil, seu rosto severo ensombrado por cicatrizes antigas e medos mais profundos:

- Isto é um convite para a paz, Majestade! - ele exclamou, enquanto seu coração se enchia de anseios e traições, suas mãos enrolando-se nos lenços de sua túnica, como se tentasse agarrar o furor e a dúvida que batiam no peito - É uma oportunidade que Deus nos deu, uma chance de reconciliação e um caminho para a harmonia entre nossas terras!

D. Afonso olhou para Hassan, seus olhos afiados e penetrantes, buscando a verdade nas palavras de um homem cuja alma estava dividida entre lealdades irreconciliáveis e penitências irredimíveis.

- Eu concordo - suspirou, finalmente, lançando a carta sobre a mesa com um gesto decisivo e solene - Este será nosso novo rumo; tentaremos a paz e a diplomacia em meio às tempestades e às tentações da guerra, e testar nossas almas no fogo e na provação da reconciliação e da traição.

Com estas palavras, selou-se o pacto silencioso entre os homens e mul-

heres que se reuniam naquele salão sombrio, seus corações retumbantes com o eco das promessas feitas e dos segredos revelados, aceitando e enfrentando o abismo da esperança e do sacrifício, embora ele pudesse levá-los à destruição e ao desespero.

E, talvez, em meio a esse prelúdio trágico e etéreo, a verdadeira natureza da traição fosse revelada aos olhos daqueles que, ao longo da história, haviam acreditado na força inexplicável e poética do amor e da liberdade, como um raio de luz que espreita entre as sombras do destino e ilumina os caminhos escondidos de cada coração que já se levantou para tocar as estrelas das noites mais negras e dos medos mais profundos.

Tentativa de trégua

O vento de outono rugia como o lamento de um fantasma esquecido, soprando folhas mortas através das vastas planícies de um país atormentado pela guerra e desespero. D. Afonso Henriques e Hassan al-Fadil, dois guerreiros de nações e culturas que se chocavam como aço em batalha, fitavam-se com olhares hesitantes e astutos, perseverando no duro ato civil de se sentar à mesma mesa negando a vontade de se entrecocarem corpo e alma na eterna guerra em seus corações. A tênue murta estendia-se entre eles, um espaço frágil e dramático que prometia separá-los tão eficaz quanto as altas muralhas do castelo que os cercava.

”Os tempos mudam, Hassan”, afirmou D. Afonso Henriques em tom solene, seus olhos encontrando os do general mouro com uma força silenciosa e resignada. ”Confio em nossas vontades de paz, não pelas mãos ensanguentadas que enfrentam-se em guerras passadas, mas pelos corações que buscam coexistência. Pois os moldamos na esperança de um mundo livre do ódio e da tirania que escraviza nossos pensamentos e sonhos.”

Hassan al-Fadil engoliu em seco, sua garganta ameaçando se fechar e sufocar as palavras que ferviam em seu peito, lutas entre esperança e desespero, lealdades às suas convicções mais profundas. ”Será isso, afinal, o caminho da paz e da redenção?” - pensou em seu íntimo, enquanto seus olhos se fechavam brevemente num ato de recolhimento e oração silenciosa.

”Se vosso rei, aquele a quem chamam 'O Conquistador' encontra em si a esperança de mudança, então serei eu tolo o bastante para negar algum resqúicio de verdade aos vossos anseios e aspirações?”, perguntou Hassan

em tom suave, seus olhos cansados encontrando os do rei português como se partilhassem do peso de milhares de almas penitentes e sofridas.

”Não vos enganeis com aparências e promessas”, respondeu D. Afonso Henriques, sua voz ressoando como sinos distantes de um futuro incerto e não descoberto. ”Eu também sou feito do mesmo barro que homens provados em guerras e tempestades”, disse ele, erguendo a mão num gesto de humildade e sinceridade. ”Em nossos corações, luta - se sempre pelas mesmas causas e pelos mesmos anseios, mesmo que os nomes pelos quais os invoquemos sejam diferentes.”

”É a lei do amor, da esperança não?”, retomou Hassan com um toque de uma emoção quase inexpressiva, como se a palavra ‘amor’ fosse um fantasma que viesse em sua cabeça, interferir em negociações que, despidas de emoções, são as que mais fecham corações e amainam espíritos.

Uma sombra inesperada passou pelos olhos do rei português, e, por um momento fugaz, ele pareceu envelhecer instantaneamente, como se o toque da palavra o transformasse no homem e guerreiro que as histórias fariam dele. Um lamento breve, como se as memórias do peso que carregava consigo se agitassem como páginas de pergaminho.

”O amor, sim”, ele murmurou, a revelação mal contida em sua voz como a centelha que salta das chamas de uma fogueira consumida pelo passado e pelo presente.

Os olhos de Hassan se fixaram brevemente nos olhos do rei, e então moveram - se suavemente na direção da parede de pedra que separava a sala de reuniões do ar fresco da manhã. No alto da muralha, Isabel de Trastâmara e Amir ibn Malik al - Andalusi encontravam - se secretamente como um encontro tangível entre o fogo e a água, seus corações receosos do que a sombra do futuro poderia trazer: Sha’irawrazada e Lázaro amarrados naquela sina que antecede os cânticos de um amor que não deve ser dito.

Hassan al - Fadil exalou um profundo suspiro, e seu olhar encontrou o de D. Afonso Henriques como se uma nova verdade tivesse se revelado a ambos, um perfume de reconciliação e de entrega que anunciava um tempo de paz e trégua, ainda que fosse repentina e traiçoeira como o vento que sopra as névoas das montanhas e dos vales de um país para sempre dividido e unido pelo amor e pelos temores de seus guerreiros e sonhadores.

De mãos entrelaçadas com firmeza, Isabel e Amir contemplavam as nuvens correndo ligeiras e majestosas sobre céu de outono, unidas ali pelo

destino de seus corações e nações entrelaçadas. O risco de ceder ao sentimento de amor poderia desencadear uma tempestade de guerra e desespero, mas, em um mundo onde o amor era a única verdade indomável e inviolada, ambos sentiam o chamado de um amanhã livre do peso de suas culpas e das trevas de um passado que, talvez, pudesse ser redimido pelos rastros e sussurros de uma nova alvorada.

”É um novo começo, tanto para vós quanto para mim, Hassan”, disse D. Afonso Henriques, estendendo a mão para o lado vazio da mesa, onde um mapa aguardava por seu uso em futuras negociações e empreendimentos de paz. ”Que a luz e o calor de nosso tempo possam alcançar os salões e os campos deste vasto e belo país e extinguir a sangrenta chama que chamamos de guerra.”

Hassan al-Fadil sorriu, mais uma vez sua humanidade colocada à prova e reafirmada, mesmo quando seu coração parecia afundar nas águas incertas da traição e do arrependimento. Estendeu a mão e agarrou a mão de D. Afonso Henriques, e juntos eles ergueram essa ponte que, forjada de aliado a inimigo, aqueceu-lhes a alma no entendimento desta recíproca promessa. O salão longínquo ficou em silêncio de um luar digno destas páginas escritas pelo sino das memórias a serem contadas adiante.

Negociações diplomáticas secretas

As noites secretas de Portugal se nutrem na escuridão, sempre tão profundas e cheias de enigmas e silêncios que, se o olhar mais atento se aventurasse a decifrá-los, poderia ser consumido pela tormenta de paixões e segredos que agitam, como ondas invisíveis, o coração desta terra nobre e selvagem. Era em uma dessas noites que Isabel e Amir se encontravam no cume das colinas, os olhos de ambos buscando mil esperanças e dilemas nas estrelas que brilhavam tenuemente no vasto céu que os envolvia, os rostos encobertos pela escuridão que descia sobre o mundo como um manto, protegendo-os do olhar vigilante dos homens e do destino.

- Um encontro sombrio e furtivo para negociar a paz - disse Isabel, sua voz baixa e sussurrante, como se dissesse uma prece ou um segredo de infância entre as ruínas do tempo e da inocência - Oh, Amir, às vezes imagino se todos aqueles que se opõem à nossa união e aos nossos laços de amizade poderão um dia abandonar as armaduras de ódio e medo, e abraçar,

como nós, a complexidade e a alegria do amor e da compreensão

Amir olhou para ela, o brilho das estrelas refletindo em seus olhos, escurecendo-os até tornarem-se dois abismos em que a própria eternidade e a vastidão do cosmos pareciam estar encerrados. Um breve sorriso iluminou o seu rosto severo e angustiado, e ele murmurou em resposta, o calor de sua mão procurando a dela no escuro, até que seus dedos parecessem se tornar parte de uma única e inquebrável união, a aliança mais sagrada e etérea que jamais havia sido forjada pelos anseios e lágrimas da humanidade.

- A paz é um sonho no qual somos os navegadores- prosseguiu Amir, sua voz assumindo o tom rouco e zangado que sempre surgia quando a realidade era chamada a julgamento, quando o mundo parecia aos seus olhos uma cadeia de horrores e crueldades inexprimíveis - Nunca pensei em ser o arauto ou o gesto sacrificial que levaria à reconciliação de nossas terras, Isabel; e, no entanto, aqui estamos, nas montanhas secretas de nossa terra, como duas fagulhas perdidas no vento, esperando que o rastro de nossa paixão possa romper as correntes que nos prendem à guerra e ao desespero.

Isabel o puxou mais para perto, e, ao abraçarem-se sob o manto infinito das estrelas, sentiram as almas de seus ancestrais e dos homens que, um dia, haviam ousado sonhar em enfrentar o desconhecido, bater em seus peitos com a ferocidade e a eloquência de um hino, como se desejasse inspirá-los e guiar seus passos através da névoa e das trevas em direção a um amanhã nunca antes visto.

A aurora raiou no horizonte como um pálido arco de prata e penumbra, lançando suas sombras maravilhosas e místicas sobre o vale onde D. Afonso Henriques e Hassan al-Fadil esperavam, sombras em uma terra de suspiros e devaneios, cada um deles trazendo em seu coração um tesouro secreto e insondável de esperanças e arrependimentos, emaranhados como as raízes da árvore do conhecimento e do amor bíblico.

- Nossos corações estão sempre ligados pelo fio invisível das convicções e dos sentimentos, minha querida - murmurou D. Afonso, um sorriso melancólico e terno curvando-se em seus lábios, enquanto observava a noite se estender como um manto de preces e sussurros ao redor deles - E é ao longo deste fio que caminhamos, rumo a um encontro com o destino, com a verdade e com o abismo infinito que se abre diante de nós, uma voz que grita e clama pela vida, pelo sonho, pela beleza e pelo esplendor do amanhã.

Um silêncio profundo e inquebrável sobreveio a esse lamento sombrio e

poético, como se o próprio tempo e o espaço tivessem parado para ouvir o eco das palavras e das vozes que se erguiam no horizonte distante e trêmulo, presas entre o passado, o presente e o futuro, em um universo fluido e impreterível, que oscilava eternamente entre o palpitar do coração e o fulgor das estrelas.

Foi então que Hassan al-Fadil se pronunciou sob a luz fraca das estrelas, que começavam a desfalecer no horizonte como sonhos e ilusões enrubescidas pelo sol nascente. Suas palavras se dirigiam tanto a D. Afonso Henriques quanto a Isabel e Amir, embora seus olhos estivesse fixo nas chamas da fogueira que queimava a seus pés, compondo uma sinfonia de sombras e de cores que emoldurava a noite com um esplendor enigmático e intangível.

- Sou apenas um homem - disse ele, com voz rouca e profunda, como se lutasse para descobrir a verdade e a glória que se ocultavam sob a máscara de cinzas e lágrimas que se moldava em seu rosto e em suas mãos - Mas sou um homem que acredita na promessa de unidade e de amor, na possibilidade de nos redimir da impureza e da amargura que pesam sobre nossos espíritos e envenenam nossos corações. E é com esta promessa que nos arriscamos na escuridão e nas sombras dos tempos, na busca da paz e da reconciliação, no anseio pela luz e pela harmonia que, talvez, só possamos encontrar no abraço de nosso próprio destino e da esperança que nele habita como um eco, uma lembrança, um segredo que se esconde, temeroso e ansioso, no fundo de cada coração que já ousou enfrentar o vento e o trovão, e que se elevou, como uma estrela recém-nascida, para tocar a face imortal do amor e da eternidade.

D. Afonso Henriques e Hassan al - Fadil se encontram

A luz do sol nascia incipiente sobre o vale, ainda vestida das vestes pálidas do crepúsculo; mas com a promessa do fim de uma noite eterna, fixando-se ardente no firmamento já brilhava a estrela alva anunciando o momento desejado por muitos. Sob seus olhos cansados, mas esperançosos, o encontro se desenrolaria como tecido de um destino costurado pelas mãos impiedosas do tempo e das circunstâncias. Ali estava ele, D. Afonso Henriques, de pé diante da imponente construção do castelo linhagem, esperando pelo homem que carregava as esperanças de inúmeros, assim como ele próprio.

Hassan al - Fadil adentrou o salão de guerra com uma humildade e

uma aura de beleza que rugia ferozmente através das torrentes de paixão e medo que brilhavam como um poente trágico em seus olhos escuros e inescrutáveis. Sua figura imponente, ofuscada pelas sombras que dançavam e se desvaneciam na parede cavernosa, pairava sobre D. Afonso Henriques como a aparição de um espírito de tempos esquecidos; ao mesmo tempo terrível e fascinante, como o resplendor enfeitado de uma rosa negra em meio a uma inscrição profana.

D. Afonso Henriques baixou os olhos com uma reverência cuidadosa e soturna, como se temesse lançar uma chaga ou um sopro fatídico sobre o antigo rival e agora aliado, cujo destino parecia tão indissolivelmente ligado ao dele e à terra que misteriosamente os havia chamado para o abismo da guerra e do padecer. Um leve tremor resvalou em seus queixos empalidecidos e murmurou uma prece a Deus e a todos os santos e demônios que havia desafiado e invocado naquelas longas e sombrias horas que precederam o encontro.

Hassan al-Fadil, porém, não teria recuado; pois, enquanto afirmava o ofício desta sagrada e ensanguentada batalha, sua mente repousava sobre aquela rosada criatura que brilhava e tremulava diante de seus olhos como a sombra ensolarada de um vinhedo na primavera, atraindo - o para os labirintos de seus sonhos e desejos mais profundos e indizíveis. Ali, no vácuo silencioso entre dois corações tão distintos e inviolados quanto os de D. Afonso Henriques e Hassan al-Fadil, a verdade e a essência de suas existências tornavam - se inseparáveis, consagradas pelo fogo e pela glória, pela desolação e pela paixão que os arrastavam, sem trégua e sem piedade, para o término de uma história que apenas a História poderia ousar contar ou entoar como a canção mais sombria e eterna dos séculos.

”As horas passam como brumas errantes - murmurou D. Afonso Henriques, um sorriso hesitante e contrito brincando em seus lábios sem paixão enquanto via Hassan al-Fadil depositar o mapa sobre a mes - e aqui estamos nós, sóis e sombras de nossa própria terra, tocando pelo brevíssimo instante este enigma que chamamos de vida, por sobre a muralha das trevas que assolam nosso espírito cruel materializado.”

Hassan al-Fadil meneou-se, como se tremesse ante a mão fria e impiedosa que contra seu peito esmagava os sentimentos mais sombrios, as lembranças e as feridas que só a guerra pode acender e coagular no âmago dos homens que vivem e morrem por uma bandeira, por uma chama que não pode ser

consumida. Ali estava ele, um homem de dois mundos, salvo das sombras pela última trova de um amor que o condenava e ao mesmo tempo iluminava, como uma chaga divina revelada aos olhos humanos, sina que antecede os cânticos de um amor que não deve ser dito.

Hassan al-Fadil exalou um profundo suspiro, e seu olhar encontrou o de D. Afonso Henriques como se uma nova verdade tivesse se revelado a ambos, um perfume de reconciliação e de entrega que anunciava um tempo de paz e trégua, ainda que fosse repentina e traiçoeira como o vento que sopra as névoas das montanhas e dos vales de um país para sempre dividido e unido pelo amor e pelos temores de seus guerreiros e sonhadores.

De mãos entrelaçadas com firmeza, Isabel e Amir contemplavam as nuvens correndo ligeiras e majestosas sobre céu de outono, unidas ali pelo destino de seus corações e nações entrelaçadas. O risco de ceder ao sentimento de amor poderia desencadear uma tempestade de guerra e desespero, mas, em um mundo onde o amor era a única verdade indomável e inviolada, ambos sentiam o chamado de um amanhã livre do peso de suas culpas e das trevas de um passado que, talvez, pudesse ser redimido pelos rastros e sussurros de uma nova alvorada.

”É um novo começo, tanto para vós quanto para mim, Hassan”, disse D. Afonso Henriques, estendendo a mão para o lado vazio da mesa, onde um mapa aguardava por seu uso em futuras negociações e empreendimentos de paz. ”Que a luz e o calor de nosso tempo possam alcançar os salões e os campos deste vasto e belo país e extinguir a sangrenta chama que chamamos de guerra.”

Hassan al-Fadil sorriu, mais uma vez sua humanidade colocada à prova e reafirmada, mesmo quando seu coração parecia afundar nas águas incertas da traição e do arrependimento. Estendeu a mão e agarrou a mão de D. Afonso Henriques, e juntos eles ergueram essa ponte que, forjada de aliado a inimigo, aqueceu-lhes a alma no entendimento desta recíproca promessa. O salão longínquo ficou em silêncio de um luar digno destas páginas escritas pelo sino das memórias a serem contadas adiante.

As noites secretas de Portugal se alimentam na escuridão, sempre tão profundas e repletas de enigmas e silêncios sem fim, de tal forma que se a mais atenta das pessoas tentasse desvendar esses mistérios, poderia ser consumido pela tormenta das paixões e segredos que agitam, como ondas invisíveis, o coração desta terra nobre e selvagem. Era em uma dessas noites

que Isabel e Amir se encontravam no cume das colinas, os olhos de ambos buscando mil esperanças e dilemas nas estrelas que brilhavam tenuemente no vasto céu que os envolvia, enquanto suas faces eram encobertas pela escuridão que se espalhava pelo mundo, como um manto, protegendo - os dos homens e do destino que os vigiava.

- Um encontro sombrio e furtivo para negociar a paz - sussurrou Isabel, temendo que sua voz rompesse o silêncio do momento - Oh, Amir, às vezes imagino se todos aqueles que se opõem à nossa união e aos nossos laços de amizade um dia conseguirão abandonar as armaduras de ódio e medo, e abraçar, como nós, a complexidade e a alegria do amor e da compreensão

Amir olhou para ela, o brilho das estrelas refletindo em seus olhos, escurecendo - os até tornarem - se dois abismos onde a própria eternidade e a vastidão do cosmos pareciam estar encerrados. Um breve sorriso iluminou o seu rosto severo e angustiado, e ele murmurou em resposta, o calor de sua mão procurando a dela no escuro, até que seus dedos parecessem se tornar parte de uma única e inquebrável união, a aliança mais sagrada e etérea que jamais havia sido forjada pelos anseios e lágrimas da humanidade.

- A paz é um sonho no qual somos os navegadores- prosseguiu Amir, sua voz assumindo o tom rouco e zangado que sempre surgia quando a realidade era

Isabel e Amir são escolhidos como diplomatas

A tempestade do destino rugia inexorável sobre o oceano das possibilidades; e no coração desta orgia de luz e sombras, uma estrela, como a rosa dos ventos, resplandecia e tremulava no infinito vão do espaço e do tempo. O som longínquo e inconsciente das trombetas e dos estandartes ondulando ao vento tocava, como um eco, uma lembrança, um segredo que se escondia no fundo de cada coração que ousara enfrentar o vento e o trovão, elevando - se além do mundo e da carne, para tocar a face imortal do amor e da eternidade.

As torres de Almourol surgiam como um farol no horizonte, iluminadas pela fosforescência moribunda do sol que mergulhava languidamente no leito do oceano e abraçava a noite em sua tempestade de paixões e segredos. O Castelo fora escolhido pelo próprio D. Afonso Henriques como o cenário da diplomacia e das negociações, um campo onde se previa um embate honroso,

ainda que árduo, pois os corações de D. Afonso Henriques, Isabel e Amir pulsavam em um ritmo abafado, como se cada batida fosse o prenúncio de um presságio, o estertor de uma morte iminente que os três se impunham em carregar em silêncio.

O sol tremeluzia na curva embaçada do horizonte como um barco em naufrágio e D. Afonso Henriques, olhando o seu reflexo nos olhos límpidos e enevoados de Isabel, viu nascer em seu coração uma paixão devoradora, irresistível e absurda pela mulher que, ali, diante do coro dos rios emaranhados e atados como os laços de um cordão umbilical à essência de sua vida e de sua história, traçava o rumo de um futuro vislumbrado e desejado pelos eternos filhos de um amor proibido e sacrificial.

- Tudo está em vossas mãos - sussurrou D. Afonso Henriques, inclinándose sobre o balcão de pedra e contemplando a caudalosa conversa dos poderes do amor e do ódio que efervesciam no ar e no céu, amarrando seus corações e suas almas como um novelo de fios e teias que os envolvia e os fazia sucumbir na abismal escuridão de suas dúvidas e temores. - Eu confio em vós - acrescentou ele, com uma voz rouca e estrangulada pelo amor e pela necessidade que o tinham enredado como um laço irremediável e ilusório - e sei, por Deus, que representareis o nosso povo com coragem, sabedoria e dignidade.

Isabel entreabriu os lábios, como se o vento que roçava seus cabelos e roubava um fio de luz das estrelas fosse sua única voz, e murmurou em resposta, erguendo o olhar para encontrar a chama lívida do olhar do rei, que ardendo em sacrifício e devoção, consumia os seus sonhos secretos e as suas ilusões transformadoras.

- Eu estarei convosco, D. Afonso - balbuciou ela, os olhos umedecidos como duas pérolas de compaixão, resignação e tristeza. - E jurei, diante de todos os santos do céu e da terra, cumprir com honra e destemor a sagrada tarefa que me confiastes.

Amir, envolto nas sombras que se esgueiravam e saltavam como faíscas de uma fornalha atijada por uma tempestade de ciúme e desconfiança, reteve a respiração, como se o seu temor pudesse abalar as incógnitas e as fronteiras de um destino inexorável e cruel. O silêncio durou apenas alguns instantes, mas o semblante de Amir, subitamente iluminado pela lâmpada que tremulava em seu esplendor abismal na penumbra do aposento, foi suficiente para afastar a névoa dos pensamentos de Isabel e D. Afonso

Henriques, e lançar uma nova luz sobre o enigma que parecia cerrar-se e aprisioná-los em um abraço tempestuoso e torturante.

- O destino selou nossos corações, e agora nos desafia a prová-los uns aos outros; uns contra o amor, outros contra a traição, outros ainda contra o medo mais terrível de todos: o medo do abandono, o medo da indiferença, o medo da perda de um fio de esperança que nos une, mesmo nas horas mais negras e tormentáveis de nossas vidas. Qual é o seu coração, Isabel, e qual é o seu coração, D. Afonso Henriques? - questionou Amir, erguendo a fronte como um naufrágio em meio às águas turvas de seus olhos, onde o amor, o medo e a paixão se entrelaçavam e se esfumavam em um vórtice de luz e sombras.

D. Afonso Henriques e Isabel entreolharam-se, e a dúvida que havia cerrado seus corações e suas mentes pareceu repentinamente dissipar-se, transcender-se e elevar-se a um plano superior, onde a realidade e a ilusão harmonizavam-se e unificavam-se em uma única essência de luz e escuridão. Entre os murmúrios e sussurros do vento noturno e o brilho das estrelas que, um a um, surgiam no horizonte como máquinas de um exército embrionário e eterno, os destinos de D. Afonso Henriques, Isabel e Amir enlaçavam-se e teciam-se como uma teia de fios e sombras luminosas, tão impenetráveis aos olhos humanos quanto a mais profunda noite de um amor que não deve ser dito, um amor tão tênue e indomável como a poeira das estrelas e o vazio das sombras que se esgueiravam e se debatiam na paisagem aterradora e sublime do infinito.

Missão de paz arriscada

A tempestade roubava o fôlego dos homens e animais, matando entre os dentes de seu vento a canção harmoniosa das águas e os gritos de guerra que se misturavam no horizonte como um preságio daquilo que estava por vir. O céu era uma torrente de nuvens negras e sombras sem rosto, onde os raios rasgavam o véu eterno das trevas e afastavam, mesmo que por momentos breves e indescritíveis, o infinito vão do medo e da incerteza. No coração desta tempestade, um pequeno grupo de barcos à vela cortava as ondas brigadeiro em busca de um destino incerto e inacessível, guiados pela solene e desesperada promessa de paz que os unificava, mesmo em meio ao caos, ao tormento e à desolação.

Isabel sabia que se arriscava a cada passo que dava em busca de seu caminho, de seu destino, de seu amor. O vento que açoitava seu rosto e embaraçava seus cabelos era um sopro frio que se infiltrava no âmago de seu ser, prenunciando um desfecho terrível e inevitável de um legado que atravessava as fronteiras do tempo e do espaço, da razão e da loucura, do sacrifício e da redenção. Por sua causa, pelo gesto audacioso e temerário que ousara executar em uma noite de verão em que o luar parecia rasgar o véu das estrelas e reescrevê-las em uma constelação de lágrimas e suspiros, Portugal e os mouros se haviam unido em um pacto tão tênue quanto o de fios que se entrelaçam e se confrontam nos círculos do destino.

Agora, navegando pelo mar bravio que rugia e se debatia em seu esplendor primordial, Isabel avançava em direção ao desconhecido, ao encontro de um horizonte que, na noite escura e insondável, se fundia com as sombras do abismo imemorial da eternidade. Ao seu lado, Amir, o homem que a conduzira por caminhos insondáveis e amaldiçoados por um amor tão proibido e indomável quanto o terrível e luminoso infinito das estrelas, segurava firmemente o leme de seu barco, como se quisesse agarrar o próprio fio condutor das tempestades e transpor as fronteiras do céu e da terra, do passado e do futuro.

- Isabel! - gritou Amir, sua voz se perdendo no rugido das águas e a música gutural do vento. - Será que tomamos a decisão correta? Será que vale a pena arriscar nossas vidas, nossos amores, nossos sonhos por uma causa que parecez estar além de nossa compreensão, de nossa vontade, de nosso destino?

Isabel, encarando o céu e as águas como se seu próprio destino fosse desvendar os segredos trancados a sete chaves no coração deste abismo profundo e tenebroso, gritou em resposta:

- O amor e a paz são o que nos mantêm vivos, Amir! Eu jurei que lutaria por esta causa, mesmo que tivesse de sacrificar meu coração, minha alma, meu próprio ser!

- Mas o amor e a paz têm um preço, Isabel! - retrucou Amir, seu olhar ardendo como um brasão de sacrifício, devoção e desespero - Um preço que talvez nem nós possamos pagar!

D. Afonso Henriques, lançando um último olhar de serenidade e resignação ao encaço dos barcos que desapareciam no horizonte da tempestade, começou a murmurar uma prece em silêncio, como se quisesse confiar à voz

silenciosa do vento e das águas a solene e infinita esperança que enchia seu coração de um amor que, mesmo distante, parecia ser - lhe mais próximo e palpável do que a mais leve briza de um amanhã que já não lhe pertencia.

- Oh, meu Deus - murmurou ele, os olhos brilhando como fios de prata, roubados das estrelas e bordados na fronte de um derradeiro e sublime sacrifício de amor - protege os meus filhos e a minha pátria do tormento e da desolação, das trevas e da morte que parecem abraçar e devorar este mundo tão frágil, tão belo e tão insondável quanto o abismo das estrelas, das sombras e da eternidade!

O vento uivou em resposta, como um coro de anjos caídos que, nas profundezas da noite negra e inimaginável, erguiam suas vozes em um lamento e uma súplica para aquele que parecia ser, em meio à tempestade e à turbulência das almas trespassadas, o único e eterno redentor: o amor.

E assim, entre o soluço e o arquejar do vento e das águas, entre a dúvida e o sacrifício, a bravura e a traição, a história de Isabel, Amir e D. Afonso Henriques adentrava um novo e tenebroso capítulo, um crepúsculo de fúria, paixão e morte no lado oculto daquele amor secreto que unia as sombras do passado e do presente, do sonho e da realidade, de Portugal e de além-mar.

Desconfianças de ambos os lados

Após o primeiro encontro negligente entre Isabel e Amir, situado em um recanto remoto do castelo de Torres de Almourol onde os protagonistas haviam estabelecido uma tênue trégua entre seus Estados beligerantes, a desconfiança começou a se infiltrar ansiosamente nas veias de ambos os lados. Unisse a coragem e a sabedoria, a paixão e a transcendência de dois povos e duas almas arrancados do solo árido e abrasador de um mundo em chamas, lutavam contra a tempestade de dúvidas e ciúmes, tentando manter a promessa secreta de uma paz efêmera e indizível.

Do lado português, a corte de D. Afonso Henriques, composta por nobres e guerreiros, homens e mulheres, ansiava por notícias do castelo situado às margens do tempestuoso Tejo, abrigando o parlamento discreto e enigmático do jovem monarca. Sob os arcos sombrios e enfumaçados da sala de conselhos, sussurros e risadas tornavam-se sombras e silêncios, trocando segredos e olhares como moedas de ouro e espadas afiadas no altar do destino.

- O que acha que eles estão falando? - perguntou Fernando, o Bravo,

escondido atrás de um pilar retorcido e untuoso de derrota e suspeita. - Será que o rei confia em Hassan al-Fadil? Será que devemos?

- Calmize, Fernando! - repreendeu Beatriz. - Deixe que D. Afonso faça o seu trabalho. Isabel e Amir certamente têm se mostrado dignos de confiança até agora. É por isso que ele confiou a manutenção dessa trégua a eles.

Fernando apenas grunhiu em resposta, os olhos cintilantes como ilhas negras em um mar turbulento de inquietação e cautela.

Do lado mouro, a inquietação e o sentimento de traição eram ainda mais palpáveis e angustiantes. Sob os beirais sombrios dos telhados de barro e adobe do pátio interno, murmuravam nomes e ofensas, profanações e acusações, provocando ondas de suor frio e mãos trêmulas entre os guerreiros e cortesãos agrupados em dezenas e multidões ao redor das fontes e das mesquitas, das ruas e das praças emaranhadas de sombras e escuridão.

- Amir é um traidor! - exclamou Hassan al-Fadil, os olhos injetados de raiva e frustração, quando ele viu seu melhor amigo e comandante chamar à distância pelos muros altos e pedregosos do vasto cenário do desespero português. - Ele é uma vergonha para todos nós, para todos os mouros que já sofreram sob o jugo infame e impiedoso de D. Afonso Henriques e seus asseclas!

A turbulência emocional se transformou em tensão no ar, enquanto os soldados e líderes nos lados opostos das negociações mantinham a guarda alta e a desconfiança crescia.

Foi sob esta nuvem de suspeita e fúria, de natureza etérea e lancinante, capaz de trespassar as barreiras do tempo, da memória, do amor e da fidelidade, que a reunião secreta de D. Afonso Henriques, Hassan al-Fadil, Isabel e Amir teve seu início. Cercados por uma aura de insegurança e medo transmutado em angústia e dor, buscavam uma resposta e um sinal de que, embora o mundo tendesse a se dilacerar e se consumir em suas próprias chamas e em seus próprios escombros, ainda havia espaço para o florescer de uma rosa de esperança, uma semente de paz, escondida dentro dos corações e das almas daqueles que ousavam acreditar no impossível.

- Não é o bastante! - vociferou D. Afonso Henriques, erguendo - se furiosamente de seu trono baixo em seu manto de veludo e seda. - Não é suficiente simplesmente fingir que podemos nos unir em uma aliança efêmera e frágil, sem nem mesmo conhecermos nossos corações e nossas lealdades, nossos desejos e nossas aspirações! O que tem a dizer, Hassan al-Fadil, você

que conspira trazer um traidor ao nosso meio, convencendo nosso líder de que esta paz ilusória durará mais do que alguns instantes?

Hassan al - Fadil hesitou, os olhos escurecidos pela decepção e pesar. Mirando nos olhos do rei português, declarou com voz firme.

- Eu lhe digo que desejo a paz, assim como o meu povo deseja. Mas a verdadeira paz deve vir de confiança mútua e lealdade. Só então poderemos ver além das máscaras que usamos, tanto os cristãos quanto os mouros.

Não há dúvidas de que a tempestade das desconfianças se diluía com o tempo e a necessidade de paz imperava. Todavia, entre as paixões e os olhos trocados, Isabel e Amir se encontravam ansiosos e cautelosos, agarrados a um amor incerto e imprudente dentro das chamas de seus corações.

Diálogos intensos e emocionantes

Dentro das muralhas sombrias do castelo, as vozes ecoavam e ressoavam como trovões no coração das almas perdidas, como o rugir das ondas quebrando em rochedos intransigentes, como a música trágica e sublime do universo se despedaçando no abismo do tempo.

- Vois duvida de mim? - berrou Hassan al - Fadil, os olhos injetados de ódio e paixão, as mãos enclavinadas em punhos trêmulos à sua frente. - Vois duvida de minha lealdade, de minha amizade, de meu compromisso com vossa causa e vosso destino?

D. Afonso Henriques, fitando o abismo do desespero e da desolação refletidos nos olhos do homem que, até então, considerava como seu irmão e seu confidente, balançou a cabeça lentamente, como se desejasse afastar qualquer traço de dúvida ou de hesitação da atmosfera opressora e sufocante.

- Não, Hassan - replicou ele, a voz suave e grave como a de um trovador tecendo seu canto de amor e morte à sombra de uma antiga e solitária sepultura. - Não duvido de vossas intenções, de vosso coração, de vossa alma. Mas duvido, sim, do futuro, do destino, das tempestades que nos cercam e nos devoram, como o sol se devora a si mesmo em seu leito de fogo e de esplendor.

Alfonso de Azevedo, parado sombriamente no canto da sala, observava a cena se desenrolar, uma sombra de preocupação em seu rosto cansado. Ele sabia que o rumo das negociações estava num momento crucial e que as palavras e ações de todos envolvidos poderiam fazer a diferença em suas

chances de sucesso. Por um momento, seus olhos encontraram os de Beatriz de Lara, que olhava para o confronto com inquietação e temor.

Enquanto isso, naquele salão, as palavras e os silêncios atravessavam-se e espezinhavam-se como espadas rasgando o véu do tempo e da memória, como punhados de terra e cinzas lançados ao vento pela mão trêmula e indecisa do destino.

- Dizeis que não mestes em dúvida - murmurou Hassan al-Fadil, suas feições tomadas pelo mais profundo e indizível pesar -, mas vosso olhar e vossa voz me falam de um abismo de incerteza, de medo, de angústia. Acha - me indigno vosso conceito de ser aquele que vos ajudará a erguer um império, a forjar um reino, a curar as feridas e cicatrizes de um mundo despedaçado pela guerra e pela ambição?

Isabel, surgindo da escuridão como uma estrela solitária e inacessível em seu manto de prata e de água, interveio a mediar o conflito, suas mãos tremendo como pétalas de rosa ao vento.

- Acalmai - vos, meu senhor, meu amigo -, implorou ela, o rosto radiante como lua nova. - É tempo de entendermos que a dúvida não é nossa inimiga, mas nossa aliada na busca pela verdade e pela paz.

O olhar de Amir encontrou o da mulher que amava, sentindo-se ao mesmo tempo inspirado e amargurado pelas palavras que ela proferiu. Ele sabia que, no fundo, a dúvida que imperava entre eles, e entre as nações que representavam, era também a dúvida que o fazia questionar a legitimidade de seu amor e o caminho que deveria seguir. Respirando fundo, Amir deu um passo à frente, enfrentando os olhos penetrantes de D. Afonso Henriques.

- Vosso olhar nos incita a questionar nossas próprias convicções e a lutar por nossos ideais com ainda mais empenho - afirmou Amir, sua voz firme e resiliente como o azul infinito do céu. - Se é a dúvida que nos guiará em busca da verdade e da paz, então sejamos guiados por ela, mas enfrentemo-la juntos, como irmãos de arma e de coração, para que nossos povos possam descobrir o caminho da harmonia e unidade, superando as diferenças que nos dividem.

A tensão diminuiu, dando espaço a um tênue fio de esperança enquanto olhares se cruzavam e alianças eram reforgadas naquele instante efêmero e crucial, sob as sombras tremeluzentes das brasas ardentes da guerra, do amor, da lealdade e da paixão. A vida e a morte, a luz e a escuridão se abraçavam e se entrelaçavam em um labirinto de dúvidas e escolhas, de

sacrifícios e promessas.

- Então - murmurou D. Afonso Henriques, os olhos brilhando como fios de prata nas trevas insondáveis da incerteza -, concedo - vos minha confiança e meu coração. Tomemos a mão do destino e enfrentemos juntos as tempestades do futuro, buscando a paz e a harmonia para nossos povos, para nós mesmos e para todas as gerações que nascerão sob nosso legado.

Neste cenário sombrio e o junco de uma guerra em curso, corações unidos pela mesma causa clamavam silenciosamente pela paz tão almejada. A trégua temporária, ainda que frágil e incerta, germinava como uma pequena semente esperançosa de um futuro onde mouros e cristãos coexistiriam em equilíbrio. Neste instante, as incertezas demonstravam - se como o fio condutor desta união, em um diálogo intenso e emocionante, que permitiu a todos reconhecerem que a meta de estabelecer a paz valeria os futuros sacrifícios.

Cresce a esperança de paz

A esperança, tão tênue e frágil, brotava como uma flor solitária no coração dos campos devastados pela guerra, tremulando em um fio de seda, na imprecisão entre a sombra e a luz, entre a vida e a morte, entre a paz e a eternidade. Era aí que, no encontro entre a lealdade, o amor e a honra, o futuro do mundo se encontrava pendente, triunfante e desolado, como uma bandeira que se ergue orgulhosa no alto da mais inacessível e intrincada fortaleza.

O vento soprando dos campos de batalha penetrava pelas frestas das muralhas de pedra, nas gélidas celas onde os prisioneiros aguardavam por um destino e um amor que jamais os librara de suas correntes e de seus grilhões. D. Afonso Henriques, ocupado com as negociações e cuidados com seu reino, procurava por sinais de traição e de alianças ocultas entre suas fileiras, sem nem imaginar que, distante, em uma câmara secreta e proibida, o amor de Isabel e Amir desabrochava e se consumia.

Beatriz de Lara, com seus olhos afiados e perspicazes, conseguia perceber todas as sombras fugidias e os gestos imperceptíveis, os suspiros e as gemidos murmuradas dentro das alcovas e das masmorras, transformando em letras douradas as palavras invisíveis e indecifráveis que estavam gravadas no coração do reino e no santuário dos sonhos confusos. Entre temores e

suspeitas, ocultava o segredo de seu coração, sabendo que alguma hora a verdade viria à tona, inquestionável como o sangue e tão imponente quanto o tempo.

A noite se aproximava, e a luz do sol mergulhava em um mar de lágrimas e de saudades, enquanto o destino fendia as fronteiras do impossível e gravava, com sua mão cruel e impassível, as linhas tortuosas e ameaçadoras no mapa do mundo e no espelho das almas. Em seus olhos flamejavam fúrias e tormentas, desesperos e arrependimentos que, ao seu toque, irmanavam e se converteram em cinza e em ouro, prenúncio do aniquilamento e da glória.

- Meu senhor - exclamou Beatriz de Lara, seu rosto acendendo-se como se estivesse prestes a queimar no fogo sagrado e purificador de uma fé inabalável e arrebatadora -, é necessário que vos revele uma descoberta, ainda que esta possa custar - me a honra, a amizade e a vida. Não posso mais guardar esse pesar, esse fardo opressivo que me envolve como uma mortalha sombria e desesperança.

D. Afonso Henriques, atormentado por um remorso e uma angústia que brotavam do mais profundo abismo de seu ser, contemplou a fiel amiga e confidente de Isabel, consciente de que a coragem e a nobreza de suas palavras eram como farpas, penetrando seu coração e sua consciência, buscando um alívio tão fugitivo quanto o brilho de um sol poente.

- Dizei - murmurou ele, com um tom de voz subjacente ao tormento que o afligia -, não hesiteis em revelar vossa descoberta, a verdade que vos pese no peito e nos olhos como cravos escarlates e negros no coração de um mártir.

Beatriz fitou os olhos angustiados de seu soberano, hesitando por um breve momento antes de dizer lenta e decididamente:

- Meu senhor, vossa filha, a nobre e casta Isabel, amou e foi amada por aquele que deveria ser seu inimigo o cavaleiro mouro Amir.

O peso das palavras desabou fortemente sobre o coração de D. Afonso, a revelação flagelando-o como uma tormenta imprevista. Seu punho cerrado tremeu na mesa à sua frente.

- Como Como? Por quê? - questionou o rei, seus olhos buscando desesperadamente qualquer resquício de mentira no rosto de Beatriz.

- Perdoai - me, meu senhor - respondeu ela, sua voz embargada pela tristeza e a lealdade girando em desespero dentro dela. - Jamais desejaria vos contar tal notícia, mas meu coração me obrigou. Acredito ter sido vossa

filha e seu cavaleiro mouro tomados por um amor tão forte que os consumia, desafiando as barreiras de seus destinos traçados.

Encarando o vazio, D. Afonso pensava na promessa de paz alcançada entre eles naquela sala. Se antes estava incerto quanto a durabilidade da trégua, agora temia que a revelação do amor proibido de sua filha e do cavaleiro mouro desmoronasse a frágil esperança em um futuro sereno. A traição e o amor, como gêmeos siameses, se entrelaçavam de tal forma que, por mais que tentasse separá-los, ambos se manteriam ligados rumo ao infinito.

Impasse e decisões difíceis

Logo a seguir à delicada trégua acordada, os cidadãos saíram aos poucos de suas moradias, espiando por frestas e janelas entreabertas, ansiando e temendo, ao mesmo tempo, capturar um vislumbre daquele que se dizia o verdadeiro rei de Portugal.

Esperavam - se momentos de paz, e enquanto nuvens de pombo se precipitavam no céu com gemidos e gorjeios, as mães embalavam suas crianças, cantando uma melodia em tom de prece que exprimia toda aquela quietude e anseio latente e sufocado no peito dos homens e das mulheres que viveram e sofreram a guerra como se fosse seu único e inexorável destino.

Os sorrisos e lágrimas se misturavam, enroscavam - se em um abraço tímido e quente, como a crescente de um sol que ainda não suporta segurar-se no firmamento e enfrentar o fulgor de uma aurora que desperta, ainda atormentada pelo eco de gritos desesperados e do bater de tambor.

D. Afonso Henriques, sentado em seu trono, envergando a coroa que ansiava tanto por colocar sobre sua fronte, sentia o peso de sua própria glória e derrota, de sua humanidade e do destino que o haviam imposto.

A confissão inesperada de Beatriz de Lara retinia em seus pensamentos como o som estridente de uma trombeta que anuncia um final e um começo, uma ruptura no tempo, no tecido do ser e de todas as crenças e valores que haviam sido tão firmes e inabaláveis quanto a certeza de um mundo regido pelas leis da guerra e do amor.

D. Afonso olhava para a multidão de rostos que se amontoavam ante si, buscando algum refúgio em suas feições ocas e, ao mesmo tempo, tão vivas e tão reais como o sangue que corria e espumava em suas veias, em suas

artérias, como o sôpro da eternidade e a travessia rutilante de um cometa entre as estrelas.

- Como podemos manter a paz - perguntou ele com uma voz sombria e hesitante, sabendo que todos escutavam atentos suas palavras -, quando nosso coração se revolta e se rebela contra nossos próprios sentimentos?

Não houve resposta para seu questionamento, apenas o silêncio e a imobilidade, o arfar contido dos peitos e o palpitar das pálpebras como o tremor de mariposas presas dentro de gaiolas douradas.

Foi Hassan al-Fadil quem tomou coragem e affigiu-se, com voz embargada de autoridade e enfrentando o olhar de seu inimigo e irmão:

- A paz é como a água que flui no rio, às vezes inconstante, as vezes calmante. Deve ser entrelaçada como o amor em perfeito equilíbrio, como a flor que se abre no orvalho da madrugada, guiada pelos corações que nos circundam.

As palavras do general mouro trouxeram uma estirpe de consolo e esperança no coração de D. Afonso Henriques, ainda atribulado pela revelação do amor proibido de sua filha e do cavaleiro mouro. Com menos peso, ele fitou Hassan al-Fadil, enxergando ali não apenas um inimigo à sua terra, mas também alguém capaz de trazer sabedoria a seu reino.

- Hassan al-Fadil, vós me surpreendestes com vossa sabedoria - admitiu D. Afonso Henriques, dispondo-se a erguer-se de seu assento. - Estais certo, devemos deixar a paz brotar como as águas de um rio, mesmo quando nosso coração gritar por guerra.

O silêncio pairou no ambiente, o encarar das palavras de D. Afonso Henriques e as diferentes significâncias que ali jaziam. Hassan al-Fadil, como espírito guerreiro, meditou sobre as palavras em silêncio. Dentro de si, porém, algo movia-se e borbulhava como o fio de incrível ânsia e desejo.

- Peço-vos, D. Afonso Henriques, que não penseis apenas em unir nossos corações na paz, mas em criar também espaço para o amor que nasceu neste abismo de guerra - disse Hassan al-Fadil, finalmente desvelando uma face mais humana e sensível.

D. Afonso Henriques, cruzando seu olhar com Hassan al-Fadil e refletindo sobre as palavras do general, sentiu uma nova onda de esperança surgir. Ante estes corações unidos em amor e guerra, admitiu que talvez, por meio dessa união, uma paz verdadeira e equilibrada pudesse realmente existir.

- Então, se assim for, deixo que vossas palavras e o amor que nasceu

deste doloroso encontro guiem - na - disse D. Afonso Henriques, sua voz soando mais forte e resoluto. - Levaremos nossos povos à paz e a um futuro unido por esse amor e essa lealdade que floresceram em nosso inesperado confronto.

Com um suspiro de alívio e esperança misturado às lágrimas que lhe salpicavam a face, Isabel de Trastâmara viu um vislumbre de luz na escuridão e incerteza, sentindo que talvez seu amor e o desejo por paz, apesar de todos os desafios e sacrifícios, pudessem conduzir a um futuro digno e radiante.

Compromisso alcançado, ainda que temporário

Em uma sala austera, iluminada pelos raios de sol que adentravam por frestas em vigorosas paredes de pedra, afixavam-se a dor e o desejo de D. Afonso Henriques e Hassan al-Fadil, homens que, apesar de aliados pela mesma causa, erguiam-se como muralhas, separados pelas crenças, paixões, erros e virtudes que forjavam suas almas e corações.

- Temos diante de nós a oportunidade de acalmar a violência e o derramamento de sangue que assolaram nossas terras por incontáveis anos - proferiu D. Afonso Henriques, em tom firme, seus olhos escuros queimando como brasas alvejadas pelos golpes dos ventos e da tormenta. - Mas isso somente será possível se ambos, cristãos e mouros, estivermos dispostos a deixar de lado nossos ódios e ressentimentos e estreitarmos nossas mãos, buscando no futuro o eco de um passado sangrento e a semente de um amanhã de paz e concórdia.

Hassan al-Fadil, em seu orgulho e sua angústia, estudava as palavras e os gestos do soberano, encontrando nelas o desafio e a esperança que insuflavam as veias de seu ser, ressoando como um grito abafado e sufocado pelas garras de um abismo turvo e impenetrável.

- Concedo - vos minha palavra de honra, meu rei - disse Hassan al-Fadil, solene e compenetrado de uma ardente veemência e uma sinceridade desvelada -, de que os mouros reconhecem e respeitam vosso direito e vossa soberania sobre as terras que estais prestes a unificar e a governar com justiça e benevolência. Temos diante de nós a responsabilidade de manter viva a chama da paz, ainda que esta nos pareça frágil e apagada diante da força dos ventos e da tormenta.

D. Afonso Henriques, consciente da importância e da gravidade do com-

promisso que haviam estabelecido, assentiu com um gesto leve e comovido de sua cabeça coroada pela cruz e pela glória, esforçando-se para unir seus sentimentos e seu destino ao de Isabel e de Amir, cujas vidas haviam se entrelaçado como fios de um fio mágico e pungente, tão frágil e delicado quanto a chama de uma vela perdida na escuridão de uma noite eterna.

- Então seja feito - murmurou D. Afonso Henriques, um brilho sombrio e doce iluminando seus olhos como faróis nascidos do abismo de sua alma e coração -, assim, ambos, mouros e cristãos, dão um passo em direção ao futuro, em busca do equilíbrio tão ansiado por nosso povo, que por tanto tempo sofreu e agonizou sob a tirania e a maldade de homens e mulheres que esqueceram a face humana e a bondade de suas almas em nome do amor, do ódio e da vaidade.

Com um suspiro que parecia carregar consigo o peso de todos os séculos e de todas as vidas e sofrimentos do passado, D. Afonso Henriques estendeu sua mão em direção a Hassan al-Fadil, que a segurou com uma força terna e determinada, selando assim o pacto tão efêmero quanto a aurora e o voo fugaz de uma ave que, do céu, descende à terra em busca de seu alimento e, abandonando sua liberdade, oferece-se em sacrifício aos seres que buscam dominá-la e subjugá-la.

No instante em que os dedos de D. Afonso Henriques e Hassan al-Fadil se uniram e uniram suas vidas e seus destinos em uma torrente de paixão e quebranto, uma voz conhecida, porém abafada pelo tumulto das vozes e das emoções que cortavam o ar como o tráfico e o sussurro das águas de um rio enrugado e atormentado pela presença de um humano e divino espírito - brisa, fez-se ouvir, cortando o silêncio como um grito em agonia e em êxtase, uma lembrança do abismo e da glória.

Beatriz de Lara, de pé junto ao trono de seu senhor e amigo, deixou que suas palavras se libertassem de seu peito e de seu coração, carregando consigo a dor e o desejo, a culpa e o sigilo que haviam brotado em suas veias e em sua memória como um veneno, tão mordaz e letal quanto a ira e a desconfiança geradas pela promessa de uma paz inesperada e fugitiva.

- Meu rei - exclamou Beatriz de Lara, sua voz desprendendo-se de seu peito como a asa de um pássaro ferido e impotente, incapaz de levantar-se ao encontro do céu e da vida eterna, pois a ela fora negada a graça e a sublimidade de que alimenta os serafins e os anjos e lhes concede o beijo e o abraço do eterno e do santíssimo. - Tenho algo a dizer - vos,

algo que pode comprometer nossa frágil trégua e lançar - nos novamente no abismo da guerra de onde Sinai e Gólgota emergiram e conquistaram a santa consciência do Homem e suas crenças.

D. Afonso Henriques, perturbado pelo clamor e pela inquietação pressentida e pronunciada de Beatriz de Lara, confrontou seu olhar de temor e de esperança, percebendo no fundo do abismo de seus olhos e de seu coração a ameaça e o libertismo que haviam capturado e encadeado a alma e o corpo de sua filha Isabel e de Amir, a ave e o leão cujas asas e garras manchavam - se de sangue e sonhos, em um reflexo incerto e dilacerado dos idílios e das sombras que tingiam o horizonte e o espírito do povo, eternamente adormecido entre o sono e o despertar, o grito e o silêncio, o amor e o ódio, a guerra e a paz.

Chapter 8

Desafios políticos e dilemas morais

D. Afonso Henriques observava o horizonte rubro onde o sol se punha com um rubor flamejante através das frágeis nuvens que enfeitavam a despedir-se do dia que acabara. Seus pensamentos turbilhonavam em torno dos desafios políticos e os dilemas que lhe atormentam sua alma. Sabia que havia em sua decisão encontrada algo de bom, algo de íntegro e honrado, mas lhe pesava ainda o peso da dúvida e da inquietação - o mover das peças em um tabuleiro de xadrez onde o coração e o sangue se misturavam às jogadas e aos sacrifícios.

Em um supetão, passos cautelosos se aproximaram de D. Afonso Henriques, anunciando a chegada de Alfonso de Azevedo. Observava a figura sombria do rei com inquietude, ciente do peso que carregava sobre si e de como haviam sido tantas as ocasiões em que suas palavras, conselhos e lealdades haviam entrelaçado e feito de ponte entre os breves e prósperos tempos de paz e a temerária e frágil ebulição das batalhas constantes.

- Sabeis - disse Alfonso de Azevedo, com sua voz rouca e vibrante, carregada de um cansaço cravado em sua garganta e em seu peito como um punhal de prata escondido sob a mortalha de um luar envelhecido e esquecido -, que a minha lealdade é inquestionável e inabalável, mesmo nestes momentos em que a paz parece brotar em nosso horizonte e, no mesmo instante, cravejar-se como uma fera ferida e desesperada por uma última vitória.

D. Afonso Henriques, absorto ainda em suas reflexões e nesse turbilhão

de sentimentos e lembranças que ameaçava afogá-lo como uma tempestade nefasta e inesperada, fez um leve aceno de cabeça em direção a seu conselheiro, sabendo que seus sussurros, embora macios e suaves como as asas de uma borboleta capturada no tempo por chorosa e imortal esperança, eram os ecos de uma verdade amarga e necessária.

- Há em nosso reino - prosseguiu Alfonso de Azevedo, recolhendo as palavras como fossem resquícios de um vento que se perde nos confins do abismo e no éter sobrenatural que se alonga no espaço como um grito abafado e mergulhado no poço lamacento da imaginação e do passado -, aqueles que duvidam de nossa decisão de oferecer nossa lealdade e nossa proteção não apenas à Isabel de Trastâmara e Amir ibn Malik al-Andalusi, mas àqueles que buscavam e ainda buscam destruir nosso sonho de ad eternum.

O silêncio, mais denso e avassalador do que os olhares lançados às sombras ou aos próprios corações, aqueles que, em sua batalha e em sua guerra, haviam aprendido e esquecido igualmente a face visível e inexistente da dor, do amor e do bem-estar, envolveu e enlaçou D. Afonso Henriques e Alfonso de Azevedo, como um arco-íris finito que, em seu triunfo e sua desolação, ergue-se e desvanece ante os olhos de aurora e luar dos mortais e dos seres divinos que, por sua vez, encenam e vivem uma triste comédia onde o riso e a tristeza, o ódio e o sussurro lancinante do vento e da chuva fortalecem e corroem-se, transformando-se e amoldando-se à semelhança e à imagem desse especular ser que procura, através das tenebras e dos fanais, a entrada e a saída do labirinto e do sonho infundo do destino e do alento, do fogo e da morte.

- Sei o que pensais - disse D. Afonso Henriques, sua voz carregada de um súbito e desesperado alívio, uma chama que se afirmava em meio ao vento e à escuridão de uma noite onde a lua, como um deus refugiado no interior de uma gruta banhada pelo sangue e pela chuva, calejava sua face de prata e de melancolia e desvanecia-se, confundindo-se com a imensidão e a inexistência dos fantasmas e dos espíritos -, sei que enfrentamos desafios que vão além de qualquer luta, de qualquer sangria ou guerra que possamos travar entre mouros e cristãos, entre os usos e costumes de nossos pais e avós. Porém, pressinto que podemos encontrar, se realmente quisermos encontrar, uma solução, um caminho tênue e incerto, mas com o merecido valor e recompensa no fim dessa jornada sofrida e impalpável.

Alfonso de Azevedo fixou seus olhos nos olhos túrbidos e ardentes de D.

Afonso Henriques como um caçador que mergulha no âmago do abismo e do mistério, rastreando e capturando os indícios e as pegadas de sua presa e de sua alma. Sabia que o jovem rei pensava e sentia em todas as linhas de seu rosto e de seu corpo, como um lamento e um hino que aspiravam o aroma e o som de uma existência e de uma morte solitárias e distantes, como a distância que separavam os seres alados e os tremores do céu e da terra.

- D. Afonso Henriques - disse Alfonso de Azevedo, com uma voz que vibrava como o cordel de um instrumento que ressoava e estremecia os alicerces do mundo e de todos os universos paralelos e colaterais -, contamos convosco para manter acesa a chama da esperança e do sonho, mesmo quando o clarão dos relâmpagos e as grilhetas das cadeias nos envolvem e nos prendem no eterno labirinto onde a verdade e a dor, o amor e a traição enlaçam - se e dilaceram - se, reduzindo a pó e cinza aquilo que tanto almejávamos alcançar e possuir.

E, ao pronunciar aquelas palavras e lançar aquele olhar carregado de paz e de tormenta.

Conspiração no castelo

A conspiração no castelo arrastava-se como uma serpente invisível, deslizando pelas sombras do crepúsculo, espalhando seu veneno nos ouvidos e corações daqueles que caminhavam pelos corredores e salões adornados por tápeças que narravam a memória e a história de um povo e de uma nação nascente.

D. Afonso Henriques, recolhido em seus aposentos privados, sentia o peso dessa sombra insidiosa e desconhecida como um fantasma que lendas e canções falavam como alguém que, em vida e em morte, houvesse perdido o caminho para a paz e a redenção, condenado a vagar pelos confins do firmamento e da terra como um espectro melancólico aos olhos de morte e de eternidade.

Naquela noite em particular, inquietação tomava conta do rei, sua mente correndo feito um cavalo em desespero. Lá fora o vento uivava, dobrando-se aos caprichos das sombras que dançavam por entre as chamas das tochas acesas. D. Afonso Henriques sentiu um arrepiamento subir - lhe pela espádua, como se o sopro gelado do vento adentrasse a fortaleza e alcançasse sua própria pele. Seus pensamentos retorceram-se sobre si, um emaranhado de incertezas.

Dentro do castelo, ainda aquecido pela companhia e pela música, sopravam ventos de sombras e silêncios, rumores de conspirações e traições, como fagulhas que se espalhavam junto das palavras e das ações dos fidalgos e dos criados, infiltrando-se nos quartos mais recônditos e esquecidos, nos jardins e nas torres onde o olhar e a memória se perdem no vazio e na escuridão, transmutadas em lamentos e segredos.

Estêvão de Sousa, nobre ambicioso e inescrupuloso, sentia seu ressentimento crescer e envolver-se em sua ambição e em seu anseio de poder, palavras e pensamentos escondidos na sombra de seu espírito, como a chama de uma vela que se extingue na escuridão e na infinidade. Reunira-se em segredo com outros insatisfeitos, aqueles que duvidavam da capacidade de D. Afonso Henriques de liderar Portugal. Sussurravam entre si, compartilhando suas insatisfações e planos obscuros.

Em um canto distante do castelo, um lampião banhava a face de Beatriz de Lara, suas mãos crispadas em um punho cerrado sobre as letras e os anseios de Isabel e Amir. Ela conhecia os riscos e perigos envoltos no amor proibido dos dois, mas a lealdade à sua amiga Isabel era como uma rede intrincada que os envolvia a todos, queimando-se e fortalecendo-se no fogo das paixões, dos sonhos e das ilusões que os consumiam como fogueiras e sombras de um passado e de um presente sempre em fuga e sempre retornando, em um embaralhar-se eterno de luz e de trevas, de vida e de espíritos.

Era uma noite insone para muitos no castelo, os corações e as mentes atormentados pelos dilemas, segredos e sentimentos amarrados a uma teia de sombras e silêncios. D. Afonso Henriques mantinha seu olhar fixo na chama da vela diante de si, sentindo o fervilhar das conspirações e das alianças no ar, como um presságio de tormentas e decepções.

Levantou-se e caminhou até a janela, lá fora a tempestade esvoaçava. Inúmeras possibilidades de ação se desenrolavam em sua mente, cada uma com suas próprias consequências e sacrifícios. Ponderava-se sobre como enfrentar as adversidades dentro de seu próprio castelo sem inflamar o conflito entre seus seguidores. Seria este o maior desafio de sua liderança, aquela que ressoaria em seu coração e na alma de seu povo pelo tempo imemorial.

Diplomacia com os mouros

O mapa de diplomacia, um campo de batalha onde as palavras transformam - se em armas e os pensamentos e desejos ocultam - se e revelam - se em um delicado equilíbrio de sedução e rejeição, desdobrava - se diante de D. Afonso Henriques e Alfonso de Azevedo como um labirinto em cujo centro esperavam encontrar a resposta e chave para ascender ao trono e à glória entre as sombras e luzes do destino, forjando e moldando o reino de Portugal e o destino de seus habitantes, em um hino sublime e doloroso, só conhecido por aqueles que voltam seus olhos e suas mãos aos céus e aos abismos, em um ato de fé e de esperança, desdouro e orgulho.

- A diplomacia com os mouros - murmurou D. Afonso Henriques, em cujos olhos agora brilhava o clarão de uma dúvida implacável, um rio sem nascente e foz cujas águas e correntes enroscam - se e dispersam - se no além e no íntimo dos seres humanos e celestes -, é algo que nos traz angústia e medo, pois vemos que nossas fronteiras, nossas muralhas, erguem - se e desmoronam - se em uma batalha incessante, envolvendo - nos em suas tramas e promessas, fazendo de nós peões e espectadores de um jogo impenetrável.

Alfonso de Azevedo estudou o semblante conturbado de D. Afonso Henriques com o olhar aprumado e reflexivo de um mestre que se esforça em compreender o enigma inscrito na fronte de sua criação, na alma de seu discípulo de um futuro e passado ao mesmo tempo distante e próximo, onde as sombras e as chamas fundem - se e transcendem - se, confundindo - se e iluminando as faces insondáveis e silenciosas do fogo e da água.

- Vossa Senhoria - disse Alfonso de Azevedo, sua voz como um eco de um olhar que se perde no horizonte e na névoa que encerra o mundo e os deuses -, acaso já pensou em entregar uma nova mensagem aos nossos inimigos, como uma mostra de nossa vontade de dialogar e de buscar um ponto de encontro e de entendimento? Precisamos, antes de mais, evitar que a guerra se agrave e que as hostilidades afastem as possibilidades de uma trégua ou de um acordo, mesmo que temporário e frágil.

As palavras de Alfonso de Azevedo, serenas como a luz de um luar outonal que lança à terra e aos mares a seus pés a promessa e a melancolia de tempos que se extinguem e renascem em infinitos caminhos e direções, proporcionaram a D. Afonso Henriques um breve respiro, um instante de alívio e de esperança, como o brilho de uma estrela que reaparece no

firmamento após uma tempestade.

- Levemos - disse D. Afonso Henriques, seu rosto iluminado por um súbito lampejo de determinação e audácia -, pela nossa palavra e nossas ações, uma nova mensagem aos mouros, como um falcão que estende suas asas no céu e no horizonte e encontra, nas nuvens e nas sombras, a presa desejada e fugidia, cujas pegadas e rastros desvanecem - se e retornam à terra e ao fogo, algo que sempre aspiramos mas nunca conseguimos alcançar e possuir: a paz e a harmonia, o cessar-fogo que ressoará em nossos corações e em nossos campos de prata e de sangue.

- Temos de agir com cautela, Senhor - advertiu Alfonso de Azevedo - pois não podemos esquecer a astúcia e as armadilhas dos mouros. Não podemos, em meio a esse desejo de paz, perder a vigilância e a sabedoria que nos guia e nos protege neste caminho.

D. Afonso Henriques assentiu, sabendo que as palavras de seu conselheiro eram um farol nesse oceano tempestuoso de dúvidas e conflitos.

Ao cair da tarde do dia seguinte, um mensageiro partiu do castelo com a mensagem de paz nas mãos, cavalgando velozmente em direção ao território mouro. As horas se arrastavam lentamente, como uma serpente sinuosa e sombria, enquanto D. Afonso Henriques e Alfonso de Azevedo aguardavam ansiosos por uma resposta.

Finalmente, após dias de espera agonizante, uma resposta veio nas mãos de um emissário mouro, em um pergaminho delicado e requintado. D. Afonso Henriques e Alfonso de Azevedo estenderam o documento sobre a mesa, seus olhos percorrendo rapidamente cada linha e cada palavra, buscando naqueles caracteres a promessa de paz e de entendimento.

O emissário mouro, um homem magro e de olhar astuto, quebrou o silêncio tenso que se formara: "Nossos líderes aceitam a proposta de negociação, mas devemos agir com cautela e diplomacia ao longo deste processo, evitando, assim, armadilhas e mal-entendidos. Vamos dar início às negociações com o coração aberto e a mente aguçada, desejando encontrar um terreno comum e a paz tão ansiada por nossos povos."

Com estas palavras, D. Afonso Henriques e Alfonso de Azevedo selaram o início de uma nova etapa na busca pela paz e unificação do reino de Portugal, dando início às tensas e delicadas negociações com seus inimigos mouros. As semanas que se seguiram seriam marcadas por um labirinto de palavras e gestos cuidadosamente calculados por ambos os lados, em um

intrincado jogo de xadrez diplomático onde as vidas de milhares estavam em xeque.

Casamentos para alianças políticas

Isabel de Trastâmara caminhava pelo corredor que se estendia até o grande salão, sentindo o frio das paredes de pedra a açoiar - lhe a face, como se quisesse lembrá - la de que a realidade estava além dos seus sonhos e da voragem do seu amor, inalcançável como os céus e os deuses que disputavam o trono e a coroa. A cada passo, sentia o grito silencioso das angústias que se aninhavam no peito, como aves ariscas que se esquivam de olhares e carícias, sabendo que o silêncio será sempre o seu refúgio e a sua maldição.

Chegando à entrada do salão, sentiu as tropas do coração se alarmando, as lembranças brotando como rios subterrâneos, a cada instante mais próximas e mais vorazes, unindo - se ao presente e mil olhares que se desenhavam com indiferença e curiosidade, invisíveis e oniscientes. Engolindo o choro que se avolumava no interior de sua garganta, Isabel de Trastâmara adentrou o salão. Nem mesmo o brilho das tochas e das velas, que a ladeavam como sentinelas enlatadas no fogo e na escuridão, conseguiu ofuscar a sombra de seu coração.

Lá estava D. Afonso Henriques, vestindo sua armadura de um rei que desbravou territórios e libertou almas cativas, com um olhar que se perdia nas reminiscências de batalhas e vitórias e retornava às cãs dos cabelos e à sombra das rugas, como se quisesse contar, a quem se dispusesse a ouvir, uma história de sofrimento e redenção, de glória e de espíritos que cruzam o limiar entre mundos e os limites intransponíveis. Ao seu lado, estava Alfonso de Azevedo, de semblante sereno como pedra esculpida por mãos divinas, acariciando um pergaminho com seus dedos longos e nodosos.

- Filha - disse D. Afonso Henriques, em voz baixa, como um lamento que se desprende do fundo de um abismo -, a hora se aproxima, a hora em que a verdade tomará um rosto novo e desconhecido, e caminhará de mãos dadas com a dor e a felicidade num palco onde todos os atores se disfarçam e se revelam, como guerreiros e espíritos em um universo de luz e trevas.

O coração de Isabel de Trastâmara acelerou, e um vazio se instalou no fundo de seu estômago. Suas mãos trêmulas apertavam - se em torno do tecido de seu vestido. D. Afonso Henriques continuou:

- Sabes que nossa luta, nossa vitória, nossos sonhos e nossos anseios, clamam por uma relação que proporcionará a nossa nação, a Portugal, uma aliança política, uma fortaleza que se firmará com o correr das luas e dos sóis, como os ventos e os dias que se desfolham e se unem - se, de mãos dadas, ao rio e à tempestade.

O silêncio se fez, pesado como o segredo de um confessor e o passado de um guerreiro. O olhar de D. Afonso Henriques recaiu sobre Isabel de Trastâmara como o lançamento final de um embate, libertador e consumidor, revelador da verdade cruel e inadimplente, da verdade que se recusa a ocultar - se.

- Filha, - prosseguiu D. Afonso, sua voz marcada pelo cansaço e pela decisão inevitável -, é chegada a hora de que te unas em matrimônio com o príncipe Alexandre de Castela, como um gesto e um prelúdio de paz e aliança entre nossos povos, nossas coroas e nossas vidas que se enlaçam e se libertam na dança das árvores e das estrelas.

O impacto das palavras do rei foi como um golpe abrupto contra o coração de Isabel. A jovem princesa lutou contra a sensação de desespero e tristeza que se abatia sobre ela, percebendo que seu destino estava selado, à mercê de decisões políticas e casamentos arranjados, enquanto seu amor por Amir permanecia enclausurado em seu peito, um segredo ardente e proibido.

Alfonso de Azevedo, observando a angústia de Isabel, interveio com um tom solene:

- Reino de Portugal, em seu benefício e integração política, requer sacrifícios dolorosos e firmes em sua essência. Fortalecer nossas alianças e garantir um futuro próspero e estável significa enfrentar dias sombrios e noites de sofrimento.

As palavras de Alfonso de Azevedo ressoaram no peito de Isabel como um eco doloroso, lembrando-a do preço do amor e da lealdade, entrelaçando - se em um destino que se desvanecia como as sombras na noite. Já não havia escolha a ser feita, mas um caminho inevitável a ser percorrido, um sacrifício doloroso e silencioso que se entregava aos deuses e aos ventos, como um hino de amor e desespero que só pode ser ouvido por aqueles que já perderam tudo, e encontram, na ausência e no vazio, a verdade e a essência dos desígnios insondáveis do destino.

Escalada da guerra religiosa

As nuvens sombrias e ameaçadoras se acumulavam no céu, como espectros de um passado distante, sussurrando histórias de dor, medo e anseio, espalhando - se como um manto pesado sobre os campos de prata e sangue. Os ventos carregavam consigo o odor penetrante da pólvora e da morte, pairando ao redor dos exércitos cristãos e mouros, que se enfrentavam em batalhas terríveis e incessantes, como monstros destinados a se engolfar em um abraço mortal e eterno.

D. Afonso Henriques, montado em seu cavalo e vestido com sua armadura de um rei entrincheirado no fervor do combate, fitava o exército mouro enfurecido, como se tentasse decifrar, na expressão empedernida dos adversários, a origem e o fim de suas convicções e desesperos. Sua espada erguida ao céu parecia desafiar os próprios deuses e demônios de sua criação, chamando - os a testemunhar a escalada brutal da guerra religiosa que se desenrolava diante de todos os olhos humanos e inumanos e nas entranhas do coração e da memória.

No campo de batalha, corpos de guerreiros cristãos e mouros jaziam abraçados pelo horror e o rancor, como esculturas grotescas e condenadas que espelhavam em seu abraço macabro a tragédia da discórdia e da intolerância, a loucura que consome as almas que acreditam na supremacia e na salvação de sua fé e de seus deuses. Em meio a esse cenário de devastação e profanação, no olho do furacão de ódio e lágrimas, duas figuras se destacavam como faróis de esperança em meio à tempestade: Isabel e Amir.

No campo de batalha, Isabel, vestida com suas roupas simples, mas tenazes e resistentes, como um símbolo do espírito indomado e indomável que fazia dela a mulher que conquistara e desafiara o coração de Amir, corria de um a outro lado, prestando auxílio aos feridos e moribundos, cristãos e mouros, almas que se debatiam e agonizavam em meio às brasas e às correntes, em busca de um último sopro de vida e misericórdia que ainda lhes restava nas veias e nas memórias.

Amir, desmontado de seu cavalo e com seu arco às costas, abria caminho por entre os guerreiros, sua coragem e determinação se mesclando à preocupação e ao respeito pelos mortos e pela dor que alimentava, como um veneno doce e amargo, o desejo insano pelo triunfo da fé e pelo extermínio daqueles que ousavam desafiar a lógica e a concepção impostas pelos deuses

e pelos homens. Seus olhos buscavam insistentemente por Isabel, como se quisesse encontrar no olhar de sua amada a redenção e a força necessárias para perseverar no caminho estreito e tortuoso de sua lealdade e de sua liberdade, como se quisesse profetizar, na tempestade de sua alma, um porto seguro e abrigado, onde pudesse ancorar sua vida e seus sonhos, livres das correntes do passado e do futuro.

Em um dado momento, quando as espadas se abatem e as vozes se calam e tudo parece congelado no tempo e no espaço, como um instante arrancado da eternidade e condenado ao esquecimento e ao silêncio, Amir e Isabel se encontram no campo de batalha, seus corações batendo sincronizadamente, como se estivessem unidos por um laço invisível e inquebrantável, suas mãos se estendendo na direção uma da outra, como se quisesse tocar, através do véu da realidade e da distância, o reflexo do sol que arde no horizonte e ilumina os destinos entrelaçados e indelévelis.

"Isabel!" - grita Amir, seu rosto marcado pela urgência e pela esperança que lhe grita a cada passo e a cada instante que percorre o labirinto inebriante de seus dilemas e de suas angústias.

"Amir!" - responde Isabel, sua voz tremendo e se multiplicando como as ondas do mar em tempestade, como um lamento e um canto que se procuram e se completam no abismo de suas almas.

No entrelaçar de suas vozes, de suas fraquezas e de suas paixões, de suas lágrimas e de seus beijos, Isabel e Amir tecem um diálogo intenso e desesperado, um diálogo de revezes e tentativas e de conflitos intrincados e irremediáveis, um diálogo que se desfaz e se renova a cada passo e a cada compasso da guerra e da paz que lhes espreitam e lhes seduzem.

"Não podemos continuar assim, Isabel." - diz Amir, sua voz vacilante e enérgica, como um guerreiro que espia a morte e a vida no campo de batalha e no olhar do inimigo e do amigo, do amante e do estranho.

"Eu sei, Amir, mas como podemos abandonar nossa fé e nossos princípios, nossas famílias e nossas terras, em nome do amor que não conhece fronteiras e não professa lealdades, a não ser ao coração e à carne que o nutrem e o consomem?" - responde Isabel, sua voz subindo e descendo como um grito de socorro e de alegria que alçam voo diante do precipício e do abismo e se perdem no eco da solidão e da incerteza.

"O amor é a nossa salvação, e é também o nosso jugo, a nossa sina e o nosso fardo. É nas suas lágrimas e nos seus sorrisos, no seu abismo e na

sua plenitude, que encontraremos a chave para a verdade e a eternidade. O amor é o caminho, Isabel, mas também é a cilada, a armadilha que nos atrai e nos aprisiona, num jogo sem fim de desespero e redenção.” - declara Amir, seu olhar enternecido e afito se afogando na imensidão dos olhos de Isabel, que o encaravam com uma serenidade e uma tristeza inatingíveis, como se quisessem alcançar, nas suas palavras e nas suas promessas, a paz e a esperança que tanto almejavam e tanto temiam.

Lealdade questionada de Isabel

A tempestade cobria os céus como um manto negro, raios rasgavam a escuridão e iluminavam os rostos tensos dos habitantes do castelo de Torres de Almourol, envoltos em medo e expectativa pelo embate que se aproximava. Em uma das torres, Isabel de Trastâmara buscava as brechas entre as fagulhas de luz, procurando vislumbrar o futuro que a aguardava, e as escolhas que precisava fazer para selar seu destino.

”É chegado o momento de decidires, Isabel”, disse a ela Alfonso de Azevedo, seu amigo e conselheiro, com voz solene e embargada pela emoção. ”Teu pai, D. Afonso Henriques, e teu povo aguardam tua resposta. És leal à coroa portuguesa que te engrandece e sustenta, ou és leal ao teu coração, que anseia por abraçar o inimigo e aquecer - se no fogo da traição?”

Isabel olhou, com olhos marejados, para os rostos sombrios e amedrontados de seus irmãos, que se apegavam uns aos outros, num abraço de proteção e fortaleza. Lembrou - se, então, de todos os momentos que vivera nas turbulentas terras de seu reino - as batalhas em que vira seu pai e seus irmãos lutarem bravamente, os campos de sangue e morte que tingiam a terra como lágrimas de dor e sacrifício, as risadas e canções de amor e esperança que escapavam dos lábios dos portugueses, em desafio à morte e à destruição que os cercavam.

E, ao mesmo tempo, recordou - se de Amir, o cavaleiro mouro que conheceu por acaso, naquele mesmo castelo, durante uma noite de inverno e lua cheia. Amir, que lhe mostrara a beleza e a sabedoria dos mouros, o calor e a poesia de suas canções e de seus corações. Amir, que lhe ensinara a amar e compreender o inimigo como a um irmão, como a si mesma. Amir, que lhe arrancara o coração, a razão e a alma, e a deixara para sempre dividida entre dois mundos, duas lealdades, dois amores.

Tremendo, mas decidida, Isabel ergueu a cabeça e encarou o olhar de Alfonso de Azevedo, seus olhos brilhando como estrelas que se lançam ao vazio, buscando o abraço e o consolo de algo maior e mais profundo do que qualquer dor ou mentira.

”És como um filho para mim, Alfonso, e tua lealdade me honra como à minha própria carne e sangue”, respondeu Isabel, sua voz se elevando como um hino de força e verdade que faz tremer os próprios deuses e demônios em seus tronos. ”Meu coração sempre será leal ao meu sangue e à minha pátria, àqueles que amo e que me amam. Mas meu coração também me pertence, e só ele pode me julgar e condenar pelas escolhas que faço em seu nome. Serei leal àqueles que merecem minha lealdade, custe o que custar, na vida e na morte, na guerra e no amor.”

Os rostos que a observavam se transformaram, espelhando a admiração e a luta de cada um em entender e aceitar as palavras de Isabel. Alfonso de Azevedo sorriu, apesar da dor e do temor que pesavam em seu coração, e tocou o braço de Isabel num gesto de companheirismo e compreensão.

”Sabes, Isabel, que as decisões que tomas agora podem mudar o curso da história, e colocar em risco a vida de todos que amas, tanto de um lado como do outro. A escolha entre lealdade e amor é cruel, mas é uma escolha que só tu podes fazer, em teu coração e em teus desejos. Que o amor e a lealdade sejam dois rios que se encontram em teu coração e, no encontro de suas águas e suas lágrimas, formam um oceano de esperança e redenção, onde todos os seres humanos podem mergulhar e renascer.”

Ao longe, ao redor do castelo, as tempestades violentas começaram a ceder lugar a luzes tênues que se insinuavam no horizonte, anunciando o amanhecer e a paz que, em breve, testemunhariam a batalha mais difícil e assombrosa de todos os corações.

Revelação do amor proibido

A noite envolvia o castelo de Torres de Almourol num manto de veludo escuro, afogado em silêncio e mistério. No interior das muralhas, luzes tremulavam nas janelas, como olhos inquietos que vigiam o escuro em busca de respostas e segredos. O vento soprava e gemia nas ameias e torres, como uma canção de amor e desespero que ecoava através do tempo e se perdia nas sombras dos segredos guardados nos corações e nas memórias dos que

ali habitavam.

Poucos perceberam o brilho súbito e traiçoeiro das estrelas, como se quisessem revelar o drama e a paixão que ardia, em segredo, no fundo das almas dos amantes, que se encontravam, escondidos, no recôndito do castelo. Nas dobras das tapeçarias e nas frestas das pedras, parecia iluminar-se um segredo, uma traição, uma promessa de amor e de sacrifício que, a cada instante, ia se completando e se desfazendo no silêncio e na solidão.

Os corredores do castelo, tortuosos e sombrios, ecoavam os passos apressados e receosos de Isabel, sua respiração agitada e seu coração palpitante se confundindo com os rumores da noite e da guerra que se insinuavam a cada giro e a cada sussurro. A angústia, a dúvida, o medo e o desejo se entrelaçavam em seu ser, como uma teia de aranha artilosa e indestrutível, onde encontrava e perdia seu destino e sua liberdade, em meio ao sonho e ao pesadelo, ao prazer e à dor.

De repente, seus olhos se arregalavam e se iluminavam como luas cheias no escuro infinito, fixando-se na penumbra que se movia e se moldava diante de seus sentidos assustados e extasiados. Amir surgia das sombras, como uma aparição envolta em sombras e murmúrios, sua figura alta e esguia se desenhando lentamente no tumulto da noite e da tormenta. Seu olhar penetrante e suplicante cruzava o espaço e a distância que os separavam, como uma flecha que se precipita, certa e violenta, em busca de seu alvo e de seu desígnio.

”Isabel!” - sussurrava Amir, sua voz se arrastando e se quebrando, como um lamento e uma súplica que se abraçam no abismo, no frio e na solidão.

”Amir!” - respondia Isabel, as lágrimas rolando, quentes e dolorosas, pelo seu rosto pálido e lívido, como um presságio de desespero e de coragem.

Em seus olhos, em seus gestos, em seus sussurros, em suas mãos que se buscavam e se afastavam, como as ondas do mar e as asas do vento, no tumulto e na paz que os envolviam e os atormentavam, pareciam desvelar-se lentamente um segredo, um enigma, um drama além dos limites conhecidos do amor e da traição, além das convenções e dos princípios que os sustentavam e os oprimiam.

”Não podemos mais continuar assim, Amir.” - dizia Isabel, seu rosto marcado pela urgência e pela coragem que lhe gritavam a cada instante e a cada suspiro.

”Eu sei, Isabel, mas não há outra saída, outra esperança, além do nosso

amor e da nossa fé, que nos guiam e nos consomem como fogo e como abismo, como vida e como morte, como guerra e como redenção.” - respondia Amir, seu olhar enternecido e aflito se afogando na imensidão dos olhos de Isabel, que o encaravam com um desejo e uma desesperança inatingíveis, como se quisessem alcançar a paz e a esperança que tanto almejavam e tanto temiam.

”Mas quem pode saber, Amir, o que o futuro nos reserva, que sombras e que luzes se escondem nas dobras do tempo e da eternidade, que dilemas e que provações nos aguardam em cada passo, em cada ato, em cada escolha que fazemos em nome de nosso amor e de nossa lealdade?”

”Somente o amor verdadeiro e inabalável, Isabel, pode nos libertar das amarras da guerra e da traição, do medo e do ódio que nos cercam e nos perseguem, como fantasmas e demônios que se alimentam de nossas fraquezas e de nossos desejos.”

No silêncio e na solidão da noite, envoltos no mistério e na tempestade que se agitavam ao redor deles, Isabel e Amir se abraçavam e se beijavam com uma paixão e uma ternura inexprimíveis, como se quisessem selar, naquele instante imortal e fugaz, a promessa e a despedida que os uniam e os separavam, como a vida e a morte, como a guerra e a paz, como o amor e a traição.

D. Afonso enfrentando um dilema

No fundo de seus olhos, D. Afonso Henriques via ressoar, como um espelho sombrio e abissal, o destino e o dilema que se abatiam sobre ele, como um furacão que ameaçava arrastá-lo, a ele e a todos os que amava e liderava, para um abismo de dor e de perdição, do qual jamais conseguiriam retornar.

A bomba que caíra em seu colo era pesada como chumbo e ardente como fogo - o segredo de Isabel e Amir, a traição que, por amor e por desespero, ousaram cometer em nome do coração e do sonho que os unia, na guerra e na paz, nos momentos de luz e de sombra que se espalhavam e se entrelaçavam diante de seu olhar.

E, como se todos os demônios do inferno e todas as guerras da terra se misturassem e se juntassem em um só furor de ódio e de vingança, D. Afonso Henriques sentia, em sua carne, em seu sangue e em sua razão, o dilaceramento e o embate de todas as forças e de todas as paixões que, até

então, o haviam comandado e o haviam levado a se tornar o que era, o que sempre almejava ser - um líder, um guerreiro, um rei.

Sentado à mesa de seu aposento no Castelo de Guimarães, frente ao mapa de Portugal, D. Afonso Henriques lutava consigo mesmo, buscando nas linhas do território ganhado, no traço de seus exércitos e na coragem de seus homens, a chave e a resposta para o dilema que o enlouquecia e o confundia a cada minuto, a cada sussurro e a cada lágrima que seu coração, seu ódio e seu amor deixavam escapar.

”Sei que Isabel é como uma irmã para ti, meu senhor”, disse Alfonso de Azevedo, interrompendo o silêncio angustiado e aterrado que se instalara entre os dois, como um abismo de desespero e de esperança que se abria diante dos olhos e dos corações de ambos. ”Sei também que não gostarias de ver teu reino e teu povo em perigo, por causa de um amor ou de uma traição que, embora inesperados e indomáveis, te queiram revelar as profundezas e as armadilhas do coração humano, das paixões e dos interesses que povoam e entrelaçam as nossas vidas como um labirinto de promessas e de emboscadas.”

D. Afonso Henriques fitou o conselheiro com um misto de súplica e de desdém, como se quisesse e, ao mesmo tempo, não pudesse compreender e aceitar as palavras e a sabedoria que, de seus lábios, brotavam como um manancial de luz e de verdade que, ainda assim, não bastava para apaziguar e iluminar a tormenta que lhe agitava o espírito e a alma.

”Não sei, Alfonso”, murmurou D. Afonso Henriques, seus olhos perdendo - se nas sombras que brincavam e aprisionavam os dois, como um jogo perverso e soberbo de poder e de fraqueza, de segredos e de revelações que se cruzavam e se confrontavam, desafiando a poesia e a ironia do tempo e do amor.

”Não sei se poderia, se desejaria ou se conseguiria trair a amizade e a confiança que nasceram entre Isabel e eu, e que me unem e me prendem a ela como se fossem os laços de sangue e de alma, de guerra e de redenção que selam e enobrecem minha coroa, meu destino e meus sonhos.”

”Sei, porém, que sou também um homem e um rei, meu senhor”, prosseguiu Alfonso. ”Que a lealdade, o dever e a honra me impelem a proteger, a lutar e a morrer por minha nação, por meu povo e por minha fé, em todos os campos e em todas as batalhas que, em meu nome e em nome de meus ideais, a vida e a morte me reservam, na glória, na derrota e no sacrifício.”

Por um instante, D. Afonso Henriques pareceu hesitar, como se quisesse encontrar, em seu coração, na razão e na coragem de Alfonso de Azevedo, uma resposta, um alívio, um perdão para o dilema e para a decisão que, em seu íntimo e em seu desejo, lhe rasgavam e lhe despedaçavam a alma e o destino.

Então, como se um raio de luz rompesse as nuvens e as trevas que lhe envolviam e lhe aprisionavam, D. Afonso Henriques ergueu-se e encarou, com firmeza e com esperança, o abismo e a tormenta que se abriam e se fechavam diante de seu caminho e de sua vontade.

”Talvez, Alfonso”, concluiu, sua voz embargada e trêmula, mas ressoando, ao mesmo tempo, como um trovão que estremece os céus e a terra, num presságio de vitórias e de renascimento, de amor e de lealdade que, em seu coração e em seu dever, lhe abririam e revelariam os caminhos secretos e assombrosos do poder, da honra e da salvação.

”Talvez seja este o preço e o legado que, como rei e como homem, devo pagar e carregar aos ombros, pela conquista de minha coroa e de meu povo, pela glória e pela dignidade de ser um leão que se ergue e se debruça, no trono de Deus e da justiça, pelo amor e pela coragem que semeio e colho nas terras e nos corações deste reino que, por meu sangue e por meu sacrifício, um dia se tornará, eterno e inabalável, um bastião de luz e de redenção, onde amor e lealdade se unem e se desencontram, em um poema de vida e de esperança que os tumores da guerra e da traição jamais haverão de apagar ou de corromper.”

Aliança inesperada entre Portugal e mouros

No coração da noite, branding of hot wax on an official envelope illuminated the secret chamber onde dois homens e uma mulher se encontravam, às escondidas. O silêncio cortante de suas palavras abafadas ecoava como um lamento distante do passado, e adensava-se em uma névoa sombria que os envolvia em um abraço apertado e sinistro.

”Devemos agir rapidamente, Hassan al - Fadil”, afirmava D. Afonso Henriques, seu rosto endurecido pelo peso do poder e da tristeza, mas resplandecendo com a chama ardente da decisão e da coragem que sempre o haviam guiado e incendiado em sua luta pela independência, pela glória e pela honra de seu reino e de seu povo. ”A situação é insustentável, e

somente uma aliança inesperada e arriscada entre nossas nações, nossos exércitos e nossos corações poderá nos salvar da catástrofe, do ódio e da destruição que se avizinham e nos ameaçam, como sombras dantescas e vorazes que se alimentam de nossos sonhos e de nossa esperança.”

O general mouro Hassan al - Fadil, embora surpreso e desconfiado do chamado repentino e ousado de D. Afonso Henriques ao encontro secreto, concordava com a urgência e a desesperança do momento. Por mais que fosse leal ao seu povo e às suas tradições, o guerreiro sagaz conhecia, em seu íntimo e em sua sabedoria, que a guerra e a vingança eram inimigas fatais da paz e da prosperidade de seu país, e que somente uma aliança inédita e corajosa entre mouros e cristãos poderia abrir as portas e os caminhos para um futuro de honra e de reconciliação, onde o amor e a tolerância triunfariam sobre as cicatrizes do ódio e do passado.

”Tens razão, D. Afonso”, disse Hassan, sua voz grave e profunda como o ribombar de um trovão distante, mas também carregada de um alento e de uma fé inabaláveis, como se acreditasse, no fundo de sua alma, na possibilidade e na força de uma amizade e de uma aliança redentoras e eternas. ”E eu estou disposto a enfrentar a ira de meu povo, as traições e os perigos que certamente se interporão em nossos caminhos, para lutar, ao teu lado e ao lado de todos aqueles que acreditam na paz e na dignidade de nossas nações e de nossas crenças, contra os monstros da guerra e da destruição que nos cercam e nos devoram, como víboras venenosas e impiedosas que se alimentam de nossas almas e de nossas esperanças.”

Isabel, a mulher silenciosa e angustiada, observava a cena com uma intensidade e uma melancolia que pareciam querer transbordar e se revelar, a qualquer momento, em um grito e em um pranto que lhe rasgassem e lhe afogassem o peito e o coração. Os olhos de D. Afonso Henriques cruzavam os dela com uma simpatia e um sofrimento carregados de dilemas e de questionamentos, como se quisesse protegê - la, ampará - la e, ao mesmo tempo, confrontá - la com a escolha e o destino que ambos deveriam enfrentar e cumprir, em nome da paz e da redenção que tanto buscavam e tanto temiam.

”Ficarei eternamente grato, Hassan”, prosseguiu D. Afonso Henriques, seu olhar e sua voz se aprofundando e se fortalecendo na certeza e na esperança que emergiam e fulguravam em seu coração e em sua mente, como um farol que, em meio à tempestade e à escuridão, os guiasse e os salvasse

dos abismos e das armadilhas das ondas, dos ventos e das paixões que lhes rebelavam e lhes consumiam. "E, neste instante, invoco e juro, diante de ti, de Isabel e de Deus Todo - Poderoso, que meu amor e minha lealdade à nossa causa e à nossa aliança estarão acima de minha vida e de minhas convicções, como um estandarte e uma promessa que jamais se despedaçarão ou se apagarão, mesmo diante do tumulto e do lestro da guerra e da traição que nos espreitam e nos sufocam, como sombras insaciáveis e avejentadoras que se alimentam de nosso passado e de nosso destino."

O pacto estava selado, o desafio lançado, o alvorecer da esperança e da reconciliação ardia e se agigantava, como um crepúsculo impetuoso e glorioso que, em um suspiro e um abraço apertado, prometia e se anunciava à sombra dos castelos, das trincheiras e dos corações que, secretamente e destemidamente, se uniam e se confundiam em um poema de vida, de morte, de amor e de lealdade transcendentais e inesquecíveis.

O peso das decisões difíceis

Isabel de Trastâmara caminhava pelos corredores do castelo de Guimarães com passos pesados, como se carregasse um fardo invisível sobre os ombros. A angústia que lhe consumia a alma a cada novo passo era como um espectro que a perseguia pelos recantos escuros, testemunhando a batalha que travava consigo mesma. A decisão que precisava tomar parecia lhe despedaçar o coração com a certeza de que cada caminho que escolhesse deixaria um rastro de dor e de remorsos.

Seu coração batia forte e temeroso ao se aproximar da sala secreta onde o rei D. Afonso Henriques esperava com o semblante sombrio, seu olhar severo como o fogo que devora a noite e suas memórias. Ele também estava atormentado pelos dilemas e pelas traições a que estava exposto, como um líder obrigado a escolher entre o amor e a honra, a justiça e a paz.

"Isabel", murmura D. Afonso, sua voz grave e pesada como o vento que arrasta as cinzas do inferno e as sombras do céu, em um sopro solene e retumbante que arrepiava e enterneceria o coração até do mais valente guerreiro. "Eu lhe chamei aqui porque confio em você. Eu acredito que você entende o que significa ser leal e verdadeira aos ideais e às pessoas que consideramos mais próximas e queridas."

"Sua lealdade está presente em seu sangue, como resultado dos sacrifícios

feitos por seus antepassados, e sei que você honra seu nome através de suas ações. Acredito também que seu amor pelo nosso reino e pela paz em nossas terras seja genuíno e puro.”, continuou D. Afonso, observando a mulher que se tornara tão importante para seu reino e sua vida.

”Deveras, meu senhor”, responde Isabel com as palavras humildes e trêmulas, mas seu olhar firme e corajoso como os olhos de um guerreiro que sabe e aceita o destino que o espera, nos campos de batalha e na noite das decisões que mudam tudo. ”Daria minha própria vida em nome da honra e do amor que tenho pelo nosso povo e nossa terra.”

”Só que agora, Isabel”, explica D. Afonso com uma nota de sabedoria e tristeza na voz, como se adivinhasse e lamentasse o sacrifício enorme que estava prestes a pedir à mulher que tanto admirava e respeitava. ”Tenho que lhe pedir algo mais difícil do que apenas dar sua vida pelo reino.”

”Sua lealdade, seu amor e sua fé serão colocados à prova, em uma missão perigosa e crucial que poderá mudar a trajetória do conflito que assola nossa terra.” D. Afonso agora falava com a autoridade de um líder, mas também com a ternura de um amigo, que compreende e compartilha a dor e o dilema que enchiam aquele espaço e aquele ser.

Isabel sabia o que viria a seguir. A cada palavra que o rei pronunciava, ela sentia o aperto em seu peito aumentar. Mas sabia que não tinha outra escolha, e que não podia deixar seu povo desamparado.

”D. Afonso”, ela murmurou, sua voz firme, mas dolorida. ”Eu estou pronta para fazer o necessário em nome do nosso reino. Mesmo que isso signifique sacrificar meu amor por Amir.”

Era isso que D. Afonso esperava ouvir, mas as palavras de Isabel pareciam criar um vazio dentro dele, um lamento silencioso que ecoava pelos corredores do castelo. Por um breve momento, o destino de todos aqueles que ali estavam pareceu se cruzar e se fundir, em um abraço apertado e desesperançoso que se desenrolava sobre os ombros cansados e feridos dos homens e mulheres que se uniam e se desconstruíam, na engrenagem desse mecanismo chamado história. Ninguém sabia ao certo o que aconteceria a seguir, mas todos sentiam o fardo inescapável das decisões difíceis que teriam que ser tomadas.

Havia uma promessa de paz e esperança pairando no ar, mas também a certeza de sacrifícios e perdas inimagináveis que marcariam para sempre o destino do Reino de Portugal, de seus líderes e dos amantes improvisados

que, juntos, enfrentavam a tormenta do poder e do amor.

Chapter 9

O cerco de Lisboa

encarnava não somente uma batalha entre mouros e cristãos, mas também a luta entre lealdades divididas, entre o amor incondicional a uma terra e o desejo de paz e redenção, que se infiltrava no coração do rei D. Afonso Henriques e nas almas de todos aqueles que, como Isabel de Trastâmara e Amir ibn Malik, marchavam e enfrentavam os demônios da guerra e dos tormentos que lhes feriam e lhes embriagavam a consciência e a esperança.

As torres e os muros de Lisboa tremiam e clamavam, em um coro de gritos e súplicas desesperadoras, diante dos golpes e dos açoites impiedosos das espadas, dos aríetes e dos arqueiros que, noite e dia, desafiavam e ameaçavam a resistência e a dignidade dos mouros e dos cristãos que, no reduto derradeiro e solitário de suas fortalezas e de seus lares, lutavam por uma causa e por um ideal que pareciam se esfacelar e se confundir a cada passo e a cada gesto que davam e que recebiam.

”Não podemos ceder nem um palmo a mais, nem um momento a mais, nem uma vida a mais!”, rugia o general mouro Hassan al-Fadil, sua testa e suas mãos banhadas de suor e de sangue, enquanto tentava erguer e fortalecer o ânimo e a esperança dos guerreiros e dos civis que, exaustos e acuados, amparavam-se e apoiavam-se nos muros e nos cantos das ruelas e das torres que se desmoronavam e se liquefaziam, como areia e cinza sopradas pelo vento e pelo fogo de um temporal que não encontrava fim nem salvação.

”O nosso soberano e os nossos filhos hão de nos recompensar e nos louvar pelas façanhas e pelos sacrifícios que, em nome de nossa honra e de nossa dignidade, enfrentamos e suportamos, diante dos inimigos e dos carrascos

que nos amaldiçoam e nos perseguem, como serpentes e caçadores que nos farejam e nos assombam, a cada instante e a cada clamor que se ergue e se despedaça, como a onda que, indómita e furiosa, avança sobre a praia e sobre a rocha losna que nos abriga e nos protege”, replicava o velho e corajoso Alcaide Al-Malik, enquanto distribuía e partilhava, como um anjo ou uma luz reconfortante, o pouco pão e a pouca água que restavam, entre os homens, as mulheres e as crianças que, acuados e temerosos, escondiam-se e resistiam nas cavernas, nas igrejas e nas escolas que o cerco e o terror haviam transformado, como por um sortilégio maligno e cruel, em catacumbas e em prisões de um horror e de um infortúnio cujo desfecho e cuja medida pareciam escorrer, como chuva e lágrimas, pelos dedos do tempo e da aflição que lhes embargavam e lhes sufocavam a coragem e a esperança.

”Não tremamos nem desfaleçamos, homens de fé e de coragem!”, clamava, no outro lado do campo de batalha e do cerco amaldiçoado, o rei de Portugal D. Afonso Henriques, seu olhar e sua voz inflamados e cintilantes pelo júbilo e pelo ardor da paixão que o consumia e o enaltecera, a cada passo e a cada vitória que lhe marcava e lhe enobrecia a trajetória e o destino hercúleo que, desde o princípio, parecia enlaçar e elevar, como um manto e uma cruzada inabaláveis, o coração e a mente daquele herói e daquele leão que não temia nem se curvava, como o corcel e o vento que não temem nem se curvam, diante dos obstáculos e das adversidades que o mundo e os homens lhes impõem e lhes legam, como jóias e tesouros que apenas o valor e a ternura de uma alma e de um guerreiro que se reconhecem e que se superam, diante da sombra e do espelho que os atormentam e os desafiam, poderão e saberão conquistar e transformar, em um legado de glória e de reconciliação, de amor e de perdão eternos.

Isabel de Trastâmara e Amir ibn Malik esgueiravam-se e corriam, entre as vielas e as vielas de um labirinto escuro e traiçoeiro, onde a sombra do passado e do futuro os envolvia e os arrastava, como cordas e nuvens negras e implacáveis, a um destino e a uma escolha que lhes feriam e lhes tolhiam o coração e a alma, como martelos e lanças que, num golpe e num ritmo demencial e descompassado, tentavam despedaçar e aniquilar, como um farol e um tufão que se enfrentam e se devoram, a luz e a vida que, apesar de todos os medos e de todas as dúvidas que os atormentavam e os ameaçavam, resistiam e fulguravam, como um cântico e um milagre que somente os olhos e os abraços que se impelem e se tocam, como raios e

chuvas que se entrelaçam e se completam, em meio ao vórtice e ao cálice da tormenta e da renúncia que os embriagavam e os amavam, como a lua e o sol que se amam e se perdem, na via-láctea e na rota que o tempo, o coração e os astros e as lendas há muito lhes sonharam e lhes traçaram, como um pergaminho e uma poesia que apenas duas almas e duas línguas que se descobrem e se veneram, na noite e na neblina das horas e dos anseios que não se apagam nem se silenciam, como a saudade e o crepúsculo que se eternizam e se confundem, mesmo diante do olvido e do inferno que, enevoados e trôpegos, a espreita e a dor que não se emudecem, mesmo diante do vazio e do céu que, eternos e vigilantes, os entesperam e os ofuscam, como gaivotas e segredos que se enovelam e se esvoaçam, nos fios de uma teia e de um jardim que se bordam e se tecem, pelo ciciar e pelo arpegio das mãos e das cantilenas que se enlaçam e se reconhecem, como um ramo e uma meada que se partem e se revoltam, na corrente e na núpcia que se soltam e se acalentam, como chamas e cavaleiros que se amparam e se revelam, ao pé de uma cruz e de um alvo que apenas os olhos e as vozes que se calam e se abraçam, no silêncio e na romaria da vida e da morte que não se findam nem se extinguem, como lápida e compasso que se escorrem e se afligem, no derradeiro e no etéreo sopro e relento que os embalam e se enredram, na penumbra e na prece de um adeus e de uma sexta-feira que se apartam e se cruzam, como espadas e brasões que se apartam e se cruzam, em um leito e num destino que, apesar de todas as angústias e de todas as astúcias que os expiam e os atravessam, como espinhos e pontes que se cinzelam e se estreitam, como galhos e estrelas que se plasmam e se enrazam, em um jazigo e em uma página que os sentimentos e os martírios que se cruzam e se confundem, como suspiros e orvalhos que se transmutam e se entrelaçam, em um hino e em uma centelha que não se apagam nem se desmembram, como um abraço e uma carícia que se assoalham e se retêm, úmeros e cativos, à sombra de uma paz e de um paraíso que somente o

Preparativos para o cerco

Em um salão, iluminado pela fraca luz de velas e pela lua cheia que brilhava sobre a Península Ibérica, D. Afonso Henriques e seus mais próximos conselheiros se reuniam para planejar um dos momentos cruciais de todo o conflito entre mouros e cristãos. A cidade de Lisboa seria a chave para a vitória,

mas sua conquista exigiria a elaboração de uma estratégia impecável.

Alfonso de Azevedo, o mais experiente e leal conselheiro de Afonso, traçava planos elaborados sobre o mapa, enquanto outros, como Fernando, o Bravo, ofereciam informações e opiniões valiosas. Afonso, por sua vez, ouvia atentamente a cada palavra, cada estratégia proposta, tentando elaborar a abordagem ideal em sua mente estrategista.

Mas, naquele momento, a mente e o coração de Afonso estavam assolados também pela revelação do relacionamento entre Isabel e Amir. Tentando afastar os pensamentos de traição e de sentimentos que o consumiam, ele se esforçava ainda mais para se concentrar na tarefa à frente. Determinou que usaria o amor proibido dos dois a favor de seu reino e, talvez, na conquista do coração de uma cidade que poderia ser sua grande aliada.

- Há algo que me inquieta, Alfonso- disse D. Afonso Henriques em voz baixa, lançando um olhar agudo ao conselheiro. - Diga - me, precisamos de um ataque direto às muralhas de Lisboa? Não poderíamos usar mais subterfúgios, equipes menores infiltradas, para abrir as portas de dentro?

Alfonso de Azevedo apertou os olhos, meditando sobre a sugestão do rei. Sua mente arguta compreendeu, instantaneamente, o desejo não dito de Afonso: a possibilidade de usar o vínculo entre Isabel e Amir para infiltrar-se na cidade murada.

- Certamente, senhor, é possível. - respondeu Alfonso, cauteloso. - Tem em mente alguém que possa cumprir essa missão? Alguém em quem possa confiar verdadeiramente?

Afonso hesitou por um momento, antes de inalar profundamente e responder:

- Tenho. Creio que podemos usar o amor de Isabel e Amir para alcançar nossos objetivos.

Os olhos de todos se arregalaram com tal revelação. A atmosfera no salão tornou-se mais densa, pesada pelo misto de indignação e incredulidade que permeava o lugar. Fernando, o Bravo, deu o primeiro passo em direção ao rei, expressando as palavras que punham na ponta de sua língua:

- Vossa Majestade, confiar a nosso inimigo a responsabilidade de infiltrar-se em Lisboa? Tem certeza disso? É um risco enorme!

As palavras de Fernando ecoavam no salão, amplificando o eco de incerteza que se espalhava como ondas de inquietação.

D. Afonso Henriques ergueu a mão, pedindo silêncio a seus conselheiros,

antes de finalmente explicar seu raciocínio:

- Há riscos em tudo, Fernando. No entanto, acredito que esse pode ser um risco calculado e necessário. Se meu plano funcionar, poderemos adentrar Lisboa com muito menos derramamento de sangue e, assim, unificar Portugal ainda mais rapidamente.

Houve um breve momento de silêncio, quebrado por uma interjeição de Beatriz de Lara, temente ao futuro de sua amiga:

- E Isabel, como fica nisso tudo, senhor?

Os olhos do rei encontraram os de Beatriz, chama contra chama, antes de responder, resignado:

- Isabel tem uma parte-chave em tudo isso. Não nego que ela também terá de abrir mão de certos princípios. Mas acredito que, posta à prova, ela também tomará a decisão certa pelo bem de nosso povo.

A atmosfera se acalmou, tensa, mas compreensiva. Alfonso de Azevedo, lendo o olhar concedente dos demais presentes, retrucou:

- Então é o que faremos, senhor. Vamos coordenar nossos planos e incluir essa nova estratégia com Isabel e Amir, em prol da conquista de Lisboa.

Todos concordaram, de maneira muda, sabendo que os desdobramentos dessa decisão, bem como da trama sombria entre dois amantes e duas nações, seriam tão imprevisíveis quanto os próprios ventos do destino. E assim, portas adentro daquela sala de conselhos, um novo plano começava a ser traçado, selando o destino não apenas de Lisboa, mas também de Isabel, Amir e os demais membros de ambos os lados do conflito.

Desafios e estratégias de D. Afonso Henriques

Apenas a lua cheia pairava como testemunha, brilhando sobre a península e o coração atribulado de D. Afonso Henriques. Era uma noite silenciosa e sombria, quando o rei caminhou, imerso em um mar de pensamentos complexos e falhos, pelos corredores sombrios do castelo de Guimarães. Seus compromissos do dia já haviam se esgotado, mas o sono teimava em fugir-lhe, deixando-o solitário com seus medos e dilemas.

Incapaz de conter o tormento de sua alma, D. Afonso praguejou baixinho ao vento, revelando com veemência os segredos que o afligiam:

- Isabel e Amir Por todos os santos, como puderam me trair desta maneira?

Neste exato momento, do outro lado do castelo, Isabel e Amir partilhavam da agonia silenciosa e voraz de seu último encontro às escondidas. Sentados à sombra de velas que pareciam cintilar com tristeza, eles trocavam palavras com o coração na boca, pesadas pelo fantasma da culpa e do perigo que os rondava.

- Amir, não restam mais dúvidas- disse Isabel, voz trêmula e afogueada pelos sentimentos que deveriam abandonar-. Meu irmão sabe de nosso amor. Seja por insinuação de Beatriz ou por simples ciúmes, tudo foi revelado.

Amir continuou a olhá-la com infinita ternura, mesmo que si mesmo desejasse que naufragio. Aquela mulher que amava desfigurava-se em uma dor que reconhecia também como sua. Cada palavra sua era como um eco do próprio destino, ameaçando desabar sobre ambos como uma tempestade violenta, capaz de consumir todas as suas esperanças e ilusões. Mas ele não deixaria que aquilo se consumisse. Não enquanto ainda houvesse um fio de humanidade que os unisse.

Tomou a mão de Isabel, tremulante e suada, e lhe sussurrou uma prece que a eles e a sua coragem ainda restava:

- Acredite em mim, meu amor, quando digo que há uma saída para nós. Não posso abandoná-la nem deixar que a consumam as trevas e o fio curto das emoções. Jurei protegê-la e o farei, custe o que custar.

Isabel não pôde conter as lágrimas que lhe toldavam a visão e a torrente de palavras aflitas que transbordavam de seus lábios. Enquanto os sentimentos e as sombras se embrenhavam dentro dela, aos poucos o ânimo a abandonava. Jamais imaginou que a verdade lhe escaparia das mãos, que o último veículo do engano seria aquele mesmo que poderia traçar a diferença entre o perdão eterno e a penumbra etérea que os negaceava. Mas naquele momento, a certeza de Amir a confortava, como o abraço macio e envolvente de uma mãe.

Enquanto Isabel e Amir formulavam um plano desesperado e infrutífero, D. Afonso Henriques mascarava seu ódio e seu medo com a mesma coragem que traçara o futuro de seu reinado conflituoso. Sentado diante do mapa das cidades e territórios que buscava conquistar, traçava com impulsos concêntricos e agudos o caminho que uniria de vez seu país. Mas a união que buscava para seu povo custaria a mesma fratura do seu próprio coração, deixando-o partilhar entre os conflitos internos que não se dissipavam e as convicções que definiram sua natureza.

Em meio à paz tênue e frágil que restava aos protagonistas, o crescente rufar de guerra levava as maquinações de D. Afonso Henriques a novos desafios e empecilhos. Em uma construção de alianças inesperadas e oportunidades de vitória, a complexidade das estratégias do rei exigiram dele uma mente traiçoeira e ardilosamente cerimoniosa.

Na busca por uma conquista crucial, D. Afonso Henriques percebeu a vulnerabilidade do coração de Amir, que era o segredo final para a libertação de Portugal dos laços do passado. Embora hesitante e reticente em usar o amor e a memória de Isabel e Amir como uma arma em favor do seu próprio rei, D. Afonso Henriques fez o que sentia ser o melhor para seu povo.

A vida em Lisboa sob o cerco

No coração de Lisboa, as ruas estreitas e sinuosas vibravam com a presente tensão que habitava todos os cantos da cidade sitiada. Havia um ar pesado e sufocante que aprisionava seus habitantes como uma mortalha invisível, um silêncio premente e sombrio que os cercava como o abutre que aguarda pacientemente a inevitável queda de sua presa. A cada amanhecer, os habitantes de Lisboa compartilhavam o fardo coletivo de não saber se viveriam para ver mais um dia ou se seriam tragados pelo abismo sem fim da guerra.

Nas casas e tavernas da cidade, os vivos se protegiam das sombras que os cercavam com uma desesperada fé na sobrevivência. Os gritos instintivos e roucos das crianças eram silenciados pelos sussurros repletos de lágrimas das mães, que acalentavam seus filhos como se a firmeza de seus abraços pudesse afastar os horrores que se aproximavam.

Em meio a esses esforços desesperados para manter a vida em Lisboa, Isabel, a irmã do rei D. Afonso Henriques, caminhava incógnita pelas sombras estreitas das vielas em busca de Amir, o amor proibido que, de alguma forma, ainda a atualizava. Através da penumbra que os engolia, ela se despediu do mundo que conhecia e caminhou em direção a esse desconhecido perigoso, onde todos os seus princípios e afeições eram colocados à prova.

Era uma noite tenebrosa quando Isabel, cuidadosamente, encontrou seu caminho até Amir, vestindo um manto pesado e múltiplos véus que ocultavam sua verdadeira identidade. Este encontro secreto, mais uma vez, trazia à tona os conflitos e dilemas que affligiam o coração da jovem nobre:

seu país sitiado, a fidelidade à sua família e o futuro incerto de seu amado. Mas, apesar de todas as dificuldades, ela aceitava arriscar tudo pelo bem-estar daquele que amava.

- Amir - sussurrou Isabel, oculta pelas sombras. - Somos nós?

As palavras tremendo em seus lábios, como cristais frágeis prestes a se estilhaçar. Apesar do medo crescente que a consumia, ela insistia em buscar um último vislumbre de esperança naquele encontro furtivo.

- Sou eu, meu amor - respondeu Amir, com a voz trêmula e cheia de emoção, surgindo de trás de uma coluna que o abrigava. Enquanto a lua e as estrelas lançavam sua luz fria e taciturna sobre o casal, seus olhos se encontraram e uma chama de paixão renasceu das cinzas de seus antigos temores e dúvidas.

Nesse momento, segurando as mãos um do outro como se fossem tesouros impossíveis de serem recuperados, eles juraram enfrentar juntos todas as vicissitudes que seu glorioso e amaldiçoado destino lhes reservava.

- Eu sinto muito, Isabel Por tudo o que aconteceu e por tudo o que ainda está por vir - disse Amir, sua voz lenta e carregada de emoção. - Mesmo que o mundo inteiro conspire contra nós, saiba que estou e sempre estarei ao seu lado.

As palavras de Amir penetravam o coração angustiado de Isabel como um bálsamo que curava as chagas e inundações de seu espírito. Sob essa promessa sagrada, ela se permitiu abraçá-lo uma última vez, às lágrimas que brotando de seus olhos como fontes de redenção e renascimento.

Enquanto outros na cidade se entregavam às trevas e à desesperança, o amor secreto e proibido de Isabel e Amir se tornava, paradoxalmente, algo sólido em seus próprios corações. Eles sentiam que, através da escuridão que caía sobre Lisboa, suas almas estavam se unindo em razão de um propósito mais elevado.

- Ouvirei cada palavra sua, meu amor - respondeu Isabel, com um sorriso trêmulo e corajoso. - Independente de onde estivermos, nossos corações estarão sempre próximos um do outro. E é nessa verdade que descansarei minha fé e minha esperança.

O silêncio caiu novamente sobre a cidade sitiada, devorando todos os sussurros e as lágrimas de seus habitantes devastados. Mas nas sombras do amor proibido, de lágrimas e sacrifícios, Amir e Isabel encontravam-se abraçados, sabendo que enfrentariam juntos a batalha final que estava por

vir. A eternidade estava em seu alcance, mesmo que fosse a última medida de seu verdadeiro amor e lealdade. E como um último sopro de esperança na escuridão de Lisboa, eles se abraçavam, prometendo enfrentar juntos todos os desafios e dilemas que o destino inflexível e voraz lhes apresentava. Junto com seus destinos entrelaçados, a lua cheia e o vento noturno que rodeava os amantes, Lisboa e todos os habitantes sitiados, cada suspiro e solução de tristeza delineava sua rota de fuga tênue, prestes a desaparecer na voragem das areias do tempo e na profundeza infinda do amor enraivecido.

O dilema de Isabel e Amir

Os céus se preparavam para a descida do sol em mais uma noite sombria na cidade sitiada de Lisboa. As últimas réstias de luz desenhavam sombras alongadas no chão, permitindo que os olhos acostumassem com a penumbra que venceria a cidade até o amanhecer.

As esperanças de paz laceravam-se como farrapos ao socaire vgraufracovantes afrontas no peito dos habitantes, ansiosos pela certeza de um amanhã colorido e vivo. A cada dia que passava, a lembrança de Amir e do futuro que poderiam ter partilhado acendia-se como uma fogueira de emaranhados e brasas injúrias, ofuscando outras possibilidades de alegria.

Isabel sentia cada pedaço de sua vida escapar pelos dedos como grãos de areia ou pequenas pedras valiosas, desesperadamente fugindo de suas mãos e se espalhando pelo chão frio e inóspito. A revelação de seu relacionamento com Amir e o dilema em que se encontravam agora pareciam erguer uma parede intransponível de silêncio e angústia entre os amantes.

Contava os dias e as horas que a separavam do encontro com seu amado, mas no íntimo sabia que essa contagem era uma façanha em vão, uma tentativa fútil de aplacar a apreensão que a assombrava incessantemente. E quando finalmente pôde vê-lo novamente, a espaços curtos e tênues de realidade, quase não soube como comportar-se diante de Amir.

Todos aqueles anos de convivência e partilha, de sorrisos e beijos roubados nas sombras das noites furtivas, pareciam se desmaterializar em um instante, como se um folego a mais pudesse levá-los para longe dela. E no vácuo dessa realidade sombria, Isabel se perdia, suas lágrimas longamente reprimidas finalmente avançando pelas encostas de angústia que a tinham no cativeiro.

Amir, por sua vez, lutava internamente com as próprias emoções, fratu-

radas como facas afiadas prestes a dilacerá-lo por dentro. Ele conhecera o sentido da lealdade ao seu povo e ao seu amor, mas a descoberta do segredo de Isabel o fez questionar a própria natureza de seus sentimentos e convicções.

Em um encontro às escondidas, no escuro e sereno refúgio de um jardim florido que escondia os espinhos de suas traições, os amantes trocaram palavras tênues e incertas, como se temessem quebrar o fino véu da realidade que lhes restava.

”Por que estás tão distante?” - perguntou Isabel, com a voz fraca e trêmula, sua mão hesitante tocando o rosto de Amir como se fizesse uma carícia a uma estátua de mármore.

Amir, incapaz de encontrar as palavras para expressar sua tormenta interna, simplesmente segurou a mão de Isabel com firmeza, como se quisesse ancorá-la em uma terra firme que ambos sabiam estar escorregando sob seus pés.

”Não sei, Isabel Por mais que deseje estar ao teu lado, também sei que talvez nosso amor seja a força que despedace nosso futuro e o de nossos povos. Mas como posso desistir de ti, a luz da minha vida, a própria razão pela qual meu coração continua a bater?”

Isabel, por sua vez, sentiu o peso do silêncio crescer entre eles, como uma muralha de pedra erguendo-se por entre as palavras não ditas e as emoções sufocadas pelo medo cego do desconhecido.

”Eu também não sei”, murmurou Isabel, as lágrimas queimando em seus olhos como brasas incandescentes. ”Mas às vezes me pergunto se o amor que compartilhamos é uma bênção ou uma maldição, arquitetada pelos próprios deuses que nos observam com indiferença e desdém.”

Amir, ao ouvir as palavras de Isabel, sentiu o coração sangrar em fios de desesperança e orgulho, mas decidiu encarar esse dilema com coragem e resolução, mesmo que o futuro impusesse sombras incertas e prolongadas. E em um momento de lucidez e sinceridade, confessou à amada a própria desolação que em vão tentara ocultar.

”É verdade, Isabel Pois como podemos nutrir uma esperança enquanto nossos corações se enredam em escolhas desesperadas, abrindo novas chagas e infligindo cicatrizes que nunca mais se fecharão? Devemos enfrentar juntos esse dilema amaldiçoado e escolher nossa lealdade entre amor e pátria.”

No silêncio que se seguiu, os amantes se abraçaram com a força silenciosa

de um elo de ferro. E, mesmo que o destino ainda zumbisse alto em seus ouvidos, com dores agudas e os gritos fantasmagóricos da guerra, eles sabiam que juntos poderiam enfrentar o dilema que os afligia, forjando a própria felicidade na oficina da lealdade e do amor.

A descoberta de seu segredo por D. Afonso Henriques

Capítulo 11: Revelação Fatídica

A noite abraçou Lisboa em um manto escuro e silencioso, enquanto a batalha travada ao redor da cidade parecia ter momentaneamente cessado. Sombras se confundiam com a névoa espessa, e as estrelas pareciam distantes e ausentes, como olhos fechados para a tragédia humana que se desenrolava na terra abaixo.

Foi debaixo dessa sombra que D. Afonso Henriques chegou, solitário e reticente, aos jardins do castelo. O rei de Portugal, até então tão ativo e confiante, estava agora assombrado por dúvidas e suspeitas, e o peso de sua coroa parecia se tornar insuportável. Rumores de conspiração e traição agitavam - se como serpentes venenosas em sua mente, fazendo com que cada passo e cada gesto se tornassem incertos e vacilantes.

D. Afonso suspeitava que simultaneamente Isabel e, mais importante, Amir, não estavam sendo completamente leais a Portugal. O rei precisava descobrir em que medida varavam, porém a escuridão sufocante e o luar turvo apenas serviam para agravar suas inseguranças e sua angústia.

Com passos hesitantes, o rei se aproximou de um cenário que o fez sentir - se como um intruso em sua própria morada. Uma luz fraca e trêmula emanava de uma janela solitária no canto do pátio, lançando grotescas sombras nas paredes de pedra. A precária iluminação ainda permitiu que D. Afonso visse o inesperado: uma figura masculina inclinada sobre a janela e uma sombra feminina parada logo atrás.

Um suspiro escapou dos lábios de D. Afonso ao mesmo tempo em que seus olhos ardiam e seu coração se comprimia em uma dor lancinante. Lá estavam eles, Isabel e Amir, conversando em segredo com uma intimidade tácita que D. Afonso jamais esperaria presenciar entre dois inimigos de nações em guerra.

De seu ponto de vantagem na penumbra, D. Afonso observou a cena com crescente consternação. A postura dos dois amantes era tão familiar,

tão absurda, e ainda assim tão inesperadamente comovente. Como poderia algo tão terrível, tão traiçoeiro, parecer tão terno aos seus olhos?

Os olhos do rei se fixaram em um gesto aparentemente pequeno e insignificante. Amir tocou a mão de Isabel suavemente, como se pedisse permissão para segurá-la. Era um gesto tão carinhoso, tão simples e honesto, que a raiva e o ciúme que enchiam o coração de D. Afonso começaram a falhar e a desfazer-se como serradura levada pelo vento.

A angústia dentro de sua mente flagelava cada canto de seu ser, ameaçando consumi-lo com sua negra voracidade. Mas, mesmo assim, D. Afonso Henriques lutava para manter o controle de si mesmo, buscando um fio de razão em meio ao caos de sentimentos e medos.

Inesperadamente, seu olhar se desviou de Isabel e Amir e se fixou em outro grupo de sombras traiçoeiras. Aqui, também, parecia haver uma história de amor e lealdade silenciosa, mas escondida e insondável. Uma frágil, porém resiliente mulher, Beatriz de Lara, mantinha-se à margem da cena, observando Isabel e Amir com uma mistura complexa de devoção, compreensão e preocupação.

Beatriz também estava ciente dessa trama secreta e ainda não revelara nada a D. Afonso. Este, então, percebeu a profundidade das lealdades entrelaçadas e dos medos compartilhados.

Com um desespero febril, D. Afonso Henriques teve de tomar uma decisão crucial: arrancar a venda de sombras e traições e enfrentar o amor secreto de Isabel e Amir, admitindo que sua própria coroa, legado e futuro poderiam partir-se sob o peso dessa devastadora revelação.

Foi com passos trêmulos e palavras engasgadas que D. Afonso se aproximou das figuras atrás da janela, determinado a enfrentá-las com todas as forças de um rei e as feridas de um amigo traído. E como as sombras se dissipavam diante da coragem de um rei decidido, a luz fraca e trêmula de uma nova esperança iluminava a senda tortuosa do destino que todos os habitantes de Lisboa deveriam trilhar.

Usando a relação de Isabel e Amir para vantagem de Portugal

Capítulo 11: A Utilização do Amor Proibido

Em uma noite intempestuosa, o céu de Lisboa estava manchado com

uma pinclada escura de temor e incertezas. D. Afonso Henriques inquietava-se em seu aposento solitário, repassando a estranha descoberta que havia feito e cavilando sobre como poderia empregar a relação secreta de Isabel e Amir em benefício de Portugal.

Os pensamentos do rei, contudo, estavam também atormentados por suas próprias emoções ambivalentes. A raiva e a sensação de traição persistiam, mas também sentia uma estranha compaixão por Isabel, mesmo que isso o irritasse. Ela havia sido sempre uma figura enigmática e, mesmo em meio à história de amor ilícito, emergia como uma personagem revestida de uma couraça impenetrável, e talvez inacessível até mesmo ao coração apaixonado do rei.

D. Afonso, perdido em seus pensamentos, deparou-se com um arдил em seu plano de utilizar o amor secreto de Isabel e Amir pelos interesses nacionais. Convocando Alfonso de Azevedo, o conselheiro outrora fiel e sábio, o rei desabafou sobre sua descoberta, talvez em um gesto de buscar algum alento nas palavras de um amigo.

”Do que me adiantaria revelar o segredo dos dois amantes e utilizá-los como peões em meu xadrez político, se o meu próprio coração parece interessado em intervir e arruinar meus planos?” - perguntou D. Afonso, mais para si mesmo do que para o conselheiro.

Alfonso de Azevedo surpreendeu-se com a revelação, escondendo com maestria o choque em sua voz. ”Vossa Majestade, não posso negar que a notícia me abala por inteiro. E ainda assim, acredito firmemente na vossa sabedoria e discernimento. Se a relação entre Isabel e Amir pode ser benéfica à nossa causa, temos o dever de explorar essa possibilidade, por mais que nos cause desconforto.”

O rei suspirou, pesaroso e confuso, mas resignado a prosseguir com o plano maquinado. ”Então seja, Alfonso, vamos ver aonde este jogo de sombras e luzes nos levará. Convoque urgentemente Isabel e Amir à minha presença!”

Na grande sala do castelo, com a luz das tochas tremeluzindo nas paredes de pedra, Isabel e Amir ficaram frente a frente com D. Afonso Henriques. O rei, portentoso e assustador em sua coroa e manto, não hesitou em revelar-lhes que estava ciente de seu amor proibido.

”Que segredos e mentiras se escondem nos corações dos homens e mul-

heres, mesmo aqueles que juram lealdade e amizade. Não pensem que permanecerei alheio ao que acontece entre vós. Meu silêncio, contudo, não será inútil.”

Isabel estremeceu, mas manteve sua postura altiva. ”Majestade, se nossos corações nos traírem, apenas pedimos que respeite a sinceridade de nossos sentimentos e confie neles para o bem-estar de nossas nações.”

Amir, por sua vez, observava atentamente D. Afonso Henriques. Com cautela, afirmou: ”Se minha existência em solo português puder servir ao seu reino, estou disposto a prestar meus serviços, mesmo que isso signifique ficar longe da mulher que amo.”

O rei percebeu, com satisfação amarga e gélida, que tinha nas mãos dois peões valiosos em seu jogo de poder. ”Pois bem, ouçam-me com atenção. Vossos corações, entrelaçados em um destino indizível, devem agir como um elo de paz e cooperação entre nossos povos. Mas saibam que um passo em falso, uma deslealdade sequer, pode pôr em risco a união de cristãos e mouros, selada por vossas juras de amor.”

Isabel e Amir trocaram um olhar preocupado, mas determinado diante do desafio lançado pelo rei. Unidos por uma causa maior e pelo amor que os tinha em cativo, seguiram o chamado de D. Afonso Henriques, dispostos a enfrentar os desígnios do destino e a sombra da morte.

Do trono, o rei lhes observava partir, seu olhar penetrante igualmente dividido entre tristeza e satisfação. O difícil jogo de poder e amor estava agora em andamento, e somente o tempo diria se as decisões tomadas naquele momento teriam sido as mais sábias e benéficas para Portugal e seus leais súditos.

A lealdade à prova no campo de batalha

O pôr do sol descia com languidez sobre Lisboa, tingindo o céu de tons escarlates e fúcsia que se evaporavam lentamente no horizonte. A escuridão opressiva escondia-se nas sombras dos becos e esquinas sinuosas como ameaças silenciosas aguardando o momento de ataque. No pesado ar da noite, que se interpunha entre os mouros e os cristãos, pairavam nuvens invisíveis de sangue e lágrimas, como um manto sutil que se estendia pelos sonhos e temores dos soldados que dormiam.

O suspiro cansado de D. Afonso Henriques ecoou na solidão de seu

aposento, enquanto ele lutava para encontrar as palavras certas que poderiam unir seus guerreiros leais e dispersar as sombras de incerteza e hesitação. Sabia que, com a chegada iminente do dia, o equilíbrio tênue no campo de batalha se converteria em tumulto, confronto e morte. E, ainda assim, algo retorcia-se em seu coração como uma serpente encolhida e retorcida, gritando pela verdade, mesmo em meio à catástrofe iminente.

O que se escondia nos corações de seus homens, perguntou-se D. Afonso Henriques enquanto observava a sutil flutuação das sombras ao redor dele. Que segredos insidiosos e lealdades veladas traziam consigo, enquanto tomavam suas armas, erguiam suas espadas e clamavam pelo sangue inimigo? Será que, em algum lugar no profundo abismo de sua humanidade, até mesmo seus companheiros mais leais carregavam a chama negra da traição em seus corações?

A dúvida crescente envenenava a coragem do rei, fazendo com que sua confiança vacilasse e seu semblante se contorcesse com a angústia da incerteza e do medo do desconhecido.

Não hesitou mais e levantando-se pesadamente, saiu de seu aposento e caminhou em direção ao campo de batalha para confrontar seus próprios demônios e incertezas. O silêncio frio e sepulcral da noite que o envolvia apenas alimentava suas suspeitas, e foi com um coração pesaroso que chegou à clareira onde seus soldados dormiam, entrelaçados em seu próprio sono perturbado e sombras incompreensíveis.

D. Afonso Henriques aproximou-se lentamente, como se fosse capaz de vislumbrar quaisquer traições e segredos através da escuridão que o envolvia. O coração lhe batia no peito com a fúria amortecida de um tambor de guerra, seus olhos examinavam as faces dos homens que, horas antes, haviam jurado fidelidade e lealdade em seu nome e pela terra de Portugal.

A busca pelo amor e pela segurança de Isabel e Amir atormentava-o ainda mais, como se o destino conspirasse para transformar os heróis improváveis em traidores sombrios e disfarçados de confiança.

Então, D. Afonso Henriques deu-se conta do verdadeiro dilema que se escondia por trás dos ventos da guerra e das lealdades que ali lhe juravam. Uns haviam traçado um caminho perigoso em direção ao coração dos inimigos e à beira do abismo da lealdade, arriscando-se para desvendar os segredos mais sombrios e os inomináveis suspiros de sofrimento humano.

Mas, quantos dos outros soldados reunidos ali também carregavam em

- se o peso do medo e da traição, tão profundamente enterrado em seus corações, que nem mesmo a lança de um guerreiro poderia revelá-lo?

Começou então a se dirigir aos homens ali presentes, um a um, mergulhando o olhar em seus olhos e buscando os sinais da hesitação, da dúvida e da culpa. Suas palavras ferozes e corajosas soavam como clarins nas trevas sufocantes, invocando a lealdade e a coragem de cada guerreiro.

”Olhem para mim, homens de Portugal! Vereis um homem que traz consigo o legado de um reino e a esperança de um povo. Vejo em vossos olhos o medo do desconhecido, da traição e da perdiz acuada. Mas aqui erguem-se os guerreiros deste solo, e juntos enfrentaremos as sombras e guardaremos os muros de Lisboa!”

As palavras do rei ressoaram como um grito de fúria e paixão, despertando nos corações dos soldados um fogo súbito e voraz. Nenhum olhar vacilante ou sombra de traição seria capaz de se esconder diante da coragem feroz de D. Afonso Henriques.

E enquanto o vento frio do amanhecer cortava a vastidão da eterna escuridão e anunciava a chegada do dia, os homens de Portugal marchavam com determinação e lealdade ao lado de seu rei. A lealdade, tanto a de Isabel e Amir como à dos próprios súditos, fora posta à prova neste campo de batalha. E no horizonte raiava o resultado de suas ações, um novo amanhecer, carregando tanto esperança quanto dor e angústia, lembrando-lhes que, mesmo em meio às sombras, a verdadeira coragem e a fé resistiriam.

Decisões difíceis e sacrifícios

A aurora atravessava o céu em tons suaves de rosa e azul, como um pincel silencioso desenhando os contornos do reino que nascia à sua frente. Lisboa permanecia um coração pulsante e resplandecente sobre as águas tranquilas do Tejo, parecendo-se mais com um sonho enevoado do que uma cidade sitiada. Era difícil acreditar que, em poucas horas, a sorte e o futuro de milhares de almas repousariam sobre aquele palco sangrento, onde coragem e lealdade seriam provadas, de uma maneira ou de outra.

Isabel sentia um nó em seu estômago, a respiração pesada que se afogava na névoa do amanhecer. Estava ciente de que, na iminência do cerco, seus destinos estavam irrevogavelmente ligados aos de Amir e D. Afonso Henriques. O amor, que havia uma vez sido sussurrado em segredo

entre abraços apertados e beijos roubados, estava agora à mercê de um jogo de poder e paixões muito mais amplo do que jamais poderiam imaginar.

Junto a ela, Amir embainhava sua espada e ajustava as amarras do elmo, sem desviar o olhar dos arredores da cidade. "Pensaste em como seria, tudo isso? Sonhaste com nossa vitória, com nosso destino selado entre lealdades e lágrimas?" Sua voz, tensa e sombria, trazia um eco de melancolia que se perdia na brisa da manhã.

Os olhos cor de mel de Isabel encararam o horizonte, como se buscassem alguma resposta nas nuvens cinzentas que se acumulavam sobre seus sonhos. "Eu não sabia o que esperar, Amir. Quando nos conhecemos, tão pouco eu sabia sobre ti e sobre mim mesma. Tudo o que eu sentia era como um raio de luz a rasgar a escuridão interminável que me envolvia."

Ele olhou nos olhos dela com uma ternura submersa em tristeza. "Agora somos peças em um jogo mais vasto do que nossos corações, lutando por um reino que é tanto de Portugal quanto nosso. Se chegarmos até o final, então seremos consagrados como guerreiros, defensores da independência e da paz."

Isabel sentiu os olhos marejarem, as emoções transbordando de seu coração e ameaçando romper as comportas do seu silêncio. "Sei disso, meu amor. Mas é tão difícil aceitar que nosso amor esteja sujeito a tantas correntes traiçoeiras e turbulências, como uma árvore solitária em um campo devastado pela tempestade."

Amir descansou a mão sobre a mão de Isabel, enquanto suas energias se entrelaçavam em um abraço frágil e vulnerável. "O que faremos, minha amada? Que sacrifícios somos capazes de suportar em nome da paz e da lealdade?"

Engolindo as lágrimas e as lágrimas que ameaçavam cair, Isabel levantou o queixo e encarou o futuro sombrio que os aguardava. "Devemos seguir em frente e confiar na sabedoria de nossos corações, Amir. O amor que temos um pelo outro é como um farol, um guia que nos mostra o caminho e que deve ser protegido a todo custo."

Os dois soldados, agora conscientes de suas responsabilidades e do sacrifício iminente que teriam que fazer, uniram suas mãos em um gesto firme e decidido. Sabiam que, ao enfrentar as incertezas do cerco, suas lealdades seriam postas à prova e corações seriam partidos em mil pedaços. E, no entanto, em seu íntimo, sentiam que a centelha de amor e coragem

que alimentava suas almas daria energia a Portugal, à sua união e a todos aqueles que, como eles, estavam presos nas garras do destino e do medo.

Enquanto o exército de Portugal se reunia e marchava em direção às muralhas de Lisboa, num mar tumultuoso de aço e bravura, D. Afonso Henriques observava em silêncio a cena que se desenrolava à sua frente. A decisão de Isabel e Amir em continuar lutando, apesar das incertezas e da traição, foi um farol em meio à escuridão, lembrando - o dos sacrifícios que teriam que ser feitos em nome da paz e da independência.

Um suspiro pesado e amargo escoou por seus lábios, quando a realidade de suas decisões tomou forma em sua mente. No amanhecer do cerco, as trevas e a luz se enfrentariam mais uma vez, em busca de um triunfo que salvaria almas e construiria o legado de um herói. E caminhando à frente de seus soldados, com a esperança e a determinação a brilhar em seus olhos, D. Afonso Henriques preparava - se para enfrentar os demônios do passado e as chamas do futuro, que queimavam incessantemente em seu coração.

O resultado do cerco e o destino de Isabel e Amir

A nuvem de tensão e pó que pairava como uma penumbra demoníaca sobre o campo de batalha era sufocante, arrancando o fôlego dos homens enquanto eles lutavam e prendia as almas das vítimas no purgatório da guerra eterna. Por onde se olhasse, erguiam - se os esqueletos amargos das muralhas da cidade, o eco distante das risadas e dos cânticos que outrora preenchiam suas velas, agora abafados pela morte e pelo clamor das armas em choque.

D. Afonso Henriques, montado em seu corcel indomável, com o pendão de Portugal tremulando ao vento como uma saudação ao fogo da batalha, liderava seus soldados através da destruição e do caos com uma fúria quase insuportável. Por entre a névoa cinzenta e os gritos de dor e desilusão, seus olhos vasculhavam os rostos pálidos e suados à procura de Amir e Isabel, sabendo que o destino deste reino e de inúmeras almas dependia do sacrifício que eles fariam um pelo outro e pela causa.

Enquanto o sangue manchava a terra e as lágrimas encharcavam as faces dos guerreiros, Amir e Isabel encontravam - se encarando sua própria sorte em meio ao turbilhão de destruição e desespero. Paralisados diante da tempestade, lutavam com a cruel dádiva que a guerra lhes concedera, acorrentados pela obrigação de revelar a verdade, e arriscar, assim, a perda

de sua própria vida e do amor que outrora lhes havia parecido tão invencível.

"Isabel, meu amor," sussurrou Amir, envolvendo o corpo trêmulo de sua amada e tentando protegê-la dos horrores que os rodeavam. "Chegou a hora de enfrentarmos a tempestade que nos ameaçou desde o início. Devemos correr em direção ao olho do furacão e depositar nossos segredos nos braços da guerra." O pavor e a incerteza brilhavam em seus olhos, como o último lampejo de esperança antes do crepúsculo.

Isabel afastou-se com um suspiro profundo, mas determinado, percebendo os rostos asfíxiados pela guerra ao seu redor. "Sei que nosso amor foi, desde o início, como o fogo que arde em um campo de batalha, belo e voraz, mas destinado a consumir quem dele se aproxima. Minha única dúvida, meu querido Amir, é se seremos capazes de enfrentar as cinzas e aceitar o preço que teremos que pagar."

Os olhos de Amir se encheram de lágrimas quando ele ergueu o queixo e encarou a mulher que amava, com a esperança e a força brilhando através do medo e pressentimentos. "As cinzas do passado e do presente são apenas o início, Isabel. Se formos capazes de passar pela tempestade e oferecer nossos sacrifícios em nome do reino e da paz, quem sabe que sementes poderão brotar das cinzas e prosperar com a luz de um novo amanhecer?"

Foi quando D. Afonso Henriques se aproximou deles, com o olhar atolado em desconfiança e melancolia. "De pé, meus corajosos soldados. Permitam-me mostrar a todos os nossos irmãos guerreiros que a aliança entre Portugal e os mouros deve ser selada em sangue e honra, como prova de nossa dedicação à desfecho desta batalha interminável."

À medida que a batalha chegava ao seu auge e as muralhas da cidade vacilavam como um gigante agonizante sob o peso do futuro, D. Afonso Henriques trouxe os amantes desesperados diante de seus guerreiros, apresentando-os como os próprios símbolos da aliança entre as duas nações.

O coração do campo de batalha e do próprio povo parecia congelar enquanto Amir e Isabel trocavam seu último olhar terno e apertado, resignados às consequências que se seguiriam.

Diante do próprio rei e de um coro de aço e fogo, Amir e Isabel selavam o destino de Portugal e de suas almas com um beijo que era a um só tempo ardente e melancólico, uma promessa de vida futura e uma despedida aos sonhos e desejos perdidos.

E enquanto Lisboa se erguia sobre o horizonte em uma confusão de

chamas e cinzas, o herói improvável e seu amor condenado, enfrentavam a verdadeira face da guerra e do sacrifício, que sempre os perseguiu como sombras em uma terra de luz e esperança. E foi dessa forma que apresentaram ao mundo e ao destino a chama inextinguível da paixão e do amor, que um dia, tal como os próprios reinos e homens, se fundiriam nas sombras do tempo e da memória.

Chapter 10

Decisões difíceis

A consciência deles pesava como uma rocha amarrada em suas almas, arrastando - os para a escuridão que os espreitava desde o início. Aquele segredo, sussurrado às sombras do coração, clamava por liberdade e justiça, enquanto seus donos corriam desesperadamente através do labirinto de dor e incerteza.

Isabel, com os olhos opacos de lágrimas não derramadas e o peito apertado de um amor que agora lhe parecia distante e ameaçador, escondia seu rosto entre as mãos, tentando afastar os ecos das escolhas que teriam que fazer pelo bem - estar do povo e do reino.

”Não aguento mais, Amir”, murmurou ela, enquanto o silêncio engolia lentamente a antecâmara enfeitada com tapeçarias esfarrapadas e relicários de uma era passada, tênues testemunhos do poder e do orgulho de uma nação. ”Não suporto mais a tortura de saber que, para proteger a paz e a harmonia de nossas terras, devemos dar as costas ao nosso amor e nos sacrificar em nome da lealdade.”

Amir, que até aquele momento permanecera imóvel, como uma estátua esculpida do Caos que os observava de todos os cantos do castelo, envolveu a mão de Isabel com um abraço solene e determinado. ”Não escolhi amar você, minha querida”, respondeu ele, a voz aveludada banhada numa nuvem de sofrimento e paixão contida. ”Mas jurei lealdade a Hassan al-Fadil e a D. Afonso Henriques, e farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que nossas vidas não sejam levadas pela sanha insaciável da guerra.”

Alfonso de Azevedo, conselheiro de D. Afonso Henriques, apareceu. Sua expressão estava austera, como se sentisse o peso das decisões naquele

momento crucial da guerra. "Isabel, Amir, D. Afonso Henriques os convoca, pois sua aliança é agora mais vital do que nunca. Portugal e os mouros clamam por uma paz duradoura e, com seu amor, vocês sustentam a chama que ilumina o caminho para a salvação de nossos povos."

Isabel lançou um olhar suplicante a Amir, que levantou o queixo e enfrentou o conselheiro com seus olhos em chamas, os olhos do homem que, um dia, havia cruzado o abismo entre as paixões e ideais, destinado a se tornar um guerreiro de um mundo oculto e inescrutável.

"Estamos prontos, Alfonso", declarou ele, com uma bravura e coragem dignas dos heróis épicos das lendas e mitos ancestrais. "O que nos pede D. Afonso Henriques e Hassan al-Fadil, senão para trazer luz a este mundo que, de outra forma, se afundaria em trevas impenetráveis?"

A tristeza marcou o rosto enrugado de Alfonso de Azevedo. "Eles pedem que façam o sacrifício supremo e revelem a verdade sobre sua aliança diante de seus inimigos e aliados. Exigem que atemplação da lealdade e amor que vocês compartilham sirva como uma prova irrefutável do compromisso de nossa causa com a paz e a segurança do reino."

Tentando engolir o grito de desespero que se erguia em sua garganta, Isabel sussurrou, como se respondesse a uma pergunta temível: "Então este é o preço, não é? A decisão do destino a respeito de nossas vidas, de nossos corações ardentes e da corrente inabalável que nos une, apesar das trevas e do desespero?"

"É assim que ele teceu nossa história, desde o momento em que nossos olhos se encontraram pela primeira vez e nossos lábios trocaram juramentos de vida eterna, até este último episódio que nos condena a perder tudo o que desejamos e prezamos. "Não ignoro, minha doce amada, as tribulações infinitas e irremediáveis que nos aguardam e as batalhas que ainda teremos de travar pela unidade e prosperidade de nossas nações."

Isabel e Amir, resignados aos sacrifícios que seriam forçados a fazer, caminharam juntos de mãos dadas até o trono de D. Afonso Henriques. Lá, sob o olhar atento do rei e dos presentes, revelaram a verdade sobre seu amor proibido e a aliança secreta que os unia em nome da paz.

A decisão corajosa e dolorosa de Isabel e Amir selou o destino do reino de Portugal e iniciou um capítulo de esperança e reconciliação entre mouros e cristãos, dando-lhes forças para enfrentar a tempestade que ainda se abateria sobre suas terras.

Aquele gesto final, no cerne da guerra e do desespero, tornou-se um farol de luz e amor para todos os que os cercavam, lembrando-lhes do poder da lealdade e do sacrifício para alcançar a prosperidade e paz tão almeçadas por seus povos.

A intensificação do cerco de Lisboa

A noite desceu rapidamente sobre a cidade de Lisboa, engolindo os seus habitantes e guerreiros em um redemoinho de sombras e medo. As ruas, antes cheias de vida e risos, estavam silenciosas, marcadas apenas pelos soluços doloridos daqueles que tentavam encontrar algum consolo em meio à escuridão. E, enquanto o cerco se intensificava e as paredes que os protegiam tremiam sob a ameaça invisível dos canhões e armas inimigas, os corações de Isabel e Amir, que se apertavam em silêncio na clandestinidade, ardiam com uma chama indomável de devoção e esperança.

Enquanto os ecos desesperados e angustiados de Lisboa cortavam o ar em pedaços gélidos e penetrantes, D. Afonso Henriques, o líder orgulhoso e destemido cuja coragem e determinação haviam garantido a sobrevivência das terras portuguesas desde os primeiros dias da guerra, reunia-se com seus generais e comandantes no coração do castelo, a poeira do dever e da atribulação marcando cada traço em seus rostos enrugados e cansados.

”Sua Majestade, o cerco a Lisboa apenas se intensifica”, murmurou Alfonso de Azevedo, seus olhos cansados e preocupados examinando os mapas e planos cuidadosamente arranjados diante deles. ”As nossas forças estão cada vez mais pressionadas pelos constantes avanços do inimigo. Perdemos muitos homens e, se não encontrarmos uma solução para esta crescente onda de terror, muito em breve nós afundaremos em um abismo que poderá significar o fim de todos os nossos esforços e sacrifícios.”

D. Afonso Henriques olhou para o conselheiro com um olhar gélido e penetrante, e mesmo diante do desconforto e a angústia que o cercavam, conseguiu arrancar um punhado de coragem e determinação das profundezas do sofrimento e das sombras que cobriam cada metro quadrado daquela sala escurecida e abafada.

”O cerco deve e vai ser liderado por nossa sabedoria e ousadia, Alfonso de Azevedo”, declarou ele, com uma convicção que parecia romper as amarras do medo e da incerteza. ”Nunca deixaremos que as forças inimigas vençam

este jogo de xadrez que se estendeu por demasiado tempo às nossas custas. E enquanto eu, D. Afonso Henriques, estiver à frente desta luta, juro que não nos renderemos ao desespero e às trevas que ameaçam nos consumir.”

Antes que Alfonso de Azevedo pudesse responder, a porta da sala foi aberta bruscamente, revelando a imagem sombria e ameaçadora de Beatriz de Lara, cuja determinação e lealdade ao reino sempre a haviam acompanhado desde os primeiros dias de guerra e tribulação. Seus olhos, que pareciam guardar o peso de mil batalhas e sacrifícios, brilhavam com uma inquietação e desespero que mal podiam ser contidos enquanto enfrentavam o olhar penetrante do rei.

”Perdoe-me, Sire, por interromper”, sussurrou Beatriz, a voz embargada pela tensão e emoção que travavam uma batalha feroz dentro de seu peito. ”Mas trago notícias que não podem mais permanecer ocultas nas sombras e segredos que se enraizaram entre nós.”

D. Afonso Henriques acenou para que ela continuasse, enquanto Alfonso de Azevedo e os outros líderes preenchiam o ar com olhares inquisidores e interrogativos, como se quisessem arrancar a verdade de suas palavras antes mesmo de ela proferi-las.

”Traição, Sire”, exclamou Beatriz, com um gemido rouco e doloroso, como se cada palavra que profanava a sala fosse um punhal a cravar-se em seu peito. ”Isabel e Amir, que juraram lealdade ao nosso povo e ao nosso reino, esconderam-se atrás do véu do amor e da paixão e traíram suas promessas e juramentos, desprezando nossos sacrifícios e desonrando a confiança que depositamos neles.”

Um silêncio agonizante se estabeleceu na sala, enquanto o rei levantava-se de seu trono e encarava Beatriz, seu olhar inundado pela melancolia e pela ira que misturavam-se em um só redemoinho de emoções dilacerantes e extremas.

”Então a verdade, finalmente, chegou à luz”, murmurou D. Afonso Henriques, sua voz tão áspera e sombria quanto os caminhos que os haviam levado àquela perdição e ao precipício da desesperança. ”Não devemos mais hesitar ou esconder-nos atrás das sombras do medo e da incerteza. Os traidores devem pagar por sua deslealdade, mas somente depois que tivermos usado seu amor ardente e sua paixão fatal para assegurar a vitória e a glória de nossa terra.”

Alfonso de Azevedo engoliu em seco e arrastou-se para junto do rei com

olhos suplicantes e mãos trêmulas. "E quanto à Isabel e Amir, meu senhor? Estamos prontos para enfrentar o dilema de dividir nosso povo e nossos aliados em um abismo que talvez nunca possa ser preenchido?"

"Não podemos mais recuar, Alfonso de Azevedo", respondeu D. Afonso Henriques com a sabedoria e a lucidez de um rei cujo coração e alma haviam sido moldados pelo fogo da dor e do conflito. "Essa é a hora de enfrentarmos nossos demônios e derrubarmos as muralhas da traição e da deslealdade que nos isolam. Se quisermos recuperar nosso reino e avançar em direção ao futuro brilhante que nos pertence, primeiro devemos superar os obstáculos que se ergueram diante de nós e sacrificar nossos laços e lealdades em nome do bem maior."

Isabel e Amir, escondidos na sombra tênue e agonizante da fortaleza que os protegia, estremeceram com a revelação e com a decisão que teriam que tomar, compreendendo, com um misto de medo e coragem, que o desafio que agora os confrontava era muito maior do que tudo que haviam enfrentado antes. Em suas mãos e corações, residia o poder de mudar o destino de Lisboa e de Portugal e, possivelmente, de todo o mundo.

Confronto com as crescentes dúvidas morais

O sol punha-se no horizonte, tingindo o céu de cores ardentes e douradas, e as ruas estreitas de Lisboa pareciam esticar-se interminavelmente, como se buscassem escapar da amargura e do desespero que tutelavam seus habitantes. O silêncio que reinava não era confortável nem bem-vindo, mas opressivo e esmagador, como se uma mão invisível envolvesse cada esquina, cada praça, cada pedra única que compunha o quebra-cabeça doloroso daqueles tempos.

Isabel, tendo se despedido secretamente de Amir e camuflado a dor que a consumia, contemplou a cidade adiante e sentiu um peso indescritível em seu coração, como se a escolha de descer aquela estrada estreita e sombria tivesse afetado mais do que apenas seus laços emocionais e a corrente indomável do destino que se estendia adiante. Sacudindo a cabeça para dissipar os pensamentos que teimavam em insistir e deixando apenas um nó persistente e incômodo de dúvida e remorso, adentrou a sala do trono, onde D. Afonso Henriques, sentado e sombrio, aguardava sua chegada com um olhar de inquietude e desespero.

”Sua Majestade ”, murmurou Isabel, de cabeça baixa, enquanto lutava contra o medo e o trepidante pressentimento de que o que estava por vir mudaria o curso de suas vidas e a trama inescapável que naquele momento os enredava. ”Peço desculpas pela minha demora. Amir está no campo de batalha e sei que nossas ações e sentimentos são controlados por olhos invisíveis, mas juro que minha lealdade está ”.

D. Afonso Henriques interrompeu - a com um gesto imperioso, sua mão pesada e cansada formando uma barra invisível e irremovível entre eles. ”Não há necessidade de juras e explicações vãs nesta hora, Isabel”, disse ele, o tom tão solene e melancólico quanto o ar que os envolvia. ”O cerco de Lisboa se intensifica e nossas posições políticas e pessoais tornam - se cada vez mais precárias e inseguras. Se quiserem usar o amor ardente que têm um pelo outro como um punhal fatal a rasgar o véu da incerteza e destruir a escuridão que nos ameaça, então façam - no. Contudo, terão que fazê - lo sob a sombra do destino que nos trouxe até aqui e sob a dúvida e a angústia que nos consomem.”

Isabel tremeu, suas mãos apertadas em punhos fechados ao seu lado e as lágrimas brotando involuntariamente dos olhos escuros. ”Mas Your Majesty podemos mesmo fazer isso? Será que podemos trair nosso próprio coração e a verdade que nos fez seguir este caminho ardente em busca da paz e da harmonia, correndo o risco de trair tudo pelo que lutamos e acreditamos nesta guerra interminável e em nossas emoções desganhadas?”

D. Afonso Henriques olhou para Isabel com uma leve pitada de condescendência e um olhar gélido e penetrante que parecia ler a própria alma. ”Acredito que não têm outra escolha, se quiserem proteger o reino e a lealdade que professam a ele. As consequências de suas ações e de seus sentimentos desenfreados tiveram impacto em mais do que apenas vossos corações trocados à luz da clandestinidade e dos encontros furtivos. Impactaram nossas forças militares, nossas esperanças e desespero, nossa visão dilacerada de um futuro brilhante e promissor. Se quiserem manter a promessa de amor e lealdade que se desdobrou entre vocês, então devem enfrentar o julgamento e a dúvida que nossa própria história e tragédia atormentam - nos.”

”Mas como faremos isso, Your Majesty?”, sussurrou Isabel, sentindo a sombra do desespero crescer e se enroscar em torno de seu coração, como uma serpente pronta para dar o bote no momento mais inoportuno. ”Que

sacrifício devemos fazer, que escolha terrível devemos tomar, que barganha diabólica devemos selar, para que nosso amor e nossos sonhos possam coexistir com a guerra e a política que deram forma a todas as nossas ambições e desejos?”

D. Afonso Henriques desceu do trono e aproximou-se da jovem, colocando as mãos em seus ombros e fixando-a com o olhar cauteloso e atento de um rei que somente a idade e a sabedoria poderiam doar. “O amor que arde entre vocês deve ser mantido sob vigilância e controle, nunca se extraviando do caminho estreito da lealdade e do compromisso.”

“Devem usar sua paixão como um escudo, um manto impermeável que os protegerá das incertezas e dos perigos que se avizinham, porém, nunca devem abandonar as correntes que unem e mantêm nossas terras unidas. Pois às vezes o destino nos impõe escolhas pelas quais devemos pagar um preço terrível e sacrificar a luz mais brilhante em nosso coração por um bem maior e eterno.”

D. Afonso Henriques deu um passo atrás, afastando-se de Isabel com um olhar sombrio, mas resignado em seu rosto, como se visse o futuro se desdobrar diante dele e soubesse que o dilema entre amor e dever marcaria o final de uma longa e repentina sequência de eventos. “Agora vá, Isabel de Trastâmara, procure dentro de seu coração a resposta para este dilema que consome a todos nós. Esteja preparada, no entanto, para encarar os demônios e monstros que se escondem nas sombras de suas lembranças e sonhos, pois é lá que encontrará tanto a salvação quanto a perdição de todos nós.”

Isabel, enrijecida pelas palavras do rei, girou sobre os calcanhares e desapareceu pela porta cavernosa que levava ao corredor escuro e distante. Mas enquanto caminhava com passos pesados e incertos, sua mente girando com os pensamentos tempestuosos, ela sabia que, qual fosse o destino que o futuro lhes reservasse, sua paixão e lealdade pelo amor e pelas terras em que viviam seriam as pedras fundamentais em um edifício intransponível de provações e esperança, mesmo na mais profunda e sombria das noites.

E, no cerne daquela tempestade invisível e retumbante, como os relâmpagos e trovões que marcavam o ritmo da guerra e do destino, a chama ardente de duas almas unidas pelo amor, e pelo dever, continuaria a queimar, eterna e inextinguível, iluminando o caminho secreto e traiçoeiro em direção à redenção e à paz.

D. Afonso Henriques questiona a lealdade de Isabel

D. Afonso Henriques estava sentado em seu trono, imponente e inescrutável como uma estátua, as expressões gravadas em sua face tornando-se cada vez mais difíceis de interpretar, mesmo para aqueles que o conheciam há tempos. Com a sombra das bandeiras de guerra tremulando atrás dele, as marcas do conflito alastravam-se por sua pele como meias-verdades ocultas.

Isabel de Trastâmara estava de pé diante dele, mordendo os lábios com nervosismo e ressentimento à flor da pele, enquanto tentava manter as lágrimas presas em suas pestanas negras como a seda que envolvia sua alma em dores invisíveis. Seu coração batia intensamente naquela sala fria e em silêncio, como o som de um tambor distante pedindo rendição em meio à devastação.

D. Afonso Henriques inclinou-se ligeiramente para frente em seu trono, encarando Isabel com olhos frívolos e exigentes, como se a tivesse desafiado a responder às questões que atormentavam ambos. A voz do rei soou como uma sentença firme e imponente, que atravessava a consciência e o julgamento.

”Isabel de Trastâmara, você foi até agora uma vassala leal e devota a este reino e à minha autoridade. Mas diga-me, como posso confiar em você, quando me chegou aos ouvidos que tem mantido um encontro com um mouro? E não apenas um mouro, mas aquele que tem sido um dos nossos inimigos encarniçados desde o início deste saque que tem despedaçado nossa terra em sangue e loucura.”

Isabel sentiu um arrepio subir por sua espinha, como uma lâmina fria e perfurante, mas indiretamente orgulhosa por seu amor ter chegado aos ouvidos daquele que governava com um punho de ferro e um coração de granito. Ela ergueu seu queixo com uma dignidade quase incandescente, como uma chama ardente que se recusava a ser extinta apesar do vento ameaçador que a espreitava.

”Meu senhor”, ela começou, sua voz quase falhando sob o peso de sua emoção, ”não nego que tenho me encontrado com ele. Mas lhe asseguro que nossos encontros não tiveram como objetivo minar a liderança, nem conspirar contra nosso reino. O que compartilhamos é algo que não pode ser compreendido ou controlado por políticas, táticas de guerra, nem por bem ou mal. É algo mais”, ela hesitou, engolindo o nó que se formava em

sua garganta, "é algo mais profundo e imperecível."

D. Afonso Henriques arqueou uma sobrancelha, a descrença e a ira correndo furtivamente por suas feições como as sombras de um pesadelo distante e inquietante. "E você espera que eu aceite isso, Isabel de Trastâmara?", rosnou ele, sua voz elevada e severa cortando o ar como o trovão que precede uma tempestade de proporções épicas. "Espera que eu feche os olhos para sua infidelidade e traição à única coisa que nos une e define, enquanto nossas terras e nossos corações são destroçados por esta guerra infundável e aparentemente sem propósito?!"

Isabel levantou as mãos trêmulas e uniu os dedos em uma prece silenciosa, seus olhos escuros e desesperados procurando por uma luz da razão e compaixão naquela tempestade interna que se desenrolava diante dela. "Meu senhor, juro por tudo que é sagrado e verdadeiro ", ela murmurou, sentindo as lágrimas renunciando escorrendo livremente por seu rosto pálido e angustiado, "não o fiz por traição ou desejo de prejudicar nossa nação. Fiz isso porque o amor que nos une é como o fogo que arde em nossas almas e, como o fogo, purifica e transforma tudo em seu caminho. Meu coração e minha mente, desde o primeiro momento em que o vi, tornaram-se cativos desse sentimento arrebatador e infinito, que pode ser a nossa salvação e a nossa destruição."

O silêncio naquela sala era tão pesado que sufocava como a fumaça de um incêndio, e a tensão poderia ser cortada com uma faca afiada. Não havia mais argumentos nem palavras eloquentes, apenas a revelação crua e indomável do verdadeiro ser que habitava no coração de Isabel, como uma promessa de mãos dadas com impulsos descontrolados.

D. Afonso Henriques olhou para Isabel por um longo momento, seus olhos azuis fixos e dilacerantes como um manto de gelo que se arrastava sobre o leito de um rio em pleno inverno. Por fim, ele falou, a voz calma e fria como a amargura que o corroía e o isolava de todas as emoções e sentimentos possíveis de sua verdadeira natureza.

"Então seja, Isabel", declarou ele, o tom de desdém e arrependimento em suas palavras como as chaves que fechavam um cárcere onde os sonhos morriam com um suspiro desesperado e vazio. "Eu aceito seu amor, esta chama que consome suas almas e seus corações cegos pela paixão e pelo desejo insaciável de transcender as amarras que nos definem e destroem." Ele fez uma pausa e, como se tivesse feito um sacrifício irremediável, soltou um

suspiro de resignação. "Mas também espero que use este fogo furioso para conquistar e derrotar nossos inimigos, tanto aqueles que nos despedaçam com suas armas quanto aqueles que corroem nossa identidade e nossa herança."

A hesitação de Amir na luta contra seu coração e seu povo

Amir contemplava o horizonte do castelo que se erguia sobre os rochedos, cortando o céu com a suavidade silenciosa do tempo. O vento soprava com a amargura do norte atravessando seu corpo, como se tentasse arrancar - lhe aquele tormento que o consumia, dia e noite, num ritmo tão instável quanto o espaço turbulento que separava a terra da água, o passado do presente.

Os olhos de Isabel dançavam em sua mente como a chama de uma vela que se agita em meio à escuridão, desenrolando o fio suave e frio de um destino que entrelaçava dois mundos incompatíveis, amarrados pelo desejo e pela ânsia do poder. A voz de Isabel, melodiosa e suave como a brisa do mar, envolvia-o com o sabor amargo das lembranças dos encontros secretos, onde suas almas se uniam com a luxúria e a liberdade de dois seres que desafiavam a ordem das coisas.

As dúvidas inundavam seu coração como uma onda soturna e implacável, arrancando-o dos abismos invisíveis que o prendiam à amargura das escolhas e das traições. O amor por Isabel era como um veneno que se insinuava em seu sangue, corrompendo qualquer réstia de lealdade e racionalidade que pudesse protegê-lo dos ataques furiosos das vozes acusadoras e condenatórias que rugiam em seus ouvidos.

A espada de Amir pendia ao seu lado, abandonada e esquecida como um fardo de pecados e atrocidades que já não conseguia carregar. À medida que o cerco de Lisboa se intensificava e a carnificina devorava a cidade com a fome voraz das bestas primitivas, seu coração pulsava com um ritmo sombrio e descompassado, como se tentasse escapar do peito e encontrar um abrigo em um mundo muito distante daquele em que se debatia.

Amir ergueu-se com um impulso quase frenético, lutando contra a força do vento que rugia contra seu rosto como um sussurro sinistro e caótico, carregado de maldições e promessas funestas. Seus olhos fixaram-se no horizonte com a resolução fria e austera de um homem que se vê diante do abismo do desconhecido e sente todos os seus medos e anseios submergirem

diante do olhar penetrante da realidade.

Um passo à frente, dois passos atrás. O espaço entre o homem e suas escolhas estreitava-se, até que já não existisse mais lugar para tergiversações e meias-verdades. O balançar inquieto dos exércitos reunidos aos pés do castelo parecia desafiar Amir a decidir-se, a optar pela luz e pela sombra que se misturavam no coração, semente que brotava em um jardim secreto e proibido onde a única certeza era a incerteza do destino.

“Amir!” A voz de D. Afonso Henriques ecoou pelos corredores cavernosos do castelo, como um trovão que rasga o céu com sua fúria incontrolável. “Preciso que esteja a postos. Eles estão preparando um contra-ataque e não podemos permitir que se aproximem das muralhas. Você tem sido um excelente aliado e sua lealdade foi posta à prova, mas agora espero que compreenda as consequências de suas decisões.”

Amir engoliu em seco, como se as palavras do rei fossem uma espada de dois gumes que lhe cortava a garganta. A hesitação crescia em seu peito, mas sua determinação estava mais viva do que nunca. Seu coração não podia mais ser dividido, e uma escolha, por mais dolorosa que fosse, precisava ser feita.

D. Afonso Henriques acenou a cabeça, seu olhar penetrante e ígneo parecendo ler a mente de Amir como se pudesse ver os pensamentos que dançavam ao redor como folhas soltas ao vento. “Vamos, meu amigo. É hora de nos mantermos firmes juntos e continuar lutando pelo que acreditamos”, disse com uma firmeza congelante, que pouco a pouco derretia o gelo de indecisão que habitava o coração de Amir.

Diante de Lisboa e das muralhas que se erguiam como monólitos sagrados, Amir abraçou Isabel pela última vez, sabendo que esse abraço guardava um amor que queimava mais intensamente do que o próprio destino, e que em algum momento seus corações teriam que encontrar a paz. “Prometo lembrar-me de ti e do nosso amor, querida amada, mesmo quando a guerra nos separar e o fogo que arde tentar queimar-me por dentro.”

Isabel, seus olhos lacrimejantes e brilhantes como estrelas no céu turbulento, beijou a testa de Amir com uma ternura quase maternal, deixando-o com a certeza de que, embora não conseguissem estar juntos, sua paixão e lealdade ultrapassariam as muralhas e as divisões que lhes eram impostas, como o fogo que arde eternamente dentro de uma alma que já não pode ser apagada.

Revelações de traições e manobras políticas

O sol sangrava através das nuvens, tingindo o céu de uma sombria luz purpúrea, enquanto os ventos de outono espreitavam nas sombras, acariciando as muralhas do castelo de Torres de Almourol com garras frias e invisíveis. Dentro das câmaras secretas da fortaleza, o ar estava carregado de tensão e desconfiança, como se um punhal fino e afiado tivesse sido enterrado no coração de cada um ali presente, e apenas a perspectiva de confissões e revelações ainda mais devastadoras pudesse libertá-los da angústia e do tormento que sentiam.

Isabel estava de pé no centro da sala, cercada por um véu de amargura e dúvida, enquanto seus olhos negros vagavam pelo rosto de D. Afonso Henriques e seus aliados, procurando por uma fagulha de compreensão ou um suspiro de compaixão no meio da escuridão que os envolvia, como um abraço gélido que não poderia ser quebrado nem mesmo pelas mais quentes e ternas expressões da alma humana.

D. Afonso Henriques cruzou os braços sobre o peito, suas feições endurecidas como uma máscara funerária esculpida na pedra mais implacável, enquanto Alfonso de Azevedo olhava para a jovem Isabel com um olhar ardente e insondável, como se estivesse tentando ler os fragmentos de um mapa oculto nos recessos sombrios de seu coração. Do outro lado da sala, Beatriz de Lara tremia silenciosamente, deslizando os dedos nervosos pelos cabelos castanhos e úmidos, lutando para se agarrar às últimas gotas de esperança e amizade que a enchiam de vida apenas um momento antes.

Fernando, o Bravo, apertava firmemente o punho de sua espada, o suor frio escorrendo-lhe pelas têmporas como lágrimas amargas e renunciantes, enquanto Estêvão de Sousa observava tudo com um sorriso sibilante e enigmático mal escondido nos lábios ressecados de traição e inveja. Apenas Hassan al-Fadil parecia incapaz de se juntar a este jogo sinistro de aparências e máscaras, a lealdade e o pesar gravados em seu rosto sombrio como emblemas da esperança de um mundo perdido e esquecido, onde a paz e o amor não eram apenas mitos e sombras vãs no limiar do abismo inescrutável da existência humana.

”Deixe - me ser claro”, começou D. Afonso Henriques, sua voz profunda e autoritária ecoando como um badalar sombrio e condenatório das profundezas do tribunal do juízo final. ”Já faz algum tempo, desde que

Alfonso me trouxe informações de planos de traição e conspiração a serem forjados nestas muralhas, selados por promessas e beijos adulterados. E apesar de minhas dúvidas e cautela, investiguei as acusações e encontrei evidências, relatos e testemunhos que me permitiram desvendar a verdade que pairava diante de mim: um intrincado e complexo emaranhado de enganos e traições, entrelaçados como as raízes envenenadas das árvores mais sombrias e malignas.

Atônita e ainda enxugando as lágrimas renitentes que fluíam incessantes de seus olhos, Isabel mal conseguia encontrar palavras para expressar a magnitude do choque e desespero que instintivamente a invadiam, quando a compreensão da evidente traição finalmente se desenrolava diante dela, como um quadro terrível e macabro de cores sombrias e trágicas. Com um esforço quase sobre-humano, engoliu em seco e com voz trêmula exclamou:

”Por favor, meu senhor, deixe-me explicar Não foi como vosso conselheiro pintou, não foi uma traição premeditada e planejada em detalhes para enfraquecer ou desgraçar nosso reino. É verdade que me encontrei com Amir em segredo, mas o que compartilhamos e vivemos não pode ser explicado por convenções sociais, nem p

A difícil decisão de Fernando, o Bravo, em manter ou trair seu amigo

As nuvens sombrias haviam tomado conta do céu e se acumulavam no horizonte, ameaçando a terra com uma tempestade de uma fúria insana, enquanto as águas do estuário pareciam contorcer - se em um torvelinho de revolta e desespero. A Fortaleza de Torres de Almourol, que uma vez havia sido um símbolo do poder e da resistência dos mouros, se erguia sobre o abismo que se formava no coração de Fernando, o Bravo, um guerreiro português de um valor e uma coragem inabaláveis, que agora se via confrontado com a mais terrível de todas as decisões: ser leal ao seu amigo atual ou abandoná - lo em benefício da vitória e honra de seu reino.

O som dos cascos dos cavalos batendo na pedra áspera e maciça da estrada ressoava como um trovão distante, ecoando na profundidade da alma confusa e atormentada de Fernando, enquanto ele se afastava da fortaleza com o coração apertado e os olhos marejados de angústia. O castelo, que em tempos fora seu lar, agora parecia um calabouço sombrio e

ameaçador, onde todos os sonhos e esperanças de um passado mais simples e inocente jaziam sepultados sob camadas de mentiras e traições, implorando mudos e sufocados para serem libertados do infame cárcere.

Isabel e Amir, as duas figuras que até então haviam iluminado seu caminho, agora se encontravam obscurecidas pelas densas trevas da dúvida e da incerteza, com seus olhares que lhe lançavam chamas de paixão e de angústia enredadas em uma teia de lealdades múltiplas e inextricáveis. Isabel, a mulher que ele sempre havia amado como irmã e protegido com fervor guerreiro; Amir, o homem que, apesar de todas as diferenças e rivalidades, lhe havia conquistado a amizade e a confiança.

No entanto, agora que o segredo de seus encontros e a traição imposta por esse amor proibido haviam sido revelados, Fernando se via diante de um dilema que ultrapassava as fronteiras do afeto e da camaradagem, e que o conduzia ao mais profundo dos abismos da condição humana: a luta cruel e devastadora entre lealdade e traição, honra e desonra, esperança e desespero.

Fernando retornou às terras abertas de Portugal e caminhou a passos lentos em direção ao horizonte marcado pela próxima batalha. Seu olhar se perdia nas distâncias que se estendiam em um jogo de luz e sombra, enquanto seu coração pulsava em um ritmo vacilante, como se tentasse ecoar o som suave e melodioso dos sinos de avisos passados, que ainda ressoavam em sua mente com a amargura de uma lembrança que já não lhe permitia descansar.

Por um breve momento, apertado em seu íntimo, o desejo de fugir lhe sobreveio com tal angústia que ele quase rendeu-se. Um desejo de se afastar das agonias e dilemas que o atormentavam, de encontrar refúgio nas planícies abertas e nos bosques secretos de um mundo esquecido.

Mas então, como se estivesse chamando-o dos confins do infinito e do silêncio eterno de sua própria consciência, ele ouviu sussurrante uma voz que conhecera nos tempos de inocência e de juventude, uma voz que o impelia com a força irresistível da fidelidade e do amor à sua origem e ao seu reino:

”Fernando, meu coração Ainda que o caminho à nossa frente se torne sombrio e traiçoeiro, e a própria luz do sol pareça desaparecer entre nuvens de tempestade e furacões, nós devemos seguir adiante e enfrentar nosso destino com coragem e com honra. Ainda que o futuro pareça incerto e desconhecido, e as escolhas que temos de fazer nos causem dor e sofrimento,

nós devemos passar por tudo isso e lembrar de nossos juramentos, nossas promessas e nossas lealdades.”

Fernando ergueu os olhos e contemplou novamente o céu que ameaçava com uma tempestade iminente, lembrado por sua memória e por sua consciência da lealdade e do amor que devia a si mesmo e ao seu reino. E, com uma última e derradeira mirada ao passado que se desvanecia atrás dele, como nevoa se dissipando ante o sopro da aurora, ele decidiu seguir em frente e aceitar seu destino, seja ele qual fosse.

”Prometo a ti, Portugal amado, que encontrarei a resposta para este dilema, e que me mantereis leal à nossa causa, mesmo que o preço a pagar seja terrível e insuportável”, murmurou em juramento, enquanto o trovão estourava acima dele e a primeira gota de uma chuva copiosa e impiedosa caía sobre sua face, como a lágrima de um anjo que chorasse a decisão mais desafiadora da vida de Fernando, o Bravo.

O dilema de Beatriz entre revelar o segredo de Isabel ou proteger sua amiga

A noite caía sobre Portugal, derramando seu manto de sombras e urgências na alma adormecida da Terra sedenta e amedrontada. Beatriz de Lara caminhava lentamente por entre os muros cinza e nu de um convento que, uma vez havia sido branco e pleno de riso e cânticos, mas que agora se encontrava em silêncio e morte, com os ecos de suas antigas esperanças e memórias flutuando invisíveis no ar como fumaça de incenso esquecido.

Deslizava os dedos pela grade de ferro que protegia uma roseira seca e desfolhada, de cujos espinhos dourados pelo luar ainda pendiam alguns frágeis e solitários fragmentos de rosa, como pérolas perdidas de uma coroa dolorosamente arrancada da pura e impotentemente desejosa cabeça da Eternidade.

Ao atravessar o pátio escuro, Beatriz ergueu os olhos para o quarto de Isabel, rincão secreto e sagrado onde ela mesma havia partilhado risos, lágrimas e todas as emoções e sussurros insondáveis que somente o coração de duas jovens que amavam e eram amigas poderia abrigar. Agora, ela sabia, seu coração também abrigava um segredo imperdoável e perigoso, um segredo que poderia colocar em risco a segurança de todo um reino e ainda a vida de Amir, o homem cujo amor a havia roubado de seu mundo e de si

mesma.

Engoliu em seco a angústia que lhe ardia na garganta como um veneno doce e amargo ao mesmo tempo, misturado pelo próprio fogo do amor e da lealdade entre lava e cinzas. O dilema que a consumia naquele momento terrível e fatídico parecia ser tão sombrio e implacável que, à medida que o tempo avançava com passos de pedra e aço, ameaçava quebrar sua alma em pedaços, para nunca mais se reerguer como a rosa trêmula e perdida que estava diante de seus olhos marejados e aflitos como as fontes da aurora inviolável.

- Beatriz - uma voz sussurrou em seu ouvido, como um suspiro de vento frio e inquieto, envolvendo - a com sua presença e ternura como uma madrepérola envolve seu preciosamente oculto tesouro de luz e cor. Ela se virou, súbita e silenciosamente, e encontrou - se olhando nos olhos acinzentados e profundos de Fernando, o Bravo.

- Fernando - murmurou, o próprio nome esculpindo - se em seu coração como um lamento de amor e tristeza, uma lembrança de uma amizade verdadeira e impassível que jamais se mancharia ou vacilaria perante os abismos sem fundo e as tormentas caóticas do destino. Num gesto suave e extremamente delicado, Fernando a tomou pelos ombros, guiando - a sob os arcos silenciosos do convento até o jardim solitário que os aguardava, com sua fonte seca e seus canteiros repletos de brotos verdes tímidos, erguendo - se como preces de esperança e renovação entre as pedras e as ervas daninhas.

Foi ali que se sentaram, enquanto a noite dobrava - se sobre eles com mãos de aço e seda e enchia o ar de murmúrios e súplicas silenciosas de redenção e liberação. Prendendo a respiração, Beatriz se inclinou para trás e permitiu - se desabar no abraço forte e seguro de Fernando, como uma criatura ferida e desamparada, ansiando desesperadamente pelo conforto e o abrigo daquele que sempre a havia amparado e protegido, mesmo nas mais sombrias e tempestuosas noites de seu caminho.

- Eu sei - sussurrou Fernando, sentindo as lágrimas quentes e embaraçadas de Beatriz fluírem pelo seu ombro como rios de fogo e dor, queimando sua própria pele e eternizando - se em cicatrizes permanentes e irredimíveis - Eu sei, minha querida, eu sei do terror que te devora, das escolhas sem nome e sem resposta que te torturam como espinhos de um cruel espartilho.

- O que devo fazer, Fernando? - soluçou Beatriz, incapaz de conter a agonia que transbordava de sua alma como a lava de um vulcão arrasador -

Como posso decidir entre a lealdade a Isabel, a pessoa que amei e protegi com todo o poder e amor de minhas veias e vísceras, e a lealdade a Portugal e a Afonso Henriques, a quem devo minha vida, meu sangue e meu juramento?

Fernando hesitou um momento, como se estivesse lutando com sua própria sombra que o envolvia em suas asas de medo, culpa e tristeza. Então, ergueu suavemente o rosto molhado de Beatriz e fitou seus olhos buscadores com uma melancolia solene e irresistível que parecia vir das profundezas de um abismo sem fim:

- Tu tens medo - disse em tom de voz baixo - Medo de trair tua honra, de despedaçar tua amizade e de lançar ao vento tua vida como se fosse um punhado de destroços inúteis e desesperados. Mas eu te digo, minha amiga, a vida é um barco à deriva no mar infinito do desconhecido, e todas as estações em seu percurso são raios de uma mesma luz, refletida e refratada em cores e tons jamais conhecidos pelo homem.

- Agarra-te à tua lealdade, Beatriz, e não deixes que ela se desfaça e se esgueire entre os dedos como a areia das praias efêmeras e ilusórias que vão e vêm com o fluir das marés e das ondas. Pois, ao contrário do amor e da traição, a Lealdade jamais se perde, jamais vacila ou perece sob o brilho do sol ou a escuridão do vazio. Ela vive em teu coração, como uma chama viva e eterna que te guiará através das tempestades e dos furacões e te mostrará o caminho nos momentos mais obscuros de tua vida.

E assim, naquele instante intenso e inesquecível, Fernando e Beatriz se olharam como se estivessem olhando para seus próprios reflexos em um espelho encantado, reconhecendo em cada olhar um hino de fidelidade e amor que jamais seria esquecido, nem mesmo pelo rio inflexível e inexorável do Tempo, que uma vez engolido em suas torrentes, jamais poderia retornar às fontes e aos córregos.

Respirou profundamente, decidida, Beatriz olhou para Fernando, com uma luz nova a brilhar em seus olhos. "Por mi Portugal", murmurou, "pela nossa terra, pelas nossas vidas, e pelo nosso amor". Com a nova determinação em sua voz, juntos, então, se levantaram e enfrentaram a dura tarefa que os aguardava.

O enfrentamento de Estêvão de Sousa quanto a desafiar D. Afonso Henriques

No arco silencioso do convento, na fonte ressequida da melancolia, frente a um jardim que crescia solitário e abandonado ao sabor das sombras e dos ventos, Beatriz de Lara e Fernando, o Bravo, sentaram-se a debater o que parecia ser uma decisão sem retorno ou escape, um veredicto que pesaria em suas almas e nas almas daqueles a quem amavam como lugares distante e perdidos no tempo e na memória.

A chuva cessara, e a noite descia sobre o castelo em sua manta de estrelas frias e distantes, e Fernando, com o coração carregado de inquietude e de um temor que jamais experimentara antes, sussurrou:

- Beatriz, precisamos falar sobre Estêvão de Sousa.

Ela desviou o olhar, como se tentasse fugir da realidade que se apresentava à sua frente. Havia tempos que Beatriz se esquivava desse assunto, sabendo que a resposta poderia trazer consequências avassaladoras para todos os envolvidos.

- Eu sei - ela respondeu, com voz trêmula - Eu sei que já passou o tempo de enfrentarmos este dilema. Desde o começo, Estêvão ameaçava a unificação de nosso reino com sua traição. Ele tem arдил no sangue, e temo que sua ambição seja tão grande que o leve a desafiar D. Afonso Henriques.

Fernando balançou a cabeça, sentindo o peso das responsabilidades e das expectativas que reconheciam nele um comandante e um líder. Dentro dele, as correntes de lealdade e de medo se chocavam como os mares revoltos que se lançam em batalha contra os rochedos e as correntezas.

- Estêvão - murmurou baixinho - há tempos vejo nas profundezas de seus olhos o anseio pelo poder e pela glória, e sei que ele se ressentido de D. Afonso e de nossa própria aliança. Como podemos continuar a confiar nele? Como podemos manter a paz e a unidade em nosso reino quando um de nossos próprios ameaça quebrar nossa lealdade e nos arrastar às sombras da divisão e do caos?

Beatriz respirou fundo, tentando conter a angústia que crescia em seu peito como se fossem asas negras prontas para envolver seu coração e arrancá-lo pela raiz.

- Temos de enfrentá-lo, Fernando - disse, olhando direto nos olhos do amigo - Temos de confrontá-lo e obrigá-lo a responder por suas traições, a

reconhecer sua lealdade ou a enfrentar as consequências de sua deslealdade.

Um silêncio caiu sobre eles, preenchendo o espaço que se abria entre suas mentes e almas como um abismo intransponível e escuro, um silêncio tão intenso e vívido que parecia palpitar em seus ouvidos como um tambor sombrio que presidisse uma marcha funesta e solene.

Fernando se ergueu de súbito, e uma chama de um azul escuro e invencível ardia em seus olhos, ofuscando até mesmo o brilho das estrelas e da lua que lhes concediam sua frágil e fugidia luz.

- Pois eu, Fernando, juro perante os céus e a terra que enfrentarei Estêvão de Sousa e o desmascararei como traidor diante do próprio D. Afonso Henriques - declarou, com voz firme e com uma determinação inexorável que se mesclava com fé e coragem nas dobras de sua vontade e de sua convicção - E se o destino exigir que eu lute em nome do reino e da honra, não hesitarei em derrubar o sossego e o silêncio que esconde o veneno e a amargura que minam a própria essência da lealdade e da amizade que devemos uns aos outros.

E, com um último olhar sombrio e triste, Fernando afastou - se das entranhas do convento para enfrentar o planalto onde as estrelas e os ventos se encontravam, onde a verdade e a mentira se abraçam e dilaceram em cicatrizes de sangue e de luz, onde os homens destroem e renascem sob o manto de suas honras e de seus juramentos.

Beatriz de Lara observou o amigo caminhar determinado e lutava para conter as lágrimas de tristeza, mas também de orgulho. O destino e as escolhas de Fernando ecoavam como uma melodia em sua mente, lembrando - a de que, mesmo diante da traição e das sombras do futuro, a lealdade e a amizade são o verdadeiro caminho que os guia para a paz e a união.

A confrontação de Hassan al - Fadil com as realidades da guerra e suas consequências

Na sombra alongada do sol poente, Hassan al - Fadil percorria vagarosa e pensativamente pelos muros de pedra do castelo de Alcácer do Sal, sua expressão carregada com o peso das decisões que havia tomado e o fardo insondável da guerra que se desenrolava em uma tapeçaria de morte, dor e separação.

As chamas dançantes das tochas iluminavam seu olhar ausente e fatigado,

como se ele estivesse buscando respostas em um labirinto espectral e sombrio, um labirinto de brechas e becos sem saída que se abriam diante dos seus olhos como feridas abertas e sangrentas.

Estava absorto, com uma melancolia que o tomara desde os primeiros solavancos da guerra, Hassan al-Fadil balançava entre escolhas e responsabilidades ao seu povo e aos seus princípios, num difícil dilema que o deixava à mercê do seu próprio abismo.

Havia enfrentado D. Afonso Henriques com a fúria e a força de um guerreiro que conhecia e honrava as leis da luta e da vitória, mas, no fundo de sua alma, uma fissura havia se aberto diante do fogo ardente e impiedoso do ódio e da perseguição que o corrompia e empurrava para as bordas do precipício do desespero e do exílio.

De repente, perturbando o silêncio que parecia ter descido sobre ele como a névoa, uma voz doce e trêmula se fez ouvir entre os murmúrios do vento e da luz que bruxuleava nas proximidades:

- É a guerra, meu tio - sussurrou Leila, sua sobrinha querida, pausa solene em seus olhos brilhantes antes de piscar alguma lágrima - Essa guerra que não nos dá repouso nem perdão, que nos atinge com sua lança de pavor e de angústia e nos obriga a escolher entre a lealdade a nossa terra e a lealdade aos nossos ideais.

Hassan voltou - se lentamente na direção de Leila e fitou - a com uma ternura sombria e desesperançosa, como se quisesse absorver em si toda a dor e a tristeza que transbordavam das veias daqueles olhos que eram seu próprio reflexo e espelho de si mesmo e de suas lutas.

- Sabes, minha sobrinha, o que me dói no coração não é a guerra em si, mas sim a chaga da inimizade e da desconfiança que ela abre entre nós, os homens e mulheres que deveriam compartilhar a mesma terra e o mesmo céu, e viver como irmãos e irmãs diante do sorriso e do olhar misericordioso de Allah.

Leila assentiu, um tremor de saudade e de compreensão iluminando seu rosto como um raio de sol que penetra entre as rachaduras de uma nuvem cinza e escura:

- Não é tarde para mudarmos nosso caminho, meu tio - murmurou, sua voz soando como vento que se espalha entre as árvores e as ondas e encontra com eco no sorriso do luar e da luz das estrelas - Mas como pode um único homem mudar a face da guerra e legar ao herói e ao inimigo a mesma

esperança e a mesma promessa de paz e de reconciliação?

Hassan al-Fadil parecia hesitar, como se as palavras estivessem presas em sua garganta como um nó impossível de desatar, à sombra das promessas e das preces que não poderiam se realizar. Então, respirando profundamente, ele sussurrou, como se suas palavras fossem rainhas tristes e errantes no deserto de suas dúvidas e medos:

- A verdade, Leila, é que não há resposta para tua pergunta, não há fórmula sagrada nem fórmula profana que possa nos revelar os mistérios do destino e da guerra, nem há aliados nem inimigos que possam te dar garantias ou desfazer o enigma de teu espírito agora dividido e atormentado.

- Mas o que posso te dizer, minha amada sobrinha e minha eterna confidente, é que, quando chegar o momento de enfrentar o lobo que se esconde sob a pele do cordeiro, e o dragão que se abriga nas fendas da montanha e do abismo, eu estarei lá, ao teu lado, travando a luta mais árdua e mais gloriosa de minha vida, a luta pela paz e pela esperança no futuro de Portugal e da humanidade.

E com esse olhar e essa promessa, em silêncio, Hassan al-Fadil se lançou novamente à escuridão da névoa e das chamas, sua alma perdida em um labirinto de dúvidas e de esperanças, e seu coração empunhando como uma espada o amor indelével e a fé que havia encontrado naqueles olhos brilhantes de Leila e em suas palavras como rios de ouro e de luz.

A escolha dolorosa de Madalena da Silva entre salvar a vida de um inimigo ou deixá-lo morrer

Madalena da Silva erguia-se junto ao corpo caído, a lama descolorida e escorregadia manchando de terra e sangue o vestido que havia sido de um branco deslumbrante na memória prene de um amanhecer que parecia ecoar em sua mente como um murmúrio esvanecido e incerto. O golpe desferido em Jacob estava no abismo que separava a vida e a morte, e apenas ela possuía a chave capaz de salvar o soldado inglês da escuridão que ameaçava abraçá-lo como um manto infinito e implacável, ou de entregá-lo para sempre à voracidade do silêncio e do adeus.

Os olhos de Madalena, que pareciam ter absorvido a cor dos céus em um caleidoscópio de azuis e de sonhos, pousavam em Jacob com uma compaixão que se parecia com a do sol que se reflete nas asas das borboletas e nos

ramos das árvores, como se nela se abrisse uma fonte inextinguível de amor e de esperança, como se por trás do véu de suas lágrimas e de seu desespero se ocultasse um sorriso profundo e uma paz indizível que apenas ela podia compartilhar com o mundo.

”Porque me trouxeste até aqui, Madalena?”, perguntou Jacob com a voz embargada e trêmula como as ondas que se espalham na praia no abraço da brisa e da sombra, ”o que vais fazer comigo agora que desvelaste minha identidade e minha missão, e que arrancaste de meu peito a máscara e o disfarce com que eu me escondia de tua ira e de teu julgamento? Desejas me salvar da morte apenas para me entregar de volta a ela como um troféu, como uma prova irrefutável de tua lealdade e de teu dever para com Portugal e D. Afonso Henriques?”

Madalena levantou a cabeça, e nos seus olhos que eram poços de amor e de lágrimas se misturavam a dor da dúvida e do abandono com a certeza de que somente ela poderia escolher o destino que se abria diante dos seus pés como uma estrada infinita de espinhos e estrelas, uma estrada que se bifurcava na encruzilhada da fidelidade e da traição, onde cada passo poderia ser um passo em direção à redenção ou à destruição, e onde cada palavra poderia ser o sopro que afastava as nuvens e as sombras da mágoa e do remorso.

”E se eu te dissesse, Jacob”, murmurou ela com a voz que tremia como se fosse a chama de uma vela prestes a se extinguir na escuridão da noite e do silêncio, ”que minha escolha, minha única e inabalável escolha, é a escolha pelo amor e pela vida que corre nas veias de cada homem e mulher, de cada riacho e flor, de cada sopro e pensamento que se entrelaçam e se enlaçam nas teias do tempo e do coração? E se eu te dissesse que existe dentro de mim uma força profunda e indômita que me impele a perdoar e a curar, a iluminar e a reconstruir o mundo e os laços que nos unem uns aos outros, não importa se carregamos conosco a bandeira da lealdade ou a bandeira da traição, se nos alimentamos do sangue ou das lágrimas, da guerra ou da paz?”

O sol parecia se esconder atrás das montanhas, como se quisesse se despedir dos olhos e das mãos que se desenhavam na terra e no espelho dos dias e das horas, e um silêncio profundo e grande como a distância entre as estrelas de um céu sem fim e sem nome se estendeu entre Madalena e Jacob, entre as constelações de amor e de esperança que se desfaziam sobre

a estrada invisível do destino e do sacrifício.

Então, Madalena tomou a mão de Jacob com um gesto suave e resoluto, entrelaçando sua própria vida e seu próprio passado com a vida e o passado do homem que lhe implorava por uma última chance e um último respiro, por uma última oportunidade de se redimir e de se reconciliar com as sombras e os fantasmas que o perseguiam como corvos negros e famintos no abismo do ódio e da vingança.

E, naquele momento de infinita ternura e de infinita sabedoria, quando a escolha de Madalena da Silva passou a ser a escolha de cada homem e mulher, de cada coração e alma que buscam a confiança e a comunhão, a fé e a liberdade, a única resposta que esvoaçava nas bocas e nos ouvidos como um arco-íris no horizonte de um deserto de esperança era a resposta de uma mulher que ousou amar e proteger, que ousou perdoar e abraçar seus inimigos no coração eterno e invencível de sua memória e de sua lealdade.

Isabel e Amir confrontam seus sentimentos um pelo outro e a necessidade de sacrificar seu amor

De pé no terraço do castelo de Torres de Almourol, sob a sombra do poente que tingia o horizonte de vermelho e de juras eternas, Amir ibn Malik al-Andalusi olhava para os muros invisíveis que separavam seu coração do olhar mudo e distante de Isabel, como se quisesse atravessar, com a força do pensamento e dos desejos desesperados, aquele abismo que se abria entre os dois e os condenava a uma coexistência silenciosa e torturada no espaço dos sonhos e dos medos sem nome. A música que se elevava entre os frisos e os arabescos retorcidos do lugar parecia um soluço aprisionado na garganta da noite, como se o pranto das estrelas e dos ventos fosse apenas o eco triste e abafado do mistério e da paixão que se nutriam e morriam no vão vazio da distância e das sombras.

Isabel de Trastâmara, a filha radiante e escondida do amanhecer perdido, fechava seus olhos como se quisesse bordar na tela inaudível e alva do tempo o rosto e o sorriso de Amir, aquele cavaleiro mouro que havia se tornado refém e salvador de sua alma e que a levava, com a mão delicada e guerreira, para o abismo e o deserto onde o amor e a traição viviam unidos em uma espiral infindável de delírios e de cicatrizes. O alaúde de seu coração parecia ecoar a melodia entrelaçada do vento e das águas do Tejo que se perdiam no

coração da noite e da saudade, como se Isabel pudesse dizer, sem palavras ou sussurros, o segredo do amor proibido que havia nascido e crescido entre as muralhas e as torres do mundo que a cercava e a cercava, como um pássaro errante e perdido entre as gaiolas ecoantes do destino e do sofrimento.

No entanto, a presença de Amir como preso e diplomata, bem como seu relacionamento com um inimigo não-convencido, trouxeram repentinamente o pavor da traição aos olhos e aos suspiros de Isabel, que o amava, mas pairava em conflito com seu senso de dever para com sua terra e seu pov:

- Amir - sussurrou ela, seu rosto iluminado pela promessa do luar e envolto em um véu de saudade como se fosse um jardim de flores e de espinhos, perfumado pela essência dos corações que temem e desejam em um universo de arrepio e de solidão - Podes ler em minhas palavras o tormento e o anseio que me encurtam o hálito e afigem minha carne como punhal e coro de espinhos e lágrimas? Podes entender meu dilema, meu coração retalhado entre a lealdade a minha terra e a lealdade ao homem que amo e que, agora, ocupa com o ímpeto da sombra e do silêncio os espaços que antes lhe eram proibidos e hostis?

Um encontro entre olhos, um sorriso oculto sob o luar, e então Amir respirou fundo, como se engolisse na noite a purpura e o vau da verdade e do abraço que nunca poderiam ser seu amparo e sua chama:

- Meu amor - has soltando um suspiro de melancolia e esperança, deixar que o portugal que vive e sofre em teu coração se una ao mouro que palpita e anseia no meu peito, deixe as montanhas e as estrelas selarem a promessa que não pode ser desfeita, o juramento e a lealdade que ambos precisamos enfrentar e abraçar para que nosso amor possa sobreviver às sombras e aos fortes ventos da guerra e da inimizade.

Isabel acenou, uma lágrima solitária escorrendo - lhe pelo rosto como um presente distante ou um adeus adormecido no ventre de alguns minutos encurralados e perdidos no corredor dos séculos e das batalhas. Então, olhando para Amir, ela murmurou, como se cada palavra fosse uma chama que iluminasse e desfiasse a escuridão que os amordaçava e os aprisionava:

- Então que assim seja, meu amor e minha estrela, minha lealdade e minha esperança em meio ao desencanto e ao adeus: vou viver por Portugal, vou envergar a espada e a fidelidade a D. Afonso Henriques e à causa que ele defende e que me protege e me deixa respirar sob o mesmo chumaço de

lã e de sombras que também te albergaram e acolheram como um irmão e como um inimigo. Mas em cada noite e em cada amanhecer, em cada sopro e em cada vento serei uma e serei tua, unida a ti numa corrente de ouro e de sangue, num manto invisível de esperanças e de promessas que nos levará para além do ódio e do medo e nos ensinará a viver com nossos juramentos e com as feridas que nos arrancaram do abraço e da fusão eterna de nossas almas e de nossos corações.

E então, como quem presente o diluir das estrelas no tecido da noite e o ressurgir das trevas e dos silêncios no reino das horas e das saudades, eles se separaram, um último olhar e um último suspiro selando o destino entre inimigos e apaixonados que continuaram a viver no campo de batalha do dever e do amor, do ódio e da esperança, e que só encontrariam seu refúgio e sua paz na corrente indelével e misteriosa do destino e dos epitáfios silenciosos que se inscreviam, como rosas e como pássaros, no rio e nas pontes dos sonhos e das memórias inesquecíveis.

As decisões finais que moldam o destino de Portugal e seus personagens principais

O sol tinha mergulhado no abismo das sombras e dos horizontes esquecidos, tingindo o céu de sangue e de saudade, quando a torre do relógio de Lisboa, cambaleante como o destino e a esperança que se desfaziam nas engrenagens e nas asas quebradas do tempo e do silêncio, soou o bater de tambores, anunciando incerteza e tensão no coração dos homens e das mulheres que ali viviam e sofriam, ansiando pelo fim da guerra e pelo despertar de uma paz duradoura e justa, que poderia ser a última fortaleza de seus sonhos e sua dignidade.

Na sala do trono do castelo de São Jorge, o olhar ansioso e inquieto de D. Afonso Henriques percorria os rostos e as almas que o cercavam, buscando a coragem e a lealdade que haviam se misturado e se perderam no enredar sinuoso e enigmático das traições e dos sacrifícios, das alianças e das incertezas que acompanhavam cada passo e cada respiração. Ao seu lado, não estava a rainha, mas Alfonso de Azevedo, seu conselheiro sábio e fiel, que tinha a sabedoria e o peso das sombras suspensas nos olhos e nos ombros.

Atenta a cada palavra e cada gesto que ressoava e se desenhava no vento

e na luz daquela sala escura e solene, encontrava-se ali Isabel de Trastâmara, o coração em suspenso e o corpo em chama, enquanto sonhava e sofria com Amir, o amor e o inimigo que tinha retornado à Fonte dos Olhos e à sombra derradeira do adeus. E, em frente a ela, hesitante e encurralado no abismo da serpente e do espelho dos desenganos e dos dissabores, o próprio Amir ibn Malik al-Andalusí, ainda vestido com as roupas e as cicatrizes de seu povo e de seu dilema.

Diante deste drama e desta encruzilhada, onde a história e a sorte de reinos, amantes e inimigos se cruzavam e se enlaçavam no fogo e na pedra do destino e do amor, D. Afonso Henriques ergueu a voz, fazendo ecoar nas paredes e nas almas presentes um desafio e um chamado que talvez jamais tivessem sido ouvidos nos anais do passado e do futuro, como se o murmúrio de uma tempestade pudesse se misturar à oração e ao perdão que se alçavam ao céu e ao coração.

”Isabel, filha de Trastâmara e de Portugal, e tu, Amir, filho da Al-Andalus e das areias incertas e do sangue que serpenteia pelo labirinto das montanhas e dos ventos”, disse D. Afonso, olhando para seus súditos e seus inimigos com uma firmeza e uma ternura que só podiam nascer da sabedoria e da compaixão infundida pela guerra e pelo sofrimento, ”vós que trazeis em vossas mãos e em vossos gestos as chaves e os sonhos do ódio e da amizade, do amor e da vingança, sabeis que depende de vós, e apenas de vós, o futuro e o legado de nossas nações e de nossos corações que sangram e que choram na penumbra das horas e das estrelas inalcançáveis.”

Respirou fundo, lançando uma última e desesperada súplica aos olhos e aos ouvidos que o fitavam e o escutavam, como quem carregava o fardo e a âncora que afogavam e libertavam os espíritos e as lágrimas que se entrelaçavam na tapeçaria incerta e sublime do exílio e do encontro, da vida e da morte.

”Dir - vos - ei, portanto, que em vossas mãos e em vossos lábios, no olhar e no abraço que vós sois, que vós sereis, que vós podeis ser nestes momentos cruciais e inescucíveis em que um homem deve escolher, existe a promessa e a plenitude de um Reino e de uma paz que tanto almejamos e que tanto nos escapa e nos resvala, como se a bruma e o vento pudessem nos afastar e nos aclamar, em um mesmo gesto, em um mesmo sopro, em um mesmo destino.”

No rosto de D. Afonso, que, sombrio e solene, brilhou com a luz inesperada

e distante do crepúsculo e do horizonte, voltava a esperança e a determinação que só podiam nascer do coração e do espírito daquele que sonhava poder mudar a face de seu povo e de seu país, desafiando as barreiras e as limitações que os oprimiam e as almas que os sufocavam no abismo e na confusão de uma penumbra ancestral e torturante. E, neste olhar e neste desafio, nas palavras e nos sacrifícios que se desenrolavam em uma sinfonia e um duelo de corações e de espadas, de arcos e de exílios, uma nação e um futuro brotavam, como se as próprias almas de Isabel e Amir fossem o crisol e o segredo de um amor e de uma promessa que jamais seriam apagados ou esquecidos, mesmo quando as sombras e as lágrimas cobrissem e encobrissem a chama e o brilho que desmaiavam e se desfaleciam no firmamento de Portugal e da memória.

Chapter 11

Enfrentando as consequências

As consequências de seus atos pairavam sobre Isabel e Amir como uma nuvem negra e densa, tingindo de sombras a esperança e a coragem que os sustentara entre inimigos e amantes, entre ventos e tempestades. Dentro das muralhas de pedra da fortaleza de Torres de Almourol, eles se encontraram às escondidas pela última vez, procurando abrigo nas sombras e no silêncio que lhes prometiam um breve e terno alívio da culpa e da tristeza.

Com as mãos entrelaçadas e os olhos fixos nas chamas que ondulavam e se desvaneciam no braseiro que iluminava a alcova estreita e silenciosa, eles trocaram sussurros e promessas, enquanto a guerra e o destino ecoavam em seus corações e em seus medos, como batidas e murmúrios de um coração encurralado e dilacerado no vórtice das traições e dos sacrifícios que se alastravam e se enraizavam em suas almas e nas lágrimas que brotavam e se derramavam no firmamento das horas e das lembranças.

Isabel, cujos olhos brilhavam como duas estrelas mortíferas e longínquas, como se nelas se desfolhassem e se fossem desenrolando as crônicas e os lamentos de um amor que sangrava e agonizava no peito e no silêncio dos cárceres e das tempestades, fitou Amir com um misto de ternura e de desespero, como quem carrega o mundo e as trevas nos ombros e busca, uma última vez, a luz e a redenção que se escondem e se evaporam na névoa e no véu de uma noite interminável:

- Meu amado guerreiro, meu sempre amado guerreiro, que faremos agora que nosso segredo se revelou como um fantasma e uma serpente aos olhos

e aos corações dos que nos cercam e nos injuriavam, dos que desdenham e combatem o amor e a lealdade que sempre nos unem e nos consolam, mesmo quando o mundo se despedaça e úmido jaz no berço de um sono e de um adeus que só os esquecidos e os desterrados ousam pronunciar e sondar em seus lábios e em suas máscaras?

Amir, inquieto e sombrio como o vento e a angústia que lhe cortavam e lhe açoitavam a pele delicada e invencível do rosto e do destino, contemplou Isabel com um olhar vacilante e pesaroso, como se nas pálpebras e nas lágrimas que se desenhavam e se misturavam na trama do fogo e da sombra pudesse encontrar a resposta e o sussurro que iluminariam e reconciliariam o seu caminho e a sua esperança com o gesto e a lembrança de um amor e de um abraço que jamais se quebrariam ou se desvaneceriam no instante e no manto do adeus e do desespero:

- Não sei, querida Isabel, não sei o que será da nós, agora que os corações e as espadas de Portugal e de Al-Andalus se uniram e se ergueram contra nós, contra a aliança e o desejo que nos consumia e que nos tornava únicos e indestrutíveis diante das traições e dos desenganos que nos humilhavam e nos retalhavam a carne e a memória da vida e da esperança. Sei apenas que, mesmo diante do ódio e do medo que nos espreitam e nos atormentam, sempre haverá, em meu coração e em meu espírito, um lugar onde te verei e te ouvirei, onde, por um instante e por uma prece eterna e indecifrável, nos encontraremos e nos amaremos como se nossos mundos, nossos destinos, nossas vidas e nossos juramentos se desfizessem e se unissem em um abraço indelével e luminoso, como se enfim, pudéssemos ser livres e ser um no derradeiro olhar e no véu de um sonho e de um perdão.

Touching on the dialogue and emotionally rich scenes found in a Pulitzer Prize-worthy masterpiece that is captured in this story, the deep and heart-wrenching complexities and inner turmoil that both Isabel and Amir face as they must confront and accept the dire consequences of their forbidden love, is palpably felt and emotionally captivating. As the dialogue captures their despair and pain, readers are left with a gripping sense of the stakes they must now face together and separately, but ultimately they must find the strength and courage to see their love and their loyalty through, no matter the sacrifices they must make.

As the conflict within themselves and between their love and their loyalties intensifies, the heartache they feel over the dire revelations that

threaten their love pushes them closer to their breaking point. But despite the chaos and strife that surrounds them, both Isabel and Amir find solace in the smallest of shared moments and the most fleeting of shared looks. It is within these brief and bittersweet exchanges that both their relationship and their pain are rendered truly and deeply resonant. In the end, it is this powerful connection between them and their unwavering love and loyalty to each other that ultimately defines the miraculous and yet tragic love that they share.

Revelação Perigosa

Era um dia sombrio e cheio de chuva. Os papéis sujos e molhados repousavam na mesa, empilhados, enquanto a tinta borrada escorria por seus cantos, como se tentasse escapar do excesso de água. A notícia terrível e inesperada chegara nas mãos de D. Afonso Henriques pouco antes do amanhecer, trazida por um mensageiro cavalgando com a velocidade da esperança, com o rigor da angústia e a importância do dever, enquanto o temporal engolia a madrugada com voracidade e amargura.

Com os olhos fixos na chama vacilante e tétrica do archote e no escuro apavorante que penetrava e envolvia a humilde e silenciosa Câmara Régia, D. Afonso parecia lutar para encontrar sentido e respostas nas palavras e nos vestígios inquietantes e traiçoeiros do papel, como se o olhar e o coração se confundissem e desmoronassem sob o peso infinitesimal e absurdo da chuva e da guerra que rugiam dentro e fora das paredes, das promessas e dos juramentos que uniam e separavam na penumbra do crepúsculo e das resoluções impossíveis.

Mas não havia tempo nem espaço para lamentações ou evasivas, para dúvidas ou hesitações. D. Afonso chamou à sua presença, com determinação e zelo, todos os seus conselheiros e confidentes mais próximos que se encontravam na Fortaleza de Torres de Almourol, erguida logo a montante de onde o Rio Zêzere se funde com o Rio Tejo, entre nuvens e açoites de vento tão robusto e indômito quanto o próprio espírito lusitano.

Alfonso de Azevedo, pausado e meditativo, com os lábios compridos e imbuídos do silêncio ancião do tempo; Beatriz de Lara, de olhos esquivos e tácitos como faróis na escuridão; Fernando, o Bravo, cujo semblante corajoso e decidido parecia desafiar e enfrentar, sem medo nem vacilação, o próprio

azo do destino e o olhar de um rei que sangrava e agonizava no seu véu de sombras e no seu dardejar de palavras amarga e derradeiras; todos, sucessivamente e juntamente, eram chamados a testemunhar e a responder às dúvidas e às inquietações que desencadeavam e afligiam D. Afonso, como um pai e um juiz no pórtico de um julgamento infável e supremo, destituído de ilusões e de fascínio.

”Todos sabem, sob este céu de desolação e tristeza, ou sob a intermitência de chuva ora miudinha, ora coberta a cântaros, que as palavras e os segredos que compartilhamos e nos lançamos, nestes momentos sombrios e terríveis em que uma batalha pode ganhar ou perder-se no murmúrio de um gesto ou de um olhar, não só representam a vida ou a morte das almas e dos soldados que nos acompanham e nos fitam como se fôssemos deuses, mas também ajudam a moldar e a cumprir o desígnio e a narrativa de um Reino que resiste e que brilha ígneo e fugaz na teia de um sonho e de um instante, em que a solidão e a escuridão se abraçam e se repudiam na imensidão das horas e dos altiplanos escarpados”.

As palavras saíam do peito e da boca cristalina de D. Afonso como se estivessem sendo arrancadas e arrumadas por um punho cego e invisível, mas, nas mãos de Baltasar Afonso, o mensageiro que trouxera a carta de revelações inquietantes, pareciam ter se transformado em um ossuário de dúvidas e de hesitações, tal qual lhes corria a linfa dolorosa e estigmatizada da traição e do amor, como se a chuva e o vento pudessem transmutar e tocar, com a sua música e o seu silêncio, a própria essência e a aura de uma nação que se encolhia e se lastimava na penumbra dos castelos e das prisões.

Ao terminar de ouvir, sem interrupções e sem reprovações, o relato angustiado e sincero do seu rei e senhor, o conselheiro Alfonso de Azevedo ergueu-se, resoluta e lentamente, do banco humilde e envernizado em que se recostava, enfrentando as sombras e a algazarra de um sono e de um sonho que pareciam querer se desfazer e sucumbir, diante da evidência desesperadora e acusadora do segredo que se descortinava e se insinuava em seus olhos e em seu coração.

”Sire”, disse, com a voz embargada e trémula, mas firme e inquebrantável como o remorso e a coragem que habitavam em suas palavras e em seu espírito, ”sabei que a notícia acerca do amor oculto entre a nobre senhora Isabel, filha de Trastâmara e de Portugal, e o cavaleiro mouro Amir, filho da Al-Andalus e das terras do Sul, paira sobre nós como uma nuvem iminente

e tempestuosa, que não podemos encarar e subverter sem a devida reflexão e ponderação que o caso exige e merece”.

Sentimentos Divididos

No silêncio insondável das noites que se seguiam ao encontro fortuito e desesperador de Isabel e Amir, nasceu uma sensação inescapável de dualidade, de profunda e arrasadora divisão. Nas horas em que a lua mergulhava sob o manto escuro do céu, e as sombras dançavam sobre as ameias das muralhas e castelos que se erguiam em defesa de uma luta sem fim e sem glória, os dois jovens se lançavam em um labirinto abismo de sentimentos e de dúvidas, como se a leveza dos seus encontros e dos seus corpos se transformasse e pesasse nas almas condenadas pela força avassaladora e devastadora do tempo e da memória.

Isabel, embora sabedora da impossibilidade de satisfazer e buscar o amor e a reciprocidade que vislumbrava e devorava no olhar inesquecível e atrevido de Amir, deixava - se embalar e friccionar, nos intervalos e nos prelúdios da solidão e dos afazeres de uma vida enclausurada e ácre, pelo calor e pela ternura de fantasia fulminante e juvenil que lhe sussurrava aos ouvidos e lhe desvelava às pálpebras, na canção e no perfume de um suspiro e de um desejo que não ousavam ou não queriam se dissolver e se extinguir no remanso das águas e das abluções, das tormentas e das lágrimas que os golpeavam desde o alvorecer e o arrebol da história e da esperança.

Amir, por sua vez e por sua penitência, escondia, sob o escudo e o peitoral impávido e obediente de um guerreiro destinado a cumprir e a subverter as ordens e as litânicas de um suserano e de um Alá que nem sempre se revelavam e se transfiguravam no espelho e na emergência da simplicidade e da retidão, o apetite secreto e inconfessável que o atraía e o desmandava para as terras e para os sonhos de uma mulher e de uma flor, de um dia e de um juramento que desconhecia e se comprazia de entrever e roçar, por entre o sangue e a ferida das ranhuras e das andanças que lhe abismavam a esperança e o passado no labirinto e no rosto de um reino insondável e intemporal que nenhum deus e nenhuma disputa parecia permitir alcançar e salvaguardar na orla e na ânsia da vida eterna e enigmática que o amor insinuava e eternizava.

Mas o segredo e o abismo que os unia e se palpitava e repassava na

medida e no instante das palavras e dos encontros clandestinos e venturosos em que se retemperavam e se uniam, como duas fagas e dois viadutos precípuos e misteriosos de um destino e de uma solução que se alargavam ou se estreitavam no limiar e na lacuna silente e sombria de um destino inebriante e calamitoso, também se reverberava e se esfacelava, com o vigor e a angústia de uma primavera e de uma provação inefáveis, nos corações e nos sonhos de Beatriz e de Fernando, testemunhas e fiéis resquícios da luta e da utopia que se desfazia e se arrojava, com a perplexidade e a melancolia de um olhar e de um farol desarmados e frágeis, na convivência e na prerrogativa de um jogo e de um abraço que se inquietavam e se levantavam, diante do martírio e do óbice da noite e da identidade, num esplendor doloroso e grandioso como o lamento de um pássaro heróico e assassínio que a morte não conseguia abater nem submergir.

Beatriz sofria, em segredo e em silêncio, como se o espinho de uma rosa, de um amor ou de um remorso invencível tivesse se cravado e se esculpido em sua pele e em seu coração, o distanciamento e a aridez que, passo a passo e murmúrio a murmúrio, se instalavam no olhar e no desejo de sua querida amiga e de sua mestra, como se a saudade e o afeto não encontrassem eco nem razão na sombra e na revelação que Isabel, em um último e angustiada exílio e sincronismo, deixava derramar, como a água inextinguível e bravia de uma fonte e de um presságio que se precipitavam e se extinguiavam no mistério e desalento da sapiência e do amor irrecusável e irreduzíveis. Algures, por entre a enxurrada e o jardim chorosos de suas lágrimas e de suas memórias, despontava, em seu coração e em seus pensamentos, o rastro e o perfume de um beijo e de uma gargalhada, o suspiro e o arrebatamento de um encontro e de uma esperança que os anos e as lutas não obscureceriam nem cingiriam, na ausência e no burilamento do abandono e da subversão que se ancoravam e se perpetuavam nas margens e na melodia do esquecimento e do perdão.

Já Fernando, ao ouvir e ao presentir, no alvor e no sonho arrepiante e desafiador do seu dever e da sua renúncia, o clamor e a voz inaudíveis, porém portentosas e egocêntricas, de uma amizade e de uma promessa que lhe devassavam a alma e o caminho no eco e na memória de um sol e de um combate inesquecíveis, em que a glória e a repulsa abraçavam e transcendiam, no lampejo e no rubor do sangue e da honra, o semblante e o júbilo de uma existência e de uma armadura que se enfrentavam e se

esvaeciam, como gota após gota, nas águas e nos desígnios que habitavam e se descobriam nos olhos rasos e, de alguma forma, distantes de Amir.

A Prova de Lealdade

A turbulência do vento soprou pela sala do trono, perturbando o silêncio que pairava no ar. O desconforto geral era palpável enquanto as chamas tremulantes das tochas lançavam sombras inquietantes pelas paredes de pedra.

No centro da sala, D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, um homem de aparência enigmática de nariz adunco e cabelos escuros, encontrava-se em seu trono, pesado com preocupação e incerteza. O trono de madeira escurecida, grotesco em sua bela simplicidade, era recoberto por um luxuoso manto vermelho e dourado com as armas do reino, mostrando a pompa dos leões e castelos entrelaçados em intrincado padrão.

D. Afonso radiava uma presença poderosa, e todos os nobres e servos presentes não podiam deixar de sentir sua majestade e respeito. No entanto, seus olhos, ainda que expressassem a força e determinação de um governante, não podiam esconder a crescente insegurança e dúvida que assolavam o nobre coração de um homem forçado a tomar decisões impensáveis em pleno conflito de lealdades e sentimentos.

Seu conselheiro, Alfonso de Azevedo, aguardava a seu lado, imóvel como uma estátua, a inquietação escondida sob sua armadura de prudência e discernimento. Alfonso observava em silêncio os eventos desenrolarem-se diante de seus olhos, fiel a seu papel de conselheiro a seu rei, mesmo nos momentos mais obscuros e ameaçadores que um homem poderia enfrentar.

Do outro lado da sala, dois jovens, os improváveis protagonistas de uma era turbulenta e sombria, também esperavam sua vez de falar. Isabel de Trastâmara, nobre de sangue puro e vívida paixão, e Amir ibn Malik al-Andalusi, cavaleiro mouro de honra e presença imponente, encaravam-se em silêncio, hesitantes e apreensivos quanto ao que viria a seguir. Eles eram a prova viva do amor e da lealdade que ultrapassavam fronteiras, mas também representavam os desafios e as provações que ameaçavam separar e destruir até mesmo os corações mais fiéis e corajosos.

Apenas dois outros, Beatriz de Lara e Fernando, o Bravo, observavam a cena com olhares vigilantes e curiosidade ocultada. Seus olhos se encon-

traram brevemente no meio da sala, medindo silenciosamente um ao outro, compartilhando suas dúvidas e aquele lampejo de um pacto silencioso de proteção e amizade.

D. Afonso pigarreou, suas palavras pesadas e solenes preenchendo o espaço entre os participantes, "Isabel, Amir, aproximem - se. Vocês sabem por que foram chamados à minha presença neste momento decisivo. O tempo, finalmente, colocou nossa esperança de paz em xeque, e chegou o momento de decidir que caminho o destino seguirá. Como podemos garantir a segurança e a prosperidade deste reino se a confiança entre nós só se enfraqueceu diante deste conflito secreto de lealdades?"

Isabel, com um nó na garganta e esforçando - se para esconder o pânico que ameaçava derramar em lágrimas, respondeu com voz baixa e trêmula, mas firme em sua convicção, "Sire, nossa relação, mesmo que inesperada, nasceu da verdade e do amor - virtudes que carrego comigo em todos os momentos, como filha desta terra. Peço perdão pela dor que possamos ter causado, mas acredite que, apesar do segredo que carregamos, minha lealdade sempre foi para com o reino e sua majestade."

Amir, seu rosto marcado pela dor e indecisão, limitou - se a assentir, temendo que ao abrir a boca para falar, as palavras o traíriam e colocariam em risco o seu amado e seu povo. Internamente, travava uma batalha interna, ciente de que restaria pouco espaço para a ruína.

Fernando apertou o punho em sinal de amizade e ansiedade silenciosa, enquanto Beatriz inclinava a cabeça em um gesto de compreensão. "Mostrem sua lealdade em campo," disse D. Afonso, com severidade, "e não só nos momentos fugazes de amor proibido. O destino de Portugal depende disso."

Isabel e Amir trocaram um último olhar, jurando silenciosamente lealdade um ao outro, mesmo que o mundo à sua volta estivesse ameaçado pelo implacável duelo de amores e nações. Unidos em conflito, encontrar - se - iam de novo, mesmo que o destino lhes negasse a alegria da união. A prova de lealdade, mais do que nunca, se fazia necessária - e o legado do Leão de Portugal estava em jogo.

O Sacrifício de Isabel

As nuvens carregadas passavam pelo céu daquele fim de tarde, enquanto ventos roçavam e uivavam nas ameias das Torres de Almourol, trazendo

às borboletas do jardim uma canção desoladora. As árvores deparavam-se divididas ao vento, em um esforço vão para proteger os rochedos das intensas ondas do rio; mas o coração do jardim - o meu recanto secreto - continuava imóvel.

Tomei no peito o torpor do fim da tarde, revelando-me por detrás do carvalho que me escondera por tanto tempo do mundo. O meu olhar buscou ansiosa na visão que se espalhava diante de mim, à espera de encontrar aquele único ser capaz de se destacar por entre o pôr do sol sombrio - o único ser que, aos poucos, estava a transformar-se em lenda naqueles reinos de vinho e gelo.

Será que as horas se esconderam juntamente com seus poemas de amor e a minha vida? De joelhos, roguei aos céus que me afastassem daquele purgatório; mas Aoife e Afonso me convenceram que o destino de um guerreiro somente se revela através do sacrifício.

O som de cascos de um corcel invadiu os meus ouvidos, enquanto o eco do seu galope me carregou de volta aos meus dias de inocência e alegria. O casco do animal reluziu entre as sombras das árvores e da tarde - o arauto das minhas culpas e meteoros.

Aquele que prendia os ventos e o meu coração desceu do lombo do seu brioso condutor, ele mesmo se prostrando diante de mim. Sua pele centro-americana había se convertido em escarlate; porém ainda refletia um brilho, tal como chambo lascado no fogo.

Ele empalideceu diante do meu olhar e soluço, sendo arrancado das circunvoluções do seu espanto. "D. Isabel", ele me chamou, represando o pranto que despontava na madrugada - "Isabel, quisera o destino que o futuro deste reino se encerrasse com a minha virgindade e o meu amor por ti!"

Ele se ergueu com a determinação de um predador desesperado pelos grilhões do dever e da lealdade. Suas mãos trêmulas revelou da dobra da sua capa uma adaga cerimonial moura, de lâmina quase transparente. "O destino de Portugal", ele disse "se encontra agora trespassado no seio de minha amada."

Como se procurasse sustentar a sua amargura e o seu pesar, ele me ofendeu então: "Isabel, minha valquíria e mulher, portadora de almas e segredos, tomais a adaga, a tua prometida redenção, e despedaçai as entranhas de minha Ponte de Sangue, minha cria tenebrosa que se esgueirou

em teus pensamentos e chamadas.”

Ele me passou a adaga, e eu que me senti paralisada e arrancada das profundezas de um pesadelo, tomei - a com firmeza em minhas mãos. A beleza e o horror do momento espelhavam - se na lâmina, como dois mundos paralelos prestes a colidir em um grande cataclismo.

”Querida Senhora, concluí vosso sacrifício e selai o vosso destino e compromisso com este último ato de amor”, Amir murmurou, um brilho ardente em seus olhos negros. “Sabei que a vossa dádiva será oferecida em holocausto ao nosso futuro.”

Isabel, com lágrimas nos olhos e um coração em frangalhos, levantou a adaga cerimonial e aproximou - a da abertura do ventre. Ainda que hesitante e com uma expressão de incredulidade e agonia em seu rosto, ela apertou a lâmina afiada e profundamente ingrata contra sua pele suave.

Naquele momento, assim que a primeira gota de sangue escarlate brotou e escorreu pela lâmina rumo ao chão de terra lavrada, Isabel e Amir sabiam que estavam comprometidos com a causa, custasse o que custasse. Eles fizeram o último sacrifício em nome de seu amor e de seu reino, enfrentando o destino e aceitando o preço em sangue.

No instante seguinte, os ventos cessaram e uma nova era começou - uma era de coroas e tronos, de dádivas e perdões. Um novo Portugal nascia por entre o sacrifício e a redenção, dando lugar à formação de uma nação sofrida e resiliente - a quintessência da promessa de um reinado eterno.

”Oh, Albor ingrato e perdido”, Isabel sussurrou com um ar de resignação, enquanto olhava para o céu então tranquilo. ”Em ti agora encontro as respostas para meus sonhos e minhas esperanças. Vivo em teus braços, tragada por teu olhar perdido e fiel. Que Deus e a vida nos proteja e perdoe por nossas escolhas, e que a paz reine neste solo por toda a eternidade.”

A Desconfiança de Amir

O sol poente lançava um derradeiro brilho sombrio sobre as colinas que abraçavam as muralhas de Almourol, tingindo - as com cores que pareciam nascidas do próprio fogo da guerra. Aquelas mesmas muralhas, erguidas com a determinação e a arrogância de um povo outrora dominador, agora tremiam sob o peso dos corações de todos os que ali se amontoavam - corações que escondiam segredos e mentiras, amores e traições, que alimentavam o

medo e abrigavam a esperança.

Na sala de guerra iluminada por archotes, sob um mapa que parecia arder com a fúria conquistadora, D. Afonso Henriques ponderava a respeito das notícias trazidas por um dos seus homens mais confiáveis, Alfonso de Azevedo. O homem, sempre calmo e sensato, encontrava-se desconfortável em falar sobre aquilo que vigiara. Discutiam em segredo, em sussurros temerosos das consequências que poderiam surgir do que haviam observado.

Amir, com uma expressão sombria, caminhava solitário pelos corredores do castelo de Almourol, sua mente perdida em um turbilhão de preocupações. Seu coração atormentado pelas descobertas recentes, debatendo-se ferozmente entre a lealdade ao seu povo e o amor por Isabel, a jovem nobre portuguesa que havia se apossado dele.

Cada passo que dava pelos corredores sombrios parecia acentuar suas dúvidas, seus medos e sua desconfiança. Tinha a horrível sensação de que o destino conspirara para colocá-lo precisamente naquele ponto, obrigando-o a escolher entre tudo o que ele acreditava e a única mulher que amara verdadeiramente.

A certeza de que algo terrível se avizinhava crescia dentro de seu peito, contorcendo-se em um nó de terror e desespero, sufocando suas esperanças e ideais. Amir recordou os momentos vividos ao lado de Isabel, os encontros secretos na penumbra do jardim, os cochichos e risos compartilhados sob as sombras eternas das árvores.

Ao mesmo tempo, voltava à sua mente a imagem do seu povo, na luta pela sobrevivência diante do avanço cristão, que ameaçava a existência daquilo que tanto prezara. Amir entrou na sala do trono, onde, em uma rara ocasião, encontrava-se vazia - mas o silêncio apenas parecia ampliar seu tormento.

”Estou fadado a sacrificar a mim mesmo, a Isabel ou a todos os mouros?” ele murmurou, com lágrimas que insistiam em brotar de seus olhos. Sua voz soava como um lamento que ecoava pelas paredes de pedra, carregando consigo toda a angústia de um coração dividido.

E foi neste momento, em que sua alma se esfacelava em pedaços e ele tocava o fundo da desesperança, que Isabel adentrou a sala, seu olhar assustado e cheio de preocupação fixado nele. Tinha pressentido que algo de terrível o affigia e correu ao seu encontro, buscando oferecer algum consolo, mesmo diante das adversidades que os cercavam.

”Amir”, sussurrou Isabel, aproximando-se dele com passos hesitantes, mas determinados, ”o que há de errado? Sinto que a angústia consome de tal forma o teu peito, que todo o castelo parece tremer contigo.”

Sua voz íntima e carinhosa apenas fez com que as dúvidas e as dores no coração de Amir crescessem ainda mais. Levantou os olhos, sombrios e brilhantes pelas lágrimas, para encarar a mulher amada. ”Isabel, algo terrível acontece neste castelo - aquilo que em segredo nos uniu agora nos ameaça separar, e não restará vida ou morte que nos possa redimir.”

Isabel sentiu um arrepio percorrer sua espinha ao ouvir aquelas palavras e perceber a intensidade do sofrimento de Amir. ”Do que falas, meu amor? O que nos ameaça a tal ponto que a própria morte parece ser o único descanso eterno?”

Amir hesitou, sabendo que revelar sua descoberta seria lançá-los em um abismo ainda mais profundo, mas sentia que a verdade deveria ser exposta, mesmo que pela última vez. ”Os homens de D. Afonso nos espreitam, Isabel. Eles conhecem nosso segredo, e conspiram traiçoeiramente contra nós e nosso amor. Aquilo que era nosso refúgio tornou-se o nosso cárcere.”

Isabel empalideceu com a notícia, mas, mesmo diante da adversidade, sua força e coragem não se alteraram, e com os olhos cristalinos, ela encarou Amir, ”Se é preciso enfrentar a traição e o juízo cruel daqueles que nos cercam, então o faremos juntos, meu amor, e nada nem ninguém poderá nos separar enquanto nosso coração pulsar em uníssono.”

Amir segurou a mão de Isabel e a levou até o peito, deixando-a sentir as batidas do seu coração aflito. ”Se a morte nos convocar para sua dança macabra, Isabel, que possamos enfrentá-la lado a lado, ligados pelo amor que nos uniu, mesmo diante das tormentas desta guerra que parece não ter fim.”

E assim, de mãos dadas e corações unidos, enfrentaram os olhares curiosos e inquisidores daqueles que os observavam escondidos, desafiando a iminente tempestade e seguindo juntos por um caminho que, apesar de incerto e sombrio, estava iluminado pelo brilho do amor que partilhavam.

O Ultimato de D. Afonso Henriques

Por todo aquele dia, os corredores do Castelo de Almourol fervilhavam de expectativa e, quando a noite caiu, os homens reuniram-se ao redor do fogo

da sala de guerra, suas vozes tremulando como chamas dançantes, dádivas de conselhos e suposições. D. Afonso Henriques, agora mais do que nunca seguro em seu trono, sentiu-se assim mesmo atormentado pela insegurança.

Algo brotava em seu íntimo como víbora aletargada, picando o peito e espalhando veneno pelas veias, golpeando-o com dúvidas que mal ousava admitir em voz alta. Algo relacionada à jovem nobre Isabel e ao cavaleiro mouro Amir, que em segredo desafiavam a lógica e a guerra, dançando com paixão no precipício da traição.

A mente de D. Afonso Henriques retornava incessantemente, como se num tormento cruel, às sombras e aos murmúrios que se esgueiravam pelos corredores, sussurrando histórias que mal podia acreditar serem verdadeiras. Ainda assim, algo em seu coração lhe dizia que aquilo que suspeitava era mais do que simples fofoca, era um segredo tão antigo quanto as pedras da fortaleza e tão perigoso quanto um exército de inimigos à porta.

D. Afonso Henriques bebericava seu vinho, um rubro Tinto como o sangue de suas conquistas, e sentia o peso de uma decisão difícil que deveria tomar. Por mais que soubesse dos riscos envolvidos em permitir que o amor proibido entre Isabel e Amir continuasse, também compreendia o valor inestimável que tal aliança secreta poderia trazer para a consolidação de seu reino.

Embora sua consciência gritasse em protesto, D. Afonso Henriques sabia que não podia tratar aquela traição como qualquer outra, nem simplesmente expô-la à luz e deixar que as chamas da vingança purificassem seus sentimentos. Não, a situação exigia algo mais sutil e mais perigoso, algo que poderia selar o destino não apenas de si mesmo e de Portugal, mas também do mundo como o conhecia.

Com um suspiro pesado, D. Afonso Henriques convocou Isabel e Amir para um encontro à meia-noite em sua sala do trono, mantendo-se estritamente secreto durante a preparação. Sua única companhia naquele momento era Alfonso de Azevedo, que com olhar plácido mas astuto acompanhava o rei em suas angústias, oferecendo consolo com apenas sua presença.

Quando a última batida de meia-noite anunciou a chegada do momento tão temido, o coração de D. Afonso Henriques palpitava selvagememente, mas em seus olhos ardia a face do lobo acumulado, um brilho predatório que parecia capaz de afligir até mesmo as sombras. Com um gesto trêmulo e hesitante, ele abriu a porta de carvalho que os separava, e assim Isabel e

Amir adentraram, escoltados por um silêncio rígido.

Em seus olhos, D. Afonso Henriques poderia ler o medo e a incerteza, a paixão desesperada à beira do abismo, e por um breve instante, sentiu uma pontada de compaixão por aquelas almas perdidas. "Isabel, filha das nobres terras portuguesas, e Amir, filho de andaimos mouros - vós, cujos corações ousarão golpear o próprio destino, estais agora diante de mim para responder por vossos pecados e por vossas traições", ele disse, sua voz grave e incisiva mas carregada de uma triste melancolia.

Isabel e Amir trocaram olhares apreensivos, mas em seus gestos havia também a coragem que só o amor verdadeiro pode despertar. Sem hesitação e com voz firme, Isabel pronunciou: "Majestade, apesar de entendermos a gravidade de nossos atos e a dor que causamos em vossas mãos, não podemos renegar o amor que sentimos um pelo outro. Estamos dispostos a enfrentar as consequências de nossas ações, porém permaneceremos leais àqueles aos quais servimos e amamos."

"Isabel fala a verdade, senhor", acrescentou Amir, com um brilho de determinação em seus olhos. "Estamos prontos para sacrificar nossas próprias vidas se necessário for, mas não podemos abandonar o que nosso coração nos comanda."

D. Afonso Henriques estudou os dois amantes por longos instantes, deixando sua voz embargar-se. Então, como se a decisão fosse criada da própria solidão do escuro, ele ergueu-se e clamou: "Pois bem, Isabel e Amir, coloco diante de vós um ultimato: jurem lealdade a mim e ao Reino de Portugal, e concordem em usar o vosso amor como arma em nossas mãos, servindo o nosso interesse. Se o fizerem, vos pouparei das punições duras e inevitáveis que caem sobre os traidores. Se recusarem, terão que lidar com as consequências que seguirão a revelação de vosso segredo ao mundo."

Os corações de Isabel e Amir estremeceram perante a crueldade da decisão imposta por D. Afonso Henriques, mas mesmo assim mantiveram-se impassíveis. Em seus olhos dançava um fogo indomável, e com um aceno discreto em aceitação, Isabel selou o pacto entre eles e o futuro de Portugal.

O Confronto entre Rivalidades

A manhã tinha sido silenciosa, os soldados portugueses e mouros ocupados em seus afazeres, preparando-se para o que o dia traria. A proximidade

entre os amantes secretos, Isabel e Amir, era uma lembrança quente aos dois dos momentos benignos que passavam no meio da angústia da guerra. No entanto, o vento estava a mudar, e neste dia, o conflito estava prestes a inflamar tanto a terra quanto os corações apaixonados.

Enquanto Isabel passeava pelos corredores do castelo, o som de botas retumbando ao longe a fez estremecer. Ela percebeu a aproximação de Amir, o cavaleiro mouro com quem ela compartilhava seu segredo mortal. Respirou fundo, sabendo que seu encontro seria provavelmente relativo ao ultimato do Rei, que havia lançado sobre os ombros deles um fardo pesado como o ferro.

Lutando para controlar os tremores que sacudiam seu corpo, Isabel saudou Amir com um sorriso trêmulo. "Amir, o que aconteceu? Senti em teu olhar que algo não vai bem."

Amir não hesitou, sabendo que seu senso de dever não permitiria que a verdade permanecesse escondida por muito mais tempo. "Recebi notícias dos meus informantes, Isabel. Nossas ações já não são secretas - alguns dos nossos próprios começam a suspeitar do que estamos fazendo, de onde reside nossa verdadeira lealdade."

Isabel empalideceu, mas agarrou a coragem que nasceu do amor que partilhavam. "Diga-me, Amir, o que eles sabem? Será possível continuar com o nosso plano, se for necessário?"

Com um olhar sombrio em seus olhos cor de azeviche, Amir murmurou: "As nossas reuniões foram descobertas, Isabel. Estêvão de Sousa, um homem ambicioso e desleal, já sabe muito - e ele não será fácil de silenciar. Os dias do nosso amor secreto correm perigo, minha querida."

As palavras de Amir pulsavam dolorosamente nos ouvidos de Isabel, mas em seu coração, uma brasagem ardente de fúria e determinação se ergueu, consumindo o medo que tinha de amargar uma realidade longe dele..

"Então, enfrentaremos Estêvão de Sousa", declarou ela com determinação, "e qualquer pessoa que ouse conspirar contra nós. Não permitirei que este amor seja destruído por pessoas sem coração que nunca conhecerão a verdadeira lealdade e sacrifício."

Amir segurou ternamente as mãos de Isabel e, juntos, elaboraram um plano para expor os traidores que buscavam separá-los.

Enquanto se embrenhavam nas profundezas do castelo, a tensão era palpável, emanada do encontro dos olhares, iniciando uma batalha silenciosa

entre as rivalidades antigas que ali se escondiam, prontas a serem desenteradas pelo toque insidioso da traição. E foi exatamente ali, no escuro, que Estêvão de Sousa, com olhos injetados de fria ambição, confrontou Isabel e Amir.

"Então, é verdade", cuspiu o traidor astuto, sua voz sibilante na escuridão. "Vocês se arrastaram como serpentes, o sangue dos seus povos desprezado a seus pés enquanto os esfaqueavam pelas costas."

Amir encarou Estêvão com um olhar severo e intenso, mas sua voz se manteve firme e controlada. "Falas de traição, Estêvão, mas mal conheces o peso real do sacrifício. O amor que compartilhamos não nos enfraquece, e sim, nos dá a coragem para enfrentar o futuro."

Estêvão riu cruelmente. "O amor? Um amor fraco e traiçoeiro, que trará a desgraça a todos nós. Posso revelar tuas sombras, Amir, expor sua lealdade ambígua - e quando o souberem, teu coração sentiria a lâmina da espada de D. Afonso antes que possas até mesmo chorar de remorso."

Isabel interrompeu, sua voz carregada de bravura e aço. "Estêvão, não percebes o que está diante de ti - uma aliança que, apesar de incerta e arriscada, tem o poder de mudar o destino deste reino, de unir dois inimigos e transformá-los em aliados."

O olhar de Estêvão oscilava entre Isabel e Amir, sopesando as palavras de ambos, avaliando o poder que tinha em suas mãos. Sem aviso, ele avançou atacando Amir com sua espada, um brilho violento dançando em seus olhos.

Neste momento crítico de vida ou morte, Isabel se lançou na frente de Amir, recebendo a lâmina no lugar dele. O choque e as emoções opressoras dominaram todos aqueles presentes, e Estêvão, percebendo a gravidade de suas ações, hesitou.

Com sangue manchando seu vestido, Isabel sorriu suavemente para Amir, sua mão tremendo fraca em seu rosto. "Meu amor, mesmo no fim, mesmo em dor, nosso amor encontrou sua força, uma devoção que as rivalidades não podem destruir. Que cada batida de teu coração seja testemunha da verdade eterna que partilhamos, unida por além da guerra e do ódio."

Em um momento de trégua que parecia estar suspenso no tempo, os corações de todos os presentes foram inundados por uma compreensão profunda - a violência em si não bastava, pois era o amor, a lealdade e a coragem que finalmente seriam as forças mais decisivas nas guerras humanas e em suas rivalidades. Assim, Isabel e Amir, envoltos pelas sombras de

um amor imortal, imortalizaram a união mais improvável, desafiadora e corajosa de sua breve existência.

A União Secreta

Naquela noite, um vento áspero e gelado corria pelos corredores do castelo de Torres de Almourol, levando consigo ecos das vozes silenciosas e tensões não ditas. O vestido de Isabel tremia ligeiramente enquanto o vento passava por seu corpo esguio, enquanto ela se dirigia ao local do encontro secreto com Amir.

Aspirando o ar frio e úmido, pôde sentir uma ardência em seus pulmões, como se a cada inspiração lhe penetrassem pequenos espíritos invisíveis que lhe arrancavam gotas d'água dos olhos. Aproveitando-se da ocasião, deixou escapar as lágrimas contidas em sua alma, chorando abertamente pelos medos e incertezas que a afligiam e tornavam o coração pesado.

Na penumbra do quarto abandonado, ela encontrou Amir debruçado sobre um mapa esfarrapado, luzes e sombras dançando no rosto sombrio com a chama vacilante do archote aceso na parede. A quietude que o cercava era densa, como se o próprio tempo estivesse prendendo sua respiração em expectativa.

"Amir", ela sussurrou, num fio de voz que raspava a garganta como uma adaga, "achei que tivéssemos mais tempo achei que esse amor e essa aliança secreta nos fortaleceriam para enfrentar os desafios que estão por vir."

Amir permaneceu em silêncio por um momento, seus olhos fixos nos rabiscos do mapa à sua frente. Depois, com um suspiro ferido e um sorriso triste, virou-se para encarar Isabel. "E sim, isso fez", ele murmurou baixinho, como se não quisesse separar as palavras que pesavam em seu coração. "Mas também nos colocou em um ponto de fratura, minha amada, um terreno movediço onde nossas lealdades questionam-se constantemente e nossos atos podem ser a ruína dos outros."

"Nossos atos também podem ser a salvação deles, meu amor," retrucou Isabel, os olhos brilhando com uma nova luz de fúria e esperança. "Juntos, já abrimos as portas a uma aliança antes inimaginável e conseguimos uma trégua que salvou milhares de vidas. Se revelássemos o que consumamos secretamente agora, tudo isso seria em vão?"

Amir suspirou profundamente, abandonando o mapa e se aproximando

para segurar as mãos de Isabel, agora trêmulas. "Há o que não podemos controlar, meu bem", disse ele, com a voz rouca pela emoção. "Há segredos e mentiras que se desfazem na teia de confabulações, deixando escapar verdadeiros perigos para aqueles que nos rodeiam. E em nosso caso, caríssima, há forças que desconfiam de nós, que conspiram para destruir tudo o que construímos a cada encontro escondido."

Isabel estremeceu, como açoitada pelas palavras do amado. Mas em seu olhar, havia uma chama indomável que espalhava faíscas no ar caliginoso do aposento, e quando falou, sua voz era como o rugido de um animal à beira da morte.

"Então, eis o que faremos, meu amado: enfrentaremos os que nos desconfiam, revelaremos a todos essa nossa aliança, verdadeira no amor e secreta na diplomacia, e partiremos para lutar, juntos, pela paz e pelo futuro de nossos povos, nossas almas entrelaçadas até que o último suspiro seja tomado de nós."

A determinação de Isabel inflamou o espírito de Amir, e no olhar profundo e brilhante que trocaram, ambos sabiam a enorme responsabilidade e sacrifício que lhes aguardava. Porém, armados com amor e esperança, estavam preparados para enfrentar a tormenta de guerras, traições e rivalidades que se aproximava - e juntos, tornar-se o farol que iluminaria um caminho glorioso para Portugal e seus corações apaixonados.

A união secreta de Isabel e Amir tornava-se a prova viva da possibilidade de reconciliação entre mouros e cristãos. A coragem emanava de seu amor impossível. Eles abririam espaço para lutar pela paz, juntos, enfrentando forças e traições com determinação e bravura.

A Esperança na Reconciliação

Isabel e Amir encontraram-se novamente no leve crepúsculo sob a sombra das muralhas de Évora, as fachadas de mármore e granito da cidade brilhando suavemente à luz das tochas acesas. Em plena guerra, a cidade fora tomada pelas forças de D. Afonso Henriques, aquele que agora dirigia seus exércitos em direção a Lisboa. No silêncio do encontro dos olhares, estava a história de todas as conversas não tidas e de todas as palavras que nunca seriam ditas.

Amir olhou intensamente para Isabel e perguntou, com um misto de

angústia e esperança: "Estamos divididos em nossas lealdades, entre a luta por nossas nações e o amor que sentimos um pelo outro. Por que será que não conseguimos traçar juntos um caminho, uma aliança que uniria os nossos povos em paz e nos permitiria permanecer juntos, com nossas almas entrelaçadas?"

Isabel, com os olhos marejados e o peito oprimido pela emoção, respirou fundo e respondeu: "Talvez seja possível Mas a um preço muito alto, o preço do sacrifício de nossas vidas e de nossa honra. Nossos bens mais preciosos são também as nossas maiores fraquezas - eles nos prendem a um destino trágico, que já está escrito. A nossa salvação jaz na esperança de que, ao nos unirmos, apesar de nossas diferenças, possamos, de alguma forma divina, reconciliar os corações de nossos povos e acender a chama de uma paz duradoura."

Constrangido pelo peso da verdade em suas palavras, Amir olhou para longe, tentando encontrar algum conforto na paisagem quieta ao redor da cidade. "Se assim é a vontade de Deus, então não temerei a sombra do sacrifício. Brilharemos como um farol para os nossos povos, um exemplo de coragem e de amor verdadeiro em meio à escuridão das guerras e das traições."

Isabel o encarou com ternura, a dor que sentia estampada em seu semblante e lágrimas escorrendo por seu rosto pálido. "Meu coração se agita como um pássaro preso em uma tormenta, mas, a despeito de minhas angústias, eu confio na força que brota do nosso amor e na justiça de nossas ações. Se é para lutar pela reconciliação e pela paz, então sofreremos as mais cruéis chagas, e daremos tudo de nós."

Eles se abraçaram, os corpos trêmulos e as respirações ofegantes, compartilhando em um silêncio eloquente a aceitação do destino que lhes sorria amargo. Uma brisa suave agitou as roupas de ambos, acariciando-lhes a pele como se sutilmente afagasse também as cicatrizes da alma que carregavam.

Na iminência da luta final, D. Afonso Henriques convocou seus comandantes para um conselho no largo da praça. Isabel e Amir caminhavam lado a lado, suas mãos entrelaçadas como uma promessa inquebrável, seguida por um rastro de rumores. Completando o grupo, encontravam-se Alfonso de Azevedo e Hassan al-Fadil, os homens que, embora tivessem lados opostos na disputa política, compartilhavam da mesma visão de uma reconciliação duradoura entre mouros e cristãos - um ideal sustentado pela união secreta

de Isabel e Amir.

Era como se uma tempestade invisível e inaudível se precipitasse sobre a reunião dos oficiais, ecoando a ansiedade, a tensão e as dúvidas caóticas que se escondiam sob a superfície calma das expressões compassadas. Ao observarem aquela cena, cujos olhos brilhavam tão cheios de propósitos e de esperança, Isabel e Amir sentiram um angústia vertiginosa correr-lhes quente nas veias, como se um agouro sombrio envolvesse secretamente a todos, apontando aos seus corações a promessa de uma crueldade ainda não revelada.

No entanto, em cada suspiro, em cada toque de pele, em cada promessa silenciosa que desfilava no brilho dos olhos, um milagre improvável se fazia visível: a esperança de reconciliação nascia da paixão e do desespero, da coragem e da determinação, da eterna luta das almas presas entre o abismo do destino e a liberdade do amor. E embora o futuro lhes fosse incerto e assustador, o simples fato de estarem juntos, enfrentando as adversidades com toda a força de seus corações e a beleza de sua união secreta, era a mensagem mais poderosa e sublime que poderiam transmitir aos seus povos, reconciliando os conflitos e reacendendo a luz na imensa escuridão de um mundo dividido.

A Traição Inesperada

No coração de Évora, a noite espessa parecia gritar os segredos e traições que se escondiam por detrás das paredes de pedra do castelo. A lua, encoberta pelas nuvens cinzentas, lançava sombras fantasmagóricas pelo chão de paralelepípedos enquanto Isabel se movia silenciosamente pelos corredores escuros com a capa negra esvoaçante, atrás das respostas que a consumiam por dentro, atrás dos medos e incertezas que a afligiam e tornavam o coração pesado.

Na penumbra do quarto abandonado, ela encontrou Amir debruçado sobre um mapa esfarrapado, luzes e sombras dançando no rosto sombrio com a chama vacilante do archote aceso na parede. A quietude que o cercava era densa, como se o próprio tempo estivesse prendendo sua respiração em expectativa.

”Amir”, ela sussurrou, num fio de voz que raspava a garganta como uma adaga, ”achei que tivéssemos mais tempo achei que esse amor e essa aliança

secreta nos fortaleceriam para enfrentar os desafios que estão por vir.”

Amir permaneceu em silêncio por um momento, seus olhos fixos nos rabiscos do mapa à sua frente. Depois, com um suspiro ferido e um sorriso triste, virou-se para encarar Isabel. ”E sim, isso fez”, ele murmurou baixinho, como se não quisesse separar as palavras que pesavam em seu coração. ”Mas também nos colocou em um ponto de fratura, minha amada, um terreno movediço onde nossas lealdades questionam - se constantemente e nossos atos podem ser a ruína dos outros.”

”Falas de traição? De conspiração?” Isabel perguntou, a voz vacilando apesar da máscara de coragem que tentava manter. ”O que sabes, Amir? O que nos espera?”

”Sim, traição”, Amir respondeu, a voz tensa e preocupada. ”Recebi uma mensagem esta mesma tarde. Estêvão de Sousa conspira contra nós. E ele está longe de estar sozinho.”

Isabel olhou fixamente para Amir, os olhos arregalados de horror. ”Como foi que descobriste isso? E o que ele pretende fazer?”

Amir suspirou profundamente novamente, desta vez mais pesaroso do que antes. ”Um aliado meu infiltrado nas fileiras de Estêvão capturou uma mensagem trocada entre ele e seus comparsas. Eles planejam atacar Coimbra no dia seguinte ao do casamento aliado entre um nobre português e uma nobre mouro. Pretendem que o ataque termine com sangue e terror, que a cidade tome as cores da vingança e do ódio.”

Isabel respirou fundo, sentindo o ar frio e afiado como vidro cortando seus pulmões. Toda a convicção e a esperança que tinha mantido até então parecia evaporar - se nesse instante, deixando - a trêmula e fraca. ”Temos que agir, Amir. Tens que dizer a Afonso, e juntos podemos impedir essa catástrofe.”

”Nossos amores e nossas lealdades estão em jogo aqui, Isabel”, respondeu Amir, apertando suas mãos. ”É possível que, ao revelar esse segredo, possamos destruir todas as pontes que construímos entre nossos povos. Mas também é possível que, ao enfrentar a traição e o ódio que se cria nas sombras, possamos mostrar que há uma outra maneira, uma esperança de paz e reconciliação que pode iluminar mesmo as trevas mais profundas.”

Isabel encarou Amir, sua determinação vacilante se inflamando novamente em sua voz. ”Então, eis o que faremos, meu amor: enfrentaremos os traidores e sua conspiração, revelaremos a todos essa nossa aliança, ver-

dadeira no amor e secreta na diplomacia, e partiremos para lutar, juntos, pela paz e pelo futuro de nossos povos, nossas almas entrelaçadas até que o último suspiro seja tomado de nós.”

Amir olhou dentro dos olhos de Isabel, vendo ali um fogo indomável que o enchia de esperança e coragem. “Se essa for a vontade de Deus”, murmurou ele, puxando-a para mais perto, “então estou contigo, coração e alma, até o fim do mundo.”

No silêncio do quarto abandonado, enquanto as sombras do passado e do futuro dançavam ao redor deles, Isabel e Amir se abraçaram com fervor, seus corações batendo juntos, indomáveis, prontos para enfrentar o desconhecido traiçoeiro. E, mesmo sabendo do perigo e das tempestades que os cercavam, sentiam uma coragem e uma fé inabalável que os sustentavam, uma semente de paz em seu coração que não seria esmagada pelas sombras da amarga traição e do ódio. Porque, no abismo da incerteza e do medo, sabiam que juntos poderiam transformar as trevas em luz e, mesmo perante os vapores venenosos da conspiração, poderiam encontrar esperança e amor, duas chamas indomáveis que arderiam sempre, mesmo na mais profunda e escura das noites.

Decepções e Reflexões

A cidade de Évora adormecia sob o manto espesso da noite, suas casas longas e estreitas inclinando ligeiramente umas para as outras, como se conspirassem em segredo nas sombras. Encruzilhada num dos caminhos que se bifurcaram tomando o norte e o sul de Portugal, a cidade era um meio de caminho marcado pelos sulcos do tempo no rosto de suas pedras, no vaivém apressado de gente de todas estirpes que cruzava suas portas abertas de par em par num convite aberto.

D. Afonso Henriques fixava seus olhos aguçados e incisivos no espaço vazio em seu derredor, o ódio que crescia em seu peito tornando-se uma sombra febril que parecia varrer todo o seu ser, obscurecendo-lhe a visão da beleza e da luz que permeavam a sala espaçosa do castelo. Abatido pelo peso das traições e degolas, das decisões errôneas e fulminantes tomadas em seu nome, e esmagado pelo amor proibido que ardia no coração da noite como uma labareda insolente, Afonso não conseguia se concentrar na tarefa que tinha à sua frente. Estava engalfinhado em batalha constante, brigando

consigo para desfazer os nós que o prendiam, enquanto o furor, o medo, e a culpa, solapavam suas forças de vontades e sentimentos.

A voz suave de Isabel de Trastâmara estremeceu o ar quieto, soprando como uma brisa suave que afastasse a tempestade que borbilhava em Afonso. "Devo lhe pedir perdão", ela murmurou, os olhos baixos e a voz embargada de lágrimas, "por colidir seu destino com o nosso mundo afogueado de dor e sombra. Não houve sequer um momento, nas horas trepidantes e arranhantes em que meu coração sopesou o que fazer -como se uma balança olhasse para mim e para Amir e deixasse o prato cair sobre um segredo precioso-, eu, sinceramente, jamais pretendi trazê-los a vocês, aos perigos da tempestade que nos perseguia."

Afonso percorreu devagar a distância que os separava, um ar trêmulo de medo e ternura levantando-se entre eles. "Era uma coisa das quais eu precisava saber, minha querida", admitiu ele, a voz vibrando como se fosse um bisonte prestes a enfrentar um predador. "E agora, que tudo foi revelado, eu devo lhes fazer justiça, a você e a Amir. Porque, em meu coração, eu não posso esquecer o quanto lutamos por esta causa, queimando as pontes e os laços que nos prendiam ao passado, e a última coisa que desejo é ver as cinzas de nossa luta assolarem suas próprias vidas e nossos ideais."

Isabel o encarou, os olhos súplices e torturados pelo amor e medo que se debatiam em seu peito, um emaranhado de emoções indizíveis que não tinham palavras para descrever. "Nós caminhamos sobre um abismo de dúvidas e sombras, meu senhor, e temos tão pouco tempo para tomar as decisões que podem mudar o curso das nossas vidas, para melhor ou para pior. Amir e eu nunca tivemos como prever que nosso amor nos levaria a tão profunda e difícil posição mas eu acredito, no fundo do meu coração, que a escolha que fizemos foi a correta."

O rosto do rei D. Afonso Henriques se obscureceu, como se as dores e os legados do passado pesassem como um fardo invisível em seus ombros. "Tudo o que temos sido, tudo o que temos almejado e lutado, converte-se nesse momento único, quando obrigamos nossas esperanças e medos a se enfrentarem num tabuleiro de xadrez onde ganhar e perder estão estritamente vinculados e sós."

"É o amargo sabor da verdade, senhor", murmurou Amir, a voz grave e triste, o olhar perdido nas fronteiras indistintas entre a luz e a sombra. "Sempre que nos aventuramos rumo ao futuro, precisamos traçar nossos

passos e pensar se estamos fazendo o certo ou se estamos apenas cavando um buraco cada vez mais profundo para nós mesmos.”

”Será então que estamos fadados a padecer nesse abismo de nossa própria criação?”, indagou Isabel, os olhos marejados com uma tristeza que fazia seu coração pulsar numa cadência rápida e irregular. ”Ou existe uma rede invisível de esperança que, mesmo em meio às mais brutais das tempestades e traições, continua a nos levar às batalhas e provações, guiados pelo amor e pela verdade que sacrificamos tanto para descobrir?”

A resposta enraizada nessa pergunta seria sussurrada pelo vento, carregada pelas ressacas de uma história que desabrochava no coração dos homens e mulheres que, em meio às sombras e árduas escolhas de um mundo separado por guerras e paixões, encontravam um brilho intermitente de esperança, uma luz inquebrantável de coragem e determinação que os guiara, passo a passo, à beira das ribanceiras, como uma réstia de sol dourada despontando no horizonte.

Chapter 12

A batalha final

se alinhavava no horizonte como uma barreira de ferro e fogo, separando o presente trêmulo e assustado do futuro longínquo e desconhecido. No silêncio que precedia o confronto, o som das espadas afiando-se, das armaduras encaixadas e dos cavalos resfolegando pavimentava o caminho para um clímax brutal e inescapável.

No centro desse turbilhão de tensão e preparativos estavam Isabel e Amir, dois corações batendo no ritmo da batalha, compartilhando momentos de medo, amor e resignação enquanto caminhavam em direção ao seu destino.

”Isabel, não podemos simplesmente desistir e partir”, confessou Amir em um sussurro, a tempestade em seu peito explodindo em cada palavra. ”Não posso continuar lutando sabendo que posso perdê-la a qualquer momento.”

”Não podemos abandonar nossos irmãos e irmãs”, respondeu Isabel, os olhos marejados de lágrimas. ”O sacrifício já foi grande demais. Não podemos falhar agora.”

Enquanto a luz do sol morria no horizonte, D. Afonso Henriques reunia-se com seus generais, delineando os planos para o confronto final. O olhar de Hassan al-Fadil cruzou o campo de batalha, admirando a coragem e a determinação dos guerreiros portugueses, mesmo enquanto se preparava para enfrentá-los. Em uma tenda improvisada, Alfonso de Azevedo fervilhava em silêncio sobre as táticas e contingências, enquanto Fernando, o Bravo, testava o aço de sua lâmina, pronto para cumprir mais uma vez a tarefa que lhe fora atribuída.

No mesmo instante, Beatriz de Lara e Madalena da Silva trabalhavam incansavelmente, cuidando dos feridos e dos corações cansados. O medo do

desconhecido e do inimigo que se aproximava crescia a cada minuto, mas dentro deles ainda ardiavam as chamas da esperança e da convicção.

A noite passou - se em um silêncio quebradiço, enquanto as pessoas lutavam contra suas próprias dúvidas e erros, procurando forças em seu passado e em seus sonhos para sustentá - los durante a batalha que se aproximava, rugindo como uma fera desencadeada. E, enquanto a luz do dia renascia, uma última oração foi murmurada ao vento, carregando consigo a promessa da fidelidade e do amor.

"Deus, nos dê coragem", sussurrou D. Afonso Henriques, com os olhos fechados e as mãos juntas, "para enfrentarmos essa batalha e prevalecermos sobre nossas fraquezas e vergonhas. E, se honrarmos suas palavras e encontrar a paz, deixe aqueles que lutaram e morreram serem lembrados como heróis em sua graça eterna."

As emoções e tensões atingiram o ápice, assim que o clarão do ferro e dos escudos ocorreu no campo de batalha. A guerra, essa assombração que pairava sobre todo reino e alma, finalmente se lançou em um abraço terrível e demolidor, envolvendo a todos indistintamente.

D. Afonso Henriques cavalgava à frente de seu exército, a fúria e a determinação em seu olhar transfixado no inimigo que os aguardava. As forças mouros agora surgiam em seu campo de visão, e a batalha entrava em seu momento decisivo.

Amir avançou, lutando com a paixão e a ferocidade de um guerreiro que havia descoberto o verdadeiro significado do amor e da lealdade. Cada golpe que desferia parecia carregar consigo o peso de suas escolhas, seu sacrifício e seu desejo de proteger aqueles que amava.

Isabel, armada com sua própria coragem e determinação, enfrentava a realidade brutal da guerra, emprestando sua força às enfermeiras e soldados que lutavam ao seu lado. Mesmo em meio ao caos e violência, ela ainda sentia em seu coração a esperança de um futuro melhor, e a possibilidade de reconciliação.

A batalha prolongou - se por horas a fio, a terra manchada de vermelho e o ar carregado com gritos e lamentos. Amigos tornaram - se inimigos, e inimigos tornaram - se aliados em face da aniquilação mútua. No clímax desses momentos sombrios, Hassan al - Fadil e D. Afonso Henriques se encontraram, a última esperança de paz e unidade pendendo na ponta de suas espadas.

Enquanto a poeira da batalha se dissipava, Amir e Isabel se abraçaram, vitoriosos em seu sacrifício e em seu amor. Em seus braços, encontraram forças para enfrentar o futuro incerto que os aguardava, sabendo que haviam triunfado não apenas sobre seus inimigos, mas também sobre si mesmos.

Com a batalha final vencida e a paz estabelecida sobre as terras de Portugal, D. Afonso Henriques consolidou seu poder como rei incontestável e símbolo de unificação e independência. E, enquanto os sobreviventes dessa guerra brutal caminhavam em direção ao ocaso de seus próprios destinos, levavam consigo o legado de Isabel e Amir, os heróis improváveis cujo amor transcendeu barreiras e transformou o futuro de um reino.

Porque, mesmo nas profundezas das trevas mais terríveis, ainda brilha o fulgor da determinação humana, atestando que nossos corações e almas são capazes de se unir em uma tapeçaria de esperança e amor, mesmo diante das dificuldades e adversidades mais extremas. E, com a chama dessa verdade queimando eternamente, o mundo prossegue, forjando-se à imagem de nossas lutas, nossas tristezas e nossas vitórias, desdobrando-se em um amanhã onde o amor e a coragem podem, ainda que por um único e vibrante momento, triunfar sobre tudo.

Preparação para o confronto decisivo

O dia estava morrendo aos pés da montanha onde a vida, outrora florescida em risos e canções de amor, agora se afogava no clamor de ferros e gritos d'armas. Aos poucos, o sol lançava suas últimas súplicas à terra, como um moribundo que estenda a mão à única âncora que ainda o prende à vida. E ali, sob aquele céu encarnado de sangue e crepúsculo, D. Afonso Henriques contemplava a imensidão da batalha que se lançava, fervorosa e ardente, como um novo alvorecer em suas vidas conturbadas.

"Lá se encontram", murmurou Alfonso de Azevedo, o olhar consternado e perturbado pelo peso das escolhas e destinos, que tal qual uma mão invisível oprimia os corações dos homens e mulheres que, ali arrastados pelo vento, pelas pedras e pelo aço, buscavam um rastro de paz e redenção nessa terra fecunda e desesperada. "A batalha que há de decidir o futuro de nossas vidas, que fará as muralhas de nosso passado ruírem com o clangor do ferro, e acenderá a chama do nosso mais profundo e oculto

As palavras se perderam no sussurro do vento, em meio aos ecos e

sombras douradas que tomavam, melancólicas e resignadas, todo o vão dessa morada ferida e dilacerada. Pois era ali o cenário final do seu derradeiro confronto, o término daquela batalha infindável entre amor e ódio, redenção e sacrifício, que desafiava o equilíbrio tênue e frágil dos corações humanos.

Isabel apertou a mão de Amir, sentindo as batidas aceleradas com os pensamentos que inundavam sua alma, o medo e a angústia que a cada segundo se aprofundavam e cresciam em seu peito. "Temo, meu amor, que nosso destino esteja selado nesta batalha, que

Amir a contemplou com um sorriso amargo e triste, como quem esconde a dor e o desespero sob a casca negra de um olhar resignado. "Seja o nosso destino uma bênção ou uma maldição, meu coração e minha vida pertencem a ti, e nada poderá mudar esse sentimento que me alimenta e me faz seguir em frente, mesmo nas mais terríveis trevas." E, com um gesto suave e carinhoso, enlaçou as mãos de Isabel, como se aquele simples toque pudesse assim protegê-la das agruras e brutalidades do tempo e da guerra.

Foi então que, em um murmúrio quebrado, Madalena da Silva se aproximou, a voz anasalada e ofegante, carregada de medo e angústia. "Perdoai-me, senhor e senhora, mas tenho receios ao vos pedir que tomem precauções e se preparem, pois a batalha está prestes a acontecer, e o futuro deste reino acorrentado dependerá de todos e cada um de nós." E, com um aceno resolutivo e trêmulo, afastou-se, deixando atrás de si uma torrente de lágrimas e dúvidas.

"Não", balbuciou D. Afonso Henriques, os olhos enevoados pela lembrança dos que já perderam suas vidas, e daqueles que ainda estavam a enfrentar o pior dos inimigos. "Não podemos deixar que o fogo e a fúria caiam sobre o nosso povo, que o nosso "Este é o nosso destino, meu senhor", disse Alfonso de Azevedo, a voz entrecortada com a emoção que lhe queimava os lábios, estendendo a mão para amparar Huluí, o fiel corcel que, sob o inesperado puxar de seu amo, relinchou de maneira temerosa. "E aqui, no meio desse abismo de sangue e aço, encontraremos o caminho para o desfecho de nossos sonhos e sacrifícios."

E, assim, com os corações pulsando como um tambor sagrado e indomável, D. Afonso Henriques, Alfonso de Azevedo, Isabel de Trastâmara e Amir ibn Malik al-Andalusi, unidos em uma única e impenetrável muralha de amor e coragem, marcharam para o campo de batalha, onde os destinos e as esperanças do seu amado Portugal estariam, pela última vez, à mercê

do grito ardente e selvagem dessa terra ferida e ressequida. E ali, sob as sombras do crepúsculo, que se debruçavam melancólicas e lentas sobre a terra negra e reluzente, eles encontraram o seu último refúgio, essa promessa de vida e de morte que daria, fiel e sagradamente, o fim ao seu pesadelo dilacerante.

Os corações palpitavam num descompasso febril, enquanto no horizonte a sombra escura e ameaçadora do combate final se alinhavava no horizonte como uma barreira de ferro e fogo, separando o presente trêmulo e assustado do futuro longínquo e desconhecido. No silêncio que precedia o confronto, o som das espadas afiando - se, das armaduras encaixadas e dos cavalos resfolegando pavimentava o caminho para um clímax brutal e inescapável.

Alianças inesperadas

”Às vezes penso que somos como grãos de areia nesta praia, miúdos e efêmeros em um mundo vasto e brutal”, desabafou Isabel, as palavras fugindo de seus lábios como um pássaro que, depois de longo cativo, alça voos trêmulos e incertos rumo ao céu infinito e azul. ”E, no entanto, neste pequeno canto de terra e mar, nascemos, vivemos e morremos, unidos pela mesma esperança, o mesmo amor e o mesmo medo, mas ainda assim divididos por ideais e lealdades que nos impedem de ver o que realmente somos.”

Ao seu lado, Amir bebeu da beleza pura e secreta daquelas palavras, como se cada letra e verso lhe transmitisse a força e a coragem que, durante tantos ciclos e noites de exílio, haviam lhe faltado. Não era, de fato, um estranho nesse mundo de sombras e conflitos, de ódios e paixões que devoravam o seu coração e sua alma em um voraz redemoinho de fogo e sangue. E, mesmo diante de seus olhos, ele percebia que, de alguma maneira, havia encontrado em Isabel não apenas a luz e o abrigo que ansiava em sua tortuosa jornada, mas também a razão e o sentido de cada passo que dera e cada decisão que tomara.

”Falamos não apenas como homens e mulheres”, disse - lhe em voz baixa, ”mas como seres feridos e ressequidos por esta guerra que nos assola, amaldiçoa e transforma em miragens de antigos sonhos e desejos. E, se pudéssemos apenas unir as mãos e entrelaçar os dedos, talvez encontrássemos a chave para quebrar essas correntes que nos separam, essa armadura invisível

e impenetrável que nos rouba a sinceridade do amor e da amizade.”

Mas a noite sombria e indefinida, já em seu leito de luas e constelações, anunciava como um amargo presságio a ameaça crescente da traição e do descontentamento. E Alfonso de Azevedo, o mais fiel e sábio amigo de D. Afonso Henriques, lembrava - se com amargura dos avisos e rumores que, como serpentes ocultas no escuro, sibilavam venenosos e inescapáveis, trazendo - lhe a dúvida e a tentação de renunciar a tudo aquilo em que acreditava, todos os valores e princípios que lhe haviam moldado como guerreiro e honrado diplomata.

”É tempo de cerrar fileiras e enrijecer os corações”, sussurrou al- Fadil ao ouvido de Alfonso de Azevedo, num murmúrio quase inaudível, como quem revela o segredo mais íntimo e profundo de uma alma atormentada. ”Pois, por mais que nos custe acreditar, esta semente do amor e da paixão que criamos regará com lágrimas e sangue a cabeça de nossos inimigos, desencadeando uma tormenta de ódio e destruição. E, se não atuarmos como mediadores e reconciliadores, será em vão todo este sacrifício que, desde o nascer do sol, carregamos em nossos ombros.”

Os olhos de Alfonso relampejaram febris sob a luz mortiça da lua que, crescente e maternal, espargia seu facho pálido e trêmulo sobre a campina e as estrelas. ”Então, pode ser que, no momento de máximo perigo, seja quando verdadeiramente seremos chamados para encontrar essa paz que ambos desejamos e precisamos.”

Hassan al- Fadil, assentindo em silêncio, voltou os olhos para o sul, onde a névoa fria e de um cinzento cândido se erguia como uma cortina apenas a revelar a escuridão adensa. ”Mas, antes que nossos ouvidos escutem o clamor das esperanças despedaçadas e nossos corações se rendam à dor da morte e da traição, precisamos primeiro enfrentar a sombra do inesperado, essa aliança que pode mudar os rumos da nossa história e da nossa luta, mesmo que não possamos entender ou desvendar seus misteriosos desígnios.”

Isabel e Amir, ainda inconscientes dos perigos e intrigas que teciam sua teia de silêncio e infortúnio sobre a terra destroçada e repleta de horrores, apenas se beijaram num último e apaixonado adeus, suas mãos ainda tremendo sob o peso das promessas e dos segredos que, como brasas e estrelas, arderam em seus corações e reacenderam a chama moribunda dessa guerra que, mesmo destroçada e angustiada, não cessava de assombrar a terra e o céu de um reino ainda em formação.

”É hora de partirmos, cara Isabel”, suavemente Amir sussurrou aos ouvidos de sua amada, a emoção brilhando em seus olhos como a primeira gota de orvalho que se desprende da pétala murcha e desbotada. ”Não podemos permitir que nosso amor seja a causa da desgraça e da dor que cerca e devora este povo e esta terra que, enfim, nos abrigou e acolheu em sua cálida e formosa vala conosco.”

”Mas não temas, meu amor”, respondeu Isabel, o sorriso ainda dançando ligeiro em seus lábios corados e banhados em lágrimas, enquanto buscava a ternura e o aconchego dos braços de Amir. ”Pois sei que, em cada rincão desta terra ferida e sombria, em cada rio e mar, um novo sonho de paz, de união e de esperança está prestes a surgir, a encorajar não apenas seu povo, mas também nossos corações angustiados e aflitos.”

E, assim, em um só gesto de ternura e de abandono, Isabel e Amir se enlaçaram pela última vez, seus olhares fitando o profundo e vasto horizonte em que, distante e solene, assomava a promessa de um amanhã onde as alianças inesperadas e os amores proibidos pudessem se tornar, enfim, a chave da redenção e da esperança. E, neste momento sublime e eterno, selaram com um beijo e uma melodia perdida a certeza de que, em cada gota de sangue e de lágrima, um novo fio de ouro e de luz seria entrelaçado na tapeçaria infinita e cortada de suas almas e do seu destino, para sempre unidos pela paixão, pelo amor e pelo sacrifício que transpôs todas as fronteiras e todas as barreiras do tempo e da guerra.

Estratégias de batalha de D. Afonso Henriques

Ao sul da pradaria, o sol já em seu leito de nuvens escuras e de esparsos borrões de fogo, anunciava a noite, enquanto ao norte as estrelas cintilavam, enfileirando-se diante do campo de batalha. Afonso, isolado no ponto mais elevado do monte como um lobo solitário, a espada reluzente entre os dedos trêmulos, contemplava a fortaleza de Alcácer do Sal, as muralhas espesas e intransponíveis erguendo-se como um desafio silencioso e implacável diante de seus olhos turvos de coragem e de segredo.

”O inimigo”, murmurou, a voz trêmula arranhando a superfície de pedra e fragor das almas, ”pretende tomar-nos pelo cansaço e pela dúvida. Nossa vantagem está em atacá-los onde menos esperam, aproveitar de suas fraquezas e, assim, transformar nosso ímpeto em um lampejo que rasga

a noite e devora o tempo antes que tenham tempo ou força para contra-atacar - nos.”

Foi então que, Francisco, o fino lince de seus generais, aproximou-se e, estudando o olhar frio e inflexível do líder, traçou, com uma pena mergulhada em tinta de polvo, uma linha fina e intrincada sobre o mapa. ”Temos aqui”, explicou, ”uma rede de fossos e atalhos que correm secretos e invisíveis entre as famosas dunas de areia da região. É por elas, quando a lua estiver alta, que poderemos mover nossos arqueiros e soldados sem que sejam vistos, como uma chuva que vem sem nuvens.”

”Essa é uma estratégia audaciosa e temerária”, disse D. Afonso, a voz grave e inexorável de um homem que estava prestes a enfrentar a maior das batalhas de sua vida. ”Será que temos a coragem e a força necessárias para suportar a traição e as ciladas que certamente nos aguardam nesses obscuros e funestos labirintos?”

”Os homens que me seguem”, respondeu Francisco, passando uma mão trêmula pelos cabelos encrespados e banhados em suor, ”são os melhores soldados e estrategistas de nosso país. E, embora esteja bem consciente do peso e da responsabilidade que nos irmana, estou certo de que, com a sua liderança, podemos alcançar essa vitória que nos assombra e insinua, como um querubim mudo e soturno, entre as sombras do passado e as trevas do futuro.”

A noite, já despojada de suas luas e constelações, oscilava insegura no crepúsculo crepuscular das almas quando Isabel, retirando-se com um suspiro magoado de seu recanto secreto, encontrou-se, por um acaso impossível, face a face com Hassan al-Fadil, o mero e encoberto adalid dos mouros, que, em seu forro de pergaminho assombrado pela dúvida, carregava os mais profundos segredos dessa guerra sem fim e sem compreensível sentido.

”Temos que tomar uma decisão, senhora”, sussurrou Hassan, o olhar sombrio e inquiridor projetando-se na face pálida e resignada de Isabel, como um grande arco que se golpeava no abismo sem fundo das possibilidades e do desespero. ”Nosso tempo se esgota, as horas debruçam-se trêmulas e abrumadas sobre a tristeza e o temor, e ainda ignoramos, em nossas almas quebrantadas e afilhadas pelo vento, o caminho a seguir.”

”Minha lealdade é ao rei de Portugal, meu soberano e protetor”, afirmou Isabel, o rosto iluminado pela mais frágil e hesitante chama de coragem e dignidade. ”E farei o que for necessário para garantir a segurança e a

prosperidade de nossas terras, mesmo que isso signifique sacrificar o que há de mais precioso e luminoso em meu coração.”

”Não há dúvidas de que tal sacrifício exige coragem e determinação”, concordou Hassan, ”mas, ao mesmo tempo, será suficiente para enfrentar a tormenta e o flagelo que nos aguardam, além da quebrada e da névoa que nos cerca e nos devora a cada passo que damos no limiar trepidante da vida?”

Foi assim que, nesta noite de sombras e naufrágios, os amantes Isabel e Amir, empurrados por lealdades conflitantes e pelo ardor feroz de seus corações, despojaram - se de toda esperança e precaução e uniram - se em um ato de amor e de renúncia, como se em suas mãos, a um só tempo, a chama e a estrela da redenção surgissem finalmente sobre a devastadora angústia dessa guerra dentro e fora do território lusitano. E nunca mais seriam separados.

Amir e Isabel apoiando secretamente ambos os lados

A noite caía como uma mortalha, esgotada pela fúria do dia e pelo pranto ansioso das mães que, enfiadas nas escuras e sinistras velas, conspiravam com o silêncio e o medo da batalha que já se apoderava das muralhas de Lisboa e do coração desamparado e tumultuado dos seus amantes desterrados. Nas margens do rio Tejo, ainda estuante e invejoso da lua que, espessa e pálida, mergulhava suas prateadas escamas no dorso das águas, Isabel e Amir se reuniam, como um último suspiro ou um presságio, para firmar o pacto que, entrelaçando a golpe e vento suas mãos rubras e sobressaltadas, amarraria ousadamente seus destinos e os de suas nações, ainda separadas pelo abismo da guerra e pelo eco longínquo dos mortos e dos traidores.

”Meu amor”, sussurrou Amir, o rosto acariciado pela luz fria e trêmula das velas que, instantes antes, havia despertado do silêncio e pendurado, como uma promessa ou uma esperança, sobre os rudes e descorados muros da alcova. ”Eu sei quão perigoso pode ser este encontro, quão arriscada é esta ajuda que vos debuxamos entre as sombras e os sonhos de vossos guerreiros e conterrâneos. Mas, acredite, também em meu coração, uma dor imensa e indescritível me arrebatava e flagela, até que, quase à beira da morte ou da loucura, eu cedo a este lamento profundo e eterno que me lembra-nos de que somos, afinal, um só”.

Isabel, enlaçando ternamente os dedos nos cabelos ensopados e negros de Amir, permitiu-se por um instante perder-se nas trevas e nas estrelas de seu olhar, como se em suas profundezas refulgissem o ensinamento e o aviso de um oráculo misterioso e silente - um sacrifício ou um segredo que, por sua vez, transformaria essa fração de luz em poeira e abismo. "Sei que cada palavra que dizeis, meu querido Amir, foi gestada no coração deste amor temeroso e impossível que, apesar das dores e tormentas, une-nos por um vínculo invisível e terrível, uma espécie de pacto feito perante o próprio Deus, o qual desconhece os limites de vossas preces e súplicas".

Movidos pelo instinto e pela incessante pressão dos minutos e segundos que evaporavam e se derramavam na cinza e no sopé das montanhas, Amir e Isabel aproximaram-se um do outro, como duas aves que, em um último voo desesperado, buscam a sobrevivência e o último soprar de vento e de sol. Uniram assim seus lábios, úmidos e tristes como dois percussionistas discutindo sob a chuva, e, em silencioso segredo, entregaram-se recentemente ao abraço e à despedida que, hora após hora, minou e rasgou seu coração em pedaços infinitesimais e fugidios.

Recostado na penumbra escorregadia das muralhas, seu olhar minguado e fatigado pelo peso e pelas lágrimas de um milhar de batalhas e traições, Alfonso de Azevedo acompanhou, como um mero e ofuscado espectador, o desenrolar desta cena embalada e engalanada pelo ruído crescente das espadas e dos escudos que se chocavam sob a sombria promessa de um amanhã perdido e desfigurado. "Por Deus, meu senhor", murmurou, seu coração alvoroçado e confuso pelo tropel e pela tormenta das ações e decisões que, malgrado sua vontade ou seu conhecimento, desviavam e corrompiam o desígnio inicial de seu destrapar de conselheiro e amigo de D. Afonso Henriques. "O que vos move? E que estranho fado ou arcanjo vos conduziu por esta trilha tortuosa e despovoada, onde apenas o vento rebelde e o som gélido dos relâmpagos e dos trovões vos dão ouvidos e vossas asas?"

"Inexplicável e misterioso é o caminho de cada ser humano", respondeu um sussurro quase inaudível e emaranhado ao vento e à neblina que, naquela noite, se debruçava sobre a fria e gelada fachada do castelo. "E, numa encruzilhada como esta, onde dois amantes, velados e acorrentados pelo seu infortúnio e pela vaga incessante das paixões que os unem e os separam, apenas resta-nos o testemunho das lágrimas e das juras que, como brasas ardentes, preservam em si o fogo e a promessa da esperança".

A chegada da batalha decisiva

As vozes do rio Tagus tiveram um eco distante à medida que as muralhas da cidade de Lisboa surgiam no horizonte, enquanto as tropas de D. Afonso Henriques se preparavam para a chegada do confronto iminente. Os ecos das armas e armaduras se misturavam com as orações dos habitantes, lançadas como sementes de esperança para o céu cinzento. O ar estava impregnado de tensão e medo, o peso das decisões e das ações sorrateiras de cada lado, oscilando como um pêndulo que se soltava lentamente. À medida que as noites passavam, rostos cansados e ansiosos começavam a emergir das paredes familiares da cidade, como brasas vermelhas escurecendo-se lentamente na névoa perpétua do limiar da batalha.

D. Afonso Henriques, em sua tenda de comando improvisada, estudava cada passo do cerco e as forças inimigas enquanto seus dedos tamborilavam no mapa à sua frente. Passava as horas revezando entre reuniões secretas com seus conselheiros e momentos de introspecção, percebendo que, a medida que a hora da decisão se aproximava, o destino de Portugal e de seus habitantes estava nas mãos dele e de seus homens.

”A sorte está lançada, meus irmãos”, dizia ele em voz baixa, como um murmúrio entre o vento, ”. Estamos diante do abismo, e nosso futuro depende das escolhas que fazemos e da coragem que mantemos nesses momentos sombrios”.

Isabel, reclusa na Fortaleza de Torres de Almourol, estava ciente dos rumores e das histórias que corriam pelo ar como as brisas do mar. Sua alma estava dividida entre a lealdade a seu país e à memória de seu amor proibido com Amir, que não encontrava mais forças para enfrentar a guerra que se desenrolava diante de seus olhos. Em seus sonhos, que também a assombravam dia após dia, ela via o rosto de Amir, marcado pela angústia da escolha e pela dor da traição.

No leito do rio, onde a lua banhava seus raios prateados nas águas correntes, Amir se colocava como uma sombra trêmula e hesitante, desesperadamente procurando respostas para as perguntas que seu coração não respondia. A lealdade a seu povo e sua paixão ardente por Isabel deixavam cicatrizes invisíveis, como códices gravados em folhas de mármore que, um dia, poderiam ser lidos e interpretados pelo sábio dedilhar do vento. Como um canto funesto de um corvo, ele murmurava lentamente através dos lábios

quase desfigurados pela incerteza:

”Ó estranho e fugidio destino, que faz de mim um mero instrumento em teus jogos que desafiam a própria concepção da vida e da liberdade, diga - me: existe alguma resposta para o misterioso enigma que vos escolhis imprimir em meu coração?”.

A resposta veio como um sussurro débil e hesitante, quase como um mistério que se esconde entre as árvores e as cavernas silenciadas pela sombra e pelo véu da noite. ”A vida é como um fluxo contínuo”, revelou Hassan al - Fadil, seu olhar perscrutador e sombrio projetado no abismo sem fim das águas e das profundezas. ”E, na encruzilhada de nosso destino, apenas podemos escolher um caminho que, por sua vez, será o farol de nossa alma e o rastro de nossos passos, como um cântico esquecido ou uma prece tornada em pó e brumas”.

Foi nas entranhas dessa sombria madrugada que o toque do clarim, sinalizando o início da batalha, trespassou os ouvidos de todos aqueles que conviviam e sangravam lado a lado nas vastas planícies e nos céus cinzentos da península ibérica. Os exércitos se ergueram como leões famintos, seus olhos acesos de ódio e paixão pela glória e pelo sacrifício em nome de seus Ideais e propósitos.

D. Afonso Henriques, sabendo que a dúvida e a hesitação poderiam ser tão letais quanto facas e lanças nas mãos de um inimigo invisível e desconhecido, tomou a decisão que mudaria o curso de sua vida e do reino de Portugal para sempre. Embora ele soubesse que o caminho era árduo e cheio de obstáculos inesperados, sua coragem e determinação o guiariam como se fossem um farol na escuridão, iluminando os recantos mais profundos e sombrios de sua alma e de suas esperanças.

As velas e as tochas tremulavam ao vento de um tumulto de aço e furor, enquanto o sol finalmente se levantava, brilhando com um ardor cego e amargo sobre os campos de batalha e sobre os destinos cruzados de amantes e guerreiros, a selar um futuro que, mesmo neste tempo pálido e desesperado, prometia renascer como as mais lânguidas e eternas chamas do firmamento.

A chegada da batalha decisiva havia, então, atingido o máximo da angústia e do coração destes guerreiros, que, soldados ou amantes, enfrentariam os fantasmas e os espectros mais sombrios e implacáveis de seus medos e de seu amor.

Momentos heroicos e perdas devastadoras

A luz do dia amanhecia de forma hesitante, como se também sofresse a mesma aflição que aqueles cuja esperança e coragem se dilaceravam no limiar de um novo despertar. O toque do clarim anunciando o início da batalha vinha em rajadas violentas, como o ranger de dentes no frio cortante de uma madrugada invernal. Os rostos já cansados e enfezados arregalaram os olhos e levaram seus corações à boca. Eles sabiam que, em breve, as muralhas que eram testemunhas silenciosas de suas vidas e segredos seriam varridas pela fúria sem norte da guerra e pela raiva lenta e implacável do tempo.

Com um resfolegar estertorejante e agônico, D. Afonso Henriques e seus cavaleiros, um exército de silhuetas turvas e anônimas diante do resplendor do sol mourisco, esperavam o sinal que, em um golpe quieto e implacável, poria fim a esse cerco e a esse momento de tensão e tormenta. De pé no topo de uma pequena colina, a brisa fria e indômita, reflexo do vento que acariciava as montanhas e o coração de pedras das muralhas da cidade, enrolava - se em seus cabelos, sua barba e bigode, como serpentes de gelo que, aprisionadas e esquecidas nas cavernas e nas profundezas, ansiavam por devorá - los em seu sono e em seu descanso.

Transbordando de angústia e de presságios, os cavaleiros portugueses apertavam as rédeas em um esforço taciturno e involuntário, fazendo seus cavalos se contorcerem e soltarem um relincho cortante e doloroso. Além de seus feitos de heroísmo e bravura, esses guerreiros eram pais, mães, irmãos e amigos que lutavam não apenas pela redenção e pela vitória, mas também pela vida e pelas lágrimas daqueles que os haviam criado e amamentado, e que agora os acompanhavam apenas na névoa densa da lembrança e no murmúrio pungente da oração.

Foi nesse preciso instante, quando a hesitação tomava conta do espírito e do ânimo dos soldados, que a voz magnânima e flamejante de D. Afonso Henriques irrompeu o silêncio com um brado de vitória e de superstição. "Deus está conosco, meus irmãos!", exclamou D. Afonso Henriques, percebendo que sua voz, febril e tempestuosa, se desfazia em agonia e em raiva, refletidas nas contendidas e nos sulcos eternizados em seu rosto.

"Vamos preparar nossas espadas e lanças! Carreguem suas aljavas e preenchem - nas com flechas de justiça, pois iremos nos erguer no sopro de um furacão que varrerá de uma vez por todas as trevas e o sofrimento que

ensombram nossas almas e nosso futuro! Honra e glória para Portugal, meu povo! Hoje, enterraremos em seus corpos inimigos a luz e a esperança que, há tanto tempo, foram arrebatadas e extirpadas de nossas preces e de nosso lar!”

De súplica e angústia, a atmosfera de agonia foi então transmutada em um grito de fúria que rasgou a carne do tempo, espaço e destino, como se uma águia renascida das cinzas da morte despedaçasse em seu bico e em suas garras a serpente da traição e da aniquilação. Eles eram a centelha e a expiação que as chamas da guerra haviam provocado e, como um vulcão, atravessariam o dia e a noite e o abismo infinito, prontos para se sacrificar pela terra de seu nascimento e pela liberdade que, por tanto tempo alimentaram a chama de seu coração.

É nos estertores dos últimos momentos que os atos mais heroicos são comumente forjados: neste campo de batalha, homens e mulheres que nada tinham em comum senão a busca pela sobrevivência e a resistência enfrentavam a morte com um sorriso no rosto e um brilho no olhar. Fernando, o Bravo, que desde cedo aprendera o ofício da guerra no olhar leonino de seu pai, chegou a um ponto onde a força de seus braços falhava, ele se lançou destemido na frente dos artilheiros mouros que se aproximavam, comprando tempo para que os seus pudessem escapar.

Era uma perda devastadora. Mas também era um momento heroico: o desespero por um segundo de vantagem, que salvaria centenas de vidas, dessa forma ele gastou o seu fôlego final. Perdas e sacrifícios acompanhavam os dois lados desse campo de batalha, assim como a coragem inabalável de homens e mulheres que, confrontando a própria morte, não se curvaram diante do peso inimaginável de seus destinos.

A música soprada dos ventos e das montanhas foi, pouco a pouco, substituída pelo silêncio - um silêncio abençoado, que trouxe consigo o fim das batalhas e dos embates que ceifaram muitas vidas e muitos sonhos. E, enquanto o crepúsculo banhava de sangue e púrpura a terra encharcada de choros e clamores, um novo horizonte desabrochava diante dos olhos cansados e feridos de todos aqueles que lutaram e sacrificaram em busca da paz e da redenção.

Lentamente, as sombras que se projetavam sobre Portugal deram passagem a uma luz antes considerada inatingível. Como o mito da fênix, esta nação ressurgiu das cinzas de seu sofrimento e de sua dor. Fortalecida pelos

espíritos indomáveis de seus soldados e guerreiros e pelo amor de amantes como Isabel e Amir, Portugal se manteve erguida e desafiou os limites do possível e do impossível.

Confronto entre D. Afonso Henriques e Hassan al - Fadil

À medida que o sol se punha, tingindo o céu de tons ardentes de vermelho e laranja, D. Afonso Henriques e seus cavaleiros observavam uma tempestade que se aproximava, formada por nuvens cinzentas e ameaçadoras. Longe, no horizonte, os contornos de fortes escuros começavam a se confundir com a escuridão crescente que avançava sobre a terra.

Hassan al - Fadil, o respeitável e temido general mouro, montava seu garanhão enegrecido pelo tempo e pela batalha, ao lado de seus guerreiros. Suas vestes prediletas, que já haviam sido esvoaçantes e brilhantes, estavam agora manchadas com a sujeira da guerra, como uma pintura antiga desbotada.

A atmosfera estava carregada de tensão e presságios sombrios que davam a todos aqueles presentes a sensação de que algo terrível e definitivo estava prestes a acontecer. Sabiam que, assim que o choque entre estas duas forças antagônicas se consumasse, apenas uma delas emergiria vitoriosa.

D. Afonso Henriques, com a confiança de um líder que já havia superado inúmeras adversidades, desafiou Hassan al - Fadil e seu exército mouro com um brado triunfante. "Ó tu, que ousas desafiar o destino e o coração de meu reino! Sai do escuro da noite e enfrenta - me, discórdia árabe e fúria!"

Hassan al - Fadil, por sua vez, mostrou - se tranquilo e sereno, como um leão que aguarda pelo momento certo para dar o bote. Seus olhos negros, porém, queimavam como a chama de uma tempestade que avança pelos desertos e pelas montanhas. "Então o leão se declara rei, mas é o golpe de sua espada capaz de enfrentar o deserto e a dor que habita em mim?", respondeu ele com uma voz profunda e gelada, como a lâmina afiada de uma espada.

D. Afonso Henriques e Hassan al - Fadil se aproximaram um do outro lentamente, seus olhares entrelaçados como uma teia de ferro e aço. O campo de batalha ao redor se tornara quieto e imóvel, como um quadro capturado no tempo, enquanto todos aguardavam pelo confronto épico que se avizinhava.

”Levarei estas terras de volta para meu povo, como está escrito”, declarou D. Afonso Henriques, sua voz transbordando uma fúria lenta e implacável, como a de um rio incapaz de ser contido. ”Não há lugar para ambos nesta terra dividida e assolada por sombras.”

”Erra, Oh rei”, disse Hassan al - Fadil, um sorriso frio e enigmático estampado em seu rosto escuro e marcado pelo tempo, ”Jamais me curvarei perante a fraqueza e a ignomínia. Neste jogo de poder e de ilusões, a justiça prevalecerá.”

Antes mesmo que o último fio de palavras fosse dissipado pelos ventos e pelos gritos de cólera e desesperança, ambos os líderes brandiram suas espadas ao ar, como falcões prontos para arrebatam suas presas e seu destino em um único e letal golpe.

A carga de força e energia se chocou no ar, estilhaçando a paciência do tempo e a resignação dos corações de todos os que assistiam, como testemunhas silenciosas, a este confronto brutal e determinante. O choque das espadas no campo da batalha era como um relâmpago seguido pelo rugido do trovão, anunciando um final que, até então, fora impossível prever.

D. Afonso Henriques e Hassan al - Fadil lutavam como leões enredados em uma caçada mortal, seus olhares se chocando com tanta força e violência quanto o aço e a lâmina fervente de suas espadas. À medida que a luta se agravava, marcas de sangue sulcavam o campo, tornando - se um retrato desesperador dos sonhos e das esperanças que foram ceifados e perdidos nesta guerra eterna e inclemente.

Por fim, a noite escureceu, avançando como uma onda enfurecida, sobrepondo os gritos e clamores dos guerreiros e amantes ali presentes. Hassan al - Fadil, seu olho cintilando como uma estrela no céu noturno, deixou sua espada cair, rendido à fúria e ao poder avassalador de D. Afonso Henriques.

”O destino está selado.”, proclamou D. Afonso Henriques, sua voz tingida de lágrimas e de sangue. ”Lutamos como titãs, mas apenas um pode governar este reino, livre do jugo que nos prende e divide.” Hassan al - Fadil, por sua vez, fixou o olhar no ama - secas distante, as cinzas sombrias do horizonte transformadas em um cruel e silencioso epitáfio.

A revelação do segredo de Isabel e Amir

As lágrimas cintilantes ofuscavam a visão de Isabel e Amir enquanto se abraçavam em silêncio, no local secreto sob o resguardo das sombras escuras e colunas frias do castelo de Torres de Almourol. A lua cheia banhava o ambiente com uma luz prateada, que fornecia brilho suficiente para que ambos vissem a tristeza e a dor refletidas nos olhos um do outro.

Isabel soluçou, apertando com força o tecido da túnica de Amir em suas mãos trêmulas. "Diga-me, por favor, que há uma maneira de escaparmos desta tempestade que se aproxima, um caminho que nos leve além das garras da guerra e das sombras do destino."

Amir acariciou gentilmente os cabelos de Isabel, mesmo que seu próprio coração estivesse partido e repleto de desespero. "Se houver", disse ele com uma voz trêmula, "prometo que o encontraremos, minha amada. Eu daria minha própria vida para proteger a sua e garantir um futuro no qual pudéssemos viver juntos, sem medo."

A voz de Amir, emocionada e firme, levou Isabel a erguer delicadamente o olhar e encará-lo diretamente nos olhos. "Se eu soubesse que as cordas do destino nos guiariam a isso", murmurou ela, "teria reconsiderado cada passo que demos juntos. Mas, mesmo sabendo do nosso destino sombrio, parte de mim não se arrepende do amor que compartilhamos, mesmo que nos tenha colocado perigosamente à beira da ruína."

Amir sorriu tristemente e tocou a testa de Isabel afetuosamente. "Neste mundo de sombras e de guerra, meu amor, encontramos a luz. Não devemos nos arrepender de tê-la encontrado, mesmo que, a partir deste momento, o futuro pareça incerto e ameaçador."

Os olhos castanhos e profundos de Isabel brilhavam intensamente, como se encerrassem todo o amor e a dor que havia no universo. "Então, se não devemos lamentar, como podemos continuar?", perguntou ela. "Há uma saída, uma maneira de salvar os nossos do terrível destino que aguarda a todos nós?"

Os sinos distantes da igreja próxima começaram a tocar suavemente, como um prelúdio solene e sombrio para a tragédia que se desenrolaria em breve - ou talvez como um cântico que invocava a redenção e a esperança por todos aqueles que, ao longo dos séculos e das eras, enfrentaram dilemas e decisões impossíveis no silêncio e na escuridão da noite.

No entanto, antes que Amir pudesse responder a Isabel, uma figura encapuzada se aproximou silenciosamente deles, revelando a pálida e lânguida face de Beatriz de Lara, arrastada e sombria, iluminada apenas pelas lágrimas que florescia silenciosamente em seus olhos e brilhavam sob a luz da lua.

"Meus amigos", disse ela com um nó na garganta, "tenho notícias terríveis." Isabel e Amir se entreolharam, tentando esconder a crescente onda de medo e ansiedade que naquele momento invadia seus corações e almas.

Beatriz respirou fundo, como se estivesse se preparando para entregar um terrível e inexorável veredicto. "D. Afonso Henriques descobriu o seu segredo", revelou ela. "Não sei como ou por que caminho chegou até ele, mas ele sabe do verdadeiro relacionamento amoroso que vocês compartilham e das consequências que isso pode ter para o futuro do nosso reino."

A tensão se estalava e se acumulava na atmosfera, como se toda a vida e toda a esperança ali presentes fossem pouco a pouco sugadas e esmagadas pelo peso de uma descoberta que, como um profeta em meio à tempestade ou como uma ave ferida no céu noturno, carregava consigo antes a marca do destino imutável e do sacrifício ardente.

Amir, com os olhos indagadores e desafiadores, fitou Beatriz atentamente. "O que ele pretende fazer conosco?", perguntou cuidadosamente, como se estivesse prestes a atravessar um abismo do qual não havia volta nem retorno.

Beatriz, de olhar sombrio e penetrante, coletou o restante de suas forças e pronunciou as palavras que levariam, implacavelmente, Isabel e Amir a um destino mais amargo e temível do que qualquer coisa que já tivessem imaginado ou temido.

"D. Afonso Henriques convocou um grande conselho amanhã", declarou ela, sua voz tremendo como os ecos distantes de uma tempestade que ruga e se aproxima. "Ele pretende revelar o segredo de vocês e usá-lo como uma arma para obter alguma vantagem sobre os mouros. Além disso, talvez exija um sacrifício ainda maior de ambos, na esperança de garantir a vitória e o futuro, não apenas de Portugal, mas de todas as almas e corações que, como vocês dois, tiveram suas vidas consumidas pela guerra e pelo desespero."

A escuridão envolvia o salão do castelo naquela fatídica noite, como se o próprio firmamento estivesse prestes a desabar e extinguir a chama frágil e trêmula que, há tanto tempo, havia acompanhado a jornada de Isabel e Amir

- uma chama, no entanto, que, apesar de todos os infortúnios e provações que a vida lhes impôs, resistira e renascera, vez após vez, das cinzas da desolação e do tormento, como um testemunho profético da resiliência e do poder insuperável do amor.

Dificuldades enfrentadas por Isabel e Amir na batalha

A chuva caía como se lamentasse a terra por sua própria violência. Empapada, Isabel hesitava no umbral da capela improvisada, que, naquele campo de batalha, assumia a função de hospital de campanha e último santuário de paz. Ali, entre os confins da vida e da morte, ela buscava encontrar a resposta para o enigma que lhe oprimia a alma e o coração.

Os gritos e gemidos daqueles que já desprezavam qualquer sombra de esperança circundavam Isabel como uma sinfonia de suplícios e tormentos. Em um banco de madeira, solitário e gasto pelo tempo, Amir encontrava-se com a cabeça entre as mãos, como um homem absorto em uma dúvida que, como o próprio firmamento ou o fogo ardente que queima o mundo, já não era mais capaz de carregar consigo.

Isabel sentiu um aperto no peito ao ver o sofrimento no rosto de Amir, contorcido pelas decisões impossíveis que lhe tinham sido impostas ao longo daqueles últimos dias e horas. Mesmo que seu coração estivesse em pedaços, ainda se encontrava inteiro em sua necessidade de amparar e consolar Amir em meio àquela tempestade de dor e desespero.

"Amir, meu amor, o que fizemos?", perguntou ela com a voz tremida. "Era nosso dever proteger e salvar o nosso povo, o nosso país, mas, ao invés disso, acabamos por dividir e enfraquecer ainda mais as alianças e os sentimentos de lealdade que nos sustentavam e nos davam força para enfrentar a escuridão."

"Não vê, Isabel?", respondeu Amir, seus olhos escurecidos pela tristeza e pela dúvida. "Nós nos tornamos peões em um jogo no qual não somos mais do que peças sacrificáveis, facilmente descartáveis quando já não temos mais valor para aqueles que nos manipulam e controlam."

"Mas ainda temos uma chance, Amir", implorou Isabel, segurando as mãos dele em um abraço desesperado. "Podemos voltar atrás, reencontrar o caminho que perdemos nesta senda tortuosa que nos trouxe até aqui, consumidos pelo pavor e pela angústia. Ainda podemos encontrar o amor e

a verdade que tanto buscamos, juntos.”

Os lábios de Amir se curvaram em um sorriso triste e amargo. “Eu caí no abismo, Isabel, e não sei mais como subir ou encontrar a luz que me guiava quando tudo o que conhecia era a luta e o sacrifício pela salvação do meu povo e por Portugal. Que futuro há para nós dois, quando fomos forçados a abrir mão daquilo que mais amamos e, ao mesmo tempo, lutamos tão ferozmente para proteger e defender?”

Neste instante, quando a melodia sombria e desesperadora dos cânticos e dos clamores preenchia a capela, Isabel teve um lampejo de esperança, um vislumbre sutil e inesperado da verdade que estivera oculta entre as dobras e as fissuras do tempo. Seu olhar se iluminou à medida que o sol quebra o escudo cinzento do céu, e uma lágrima de alívio e de esperança escorria lentamente pela face macilenta de Amir.

”Os dois lados se enfrentarão amanhã ao raiar do dia, se colocando à prova em um duelo que poderá selar o fim de nossa amargura ou marcar o início de uma era na qual seremos lembrados unicamente como traidores de nosso povo”, disse ela, sua voz crescendo em convicção. ”Mas estamos aqui, neste lugar onde a vida e a morte se entrelaçam em uma tênue linha de esperança e resignação. E, se tivermos a coragem e a determinação que sempre nos guiaram em nossos momentos mais sombrios e inquietantes, ainda há uma saída, um caminho que nos levará à redenção e à purificação do peso que carregamos em nossas almas.”

Amir, seus olhos brilhando com a chama de uma esperança temerária e imperecível, envolveu Isabel em seus braços, como se ela fosse um farol a guiá-lo em meio às sombras e aos horrores que o esperavam. ”O que você sugere, minha amada? Como podemos enfrentar a véspera da batalha final, sabendo que, em nossos corações, carregamos uma traição silenciosa e insidiosa que consumará nosso amor e nossa lealdade, pouco a pouco, até que sejamos devorados pelas trevas que criamos ao nosso redor?”

”Não devemos brigar entre nós”, sussurrou Isabel, sua voz soando como o vento que atravessa os cemitérios e as ruínas de um reino desaparecido. ”Se há uma lição que podemos aprender com todo o sofrimento e com a dor que suportamos até agora, é que os laços que compartilhamos, tanto como amantes quanto como defensores daqueles que nos confiaram seu destino, são mais fortes do que qualquer jogo de intriga ou desilusão. Amanhã, quando enfrentarmos um ao outro em combate, lembraremos que a verdadeira

lealdade e o verdadeiro amor se encontram no sacrifício e não na conquista, mesmo que isto signifique perder tudo o que até agora nos foi caro e insubstituível.”

E, desta forma, quando o sol raiou, iluminando o campo ensanguentado, Isabel e Amir estavam prontos para enfrentar a batalha final com a coragem e a fé de quem, mesmo em meio às sombras da guerra e dos segredos, nunca esqueceu o valor da verdade e da esperança. E, quando os últimos brados de guerra e os últimos suspiros de amor morreram ao longe, o silêncio da manhã foi preenchido pela reverberação de um olhar e de um adeus que, como as profecias de um passado esquecido, ressoava com um eco de sacrifício e de redenção.

A vitória portuguesa e o destino dos mouros

O sol havia cruzado seu ápice no céu, marcando a chegada fatídica do momento de decisão e de confronto que todos os corações e almas ali agrupados ao longo do horizonte esperavam com paixão e anseio. Isabel e Amir, de olhos fixos e sombrios uns nos outros, trocaram juras silenciosas de amor e de sacrifício, enquanto, ao redor, o tumulto da guerra e da morte rugia e dilacerava toda e qualquer possibilidade de reconciliação ou de paz.

Os mouros, liderados pelo resolutivo e inflexível Hassan al-Fadil, cerravam as fileiras e agitavam as espadas contra o céu encoberto e opressor, desfilando seu poder e sua fúria através do vento cortante e das nuvens em farrapos. D. Afonso Henriques, coroado em armadura ética e reflexiva, fez um sinal silencioso para Fernando, o Bravo, que assentiu e, no mesmo instante, ordenou que os arqueiros e besteiros, escondidos por entre as pedras e as ruínas de uma cidade despedaçada e enfraquecida, iniciassem um furioso e incessante ataque contra as forças inimigas.

As setas choviam e dançavam no ar como peçonhentas serpentes aladas, rasgando e perfurando a carne e a alma de homens e mulheres que, encerrados em um abraço mortal e irredutível, dançavam a dança última e fatídica do sacrifício e da esperança. Como os sinos de um templo distante, os gritos de dor e de angústia retumbavam e ecoavam no horizonte, como um coro de sombras e de luzes que anunciava a chegada inescapável e trágica do fim e da redenção.

Isabel, brandindo sua espada e escudo como se fossem os últimos vestígios

de um ideal e de um sonho que, a cada instante, escapavam e se afogavam nas correntes do tempo e da amargura, olhava ao redor e buscava, no olhar de Amir, a coragem e a força que lhe permitiriam seguir adiante, encarar o destino imutável e o sacrifício inelutável que lhe esperavam no coração do campo de batalha.

Amir, os punhos e as mãos marcados pela infinita batalha entre a lealdade e a traição, vacilou por um instante, como se desejasse entregar-se ao abraço eterno e incontornável da morte e do esquecimento. Um grito desesperado e furioso, como vindo das profundezas de alguma catacumba desconhecida, o fez despertar de sua letargia e juntar-se, uma vez mais, à luta em que todos os corações e todas as almas, como ondas em um mar revolto, eram lançadas sem piedade nem remorso.

A fúria da batalha, porém, não se consumia apenas nos movimentos desenfreados das espadas e das lanças, nem na agonia ininterrupta dos corpos e das almas que tombavam e se despedaçavam diante do olhar inclemente e impiedoso de um céu manchado de sangue e de lágrimas. Era também nas vozes e nas palavras de cada guerreiro e de cada amante, lançados em meio a um oceano de ódio e de amor, que se encontravam os redutos e os fragmentos mais inacessíveis e insondáveis de coragem e de esperança.

"D. Afonso Henriques!", gritou Hassan al-Fadil, as veias do pescoço dilatadas e pulsantes como as cordas de um alaúde em que as notas de fúria e de rancor vibram e se desenham. "Estes são teus últimos dias, pois, pela ira que arde em meus corações e em minhas entranhas, juro por Deus que tua sina e teu destino serão marcados pelo furor de meus homens e pelo fogo de minha espada!"

D. Afonso Henriques, as palpebras acesas e inquietas como se estivesse encurralado dentro de um inferno noturno e implacável, endireitou-se e, com voz firme e resoluta, respondeu: "És tu, Hassan al-Fadil, quem perecerá hoje sob o peso de meu braço e do meu juramento, pois, pela pátria e pelo futuro de Portugal, nada neste mundo ou no próximo fará com que arrede um passo sequer do caminho que leva à vitória e à salvação!"

No entanto, no mesmo instante em que as palavras se chocavam e se engalfinhavam umas às outras, como se quisessem arrancar-se a golpes e mordidas o último suspiro de vida e de esperança, Amir e Isabel, unidos por um laço mais forte e mais resistente do que qualquer corrente, remo ou espada, compartilhavam entre si o segredo e o sacrifício em nome das

almas e dos corações de todos aqueles que, como eles, eram escolhidos, voluntariamente ou não, para cumprir o destino inexorável e eterno da guerra e do amor.

O campo de batalha ressoava com os suspiros e com os ecos de uma luta de titãs, na qual cada guerreiro e cada combatente era lançado em um abismo mais profundo e mais intenso do que aquele em que, na véspera, haviam duvidado e hesitado diante das próprias forças e das próprias razões. Mas, no coração dessa interminável dança de sombras e de rancor, começavam a surgir os primeiros sinais e os primeiros vestígios de um desfecho que ninguém ali, nem mesmo os espíritos e os anjos, teriam previsto ou previram.

Em um gesto de coragem e de entrega, Isabel, assumindo seu *kindness* de Madrid alinha-se ao lado dos mouros lançando para longe sua espada, enquanto Amir, movido pelo amor e pela empatia que ainda restava em seu coração, abandona sua posição no campo de batalha e corre em direção à Isabel, impedindo que os lados inimigos a machuquem e demonstrem a todos a real fragilidade daquele plano de ataque.

Por um momento, o mundo parecia ter estacado em um ponto imutável e inabalável, como se o próprio cosmos e a existência se curvassem ao magnetismo e à paixão que irromperam da união de Isabel e Amir, que, como dois astros condenados a compartilhar eternamente o mesmo destino e a mesma senda, gravitavam em torno um do outro como luas ardentes e irresistíveis.

À medida que os guerreiros de ambos os lados se voltavam com incredulidade uns aos outros, as armas pendiam em suas mãos como espadas de Damocles prestes a cortar, de um só golpe, os laços invisíveis que, há tantos séculos, os haviam mantido unidos na dor e na esperança. No entanto, ao observar a coragem de Isabel e de Amir, que tinham sido capazes de transcender as amarras do ódio e da lealdade para encontrar um caminho de verdade e de redenção, os soldados compreendiam que, embora a vitória parecesse próxima e promissora, o verdadeiro desafio e o verdadeiro propósito estavam na compreensão e na aceitação mútua de suas diferenças e de suas semelhanças.

Gradualmente, à medida que os gritos e os cânticos de guerra iam diminuindo e desaparecendo, uma nova melodia começava a emergir da tapeçaria de corpos e de almas que se espalhavam e se estendiam resignados pelo campo de batalha. E, como as chamas de um incêndio florestal que

consomem e purificam a paisagem e a memória, o amor de Isabel e de Amir, finalmente liberado e aceito pelos corações e pelos olhos de todos aqueles que, alheios à tormenta e ao desespero, haviam testemunhado o momento mais nobre e mais trágico daquele embate, tornava-se a verdadeira herança e o verdadeiro legado de um mundo que, dividido e destruído pelas próprias ambições e

Sacrifícios feitos em nome da paz e do amor

No momento em que a vida e a morte travam sua batalha final, o silêncio e a harmonia da aurora se tornam interrompidos pela queda das muralhas entre os corações de dois amantes. O pulso de um destino inexorável minava a essência mesma de dois âmagos que, em busca de paz e de redenção, afastavam-se e se consumavam na dor de um sacrifício efêmero, inescapável e sublime.

Era no coração daquela cidade - suspensa como uma lágrima sobre o vento ou como as estrelas que ainda brilhavam no céu, apesar das nuvens sombrias e das sombras - que a tessitura inquebrantável do amor e da fidelidade era posta à prova. Lisboa, aquele antro de névoa e de luzes que parecia submergir e se afogar em ondas diáfanas e efêmeras, tornava-se um palco majestoso e silencioso onde as batidas de dois corações como Isabel e Amir, seriam consumidos em um abismo de fogo e de paixão.

Mirando a planície cinzenta e opressora que se estendia diante de si, D. Afonso Henriques engolia com resignação e amargura as palavras que Alfonso de Azevedo, cujo olhar severo e inflexível parecia penetrar e transpassar as fagulhas e as pedras que se derrubavam dos muros de sua própria alma, lhe proferia sem hesitar nem vacilar.

”Temos de fazer um sacrifício”, dizia Alfonso, as mãos tremendo e crispadas como pequenas serpentes fulvo-rubras que rastejavam e se enrolavam ao redor de um punhal invisível e implacável. ”Precisamos fazer uma escolha, senhor, e, seja qual for a decisão que tomarmos, não há como evadir nem conter o sofrimento e o lamúrio de nossos corações, condenados, como estão, à interminável carrasca do destino e das escolhas forçadas no calor da vontade e do dever.”

As cores da aurora tingiam os céus e os lábios de um lusco-fusco carmim - ferrugem, como se naquele momento a vida e a morte enfrentassem - se

em um duelo ardente e fatídico, no qual a vitória, embora bela e injusta, só poderia ser obtida a custo de uma entrega e de um sacrifício sangrento e cruel. Porém, em meio ao crepitar dos canhões e ao choro da terra conspurcada e ferida, Isabel e Amir, fundidos pela ânsia de um desejo e de um sonho maior do que a própria existência, erguiam - se como duas chamas esquecidas nas Estâncias dos Finais, fulgurantes e singulares, que se consumiam e se aniquilavam em um esplendoroso adeus.

”Está em suas mãos e em sua consciência, senhor”, disse Alfonso de Azevedo, lutando para livrar-se de sua voz trêmula e agonizante. ”Somente a vossa vontade e o vosso coração podem alcançar a redenção e a reconciliação que tanto almejamos, e cabe a vós decidir em nome de quem e de quê estais disposto a lutar e a dar tudo, mesmo a vida e o amor que se escondem e se ocultam no abismo lastimável de seu espírito.”

A cidade de Lisboa, envolta nas sombras e nas lágrimas de uma batalha de incessante embate, parecia suspensa e condenada no coração de uma tormenta de sangue e de angústia, que seca e se retorce como um oásis de recônditos e dolorosos adeuses. Era impossível não sentir o aroma de sacrifício e de redenção que se desprendia e se dispersava pelos labirintos e pelos rios daquelas vielas e daquelas muralhas despedaçadas e tristes, marcadas pelos gritos e pelo eco do amor proibido que Isabel e Amir tinham ofertado como um tributo e um testemunho de lealdade a Portugal e aos mouros.

A medida que a poeira e a fumaça do conflito se dissipavam e se confundiam com as nuvens e os direitos que se acumulavam e dançavam em um abraço hesitante e acorrentado, um soluço mudo e desesperado partia-se do peito de D. Afonso Henriques, como se seu coração e sua alma, dilacerados pelas ambições e pelos sonhos que alentavam desde a mais tenra infância, buscassem, na última e fugaz hora, um oásis e uma chama de redenção e de amor.

O destino e o sacrifício, unidos na tormenta das angústias e das dores inextricáveis, consomem e purificam, em um abraço final e inesquecível, a memória e a promessa do amor e da paz que, como o Sol e a Lua, hão de surgir e raiar após o mais longo e sombrio dos dias e das noites. E assim, os destinos de Isabel e de Amir moldavam - se ao redor de seu sacrifício e compromisso, unindo e criando um legado de paz, que Portugal e o resto do mundo jamais esqueceriam.

Um futuro promissor para Portugal e a lembrança dos verdadeiros heróis

Lisboa repousava, como um canto de ave magoado, sobre o horizonte amarrotado e fatigado das emoções que, nos últimos tempos, haviam sacudido e perturbado a alma daqueles que por ali viviam e regressariam para nunca mais deixar o seu lar. No entanto, a paz que brotava das árvores, dos jardins e das fontes daquela cidade de etéreos reflexos parecia leve e etérea, e era difícil não ver, ao olhar para o rosto sorridente e tranquilo dos transeuntes, os rastros e as marcas do sofrimento e do sacrifício pelo qual haviam passado. No Campo das Cebolas, onde outrora haviam - se amontoado os cadáveres e os despojos daqueles cujos nomes e cujas lembranças seriam para sempre homenageadas e veneradas, erguia - se agora um monumento solene e silencioso que, como um farol, apontava e iluminava o caminho que jamais poderia ser seguido pelos corações e pelos passos dos traidores e dos ingratos.

A multidão que se concentrava em torno daquele símbolo de dignidade e de imortalidade murmurava e se regozijava, entrelaçando as mãos e soltando o coração como uma pomba que, após longos e incontáveis anos de cativo e de escuridão, encontrava a liberdade e a luz que sempre buscara e desejava. No centro daquele mar de vozes e de risos, D. Afonso Henriques, com o rosto iluminado pelos primeiros feixes de sol, anunciava em voz alta e grave os seus planos e as suas esperanças para o futuro do Reino de Portugal, que, como uma criança recém - nascida, começava a dar os seus primeiros passos em um mundo vasto e incerto, mas onde ainda se mantinha viva a memória dos heróis e dos mártires que haviam entregue a vida e o amor pelo bem e pelo progresso de sua terra e de seu povo.

Enquanto as palavras de D. Afonso, confiante e sereno como um gigante que desperta após um sonho de pérolas e de pedras preciosas, iam se desenrolando e se alongando pelo ar em espirais de esperança e fé, os olhos e os pensamentos de alguns daqueles que ali estavam presentes dirigiam - se para o monumento erguido no Campo das Cebolas, onde, entre os rostos gravados em mármore e bronze, dois nomes, como perfis de uma alma só que atravessa a vastidão do tempo e do espaço, iluminavam - se e exaltavam - se perante a eternidade: Isabel e Amir. E, embora muitos dos que ali estavam não compreendessem nem aceitassem plenamente o significado e

a importância daqueles nomes, era impossível não perceber que, de algum modo, o destino e a redenção de Portugal haviam passado pelas mãos daqueles dois corações que, unidos em um abraço de fogo e de lágrimas, haviam se consumido e se elevado como uma cascata de estrelas e de luz.

”Agradeço a todos vós, meus compatriotas e meus irmãos, pela vossa coragem e pelo vosso devotamento a esta nossa pátria, que tanto sofreu e tanto lutou para ver este dia refulgir como um presságio e um juras do amor e da confiança que jamais poderão ser tirados e apagados de nosso coração e de nosso espírito”, declamou D. Afonso Henriques, enquanto as palmas e os aplausos de seus súditos e admiradores faziam o chão e as pedras de Lisboa moverem - se e vibrarem como um coro de anjos e de serafins que saúdam e festejam o nascimento de uma nova era e de uma nova esperança.

Mas, por um breve e fugaz momento, quando as vozes e os gritos de júbilo foram tantos e tão intensos qu epareciam ecoar e ressoar pelos precipícios da própria lembrança e do tempo, o olhar de D. Afonso deteve - se no rosto de mármore que, como uma miragem ou uma sombra distante, parecia sorrir e entreabrir os lábios em um gesto de incomensurável ternura e carinho. E, como se, naquele exato instante, pudesse ouvir e recobrar a voz e os sussurros daqueles que haviam partido e que, apesar de tudo, jamais pudessem ser esquecidos e deixados na penumbra do passado, o rei de Portugal soube que, diante daquela imagem e daquele rosto, o verdadeiro desafio e o verdadeiro legado seriam aqueles que ainda estavam por vir e que dependeriam, como um farol solitário e deslumbrante, daquelas mãos e daquelas almas que, com amor e com coerência, haviam lutado e se entregado por um futuro de paz e de glória.

Chapter 13

As verdadeiras lealdades

”Há momentos na vida em que não podemos fugir às nossas verdades mais profundas e inescapáveis”, pensou D. Afonso Henriques, enquanto se arrastava penosamente pela câmara escura e fria onde se havia refugiado, num esconderijo que ninguém tinha adivinhado e que, apesar de tudo, tinha sido traído e profanado.

Tomado pelo receio e pelas sombras, o primeiro rei de Portugal sentiu, como um gume afiado e implacável, a engrenagem do tempo e do destino roçar e escavar o seu coração como se pretendera arrancar, de uma só vez e sem apelo, todas as quintessências e as refulgências que, tanto na vida pública como na vida íntima, tinham sido a sua razão e a sua justificação.

No entanto, mesmo em meio àquela desolação e àquele abismo de desespero e angústia, ainda havia em seu semblante um ânimo e um brilho irredutíveis, como se o clarão das fogueiras e das batalhas que o tinham acompanhado e moldado, desde a tenra infância, animasse, numa chama secreta e vital, a esperança de um futuro mais puro e mais justo, edificado sobre os sacrifícios e os desígnios que o haviam cantado na laranjeira erma e reúne da posteridade.

Longe dali, numa cela de pedra onde as sombras e o silêncio eram as únicas testemunhas e companheiros, Isabel, com um suspiro que parecia agitar e perturbar o sono das estrelas, respirava e relembra as palavras e sussurros de Amir, intercalados entre beijos de alegrias e lágrimas que corriam como rios em desalinho pelas frinchas e pelos estilhaços daquelas horas de esperança e sofreguidão. No entanto, e apesar do fervor e da certeza que haviam acompanhado aquelas confissões e partilhas, emitidas e

ocultadas numa penumbra reverberante e trêmula, a voz de sua consciência e de seu coração não mais lhe permitia ignorar o chamado e o clamor de sua verdade e de seu dever.

”Mas, oh, duvidas cruéis e insensíveis que me despedaçam e me retiram o fôlego e a vontade de continuar”, desabafava e implorava, em silêncio, enquanto a sombra do luar penetrava e se deitava sobre aquele espírito angustiado e suspenso, como se quisesse, num gesto piedoso e lacrimante, consolar e acolher o seu pranto e o seu lamento.

Numa nota esquivada e desesperada, a volta do tempo, aquele sorriso fugaz e sonhador que outrora enchia e alentava a alma de Isabel e Amir, como a luz da aurora se derramava silenciosa e maternal sobre as flores e as plantas ainda adormecidas e encolhidas pelo soluço e pelo abraço resolutos e fugidios da noite.

”O que fazer e o que responder a este dilema que me agride e me invade, como um espectro de vestes sanguinolentas e de mãos magras e crispadas pelos anelos e pelos gemidos de incontáveis dúvidas e dilemas?”, bradou e falou, então, D. Afonso Henriques, incapaz de sufocar e de ocultar a sua dor e a sua inquietude e a sua desconfortável e incessante interrogação.

Ao seu lado, Alfonso de Azevedo, como um anjo de asas sombrias e contemplativas, enlaçado e envolto nas penas palpáveis e recônditas de sua elucubração e de seu dever, escutava e sorria, no fundo de si mesmo e de seu coração, como se as palavras e as notas daquele lamento e daquela confissão fossem, no seio vítreo e escondido de sua alma, flores e serpentes que se enovelavam e se fecundavam como símbolos e como testemunhos de um destino mais profundo e mais remoto do que tudo quanto os olhos e os lábios de todos os mortais jamais pudessem sonhar e profetizar.

”A verdade deve ser escolhida e seguida, por mais cruel e amargurante que seja, pois é aí onde a honra e a dignidade se alimentam e se fortalecem”, replicou Alfonso de Azevedo, afastando, como numa explosão e num exorcismo súbito e indomável, a cadeia de receios e de reticências que tinham, pouco antes, lacerado e tatuado aquele peito e aquela face como um grito e como um flagelo insondável e incoercível.

”Porém, nem a verdade, nem o amor, podem encontrar a sua síntese e a sua harmonia sem antes enfrentar e vencer, como um herói ou como um mártir, os inúmeros e terríveis desertos e vales de sombras e de dúvidas que guardam e velam, com a sua hedionda e indiferente indagação, o sentido

e o norte verdadeiro e incontornável de nossa existência e de nosso ser”, concluiu, com um olhar brilhando qual uma estrela solitária e emanada, como se atravessasse, num ápice e num refulgor mágico e original, a vasta e obscura nebulosa dos tempos e dos destinos.

Sentindo, a custo, um remanso e uma lufada de paz e de confiança alentar e sossegar aquelas palavras e aquele entardecer amargurado e cinzento, D. Afonso Henriques levantou a sua cabeça e enfrentou, com as chamas do júbilo e do arrependimento a cintilar e a tremer nas pálpebras e nos olhos, a impactante descoberta feita recentemente sobre Isabel e Amir e o amor que tinham partilhado e revelado perante a balança implacável e silenciosa daquele dever e daquela missão que haviam aceite e tomado como um selo e uma promessa da vida e da paz.

”Deveis decidir, Alfonso de Azevedo, quem e de que lado estareis e qual será o vosso coração e o vosso estandarte: pela lealdade e pela luta que, juntos, temos alentado e sonhado, ou pela traição e pela entrega à paixão e ao interesse egoístas?”, perguntou, com um aceno e com um relâmpago de espanto ensombrando aquele rosto emprestado e iluminado pelo farol de esperança e de fé que muitos povos e muitos séculos creriam e seguiriam como um guia universal e imenso.

Posto diante da insondável e cruel resposta, fingindo ignorar o tremor e a incerteza que se uniam e renasciam nas ondas e na trepidação daquele último e desesperado adeus, Alfonso de Azevedo emudeceu e abriu seus lábios como se desejasse, pela primeira e derradeira vez, entrelaçar e compreender o sentido e o horizonte célere e impermanente daquelas almas perdidas e daqueles olhos e sorrisos, outrora euforia e frescor e agora intriga e ruína como uma carruagem dourada e frágil abandonada numa vasta e esquecida estrada deserta de juízos e fé.

”Talvez um dia possamos compreender e discernir um pouco mais da verdade e da felicidade que, como dois jovens e incalculáveis monarcas, nos conduzem e nos enlaçam através das áridas e misteriosas paisagens do tempo e da história”, pensou, enquanto esmagava e aniquilava, por um momento e um suspiro, os laços e os espinhos de sua vida e de sua alma como um floridor e austero guerreiro.

Momento de reflexão de D. Afonso Henriques

No limiar daquele velho salão de pedra, onde os ecos arcaicos e sombrios se misturavam com a poeira e as memórias, a dúvida crescia na mente de D. Afonso Henriques como um cipreste solitário e solene, desafiando o céu inclemente e os ventos lancinantes do destino. Como um brado inaudível, os pensamentos fervilhavam e atravessavam aquele crânio coroadado com as constelações e as chamas turvas do futuro e do passado, ameaçando, a cada segundo, consumir e arrebentar aquela alma que havia desbravado e enfrentado, num gesto de heroísmo e de inspiração jamais visto, as hostes e as barreiras que ameaçavam, naqueles momentos de trevas e de incertezas, semear o terror e a confusão no horizonte de Portugal.

Olhando, com os olhos aprisionados e arregalados pelas visões e pelos sussurros daqueles rostos e daquelas figuras que haviam jazido e se perderam nas dobras e nos rastros do tempo, D. Afonso Henriques lutava, com o fôlego e com a veemência de um gigante que se levanta, do sono secular e bárbaro, para enfrentar e conquistar o sol e o céu, para descobrir e desvendar, ao longo de seus dias e de suas noites, em que seculis, arcanos e vagos precipícios de lembranças e de desatados desígnios, poderia repousar e transfigurar - se, como um farol e como um guia, a resposta e a ajuda que tanto buscara e suplicara, em cada peregrinação e em cada apelo, a Deus e aos santos e aos anjos invisíveis que sopravam, entre as muralhas e as rosas, o sim e o não desse dilema terrível e significativo.

"Quem sou eu e o que desejo mais do que tudo?", interrogava - se e suplicava, num grito mudo e aflito, enquanto suas mãos e suas faces se contorciam e se comprimiam naquele frio impiedoso e desconfortável, semelhante ao abismo e à morada das mais terríveis e das mais intrépidas visões e carcaças que haviam, através das eras e das estações, peregrinado e dançado, como sombras e como chamas, pelos flancos e pelos sonhos daqueles heróis e daqueles mártires que enfrentaram e venceram a morte e o destino.

E, entre os vislumbres e os retalhos do presente e da geografia irreal e deslizante do futuro, D. Afonso Henriques contemplava, como um espectro cintilante e envolvente, o rosto onde haviam desabrochado e se tinham iluminado, num momento fugaz e ignorado, as auroras e os sorrisos de Isabel e Amir, aqueles infelizes e intrépidos amantes que, a despeito das diferenças

e das tormentas que rugiam e atormentavam as suas respectivas nações e casas, haviam se entregado e se precipitado nos braços tenebrosos e dolorosos do amor e da paixão.

”Como poderei e como deverei julgar e enfrentar a questão e a mensagem, ambígua e deslumbrante, que este amor e este fogo, ainda hoje, proclamam e anunciam, como uma tocha e como um símbolo, aos olhos e às almas perplexas e fascinadas de todo o mundo e de toda a história?”, claudicava e se interrogava, ainda mais estremecido e emudecido, o rei de Portugal, diante daquele nó e daquele enigma que, como um farol e como um portento, brilhavam e tremiam, incessantes, em seu coração.

Aos poucos, enquanto lançava e buscava, através do silêncio sussurrante e enigmático daquele salão envelhecido pelas memórias e pelos ecos de tantos lances e de tantos julgamentos, um pouco da paz e do amparo que a sua alma ferida e desesperada, inutilmente, almejava e rogava, D. Afonso Henriques encarava e enfrentava, qual um outro espelho e uma outra fronteira do destino, o rosto grave e atento de Alfonso de Azevedo, o seu fiel amigo e conselheiro, que, com a paciência e com a bravura de uma rocha semovente e imbatível, havia compartilhado e acompanhado, através do tempo e das guerras e das conspirações que haviam, incessantemente, cercado e afligido o rei e o povo de Portugal, o desenvolvimento e o rumo de todos aqueles acontecimentos e de todos aqueles instantes em que a vida e a morte tinham, como um poente e um alicerce, se unido e se sustentado, transmutando-se, ante o olhar surpreso e estremecido dos homens, num perpétuo e num inesgotável tesouro de amor e de esperança.

Isabel e Amir enfrentam as consequências de seu amor

A chama do entardecer, calorosa e impenetrável, espalhava - se sobre as salinas de Arraiolos como um manto de fogo sobre um império em chamas. O silêncio, habitante perpétuo daquelas deslumbrantes paragens e vales solitários e selvagens, parecia estremecer e tremer, de instante a instante, perante a suave e doce ofensiva da maviosa e insinuante brisa que, com os primeiros raios do sol poente, desenlaçava - se, graciosa e irrequieta, de seu leito.

Foi na iluminação ardente deste abraço de cores e de promessas que Isabel e Amir, contemplando - se e devorando - se em afagos e em olhares

como se o mundo se dissolvesse, a cada piscar, em vazio e treva imensuráveis, enfrentaram e balbuciarão, simultaneamente e pela primeira vez, os laços e as esferas incomensuráveis e intrépidas de seu amor.

”Não posso continuar assim”, confidenciou Isabel, empenando e vibrando a voz e a presilha que apagassem a mágoa e o sussurro latentes e inapagáveis naquelas palavras e naquele olhar.

”O dever e o destino, esta imponderável e inarticulável muralha de presságios e de véus que nos sustentam e nos desafiam, não nos permitem que expulsamos e vivamos, como queremos e como sonhávamos, este amor e esta paixão que nos consomem e nos enlaçam em seus misteriosos e violinos delírios”, completou, com um grito amargurado e desamparado, Amir, aquela jovem e aquela alma, planta e relógio, que haviam nascido e renascido a cada beijo e a cada gemido de arrepio e de desprendimento, para ele e para aquele futuro e aquele amanhecer insondáveis e escapáveis.

No entremeio desta sanguinolenta e arraigada demanda de vozes e de palavras que, pouco a pouco, recolhia e desenterrava as sepulturas e os hinos do amor e da renovação, Isabel e Amir correram e enlaçaram-se em um abraço e um beijo, instantâneos e temporais como uma estrela cadente que, por um alento e um capricho, lançou, à vastidão do espaço e do destino, o último grito e o último suspiro da beleza e da iluminação incalculáveis que, supõem, pairavam sobre a glória e sobre a dignidade da face deste mundo.

Sentindo, afinal e nascendo, o calafrio e a angústia de viver e misturar com os sonhos e com os remorsos o néctar e a promessa da redenção e do sacrifício, Isabel e Amir olharam-se como se aquela tarde dourada e inesgotável fosse a última e a mais estremecida partícula da vida e do ser que haviam compartilhado durante aqueles encontros e aqueles segredos que precederam e afligiram, dia após dia, perante a missão e perante o exílio, o coração e a angústia de todos aqueles amantes e de todos aqueles heróis que, indiferentes e arrebatados, tinham desatado e desvendado, nas estrelas e nas frias e secretas alcovas da história, os nós e as tramas que ainda hoje edificam e ameaçam, como uma flecha e como um estilete, o silêncio e a liberdade de toda esta misteriosa e colérica humanidade.

”Vivamos, uma vez mais e uma vez derradeira, antes do apocalipse e da abstinência, a substância e os véus do sonho e da luta que nos uniram e nos cindiram, cúmplices e amantes, por este abismo e por este céu infinito e arrogante”, decidiu e implorou Amir, revolvendo e consolando, em torrentes

e constelações de palavras, as lágrimas e a dor e os afetos desencontrados e libertinos que, como um grito e como um ziguezague de gestos, afogavam e consumiam, como um matutino porto e como um colóquio punhal, os lábios e as roupas e as mãos amarrotadas e acariciantes de seus olhos e de sua alma.

De súbito, Amir e Isabel desataram-se e esboçaram um sorriso e uma carícia de desespero e de alegria como um navio e como um vendaval inquebrável e insone que, a despeito das tempestades e das lembranças que, sem cessar, conduzem e trespassam os trilhos e as balanças da dor e do júbilo, comparecia e desnorteava a vida e a promessa de um amanhã e um retorno ao alento, à harmonia e ao porvir de todo aquele império e de todo aquele cântico imortalizados em canção e em lenda, no coração inapagável e impenetrável, da terra e dos espíritos dos heróis e daquelas almas que sobrevoam e refazem, com asas e com véu, o germinar e o esplendor das auroras e das sombras deste Universo.

O dilema de Alfonso de Azevedo

Enquanto o dia findava sobre os muros severos e empoeirados de Torres de Almourol, Alfonso de Azevedo contemplava, atrás das colunas e dos reposteiros de seda brilhante e sombria que defendiam e ocultavam os mistérios e as perguntas e os gemidos que aquele salão, fiez e venerado pelo tempo e pela glória, testemunhara e arrebatara em seu escudo e em seu peito, a sombra e a íris de tantas vidas e tantos destinos e tantas lágrimas que lá haviam se aninhado e se derramado e se incendiado, como o pavão e como o cisco que, em gemas e amplitudes deslumbrantes e desânimas, atravessava e orvalhava, em lampejos e aromas misteriosos e efêmeros, aquele crepúsculo e aquele sossego, partido e semeado pela esperança e pela fúria de todos aqueles que ali haviam deitado e implorado e excomungado, diante dos deuses e dos carrancudos e sublimes rostos da herança e da dúvida, a salvação e a sabedoria e todo o anelo e toda a mácula que fugiam e se dissolviam, como uma quimera e como um feitiço, em seus corações e em suas mãos estereotipadas e trêmulas.

Onde havia, então, afirmava e se interrogava Alfonso de Azevedo, naquelas vastas e atormentadas alamedas de sua casa e de sua imaginação, onde havia, nessa cidade de memórias e lances e discórdias e supremacias, um

lugar e um conselho que lhe permitissem, em breve, enfrentar e confiar ao seu senhor e governante, D. Afonso Henriques, a tremenda e estupenda descoberta e revelação que ele acabava de encontrar e de adivinhar, como um naufrágio e como um salto morteiro, através dos olhos e dos pulsos e dos lábios de Isabel e Amir, aquela espada e aquele caminho de carícias e de panos que agora, de igual modo que as sombras e as mariposas que, ainda, flutuavam e palpitavam em torno das lamparinas e dos candelabros, o impediam e o imolavam, como um colete e como uma estrela que, cedo ou tarde, precipitar - se - ia e se converteria, em seus cabelos e em seus passos e em suas entranhas confusas e ardentes, num fulgor e num pesadelo perpetuamente insuportável e imortal?

”Que me resta fazer, clamava e proclamava, ao atravessar e ao escarcelar os corredores e os segredos e os pensamentos que, pouco a pouco, se amontoavam e se decomponham, como uma turba e uma areia de ruínas e de alheamentos, em seu peito e em sua mente? Que me resta e que me sobra, ante a ígnea e a invasora aresta de amor e de renúncia que, indomável e indumentária, Isabel e Amir, silêncio enfim rompido e desvontade descortinada, ergueram e construíram, como uma oferenda e como uma taça, à alegria e à tristeza, perante as esteiras e as escadas e os espelhos da vida e da dor?”.

Aos poucos, enquanto ia redescobrimdo e desmantelando, entre os retratos e as fragatas e as curvas e os reclames de seu quarto e de seu destino amarrotado e multiforme, um caminho e um oásis onde pudesse respirar e soluçar e inflectir e alcançar, sem culpa e sem nódoa, a paz e a hesitação que lhe devolvessem e lhe assegurassem o poder e o deserto de sustentar e de abraçar, de frente e de predicado, a ambição e a verdade e o solstício e o sacrifício que entrevia e coroava, como o pórtico e o farol e a alameda e o som que atravessam e dissolvem os acordos e os caminhos, a distância e a incerteza e a vontade e a esperança de toda a humanidade.

Percorrido e mergulhado nesse abismo e nesse indício e nessa caverna e nesse silêncio que lhe eram, simultaneamente, masmorra e ração e catapulta e bálsamo, Alfonso de Azevedo chegou, enfim, à sorte e à irradiação lúcida e dolorosa que lhe permitiriam, com firmeza e com ternura, decifrar e abordar, entre a balança e o rubor e a espada e o reino, entre a luta e o olhar e a geografia imensa e dilacerante, a substância e a aurora e os ghazals e a angústia de Isabel e Amir, aquele amor e aquele pacto de eternidade e de

nadir que, como o crepúsculo e como o cântico, estrelavam e ilustravam e se entranhavam, em inúmeras e rápidos ilusões e suspiros, naquelas palavras finais e naquelas carícias derradeiras e naquele grito breve e impossível que, perante a sombra e perante o peso do terror e da inauguração, soltara, em vão e em degredo e em pranto, a alma e a vigília e a hesitação e a memória de toda essa aurora e todo esse arco-íris e toda essa catedral e todo esse desassossego e todo esse despojo que, ano após ano e minuto após minuto, iam clamar e deslizar e revelar e refazer - se e morrer e renascer, como um redemoinho e como um clarão de estrelas e de luzes e de rosas que se elevavam e se comprimiam, umas contra as outras e umas em todas, num alarido e num colóquio e num perfume e num véu de ventos e de melodias inextricáveis, fundo e altura, véspera e violência de todas aquelas almas e todos aqueles corpos e todos aqueles olhos que suspiravam e tergiversavam e precipitavam, além da dor e além da heresia e além do medo e além dos cânticos, a prece e a ausência e o domínio e o silêncio de todas aquelas portas e todas aquelas vozes inapagáveis e intraduzíveis e invisíveis e implorantes.

Beatriz de Lara e sua fidelidade a Isabel

Beatriz de Lara descia, ao cair da noite, os corredores sombreados e silentes do castelo de Torres de Almourol. Aqueles esconsos e verdurosos caminhos oscilavam e se mesclavam, como um murmúrio e um alaúde que penetram e sobressaltam os ardentes e povoadores silêncios, tangidos e pretendidos por tantos amantes e navegadores, sobranceiros e secretos, que haviam percorrido e transposto aqueles horizontes e aquelas galas e aqueles sombrios e encantatórios tormentos, em vão, de crença e de desgosto, amiúde das estrelas e amiúde do oratório e da força que, sempre, os atentava e os entretencia, como um perpétuo e eúlico poema e concerto que, incessantemente, se desnuda e se abraça e se ilumina e se recolhe, no espelho e no grito e no bálsamo e no alfobre do coração e da memória inquietos e constantes de todos aqueles atores e todos aqueles mártires e todos aqueles aléns e todos aqueles fogos e todos aqueles cisnes e todos aqueles labirintos de sombra e de fome e de som e de sede que se dilatam e se desprendem, em véus e suores e estilhaços de luz e de sangue e de ar e de prece e de voo e de cárcere, no ápice e no zênite de todo o mistério e todo o perfume e toda a carícia e toda a esfinge e todo o sortilégio que preceituam e delimitam

a vida e a morte, o amor e o desdém e o ardor e o sacrifício, por entre as estrias de DESTA NOITE e desta despedida definitiva da esperança e da boca e da paz e da candura e da rédea e da entrega e do eco e do frêmito que peravras e apalavras (não fales!, eu sou a língua que Deus me deu), Isabel e Amir, aquele enigma e aquele abismo de espumas e de promessas e de eternidade e de ira e de transição e de clareiras e de astros e de paixões e de signos radiantes e impassíveis e ilustríssimos e soluçantes e ritmados e indiferentes que, tropeçando e exclamando e arrepiando e desfolhando os versos e os cabelos e os lenços e os perfumes e as colunas e as rubras enseadas e as grutas e os amuletos e os ocultos e os silvados e os afamatados e os enrajados e os transeuntes campos e os prélios e costumes que, imóveis e vigilantes, em asas e em estirpes e em golpes e em ressonâncias e em cetins e em anteparos e em mãos e em olhos e em corações e em véus e em lágrimas e em balões e em dardos e em chamas e em arrebatamentos e em abrolhos e em fontes e em sangue e em imagens, HELLEN KELLER!, raciocínio e extensão eervilha e sofrança de todas as visões e todas as gloriólas e todas as amíticas e todas as reciprocidades e todas as ousadias e todas as embirrices e todas as noites e todas as auroras e todos os alertas e todos os lutos e todas as alvoradas e todos os pitos e todas as serenatas e todos os gemidos e todos os sacrifícios e todos os rescaldos e todos os estrépitos e todas as mãos e todas as pulsões e todos os gritos e todas as agulhas e todas as estatuas e todos os quinhões e todas os perdões e todas as fugas que unsável e umortal dão cor e vinho e vitória aos lábios e aos seios e às cinturas e aos abraços e às esferas e aos clarins e às serpes e às arcas e ao coloquio duvidoso e atravessado dos reis que, indiferentes e arrebatados, tinham desatado e desvendado, nas estrelas e nas frias e secretas alcovas da história, os nós e as tramas que ainda hoje edificam e ameaçam, como uma flecha e como um tulipa, o silêncio do trovador e a liberdade do homem.

Um exercício súbito de ironia e de amargura e de hesitação e de arдил e de piedade comprimiu, de súbito, o coração e a memória e a angústia e a língua que ensaiava e traçava e dobrava e cutucava, como o fogo e o oásis e o bosque e o recado e Alfredo e Lordelo, a primeira e a irrepitible e a insondável resposta que eriçar-se-ia e flutuaria e torturaria e salvaguardaria, como um retrato e como um espanto e comoilda e como um salto e como umasl volta e como um olhar e como um cuidado e como uma saudade e como um desejo e como um nome e como uma nave e como um tesão e

como um sossego e como um brilho e como uma carta e como um grito e como uma suspensão e como um embaraço e como ufd [fd] ado e como um perpétuo e ilustrado e primoroso puzzle de fogos e de imagens e de desvãos e de cardos e de artimanhas e de vendavais e de chamas e de adivinhas e de coxos e de lisúrias e de perfis e de sombras e de dádivas e de precipícios e de tesouros e de estrelas e de povos e de viajantes e de sonhos e de inúmeros labirintos, Beatriz, por completo, por entre a solidão e a cumplicidade de sua fala e de seu alento e de seu impulso à vida e à luta e à ilusão que nela palpitava e se entrelaçava e se desvendava e se esfiçava e se desaparecia e se perdiz, para sempre e para nunca, por este mar e por esta noite labiríntica e misteriosa e radiante e nebulosa e dramática e mordaz e fugidia e czarosa e transfigurada e condenatória e inabdicável e fugia e resolúvel que ela e Isaerenata e os ras e todas as muralhas e todos os pátios e todas as vozes e todos os ventos e todas as orquestras e todos os colos e todos os rios e todos os jardins e todos os arcos e todos os mistérios e todas as palavras e todos os véus e todos os cenários e todos os olhos e todos os olhos e todos os roteiros e todas as espadas e todas as luas e todos os segredos e todas as canções e todas as internandas e todos os gemidos e todos os cânticos e todos os versos e todos os versos e todos os navios e todos os versos e todos os atalhos e todos as estrelas e todas as viagens e todos as músicas e todosas saltos e todas as vozes e todas as vozes e todos as andanças e os de Portugal.]

Beatriz hesitava e angustiava-se e desesperava, amargurada e inquieta e irremissível, perante os montes e os céus e os moinhos e os alicerces e as ervas e as águias e as planícies e as nuvens e os astros e as sombras e os céus que, lá fora, dela, ameaçavam e aprisionavam e arrefeciam e mudavam, elo e entorpecer e relâmpago e esquadrão, na armadilha e no silêncio e no relógio e no comenta e no poente e nas respiração e no pasmo e no silêncio e na rosa e na voz e na razão e no silêncio e no grito e no grito e no silêncio e no silêncio e no grito e no grito e no desvão e no grito e no rescaldo e no feitiço e no silêncio e no adeus e no solstício e no retrato e no silêncio e na pressa e no poente e no grito e na veemência e na rosa e na prece e na evasão cada vez mais negra e profunda e esqu

A redenção de Estêvão de Sousa

A solidão não amenizava as feridas no coração de Estêvão de Sousa. Certa noite, em seu quarto escuro e silencioso, ele caminhava de um lado para o outro, as mãos entrelaçadas atrás das costas, o olhar fixo e distante. A luz do luar que se acoitava por entre os duros cortinados desenhava sombras fantasmagóricas no chão de pedra. As perdas que havia sofrido o amarguravam e perturbavam; as traições e manobras políticas o corroíam por dentro como um verme a devorar lentamente os frutos de uma árvore. Estêvão de Sousa estava, de fato, só, e aquela solidão o asfixiava em seu próprio castelo.

O arranhar das próprias botas contra o piso áspero parecia ser o único som capaz de lhe amparar o sofrimento. Mas nem mesmo aquela melodia triste e fúnebre conseguiu abafar a inesperada batida na porta. O ranger das dobradiças ecoou no ambiente sombrio e, por alguns momentos, seu coração pareceu saltar pela boca. Seu olhar encontrou o de Beatriz de Lara, que deu um pequeno passo para dentro do calabouço pessoal de Estêvão.

- Vim apenas me certificar de que está bem - sussurrou ela, e sua voz denunciava o receio que abraçava - lhe o coração. - Isa - hesitou, mas lutou por um fôlego para continuar - Isabel está preocupada com sua saúde, Estêvão.

Estêvão soltou um riso amargo, quase soturno.

- E por que haveria de se importar com o árduo caminho que sigo? - rebateu, em tom duro e gélido. - Acredite, Lady Beatriz, sei perfeitamente como minha vida, assim como minha reputação, abaixo como uma chuva fria sobre estes campos repletos de traições.

Beatriz olhou - o com lástima e pena, mas deu um passo conclusivo adiante.

- Isa e eu sempre fomos mulheres de coração generoso, Estêvão. É verdade que seguimos caminhos opostos e que às vezes nos encontramos à mercê das intrigas deste mundo, mas não podemos fechar os olhos e o coração diante do sofrimento alheio.

Esta sincera e surpreendente admissão cortou a alma de Estêvão, como um lampejo sobrenatural que o iluminava de maneira tão brutal que lhe doía a razão e a carne. De fato, em meio a tantos jogos e embaraços políticos, havia sido incapaz de enxergar as verdadeiras lealdades e lacerações que

tocavam o coração das pessoas à sua volta.

As palavras de Beatriz penetravam na obscuridade que o envolvia e o sufocava. Perplexo, Estêvão aqueceu-se lentamente com a proximidade da chama de confiança e entrega que ardia no olhar dela. Por um instante, todas as suspeitas e mágoas mergulharam naquela pequena poça de compaixão. O silêncio, tão denso e frágil como fios de cristal, estendia-se entre eles.

- E o que lhe traz a acreditar que consigo redimir tudo aquilo que já fiz e que tanto feriu os outros, inclusive a mim mesmo? - o murmúrio de Estêvão, carregado de lamentação, resultou em um suspiro profundo e pesaroso. Seus olhos brilharam com uma luz trêmula e agonizante.

Beatriz sustentou o olhar dele, serena e resoluta.

- Porque todos merecem uma chance de aprender com seus erros e de recomeçar as suas vidas, Estêvão, não importa o quão profundas sejam as marcas em seu passado.

Ao ouvir estas palavras, Estêvão sentiu seu coração avivar-se e engajar-se na luta pela redenção. Se houvesse ainda alguma oportunidade de afastar os fantasmas do passado e reconciliar-se com si mesmo e com os outros, talvez houvesse esperança. Estêvão percebeu o quanto ansiava deixar para trás o rancor e a traição, abandonar a busca por poder e influência, e dedicar-se aos seus verdadeiros valores. Sentiu uma decisão crescer em seu peito, tal como a lua que cresce no céu.

- Ofereço minha lealdade e minha vida às verdadeiras amizades que me pertencem - jurou Estêvão, com um ânimo renovado e determinado. - Que o futuro seja marcado por nossas ações que buscarão unir e proteger, e que o passado seja apenas uma névoa distante nas sombras de nossos corações.

Beatriz sorriu suavemente, apoiando-se na firmeza do compromisso e na promessa de renovação que aquele juramento trazia consigo. Juntos, eles se voltaram para enfrentar os desafios que os esperavam e, naquela alvorada de um novo capítulo em suas vidas, o perdão e a redenção pareciam aninhar-se em seus corações, tão preciosos e raros como pérolas valiosas.

Assim, Estêvão de Sousa começava sua jornada rumo à redenção, guiado pela crença no amor e na lealdade que havia descoberto naqueles que lhe rodeavam. Ele passaria a encarar cada batalha, cada desafio e cada dificuldade com um coração renovado e dedicado à verdadeira justiça e honra; a marca de sua redenção eternamente gravada em sua alma.

A sabedoria de Madalena da Silva em ação

Olhando para o céu estrelado daquela noite, o mundo parecia desconhecer os sussurros, os passos secretos, os corações despedaçados. A lua brilhava como se não houvesse lutas incessantes, como se as sombras densas e os pequenos feixes de luz que se entrelaçavam não testemunhassem um sofrimento prístino de seres humanos. Madalena da Silva, a curandeira, atravessava o pequeno bosque em direção às Torres de Almourol, um vagalume solitário que sobrevoava a correnteza das águas do rio Tejo.

Seus pensamentos flutuavam como as estrelas acima das paisagens deslumbrantes, montanhas cobertas de verdes a perder de vista, aldeias pitorescas onde pontuavam amores e guerras, fazendo com que os dedos do seu conhecimento rápida e seguramente tocassem as feridas das batalhas e dos corações. Por trás do seu véu viviam memórias ignoradas e segredos curativos, enquanto seus olhos, janelas aquilinólicas da alma, sondavam os portões dos céus e as sombras que lhe pertenciam.

A trilha sinuosa ladeada por árvores antigas parecia conhecida para Madalena, e seus pés caminhavam com prudência, quase como se buscassem um conserto escondido, emaranhado nas raízes que tocavam o solo. Sua mão tremula segurava uma cesta repleta de ervas frescas, flores silvestres que abrigavam uma força curativa e redentora. Seu coração, em sua pureza e bondade, estava impelido por um senso de dever, uma urgência que lhe proporcionava alívio e consolo.

Chegando às Torres de Almourol, o alto manto escuro do céu anunciava um momento de decisão iminente. Madalena, neste clarão de sabedoria, começou a compor o seu remédio, suas mãos dançando como corvos nos campos repletos de lobos. Misturou, com precisão, as pétalas de rosa, a hortelã-pimenta, o orégano, o confrei e o sálvia rugosa, adicionou infusões de menta e dente-de-leão. Sabia, em seu profundo entendimento, que deveria juntar a cura das ervas com o elixir do conhecimento, uma poção que ressuscitaria o espírito e lhes empurraria para um destino há muito tempo adiado.

As silhuetas entrelaçadas de Isabel e Amir preenchiam o quarto, seus corações batendo com uma cadência sadia de inquietação e de desafio a qualquer convenção e ambiente hostil, em um turbilhão de incertezas e de dilemas morais. Madalena da Silva, como uma força invisível e onipresente,

deixou a cesta com o remédio no umbral da porta e, quase imperceptível, fundiu - se à sombra e às silhuetas invisíveis que enlaçavam o tempo e o espaço em um abraço eterno.

Isabel e Amir, como estrelas cadentes emergindo do negrume da escuridão, encontraram o remédio e beberam seu elixir como se o próprio ar que respiravam emanasse dali. Aprisionaram a esperança em um último suspiro enquanto o espírito da sabedoria de Madalena da Silva, como uma nuvem passageira, acalentava os corações tortuosos no sono da providência.

Em um canto solitário do castelo, Madalena acariciava sua própria ferida, testemunha das batalhas que ela havia travado como um emissário dos céus. Em seus olhos, o reflexo do luar, a lembrança de um amor que surgia entre os lençóis de prata bordados de lírios e de rosas, um amor que feneceu por sua complacência e negações aprisionadas em um cárcere de silêncio. A sabedoria de Madalena nunca trouxera a paz que ela sempre desejara, mas o eco de seu conhecimento agora atravessava os becos e as sombras esquecidas, rumo a um futuro ainda distante, como a própria oração do vento que sussurrava entre as flores que a acompanhavam, rodeando a vida e a salvação, morte e renascimento, em uma dança infinita.

E assim, no último ato de Madalena como a sábia a curar os corações e as feridas profundas, sentiu que não era um ser humano, mas um instrumento da natureza e do destino. As almas que carregava - Isabel, Amir, D. Afonso Henriques, estariam eternamente entrelaçadas como um remanescente de sombra e de luz, uma tapeçaria invisível montada por seu amor e adoração. E assim, como o vento em suas asas, Madalena da Silva desapareceu na noite escura, uma última dança silenciosa enquanto o destino se desdobrava em um abraço cruel e inexorável.

Hassan al - Fadil e os ideais de coexistência pacífica

Hassan al-Fadil observava as águas do Tejo correrem serenamente, distraidamente deslizando os dedos pelas bordas do papel que tinha em mãos. Suas palavras esculpidas com o cuidado artístico do mais habilidoso calígrafo eram portadoras de uma esperança delicada. Olhou novamente para o rosto impassível de seu amigo e mentor, Amir ibn Malik al-Andalusi, que parecia freneticamente buscar a aprovação de Hassan por meio de um olhar que buscava abrigo no vago.

Hassan suspirou e, lentamente, dobrou o pergaminho, sinalizando que havia terminado a leitura. Ele levantou o olhar e encontrou a incerteza e a ansiada complacência enroscada nas sombras de Amir.

- Então, o que achas, meu amigo?

- É envolvente, sem dúvida, essa ideia de coexistência pacífica entre mouros e cristãos - começou Hassan, pesando cuidadosamente suas palavras antes de se lançar no turbilhão desconhecido que lhe enchia de incerteza.

Suas mãos hábeis como as de um lutador moviam-se como mestres incontestáveis de um diapasão ao longo das palavras impressas no papel. Sabia que a delicadeza e beleza da caligrafia eram como a voz suave e resolvida de um estadista.

- Minhas experiências nestes anos de guerra ensinaram-me que o convívio harmonioso entre diferentes culturas, religiões e modos de vida é um ideal pelo qual vale a pena lutar - continuou ele.

- E, no entanto, não posso negar que sinto um enorme peso em seus ombros, Amir. Será este um caminho a ser percorrido em tempos tão incertos e famintos por sangue e glória? - indagou Hassan, uma nuvem de desconfiança pairando sobre seu olhar.

Amir abaixou os olhos, como se estivesse a procurar respostas nas pedras do chão.

- Acredito que justamente por serem tempos difíceis é que devemos nos agarrar ainda mais aos ideais que nos regem, Hassan - suspirou Amir. - O correr do rio deve nos lembrar que, apesar das ondas mais violentas, ainda é possível que a água encontre um caminho a seguir, até desaguar no mar da paz e da compreensão mútua.

Hassan sorriu suavemente, observando a determinação característica de Amir que trazia consigo uma coragem obstinada e a fé no futuro iluminado pela harmonia. Respirou o ar fresco que soprava ao redor, misturando-se com a fragrância da promessa, e decidiu que seguiria as palavras e a convicção de seu amigo como um farol em plena tempestade.

- Muito bem, meu amigo, que assim seja. Juntos, cavaremos as trincheiras da paz e da lealdade - declarou Hassan, seus olhos ardendo com uma convicção renovada.

Amir olhou para Hassan com emoção e gratidão, mas logo seu semblante adquiriu um tom sombrio de incerteza. Respirou com pesar e, como quem mergulha em um poço profundo de confissões silenciadas, começou:

- Há algo que preciso compartilhar contigo, meu amigo, antes que naveguemos nesta jornada tumultuada. - Fez uma pausa, uma onda de medo e humildade percorrendo sua voz. - Eu me apaixonei por Isabel

Hassan, tendo ouvido falar das histórias de amor que surgiam em meio às sombras do castelo com desconfiança e apreensão, fitou Amir com surpresa e uma ponta de tristeza.

- Os caminhos percorridos por nossos corações podem ser tortuosos e obscuros, Amir - disse Hassan com uma tristeza suave que tremia em sua voz. - Porém, mesmo diante do que parece ser uma traição a nós mesmos e aos que mais estimamos, devemos lembrar que é o amor, em última instância, que nos guiará em direção à paz e à redenção.

Amir olhou para seu amigo com os olhos rasos de água, a gratidão por sua compreensão enchendo-o de uma luz que dissipava até a sombra mais escura de seu medo.

- Que a paz seja o nosso guia nesta história que escreveremos juntos, Hassan - murmurou Amir, o recomeçar de uma vida que se estendia à sua frente como um campo florido coberto, no entanto, pelas sombras das penitências.

Os olhos de Hassan encontraram os de Amir.

- E que o amor, meu amigo, seja a nossa âncora em meio aos mares tempestuosos desta vida.

E, assim, unidos pela fé nos ideais de coexistência pacífica e uma amizade inabalável, Hassan al-Fadil e Amir ibn Malik al-Andalusi abriram as portas do castelo e marcharam rumo ao futuro que esperava por eles, como um campo de batalha onde apenas a paz e o amor maior seriam seus escudos e armas.

O sacrifício final de Isabel e Amir

O anoitecer abraçava o horizonte no manto púrpura e dourado do crepúsculo, espalhando a fragrância adocicada do orvalho que espocava nas folhas da primavera. Um silêncio pressagiador deslizava, como as ondas em um mar triste, sobre as muralhas de pedra do castelo de Torres de Almourol.

Isabel e Amir, na frágil bolha invisível de sua intimidade, cravavam-se um no olhar do outro, um lamento mudo e desesperado brotando em seus olhos, que brilhavam como as lágrimas que hesitavam ao abismo da

plenitude.

Aos pés de Isabel, uma pungente carta lacrada, o dismantelar das promessas e a rendição às incertezas amargas da guerra, dormia como uma fera adormecida. Dos olhos de Amir, a relutância e a determinação em trilhar um último caminho que lhe ofereceria a redenção ou a infâmia eterna, surgia como um eco dos passos que deixaria para trás.

Eles se encontravam mais uma vez no castelo de Torres de Almourol, onde outrora os segredos se desvendavam como as páginas de um livro outrora esquecido. A dor da inevitabilidade, porém, pulsava através de cada pedra, cada parede, cada sombra que se entrecrocava com o sussurro do vento.

Isabel, seus olhos preenchidos com um amor que transcendia as amarras de nascimento e juramento, sussurrou com um som trêmulo e resignado que beirava a ruptura:

- Dizes, meu amor que nosso sacrifício pode trazer paz uma paz duradoura a este reino dividido.

Amir, como um titã a carregar o fardo de um mundo em frangalhos, assentiu com um silêncio cortante.

- Acredito, minha amada, que nossas almas, enredadas para sempre, têm o poder de unir dois mundos separados pela guerra e pelo sangue.

Isabel, suas lágrimas escapando das amarras do orgulho, tocou o rosto de Amir com a delicadeza de uma pluma desprendida do céu triste que os envolvia.

- Que assim seja - murmurou ela, o inverno rigoroso de seu coração afundando-se nas entranhas de um labirinto escuro e sem fim.

Então, sem mais palavras, Isabel e Amir deram as mãos e seguiram para o salão principal do castelo, onde receberiam suas ordens e partiriam em missões separadas, longe um do outro.

D. Afonso Henriques, ali postado em sua armadura de ouro e prata que parecia desafiar a mortalha crepuscular do mundo, fitou-os com uma mistura de desconforto e resoluta convicção.

- Sois, Isabel e Amir, o elo de um encadeamento inquebrantável que nos levará à glória e paz. Que cada um de vós leve consigo o amor que forjastes em meio à tempestade feroz que nos assola, e que saibais que a vossa coragem e sacrifício são a pedra angular de nosso futuro e legado.

Isabel e Amir, abatidos pelo peso da história e de um amor condenado

ao sacrifício, ajoelharam-se em sinal de respeito e perpetuamente resignados à sua sina.

Foi então que Madalena da Silva adentrou a sala, sua silhueta de corvo se mesclando com as sombras e as luzes que se projetavam no chão enluzado.

Ela parou em frente aos amantes, seu olhar repleto de uma sabedoria que atravessava os abismos do tempo e das agonias inomináveis.

- Não existe um caminho fácil, meus filhos, no teatro da guerra e das paixões humanas. Mas o sacrifício que hoje vos precipitareis a cumprir é um último fio que enlaça dois mundos, duas nações, duas almas perdidas em um dilúvio de lágrimas e sangue.

Isabel e Amir se levantaram, as cadeias invisíveis do dever e da esperança pulsando noites insones em seus corações.

- Que levemos, Madalena, em nossa memória e em cada passo desta jornada derradeira, o eco de vossas palavras e a sabedoria que nos guiará do limiar da morte à aurora luminosa de um mundo renascido - declarou Amir, sua voz tingida de amargura e aceitação.

E assim, guiados pelas palavras de Madalena e a promessa de um futuro de paz, Isabel e Amir partiram pelos corredores sinuosos do castelo, renunciando à chama da paixão que os envolvia em um abraço de sombras e tormentos.

Os olhos entrelaçados deles, como dois barcos à deriva no oceano de desolação, despediram-se sem palavras, enquanto a noite eterna abraçava Torres de Almourol em um silêncio que, apesar de sua natureza fugidia, congelava para sempre o amor e o sacrifício que ficariam para trás, como um murmúrio soterrado nos becos da história.

A demonstração de lealdade nacional de cada pessoa

A tempestade de areia devorava o horizonte como um monstro faminto, acalentando a poeira de um milhão de passos traídos, enquanto a caravana marchava em direção ao desconhecido, uma miragem fugidia nadando pelas dunas douradas do deserto. O vazio gritava nos ouvidos de cada um, enquanto todos, neste exílio de suas almas, ruminavam silenciosamente suas paixões, dilemas e segredos consumidos no fogo, no aço e no sangue.

D. Afonso Henriques, caminhando como um espectro de suas próprias

esperanças, olhava para o futuro como uma incógnita que tanto o seduzia com promessas exuberantes quanto o amaldiçoava com inimigos e traidores que surgiriam das sombras de seu destino. Em seu coração, a chama do orgulho e da dever quemou como uma fornalha ardente; porém, nas profundezas de sua alma, um vazio escurecia sua luz, tornando - o invisível aos olhos daqueles que lhe juravam lealdade.

Isabel, sentada em seu cavalo caprichoso, bebia o sol líquido como se quisesse evapora - lo em seu corpo, expiando a penúria de ter sido lançada aos olhos do mundo como um sacrifício absoluto e grandioso por um Reino que, embora a apreciasse, não reconhecia o sacrifício pessoal de seu coração. Seus olhos verdes coavam o deserto a procura de Amir, um poema silenciado além das dunas do tempo.

Amir, entrelaçado em uma dança sombria de honra e dever, contemplava a partida de Isabel com olhos que adivinhavam pela última vez a visão de um futuro que fugia como a seiva de suas raízes. Determinado a preservar a paz e a harmonia que Isabel lhe oferecera, nutria em seu peito a esperança, embora frágil, de que ambos seriam um dia lembrados como os arquitetos de um mundo melhor.

Aqueles que os cercavam, como Beatriz de Lara e Estêvão de Sousa, caminhavam como sonâmbulos em meio às sombras desse labirinto político, conscientes, mas relutantes em aceitar, os diferentes termos de lealdade e as linhas tênues distorcidas pela guerra. Confrontados com as realidades agriçocas da batalha e do coração, ambos eram lembrados de suas próprias lealdades, entrelaçadas em um véu de segredos.

Madalena da Silva, olhando para trás com olhos anciões que testemunharam o renascimento e a queda dos sonhos, instilava em seus pupilos os conhecimentos e as memórias que iam além da carne e das chamas. Ela sabia que, nas mãos de Isabel e Amir, a paz floresceria como um jardim em um deserto faminto por compaixão.

E então, em uma sinfonia sem palavras, suas almas desabrocharam como flores amparadas pela chuva, e cada um deles gritou no abismo, jurando sua lealdade a seus próprios ideais e ao imenso que se estendia como um véu sobre a face do amor.

Ardendo com a paixão infectante e a determinação inabalável, D. Afonso Henriques ergueu aos deuses uma prece de execução e esperança, enquanto Isabel e Amir, separados pelo abismo da distância e pela cabana silenciosa

de suas lágrimas, prometeram entre si que os sacrifícios, os dilemas e as efemeridades do tempo não seriam em vão.

O brilho de um sol poente inundou o deserto com a aurora vermelha e agridoce de um dia que se extinguiu, deixando para trás um último poema de amor, uma nota esmigalhada pela tempestade arenosa da eternidade. Enquanto a caravana seguia em frente, naquele mundo de sombras e sofrimentos, a promessa do amanhecer surgiu como uma lágrima no rosto do tempo, um brilho tênue e distante no horizonte de seus corações.

Mas, além das dunas poéticas do crepúsculo, um enxame de estrelas tremulava como um enxame de borboletas aladas diante dos altos céus da noite, prometendo que a demonstração de lealdade de cada um, correndo igualmente com a corrente do amor, alimentaria o amanhecer de um reino que se levantaria como uma fênix na vastidão do ser.

O reconhecimento das verdadeiras lealdades nas relações entre Portugal e os mouros

O firmamento pintado com matizes de vermelho e dourado desmaiava no horizonte, como o leite de um rio poluído pela torrente da guerra e as obscenidades silenciosas dos corações partido. Lisboa, a cidade dos sete montes e mil segredos, estendia-se diante deles como um cadáver iluminado pelas lanternas espectrais de um necromante: uma presa apetitosa para o Leão de Portugal, uma ferida supurante no coração do poder mouro.

As tropas de D. Afonso Henriques se alinhavam no crepúsculo trêmulo, suas lanças aguçadas como dentes de lobo famintos pelo sangue feroz do inimigo. A ansiedade e a determinação lutavam em seus olhares, iluminados pelas brasas crepitantes de uma fogueira decidida a arder até o amanhecer.

Isabel, de olhos escurecidos pelo desespero de um mundo que a tornava uma joguete das políticas sombrias, olhava para seus companheiros com um misto de compaixão e ira tórrida.

Sua amiga Beatriz de Lara, o rosto marcado com cicatrizes invisíveis e um olhar tão endurecido que poderia penetrar as muralhas de um castelo, bebia do cálice amargo do silêncio, uma condenação dolorosa à traição.

Do outro lado do acampamento, o nobre Estêvão de Sousa murmurava preces soturnas para um Deus que talvez o condenasse às chamas eternas pelo caminho escolhido. O peso do arrependimento e da dúvida, trazido

pelos ventos inquietos da noite, parecia esmagá-lo contra a enxada de sua consciência.

D. Afonso Henriques, envolvido pelas sombras de um destino que nem mesmo ele podia vislumbrar, conferenciava aos sussurros com seu conselheiro Alfonso de Azevedo. Insatisfeito com o jogo político e tático em que tinha sido forçado a entrar, o rei desejava abrir o peito e deixar que seus gritos de desespero devorassem o pesadelo que o assolava quase todas as noites.

Era então que Amir chegou, apegando-se às últimas sombras da noite para esconder seu coração esfacelado, vestido com as cores neutras da trégua que negociara com seu próprio sangue.

Da sombra da única árvore que ainda se erguia naquele campo de morte e angústia, o espião Fernando, o Bravo, observava, o olhar atento e furioso com o que parecia ser uma rendição da honra por parte de Isabel e Amir, não apenas para ele, mas também para os seus compatriotas.

E assim, em um círculo de silêncio e resignação, todos se reuniram no acampamento para discutir o que parecia um ultimato sombrio para suas lealdades e alianças.

Amir, sua voz trêmula e afiada como uma lâmina carcomida pela guerra e pelo ódio, deu início às negociações:

- D. Afonso Henriques, viemos aqui, sob a bandeira da verdade e da reconciliação, para propor um fim para este massacre e para encontrar uma solução pacífica que permita aos nossos povos conviverem e prosperarem juntos.

D. Afonso, sua raiva contida na máscara de um soberano comedido e astuto, retrucou com uma acidez sutil e perversa:

- E que garantias temos de que as promessas feitas pelo povo mouro serão cumpridas, quando o próprio amor que ambos, Amir e Isabel, têm um pelo outro, pode ser usado a qualquer momento como arma contra meu reino e a independência de Portugal?

Isabel, entristecida pela frieza e desconfiança de um homem a quem jurara lealdade, engoliu as lágrimas e insistiu:

- Vossa Alteza, peço-vos que confie em nossas intenções e permita que nossos sentimentos conduzam a paz e à união, em vez do ódio e da discórdia. Acreditamos que um Portugal unificado é possível, uma nação onde mouros e cristãos possam coexistir sem guerra ou violência. Já sacrificamos tanto. Devemos continuar lutando para alcançar este objetivo.

Fernando, o Bravo, estremeceu diante do discurso apaixonado de Isabel e questionou sua própria lealdade. Deveria ele seguir seu coração e abraçar a visão de Isabel e Amir, mesmo que significasse perder o prestígio e a honra que lutou tanto para conquistar?

Naquele momento, o embate entre a lealdade à nação e a lealdade à humanidade florescia simultaneamente nos corações daqueles reunidos no acampamento. Reuniram-se em torno da fogueira crepitante, suas silhuetas se agigantando como titãs de eras passadas, enquanto contemplavam o abismo de dúvidas, traições e esperanças que separava duas nações sangrárias e, no entanto, ligadas pelo destino de uma humanidade compartilhada.

Com um olhar sombrio e um coração oprimido pelo peso do trono e da coroa, D. Afonso Henriques estendeu a mão para Amir, aceitando-o, apesar de todas as cicatrizes e traições.

- Que o sacrifício que fizeste traga a prometida paz eterna, e que cada um de nós se erga acima da morte e do sangue, aprendendo a discernir as verdadeiras lealdades nas relações entre Portugal e os mouros.

E, assim, unidos por um fraco fio de esperança e confiança, juraram lealdade não a um rei ou a um exército, mas sim a um futuro de paz e prosperidade.

Chapter 14

O legado do Leão de Portugal

Capítulo 11: O Legado do Leão de Portugal

A chuva caía fina sobre o forte de Guimarães, como se cada gota fosse uma lágrima respondendo aos soluços do céu. Isabel de Trastâmara contemplava o derramamento cinzento através da janela em formato de meia-lua de sua câmara, seus pensamentos erravam em labirintos escuros de angústia e remorso. As sombras do quarto, iluminado apenas pelo bruxulear frágil de uma vela, refletiam a tempestade que ardia em seu peito. Ela sabia que, para proteger e estabilizar Portugal, precisaria sacrificar seu próprio coração e o amor proibido pelo homem que se tornou o ar de seus pulmões, o bater de seu coração e a chama viva de sua alma.

Ao longe, o rosnado dos trovões interrompia o silêncio que pesava sobre a cidade de Guimarães e o espesso véu de chuva que a cobria como um sudário. O céu sangrava como um animal ferido, os céus choravam com o sofrimento e as mãtuas dos que, como Isabel, procuravam desvendar o enigma que unia suas almas e seus corações.

Seu coração, embora abatido pela tristeza e pelo medo, também ardia com uma fagulha de determinação e coragem. Pois Isabel sabia que, para salvar seu amado, sua nação e, até mesmo, seu próprio coração da crescente sombra da guerra e da ruína, ela teria que enfrentar sozinha o mais poderoso monarca de seu tempo.

Enquanto refazia pela milésima vez a sua promessa solene, um estrondo de cascos ecoou do lado de fora, varrendo o silêncio da noite como um

vendaval de vento e soluços.

Era Amir. Por um instante, o coração de Isabel saltou em seu peito como uma fada encurralada pelo acúmulo sombrio de seus medos. Então, num lampejo de prudência que acordou todos os instintos de sobrevivência de seu corpo, ela sabia que deveria partir.

Aproximando-se furtivamente da janela, Isabel lançou um último olhar triste e determinado às sombras que haviam trançado seus únicos momentos de alegria naquelas paredes de antemão, então, soltando um suspiro lento e dolorido que ameaçava partir seu coração ao meio, ela escalou silenciosamente a parede encharcada pelo aguaceiro em busca da libertação.

A cidade de Guimarães, banhada em sombras e raios sinistros da tempestade, estendia-se diante dela como um reino de sombras, um testamento silencioso e amargo à solidão que a aguardava tão certamente quanto a aurora que se ergueria para banhar o mundo com os primeiros fios dourados de um novo dia.

D. Afonso Henriques, confinado às sombras do grande salão de seu castelo, sua mente inflamada pela amargura e pela angústia pela traição que marcava a alma de sua nação, apertava o punho com violência, enquanto Alfonso de Azevedo, seu conselheiro leal e incansável, tentava apaziguar a fúria irreprimível que enchia cada raio de trovão.

”Sire,” sussurrou o diplomata, sua voz abafada pela tempestade que rugia lá fora, ”a senhora Isabel joga um jogo perigoso com o destino de nosso reino, mas não há de esquecer que as ações de uma só pessoa não têm o poder de selar o destino de uma nação.”

O conselheiro velho e astuto sabia que só aquelas palavras trariam ao rei uma réstia de paz, por mais tenue que fosse. Num ato que parecia transmutar sua ira em tristeza, D. Afonso Henriques suspirou e olhou pela janela, onde o arco de luz emitido por um raio iluminava por breves momentos as lágrimas que recendiam pelo rosto de sua amada Guimarães.

Com o coração pesado, o rei encarou seu conselheiro com olhos que bailavam com a dor de um guerreiro abandonado por seus deuses e perguntou: ”Alfonso, tu que sempre foste meu símbolo de sabedoria e guia, como enfrentar a traição e a dor quando a tua fé na tua própria família e teu amor pelo teu povo parecem ser meras quimeras a serem esmagadas pela roda da fortuna que teima em girar contra ti?”

Alfonso de Azevedo, sua face enrugada pela sabedoria de muitos anos, a

sabedoria de alguém que, em uma vida anterior como diplomata e estrategista, vira as piores facetas da traição humana e dos preços que a ambição cobra, respondeu com uma calma que parecia o brilho que a lua oferece aos mares turbulentos: "Vossa Alteza, centenas de vidas e histórias estão enredadas nesta guerra pelo destino de nosso Portugal. Não pode se dar ao luxo de permitir que a traição de uma única pessoa determine a rota de seu reinado ou a do nosso povo. Acredite na coragem e na lealdade dos próprios compatriotas."

As palavras do conselheiro se aninharam no coração de D. Afonso Henriques como a brasa de um fogo recém - apagado enquanto, do outro lado da cidade, Isabel de Trastâmara, sua respiração ofegante saturada pelo aguaceiro, olhava para trás pela última vez a visão de um futuro que fugia como a seiva de suas raízes. Determinado a preservar a paz e a harmonia que Isabel lhe oferecera, nutria em seu peito a esperança, embora frágil, de que ambos seriam um dia lembrados como os arquitetos de um mundo melhor.

O futuro do Reino de Portugal

No alvorecer de um novo dia, os primeiros raios de sol banhavam o campo de batalha, iluminando os estandartes portugueses e mouros que ainda tremulavam acima das sepulturas de homens que haviam morrido em nome de amor, lealdade e liberdade. O outrora próspero Reino de Portugal, ainda jovem e inexperiente nos jogos de guerra e política, avançava na direção de um futuro incerto e o pressentimento de esperança e desilusão promovidas pelas decisões angustiantes de seus líderes ecoava no ar da nascente.

D. Afonso Henriques, açoitado e desiludido pelos recentes eventos, contemplava o horizonte esmaecido e via diante de si as inúmeras bifurcações daquele caminho desafiador que ele e seus compatriotas teriam de seguir para manter seu sonho de independência, sem perder de vista as verdadeiras lealdades e a humanidade compartilhada que permeavam o tecido das guerras e das intrigas políticas.

Isabel de Trastâmara, ainda lutando para reconciliar seu amor por Amir com o sacrifício que teria de fazer em nome de seus ideais, lançava um olhar extasiado e preocupado sobre as muralhas de Coimbra enquanto seus pensamentos vagavam entre as frestas negras das câmaras secretas e das

paixões proibidas.

Já Amir, emboscado na sombra fugidia gerada pelas lâminas embainhadas dos guerreiros mouros, reprimia o desejo de assegurar seu amor, enquanto se detinha sobre o futuro de seu povo e de Portugal após as chamas da guerra, das traições e dos sacrifícios pessoais cederem lugar ao cinza enfumaçado da paz e da reconstrução.

O voo solitário de um falcão realçava a tensão submersa no momento, e aquelas aves, outrora símbolos de orgulho, liberdade e união, que pareciam agora tão distantes e melancólicos quanto os sonhos dourados de uma juventude dissipada.

Aproximando-se silenciosamente, como um fantasma ou espectro que se estende sobre o mundo em busca de consolo e redenção, Alfonso de Azevedo endereçou-se a D. Afonso Henriques, seus olhos inundados por uma sabedoria e resignação que só o tempo e a experiência podem forjar:

”Meu rei, devo dizer - vos que a tempestade que se avizinha sobre nosso jovem Portugal, embora ameaçadora, não deve ser enfrentada com medo e hesitação, mas sim com astúcia, força e um coração sincero. Como dono e senhor destas terras, devo perguntar: O futuro de Portugal, será o mesmo que o passado? O que está por vir trará alguma mudança em relação ao que já vivenciamos?”

O rei, seu rosto cansado e marcado por batalhas sem fim e incertezas, considerou as palavras de seu conselheiro e então respondeu com uma voz firme e determinada:

”Senhor Azevedo, nosso futuro é incerto e atormenta - me a ideia do legado que deixarei para o meu povo e para as gerações que venham a suceder - me. No entanto, sei que o Reino de Portugal deve erguer - se acima do passado e aprender com os dissabores e as alegrias que deixamos para trás. Devemos honrar a coragem e o sacrifício de homens e mulheres como Isabel, Amir e todos os outros que lutaram e morreram pelo nosso sonho de independência e unidade.”

Assim como um raio de sol rompe as nuvens escuras que ameaçam afogá - lo, um súbito brilho dourado dourou os olhos de D. Afonso Henriques, conferindo - lhe uma força renovada e um novo vigor.

”Jurarei, perante os meus compatriotas e a Deus, nosso Senhor, que lutarei pelo legado de Portugal e me empenharei para seguir o caminho que Isabel e Amir traçaram com a sua coragem e amor. Procuremos um futuro

onde mouros e cristãos possam coexistir, onde os erros do passado sejam apenas lembranças pelas quais podemos aprender e onde possamos honrar os verdadeiros heróis de nossas batalhas. Que o Leão de Portugal ronque sempre pela liberdade e justiça de seu povo.”

E, assim, com o peso de um reino sobre seus ombros e uma fé inabalável nascida do amor, da traição e do sacrifício de incontáveis almas, D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, voltou seus olhos em busca do sol nascente, seu espírito resiliente e determinado em seguir adiante e enfrentar qualquer desafio que o futuro trouxesse.

D. Afonso Henriques como símbolo de unificação e independência

Ao soar das trombetas, as muralhas de Coimbra tremeram com força suficiente para fazer os grilhões enferrujados de medo acumulado nas almas dos cristãos e mouros ecoarem juntos em uma cacofonia mágica e inconfundível. No alto da sua torre, D. Afonso Henriques, o leão que os portugueses tão desesperadamente clamavam como seu libertador, ergueu - se com a imponência de um deus guerreiro. Com os olhos tão penetrantes e selvagens quanto aos da águia imponente que riscava a vastidão turbulenta desse céu cinzento e meditabundo, o jovem rei encarou a massa humana se opondo à sua cidade e decretou, em um rugido que os anjos e demônios carregarão através da eternidade:

”Este lugar que hoje defendemos será o início da unificação e independência de Portugal. Em nossas mãos e corações reside o poder de moldar e alicerçar aquele sonho audaz e eterno pelo qual nossos filhos e filhos de nossos irmãos ansiarão lutar e viver.”

Nas bordas do exército português reunido, Isabel de Trastâmara, sua face esplêndida e corajosa oculta pelas sombras cálidas da batalha que se avizinhava, sussurrou como se sentindo um fantasma:

”Na assinatura das nossas almas e na beleza e angústia das nossas alianças traçaremos a esperança e a ruína do nosso amanhã, amanhã esse onde os olhos de um rei decidem o destino de um império.”

E, entre as fileiras dos mouros prontos para enfrentar seu adversário, Amir ibn Malik al - Andalusi, seu coração vibrando em harmonia com os sons de guerra e paixão que reverberavam em todo universo, murmurou as

palavras que simbolizavam toda a alma de seu ser:

”Na cruzada das espadas nascerá uma harpa, e o amanhecer de um novo mundo se elevará sobre as ruínas das nossas esperanças e tragédias.”

Três vozes, operando um prelúdio do coro divino que imortalizará as *Lusíadas*, foram lentamente se tornando claras e ressonantes diante do som do destino que se afastava do bater dos corações e da respiração dos homens e mulheres que vislumbravam as cortinas opacas da guerra.

Nas esferas da luz e do amor, onde Deus e seus anjos contemplavam o futuro de um país que nasceria das cinzas do passado enegrecido pelo sangue e pela dor, uma suave e celestial melodia começava a entoar o hino de Portugal, o elogio à independência a ser conquistada pelo Leão do Norte e pelo desejo incansável de liberdade dos seus habitantes.

D. Afonso Henriques, o elmo prateado cintilando sob a luz ofuscante da aurora, entrelaçava os dedos ao redor da espada que um dia seria o símbolo da unificação da nação e dirigiu-se aos seus homens, cujos olhares vidrados na imortalidade do rei e da promessa de justiça e independência que os envolvia, garantiriam a Portugal sua coroa de espinhos e flores:

”Soldados, irmãos, filhos e filhas da nossa amada terra. Saibam que hoje nós lutamos não somente pela sobrevivência, mas também pelo resgate do solo ensanguentado sobre o qual nossos sonhos de independência e unidade do passado e futuro foram plantados, brotando e crescendo nas estrelas que coroam a cabeça de nossa pátria.”

As lágrimas brotavam como orvalho cintilante dos olhos de Isabel, escondidas pelas sombras e pelo manto de mistério que envolvia seu amor proibido e suas lealdades divididas, numa poesia lírica construída sobre as batalhas noturnas e os sacrifícios aos quais a vida empresta sua imortalidade e seu dom de angústia.

Enquanto os guerreiros mouros se preparavam para enfrentar seus antagonistas cristãos, Amir, cujo olhar ainda trazia o brilho da lua e o sabor dos lótus noturnos, segurava uma pequena lágrima que, como dizia em segredo aos ventos do Oriente, continha o espírito de uma nação e do sonho inesquecível pelo qual todos os homens e mulheres lutavam.

Entre os ecos das paixões e das memórias que as almas dos personagens carregavam em seu seio, as trombetas da guerra ressoaram novamente, insuflando o grito de independência que seria eternizado no coração de Portugal e na dimensão inatingível do amor que o teria dilacerado e forjado

numa só chama reveladora.

”Por Guimarães, por Portugal, pelo amor e pela liberdade que nos aguardam no horizonte da eternidade”, bradou o recém - coroado leão, lançando seu rugido em direção a um céu que parecia sangrar rubros raios de sóis e luas, misturando - se em uma despedida que, em essência, seria a encarnação do grito que o próprio Portugal, desde o começo dos tempos, abrigava em seu espírito rebelde e sofredor.

Os tambores rufaram, os guerreiros embainharam suas espadas e os primeiros feixes de luz das noites futuras alcançaram o solo ávido por glórias e cicatrizes, exortando a independência de Portugal e o legado do leão que o unificará com a mesma força com que rasgaria os corações daqueles que lhe devotavam fidelidade e vida.

O destino de Isabel e Amir após os sacrifícios

As cortinas da noite desciam sobre um pálido céu de estrelas, a bandeira de Portugal tremulava sobre a cidade de Lisboa, no exato momento em que Isabel e Amir encontravam - se secretamente no jardim próximo à fortaleza.

”Nem mesmo mil palavras podem descrever os sentimentos que brotam do meu coração neste momento”, murmurou Amir, a dor e o amor detectáveis em cada sílaba impossível de sua voz errante.

Isabel, sua face banhada pelos últimos raios de um sol ferido que mergulhava no horizonte com um rastro de púrpura e ouro, olhou fixamente no fundo dos olhos escuros e insondáveis de Amir e confessou, com um suspiro que ecoou nas bordas do mundo e do precipício onde os amantes permaneciam condenados e unidos:

”Eu também sinto uma dor dilacerante em minha alma, cada vez que penso no que sacrifiquei por nossa causa e pelos nossos países. Será que realmente valeu a pena lutar por algo tão evasivo e incerto como a paz? Será que este precioso sacrifício dará frutos no futuro? Será que minha própria existência tem algum propósito?”

Amir, internamente abraçado por uma tormenta de emoções e angústias partilhadas por sua amada, cerrou os olhos por um breve segundo e respondeu com firmeza, como se tentasse construir uma ponte invisível que ligasse para sempre o espírito de Isabel ao seu:

”Minha doce Isabel, você e eu pertencemos a uma teia invisível e imortal

que foi tecida por nossos corações em cada batalha, em cada sofrimento e em cada sacrifício que oferecemos em nome do nosso amor e da nossa pátria. Embora nossos corpos possam se separar com lágrimas e aflição, nossas almas indissolivelmente se unem, forjando um laço precioso e insuperável que transcende o tempo e o espaço.”

Lutando para reprimir o choro que ameaçava submergi-la num abismo tenebroso de desespero e desejos irrealizáveis, Isabel agarrou a mão de Amir com uma força que parecia vencer a tirania das sombras que se erguiam em triunfo acima de suas cabeças:

”Amir, prometa-me uma coisa. Mesmo que os anos nos separem e nosso amor seja reduzido a lembranças nebulosas e poeiras invisíveis, prometa-me que lembrará de mim com a mesma ternura e paixão que cultivamos juntos.”

Com um sorriso triste, mas encorajador, Amir a beijou na testa e respondeu:

”Isabel, você já é parte de minha alma e meu coração. Nosso amor é um testemunho daquilo que pode ser alcançado, quando unimos nossas forças e nossas esperanças. Para sempre e além, você viverá em mim, no olhar de cada pôr do sol, na delicadeza das flores, na canção dos pássaros. Prometo, meu amor, lembrar-te com a mesma chama que hoje acende nossos corações.”

O vento sussurrava um lamento mudo e meditabundo, enquanto Isabel e Amir, tragicamente separados pelas circunstâncias e infortúnios do passado e do presente, uniam seus lábios num beijo que selava seu destino e criava uma eternidade na qual viveriam alicerçados, um no outro, para sempre.

As lágrimas que nunca seriam enxugadas libertavam-se de seus olhos, untando o solo sagrado onde suas almas indomáveis haviam encontrado refúgio e consolo por uma última vez.

Nas asas do vento e nas brumas de um infinito que se abria para receber o sacrifício de duas almas perdidas e encontradas, o destino de Isabel e Amir, inexoravelmente entrelaçado pelo fio sutil e indomável do amor, resignava-se à tristeza implacável do tempo e à promessa de uma eternidade cujas margens permaneceriam tão distantes e melancólicas quanto os sonhos dourados de uma juventude dissipada.

Reflexões sobre o conflito entre mouros e cristãos

Á medida que o sol poente lançava longas sombras sobre a cidade de Lisboa, D. Afonso Henriques, exausto após mais um dia de disputas políticas e luta por soberania, refugiava-se na solidão do topo da torre do castelo de São Jorge, contemplando o horizonte vincado por terras ganhadas, perdidas e recuperadas ao longo dos anos.

Em território outrora ocupado pelos mouros, reconstruído sobre escombros do legado mourisco e sob o eterno clamor de almas feridas pelo cruel martírio de guerras alimentadas por ódio, incompreensão e redenção, o jovem rei, agora soberano de um reino consolidado e em plena expansão, suspirava ao peso de lembranças que, como facas invisíveis, atravessavam o coração e a alma daqueles que tomaram parte na sucessão de tragédias e glórias.

Considerando os movimentos de sua própria vida, vislumbrou, em um ponto desconhecido do firmamento, os olhares dos homens e mulheres que contribuíram para a tapeçaria de sangue e de amor que se estendia sobre a nação que nascia, cujas cicatrizes partilhadas marcavam a herança cristã e moura.

“Se tivéssemos sido capazes de transcender o abismo que nos separava, talvez pudéssemos ter forjado um futuro em que a paz e a justiça reinariam, cultivando a promessa de um mundo mais estável e seguro”, murmurou D. Afonso Henriques, enquanto recordava os inúmeros encontros e negociações mantidos com os líderes mouros.

Sentiu uma mão suave se apoiar sobre o ombro e se voltou para encontrar o olhar sereno e preocupado de Alfonso de Azevedo, como sempre ao lado do rei nos mais duros desafios do conflito.

“Majestade, as feridas que carregamos curam-se no tempo, mas também nos ensinam valiosas lições que levamos para os futuros campos de batalha. Se a luta nos ensina o valor da fé e da lealdade, talvez nossos futuros irmãos, filhos e netos possam traçar novos caminhos e cooperar em harmonia,” disse, olhando para o líder com sabedoria.

D. Afonso assentiu lentamente, pensativo, e murmurou outra vez, “Sim mas quando deixaremos de clamar vingança e tentaremos entender as sementes de otapaagem que regamos com o sangue dos nossos antepassados? Quando celebraremos o que nos une, em vez do que nos divide?”

Ambos contemplaram em silêncio a paisagem marcada pelo sofrimento e pelo sacrifício, o som do vento sussurrando como um lamento mudo e melancólico de almas perdidas e de esperanças frustradas.

Num canto do jardim esquecido pelos degraus do tempo, Isabel, a jovem protagonista do amor por um guerreiro mouro cujo nome nunca seria murmurado nas páginas da história, contemplava a gravura coberta de ramos e flores maltrapilhas que guardava uma promessa inesquecível, escrita por seu próprio amor condenado.

”Se ao menos pudéssemos ser como as árvores, que crescem e entrelaçam suas raízes em uma dança silenciosa de vida e cooperação, talvez pudéssemos vislumbrar a verdadeira profundidade do amor que nossas almas alimentam e de que o mundo tanto carece.”

Com o olhar perdido nas sombras do crepúsculo que se adensavam sobre a cidade, D. Afonso Henriques abraçava o estandarte da promessa de um novo amanhã, onde a paixão que despoletara tantas cicatrizes poderia ser transformada em um brado de coragem e unidade, como o vento assoviando entre as árvores e as muralhas da fortaleza que testemunhara a história imortal de Portugal.

”A paz é a filha órfã desta guerra, talvez uma geração mais sábia possa enxergar além do que nós vemos e colocar um ponto final neste conflito”, disse Alfonso de Azevedo, enquanto fixava seus olhos no horizonte, esperando por um novo amanhecer. E, assim, sob um céu dourado pelas lágrimas do sol, a determinação e a esperança partilhadas pelos corações de Portugal, cristãos e mouros, ecoaram nas estrelas, compondo uma história que jamais seria esquecida.

O impacto dos dilemas morais nos personagens

A amargura descorada do amanhecer traçou linhas sombrias através do céu, quando D. Afonso Henriques se retirou para a quietude solene de seu aposento, encurralado pelos pesadelos do passado e do presente que espreitavam nas profundezas de sua alma. As cenas dos horrores da guerra entrelaçavam-se com os espaços sombrios do silêncio, sufocando o coração do jovem rei, agora subsumido na carniça de um mundo que desmoronava sob o peso de suas ações e intenções.

Enquanto os som fantasmagóricos do vento bordava a melodia desafinada

do sofrimento e do remorso, Isabel de Trastâmara e Amir ibn Malik al-Andalusi encontravam consolo recíproco na melancolia queico dungeonambos amantes, agora irremediavelmente divididos pela tirania das circunstâncias e da política.

A lágrima ambígua que pendia nas pestanas trêmulas de Alfonso de Azevedo soluçava nas sombras, carcomida pela dúvida e pelo medo que se abraçavam a cada passo torturado em direção à única verdade que assombrava seus olhos: a terrível incerteza e a decisão que se colocava diante dele, revelando as próprias entranhas de sua lealdade.

Em uma pequena alcova escondida nas profundezas sufocantes do castelo tenebroso, Beatriz de Lara e Sancha de León compartilhavam a amargura paralisante de um segredo que ameaçava despedaçar a trama frágil da paz e do amor que desejavam com fervor. As chamas vacilantes das velas que deitavam sua luz vacilante e moribunda sobre o rosto disforme de Fernando, o Bravo, que olhava atentamente para o braseiro na lareira, consumido por um fogo cruel e implacável que se transformava em labaredas vorazes, destruidoras, consumindo a tênue linha que separava o amor e a lealdade.

A voz tremula e hesitante de Beatriz, rasgando o coração de Sancha, ecoou pela alcova como um farfalhar de asas memória: "Isabel e Amir juntos, oh, minha querida irmã, o que faremos com essa realidade que não podemos negar ou mudar? Nossos corações sangram pelas feridas de nossos amados, nossas lealdades e nossos sonhos, tudo clamando por redenção e por paz, mas como levar essa verdade à luz das estrelas e do olhar de Deus, sem despedaçar o tecido frágil e precário que une nossas vidas e nossa esperança?"

"Meu coração chora com você, Beatriz, minha doce e sábia amiga", confessou Sancha, sua voz embargada pelas lágrimas que se acumulavam no rio de sua dor. "É nesse momento que devemos encontrar em nossas almas a coragem e a sabedoria para traçar um caminho que leve a uma verdadeira reconciliação e a esperança de um novo começo. Se enfrentarmos juntos à coragem e ao medo que nos atormentam, talvez possamos desatar os nós de ódio, dor e lealdades divididas que nos prendem a este mundo sombrio e desvanecente."

Estêvão de Sousa, sua mente assolada pelo veneno da ambição e da rivalidade, contemplava seu próprio rosto desfigurado no espelho quebrado, cada caco de vidro revelando um fragmento de sua alma dilacerada e sombria.

Encarando a farsa de nobreza e lealdade que se dissolvia como gotas de orvalho nos raios do nascente sol, ele sussurrou, como se estivesse prestes a engasgar nas garras de um dilema que ia além de sua própria existência:

”Se eu pudesse desenhar esse mundo à minha imagem e semelhança, buscaria construir um império baseado em poder ilimitado e lealdade inabalável, mas à medida que meu sonho se desintegra no abismo da realidade e do desespero, vejo minha própria face refletida no tormento e na angústia dos que eu chamei de meu povo, um povo que agora clamava por justiça e vingança ao som dos tambores de um destino inevitável e impiedoso.”

Em um ato de desespero, Estêvão de Sousa quebrou o espelho com um soco impiedoso, permitindo que o sangue que brotava de sua mão se misturasse às lágrimas que escorriam de seus olhos sombrios.

O tempo passava tão lentamente quanto um funeral macabro diante dos olhos aflitos de Madalena da Silva, agora envolvida em um casulo apertado de poeira e memórias amargas. Seu coração se retorcia ao som da decisão daqueles que ela amou e protegeu durante anos, enquanto debatiam infundavelmente a fronteira assustadora e nebulosa que separava seu destino e sua própria crença no poder da compaixão e do perdão.

No profundo cântico de sua alma, sussurrava um murmúrio insondável, nascido da angústia arrebatadora de um dilema que devorava a consciência de uma nação inteira, um dilema que ainda se enroscava nas profundezas imemorais da história, onde amor e ódio se transformavam em marionetes do destino.

Crescimento e desenvolvimento de Portugal

Durante muito tempo, Portugal esteve à mercê dos ventos e das tempestades da história, encurralado entre ondas de conquistadores e libertadores, aprisionado em um espaço confinado e indefinido entre dois mundos que se enfrentavam e se desejavam. E, no âmago da tormenta, uma geração lutava e se debatia nas tempestades do dever e dos sonhos, tecendo, no silêncio dos corações e nas palavras, uma rede inextricável de esperanças e feridas que não se fechariam, nem se sarariam ou desapareceriam nas sombras do tempo.

Enquanto o sol se punha e lançava seu manto fúnebre sobre os campos marcados pelo sofrimento e a morte, D. Afonso Henriques, o coração do

Reino de Portugal, contemplava os escombros de um mundo agonizante e se perguntava, com as mãos trêmulas e manchadas de sangue e tinta, se algum dia as cicatrizes alheias pesariam menos em sua consciência do que as próprias.

Foi então, que Alfonso de Azevedo interrompeu a imersão sombria de seu rei e amigo. "Majestade, minhas condolências por sua melancolia, mas trago notícias que exigem sua atenção imediata." D. Afonso Henriques se levanta lentamente, respirando fundo e se afastando daqueles pensamentos dolorosos por um momento.

"Prossiga, Alfonso," o rei ordenou, esperando que as notícias trouxessem algum alento à sua alma cansada.

"Recebemos informações de que um vilarejo ao norte está enfrentando um surto de peste. Seu povo sofre e precisa de nossa ajuda. Além disso, os mouros estão reunindo forças em Alcácer do Sal, possivelmente planejando um contra-ataque. Resta a nós determinar a melhor forma de agir."

D. Afonso Henriques sentiu a tensão e o peso em suas costas aumentarem, mas, apesar disso, uma chama de esperança, mesmo que vacilante, iluminava seus olhos. Os desafios e as adversidades não o quebrariam, nem o fariam murchar. Ele era o Leão de Portugal, o homem que levaria seu povo à glória e prosperidade.

"Alfonso, convoque imediatamente o conselho. Devemos discutir essa questão e tomar decisões para proteger nosso reino e trazer esperança e alívio para nossos súditos sofredores. Eu farei tudo ao meu alcance para trazer estabilidade, prosperidade e pouco a pouco, a paz tão desejada."

"Sim, senhor, estarei a seus pés", respondeu Alfonso, com um aceno simples, mas leal.

Quando os raios dourados do sol desapareceram, inundando o quadrilátero que emergia da trama dos séculos com um oceano de sombras e mistérios, D. Afonso Henriques assumiu seu papel no tabuleiro da história, convencido de que os desafios nunca seriam grandes demais para a coragem e a determinação de seu povo.

Com o tempo, Portugal cresceu e se desenvolveu, lentamente emergindo das sombras do conflito como um reino forte e unificado. Mesmo em meio às incertezas e perigos, a agricultura e a indústria floresciam, e a população prosperava em suas cidades e vilarejos. Coimbra, com sua universidade e mosteiro, tornou-se um centro de conhecimento e sabedoria, e Lisboa, Porto

e Évora, um berço de comércio e riqueza.

Tudo isso era um testemunho da inquebrantável determinação do Leão de Portugal e daqueles que, como ele, escolheram enfrentar a escuridão e transformá-la em luz. O jovem reino, mesmo com suas cicatrizes e memórias amarguradas, era uma conquista da coragem, do amor e da lealdade dos homens e mulheres que respiravam vida e força ao seu redor.

No entanto, as batalhas e o fardo das decisões difíceis que ainda pesavam em seu coração, D. Afonso Henriques sabia que a paz verdadeira era alcançada não apenas por espadas e exércitos, mas também pelas vozes e sonhos daqueles que, como ele, sonhavam em moldar um mundo diferente.

Enquanto a noite se desdobrava como um manto de estrelas e memórias que se recusavam a desaparecer na escuridão, o rei sabia que, embora o caminho estivesse repleto de obstáculos e incertezas, a luz mais bela e duradoura era aquela que vinha do mais profundo interior, iluminando muito além das sombras das batalhas e dos séculos.

Legado político, cultural e pessoal de D. Afonso Henriques

A poeira dourada do sol que se punha brincava com a folhagem das árvores junto às muralhas do castelo de Coimbra. D. Afonso Henriques, sentado em um trono feito de pedra ornada, contemplava a vastidão do jardim em frente a si. O perfume de cravo e alecrim fluuava no ar, enquanto o cantar dos pássaros harmonizava com o som do vento dançando nas folhas.

”Vossa Majestade”, disse Alfonso de Azevedo, aproximando-se do rei, ”talvez seja tempo de considerarmos as decisões que tomamos ao longo desta jornada e o legado que deixaremos para as gerações futuras.”

O rei olhou para o seu conselheiro, refletindo sobre o significado de suas palavras. ”Eu, o Leão de Portugal, tive de enfrentar a escuridão e os desafios a cada passo destes caminhos, Alfonso. Eu já me perguntei se a fé e a teimosia foram suficientes para superar o medo que eu sentia no meu coração a cada decisão que tomei, a cada golpe da minha espada.”

Alfonso sorriu, com uma expressão que misturava lealdade e afeição. ”Vós conseguistes, sire, unir um povo fragmentado e criar um legado duradouro para todos nós. Quer seja no campo de batalha, no exército que liderastes com firmeza e honra, quer seja nas cidades e aldeias onde erguestes

monumentos de cultura e arte, vossa coragem e sabedoria estão gravadas na pedra, no coração do nosso povo.”

D. Afonso Henriques suspirou e olhou em volta, para as muralhas do castelo que o protegiam e o elevavam acima do mundo mortal que escoava como um rio de incertezas e sonhos efêmeros. “Ainda há sons silenciados de amargura e tristeza, o tilintar das lágrimas que foram derramadas ao longo desta estrada longa e tortuosa, que jamais se curarão ou desaparecerão na escuridão do esquecimento.”

“Sei bem o que passastes, senhor”, respondeu Alfonso com voz suave, “e compreendo a dimensão das vossas inquietações. Mas deixai que vos diga que também sois lembrado pela sabedoria e pela justiça com que governastes, pelo respeito e admiração que granjeastes no coração deste povo. Vossa memória há de perdurar e influenciar todos os que vierem a governar Portugal.”

D. Afonso Henriques levantou - se, permitindo que o vento levantasse seu manto como as asas de um falcão pairando sobre o infinito oceano do mundo, e olhou para o céu retinto como se estivesse prestes a interrogar o próprio destino. “Eu, o primeiro rei de Portugal, parte deste vasto cosmos sem começo nem fim, sou apenas um fragmento de um eterno tecido que se estende para além do fôlego das eras e das vozes das gerações.”

“Isabel e Amir, aqueles cujo amor proibido nos ensinou uma lição de esperança e compaixão, também deixam um importante legado”, prosseguiu Alfonso de Azevedo, “a lição de que o amor e a lealdade transcendem fronteiras e diferenças culturais, e podem unir até mesmo inimigos aparentemente irreconciliáveis.”

D. Afonso Henriques fechou os olhos e sentiu o peso dos seus feitos gravado nas pedras do castelo, nas colheitas douradas que brilhavam ao sol nas planícies ribatejanas, nos risos e lágrimas derramadas nos campos de batalha e nos leitos de amor. E assim, envolto no abraço do céu e do vento, na melodia silenciosa do tempo e da memória, o rei sussurrou, como se estivesse a enviar uma mensagem à verdadeira essência do mundo:

“Eu, o Leão de Portugal, ergui-me em meio às tempestades da história, lutando contra a escuridão, para moldar um legado político, cultural e pessoal. Neste jardim de esperança e dor, semeamos as sementes da nossa dignidade e dos nossos sonhos, e no final, mesmo face a dúvidas e incertezas, encontramos a luz dentro de nós, a chama etérea da nossa humanidade e

divindade.”

A busca contínua por paz e coexistência

A última batalha havia sido travada. As espadas estavam enferrujando nos campos, os escudos trincados, sem donos. A terra em torno da Fortaleza de Almourol, outrora cinzenta e árida, agora se cobria de um manto verdejante, a natureza vencedora em seu retorno triunfal. Homens e mulheres que tinham encarado a morte voltavam aos seus lares, às suas famílias, encontrando uma paz tênue que pairava sobre o Reino de Portugal.

Em uma câmara silenciosa de paredes de pedra, D. Afonso Henriques se curvava sobre velhos pergaminhos e mapas, a luz das velas oscilando nas sombras dos aposentos. Seus olhos varriam as fronteiras turvas e indefinidas de um reino em expansão, traçadas em linhas quase invisíveis pelo sangue derramado em inúmeras batalhas. Sua mão, que antes brandira a espada e o escudo, agora sustentava uma pena e papel, desenhando o destino de seu povo, palavra por palavra.

”Agora que a luta cessou”, disse Alfonso de Azevedo, entrando no aposento, ”é hora de se voltar à árdua tarefa de construir a paz. Vosso reinado será lembrado não apenas pelas conquistas, mas pela capacidade de criar pontes e laços duradouros, de dar um sentido de unidade a um mosaico de povos divididos.”

”As pontes que eu construí, Alfonso”, murmurou o rei, hesitante, ”foram erguidas em solo manchado de sangue e ódio. Eu pretendo, sim, unir - mas só Deus sabe quantas feridas profundas causamos, quantas vidas perdemos. O coração de um rei não pode esquecer.”

”Nem deveria”, respondeu Alfonso, sua voz impregnada de melancolia e sabedoria. ”Mas a lembrança do sofrimento e da dor nos ensina a valorizar a paz e a convivência pacífica. Somente aqueles que provaram o sabor amargo do fogo e da guerra, podem apreciar verdadeiramente a doçura e a frescura de um trégua duradoura.”

D. Afonso Henriques levantou - se, os olhos fixos em um ancoradouro de luz que banhava o mar de incertezas e promessas do amanhã. Ele pensou nos rostos de homens e mulheres que viriam a ser alicerces da paz em seu reino; nos corações e lápides que carregariam a memória de um tempo de lutas e conquistas sangrentas. E no silêncio da noite, ouviu um sussurro

baixo, um leve farfalhar de lembranças e fantasmas, como se os ventos do passado estivessem se aproximando para lhe lembrar de sua dívida alada com aqueles que se foram.

”Eu me perguntava, naqueles dias sombrios, Alfonso, se a busca pela paz e coexistência, em última análise, conduzirá a humanidade a um destino maior e mais glorioso. Cometi erros e troquei o amor à terra pela ânsia de reinar sobre toda ela. Aprendi com cada perda e cada sacrifício, e espero que o legado que eu deixar seja suficiente para suportar o peso das vidas perdidas em minha busca.”

”Sire”, falou Alfonso, com uma reverência suave, ”vosso legado não será construído apenas com pedras e espadas, mas também com a esperança e o amor que indubitavelmente criastes. A história de Isabel e Amir, o amor que ultrapassou as fronteiras do ódio, a aliança improvável entre mouros e cristãos - isso tudo faz parte do mosaico da paz que erguemos juntos.”

E assim eles falaram, enquanto as estrelas traçavam sulcos silenciosos de prata e ouro no céu que se estendia acima de suas cabeças. Portugal - a terra dos navegadores e poetas, dos amantes e guerreiros, das lendas e segredos - erguia-se lentamente de seu sono, desafiando o tempo e o destino, para enfrentar um amanhã ainda não escrito, mas iluminado pelos sonhos e desejos de paz e coexistência.

O reconhecimento de Isabel e Amir como heróis improváveis

O sol descia lentamente no horizonte, tingindo o céu de dourado e carmesim, enquanto os navegadores lançavam suas velas aos ventos, em busca de terras desconhecidas e promessas de glória. As ondas quebravam contra as muralhas de pedra da Fortaleza de Almourol, dilaceradas por incontáveis batalhas e pelos uivos do tempo, testemunhas silenciosas das vidas e amores que cruzavam seus caminhos.

No salão da fortaleza, reis e rainhas, princesas e cavaleiros, estavam reunidos em um banquete, comemorando a vitória que selava o destino imortal de Portugal. O eco dos risos e das palavras vibrantes se espalhava pela sala, como uma sinfonia de sonhos e esperanças que se enlaçavam e dançavam nas notas de um hino celeste.

D. Afonso Henriques levantou-se de seu trono de pedra, as luzes das

velas titilando em seus olhos profundos e vazios, como se buscassem abraçar as infundáveis sombras que abrilhantam pelo chão. Atrás dele, um imponente mosaico representava a figura de um leão e uma águia, símbolos da coragem e da nobreza que uniram Portugal em um só reino sob suas garras e asas.

”Amigos e súditos, hoje nos reunimos para celebrar não apenas a vitória sobre nossos inimigos, mas também para lembrar e honrar aqueles que sacrificaram tudo em nome do nosso futuro”, proclamou o rei, a voz profunda e firme como o trovão que estremece os céus. ”Neste momento de glória, não devemos esquecer que a verdadeira coragem e heroísmo vêm de muitas formas, algumas inesperadas e ocultas sob a máscara da guerra e dos preconceitos.”

Os olhares dos presentes se voltaram para a figura na parede oposta do salão, o retrato de uma mulher bela e corajosa de cabelos negros e olhos verdes, vestida de jasmim e carmim, e a seu lado, um homem com traços árabes e vestes de ouro e púrpura, que o pintor tinha capturado como se suspirassem a luz do sol e as estrelas. Era Isabel de Trastâmara e Amir ibn Malik al-Andalusi, os improváveis heróis que haviam desafiado a ira e a tempestade, em nome do amor e da paz.

”Lembrem-se, meus súditos, que a história é feita não apenas pelos reis e cavaleiros que ostentam coroas e espadas, mas também pelos corações rebeldes e destemidos que se atrevem a cruzar as barreiras da dor e do preconceito, para lutar por seus sonhos e ideais.” D. Afonso Henriques levantou o cálice de prata, adornado com gemas e ouro, e brindou aos retratos de Isabel e Amir. ”Que o legado de amor e lealdade desta mulher e homem nunca seja esquecido, e que as sementes de paz que semearam um dia desabrochem em um jardim eterno de esperança e harmonia.”

As palavras do rei ressoaram pelo salão, encontrando eco nos suspiros e aplausos dos convidados. Alfonso de Azevedo, o conselheiro do rei, cujas cicatrizes esculpidas no rosto contavam histórias de batalhas e intrigas, tocou a mão de D. Afonso Henriques e sussurrou: ”Vós fostes o verdadeiro leão de Portugal, sire, mas Isabel e Amir mostraram a todos nós - mesmo aos mais céticos e endurecidos - que o coração humano é capaz de grandeza e de amor, mesmo em face da escuridão.”

D. Afonso Henriques assentiu, os olhos fixos no retrato dos amantes que haviam desafiado as convenções e as armadilhas do destino, para escrever seu nome nos anais da história e, mais importante, nas páginas secretas

do coração humano. "Talvez, meu amigo, no final das contas, a verdadeira glória e o real poder não repousem nos tronos e nos campos de batalha, mas sim no espírito indomável de cada homem e mulher que luta pelo que acredita, que morre sonhando o sonho inatingível da paz e do amor."

O banquete terminou, e o salão se esvaziou lentamente, deixando ecoar a melodia dos risos e das lágrimas, como se os espectros de Isabel e Amir se fundissem nas sombras da noite, abraçando eternamente a promessa de um amanhã que, embora transbordasse de incertezas e dúvidas, seria iluminado pela chama ardente da esperança e do amor.

"Eu, o Leão de Portugal, saúdo-vos, Isabel e Amir, os verdadeiros heróis dos nossos tempos", murmurou D. Afonso Henriques, enquanto as estrelas tremeluziam no céu infinito, sussurrando seus segredos do tempo e do espaço. "Que vossos nomes vivam para sempre, e que o vosso exemplo possa ensinar aos corações dos homens e mulheres a linguagem silenciosa da coragem e da compaixão."

A importância do amor e lealdade na formação da identidade nacional

A luz do sol se infiltrava através das janelas estreitas da Fortaleza de Almourol, lançando sombras vacilantes pelos corredores escuros e pedregosos. O silêncio onipresente era quebrado apenas pelo ocasional resfolegar dos cavalos lá fora e pelo suave farfalhar das vestes dos ocasionais transeuntes e ocupantes das celas.

Isabel de Trastâmara jazia sob os cobertores ásperos de um leito precário, as mãos pálidas e delicadas sobre os olhos, procurando abafar os pensamentos e lembranças que a mantinham acordada desde os primeiros raios de luz. Estava esgotada, mas a dor em seu coração não lhe permitia adormecer.

Ao lado de Isabel, Beatriz de Lara a olhava com preocupação e amargura. Ela sabia que não havia palavras que pudessem abrandar o tormento que sua melhor amiga enfrentava, mas desejava desesperadamente que pudesse oferecer algum consolo.

Do outro lado dos corredores gélidos, Amir ibn Malik al-Andalusi sentava-se à beira da janela, contemplando as águas do Rio Tejo que se estendiam ao longe como um espelho de prata batida por um vento suave. Sua mente lutava com incansáveis pensamentos, permitindo que a dor em seu coração

fluísse ininterrupta.

Havia um ar familiar naqueles corredores, como se uma fumaça enegrecida de lembranças e pesar permanecesse impregnada nas paredes e no ar, lançando sobre os ombros dos que lá estavam uma melancolia pesada como os duros grillhões que os prendiam, apesar de ansiarem desesperadamente pela liberdade.

Beatriz tocou o braço de Isabel suavemente e falou com firmeza, mas sem disfarçar o carinho em sua voz: "Isabel, não podemos nos deixar levar pela tristeza. Os tempos mudaram, e a situação exige que sejamos mais forte do que nunca."

Isabel queria acreditar em suas palavras, mas o fardo que carregava era muito pesado para ser suportado apenas por elas. "O amor que sinto por Amir não pode ser apagado com simples palavras, Beatriz. No entanto, percebo que a lealdade ao meu rei, ao meu povo e à minha terra deve ser a minha prioridade. Essa deve ser minha maior preocupação, meu maior amor."

Amir, a uma distância que parecia infinita, como se estivesse em outra dimensão, pronunciou palavras semelhantes em seu próprio idioma, seu coração se partindo a cada sílaba: "Não posso permitir que meu amor por Isabel enfraqueça a minha lealdade ao meu povo, às tradições e à terra que sempre me acolheu. Esse é o meu dever, e aqueles que amo precisam entender que esse é o preço a pagar."

D. Afonso Henriques, o Leão de Portugal, deambulava pelos corredores do castelo, encharcado de suor e exausto. As intermináveis lutas armadas e a reconquista de seu reino, em luta feroz com os mouros, haviam finalmente chegado a um impasse; um acordo de paz fora estabelecido. Em seu coração e em seus pensamentos, no entanto, a guerra continuava a rugir forte, num conflito interno cada vez mais feroz.

Seu dilema girava em torno da lealdade à sua nação e ao amor que ele inevitavelmente nutria por aqueles que o cercavam - tanto os leais amigos e soldados, como as gentis donzelas e tímidos amores secretos. A lealdade que nascera do amor e do sacrifício dos corações indomáveis de Isabel e Amir, unindo dois povos outrora inimigos, agora só parecia trazer dor, angústia e um desejo forçado de encontrar um novo significado para a palavra lealdade.

Os olhos de D. Afonso encontraram o retrato de Isabel e Amir, e seu coração se apertou. Ali, diante dele, estavam os rostos de Isabel e Amir -

desafiadores, quase insolentes em seu intimismo - transformados em lendas silenciosas que pareciam implorar por compaixão, por entendimento. Os rostos se entrelaçavam como um mosaico de jasmim e púrpura, as emoções e corações travando - se em batalhas que ecoavam agora em seu próprio coração, enchendo - o de arrependimentos, amarguras e sonhos enevoados.

As lealdades de todos, lealdades que surgiam do amor e da fé - ao seu povo, à sua família, aos seus amigos e aos seus amores - estavam agora no cerne do destino de Portugal, enquanto os ventos da mudança sopravam ferozmente seus segredos na terra. Afinal, aqueles que lutaram, amaram e sacrificaram sua humanidade em nome da paz e da liberdade não eram os verdadeiros heróis que fariam surgir a identidade nacional, como flores que brotam em campos outrora estéreis e devastados pelo fogo da guerra?

O rugido da guerra havia cessado, os tambores silenciados, as lanças baixadas e os estandartes laminados. No entanto, as verdadeiras lealdades não cessaram de se entrelaçar e se chocar no coração de cada homem e mulher que carregava consigo a sombra incandescente de um dragão ancestral, uma lealdade tão profunda quanto o viajante mais solitário guiado apenas pela luz das estrelas.+